

**III Encontro de Pesquisa  
em História da UFMG**



**PROGRAMAÇÃO**  
**CADERNO DE RESUMOS**  
Simpósio Temático  
Comunicação Livre

**Belo Horizonte, 2014**

EPHIS

III Encontro de Pesquisa em História da  
Universidade Federal de Minas Gerais

1 ed.

ISBN 978-85-62707-54-4

**Caderno de Resumos**

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Belo Horizonte

27 a 30 de maio de 2014

Encontro de Pesquisa em História da UFMG (2014: Belo Horizonte)

Caderno de Resumos do III Encontro de Pesquisa em História da Universidade Federal de Minas Gerais - 2014; organização: Igor Barbosa Cardoso; Igor Tadeu Camilo Rocha; Lídia Maria de Abreu Generoso – Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2014.

**205p.**

Texto em português

ISBN 978-85-62707-54-4

900. Geografia e História

Jaime Arturo Ramírez  
**Reitor da UFMG**  
Sandra Regina Goulart Almeida  
**Vice-Reitora da UFMG**  
Fernando de Barros Filgueiras  
**Diretor da FAFICH**  
Carlo Gabriel Kszan Pancera  
**Vice-Diretor da FAFICH**  
Tarcísio Rodrigues Botelho  
**Chefe do Departamento de História**  
José Newton Coelho Meneses  
**Coordenador do Colegiado de Pós-Graduação em História**  
Adriane Aparecida Vidal Costa  
**Coordenadora do Colegiado de Graduação em História**

### **Realização**

Departamento de História - UFMG

### **Comissão Organizadora**

Alexandre Bellini Tasca  
Eliza Teixeira de Toledo  
Guilherme Silva  
Igor Barbosa Cardoso  
Igor Tadeu Camilo Rocha  
Lídia Generoso  
Luan Aiuá Vasconcelos Fernandes  
Marcella de Sá Brandão  
Regina Mendes de Araújo  
Rodrigo Paulinelli de Almeida Costa  
Thiago Henrique Oliveira Prates

**Arte Gráfica**  
Gabriel Nascimento

**Monitores**

Ana Luisa Ennes Murta e Sousa  
Átila Augusto Guerra de Freitas  
Bruno César Gordiano  
Camila Neves Figueiredo  
Fabiana Léo Pereira Nascimento  
Gabriel Afonso Vieira Chagas  
Jaseff Raziel Yauri Miranda  
José Antônio de Souza Queiroz  
Kelly Morato de Oliveira  
Larissa Cristina Amaral  
Lenon Augusto Luz de Moraes  
Ludmila Machado Pereira de Oliveira Torres  
Marcela Coelho Freitas Silva  
Maria Alda Belfor Oliveira  
Maria Visconti Sales  
Rafael Vinicius da Fonseca Pereira  
Raquel Marques Soares  
Raquel Neves de Faria

**Apoio**

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em História  
Programa de Graduação em História

## Sumário

<b>Apresentação.....</b>	<b>28</b>
<b>Programação.....</b>	<b>29</b>
<b>Simpósio Temático.....</b>	<b>31</b>
<b>ST 01: História da educação e das práticas educativas no Brasil: diálogos interdisciplinares na construção do ensino de História.....</b>	<b>31</b>
<b>MESA 1.....</b>	<b>31</b>
Perspectivas das novas tecnologias de informação e comunicação na formação de professores de história.....	31
O uso de diferentes linguagens no Ensino de História: panorama de perspectivas no Brasil, possibilidades e desafios contemporâneos.....	31
Contribuições à prática docente do professor de História considerando o aluno surdo.....	32
<b>MESA 2.....</b>	<b>32</b>
Prescrições de condutas e comportamentos aos professores da escola primária na legislação mineira entre 1889 a 1927.....	32
A Escola Normal de Mariana: instituição, sujeitos e formação no contexto educacional da região dos Inconfidentes – 1906-1930.....	33
O Curso Normal anexo ao Ginásio de Ouro Preto: instituição e perfil discente no contexto da Primeira República no Brasil (1910-1928).....	33
<b>MESA 3.....</b>	<b>34</b>
A Literatura e o Ensino de História nas Séries Iniciais.....	34
O filme <i>Germinal</i> na sala de aula: as questões do trabalho assalariado e o ensino de História.....	34
Abordagem pedagógica do filme brasileiro uma ' <i>História de amor e fúria</i> '.....	35
<b>MESA 4.....</b>	<b>35</b>
O papel da família na educação das gerações seguintes no século XVIII mineiro: primeiras considerações teóricas.....	35
A Elite de Itabira do Matto Dentro/MG: suas redes sociais e atuação na educação (1860-1900).....	36
Asylo de meninos desvalidos: "Ensaio para iguais institutos, que por nosso vasto império cumpre erigir (1875-1889)".....	36
<b>MESA 5.....</b>	<b>37</b>

Cônego Fernandes Pinheiro e o ensino de história no oitocentos: apontamentos sobre uma questão.....	37
O lugar da Biblioteca Escolar no processo de escolarização da leitura em Minas Gerais: 1920-1940 .....	37
Educação e Memória de classe: reflexões sobre a experiência da greve da Mannesmann de 1979.....	38
<b>MESA 6.....</b>	<b>38</b>
Regiões, simbologias e saberes: diálogos possíveis para o educar nos faxinais .....	38
O livro didático de História e a política dos impressos: uma análise da relação texto-imagem .....	39
O ensino de história em perspectiva: fontes literárias em sala de aula.....	39
<b>ST 02: História e Linguagens Artísticas: as artes como regimes estéticos de representação da História e das sociedades no tempo .....</b>	<b>40</b>
<b>MESA 1: Campo e cidade: representações artísticas e a modernidade .....</b>	<b>40</b>
Escritas urbanas e apropriação da cidade .....	40
A arte que conta a vida: diálogos entre o cotidiano de uma população rural e as pinturas do artista <i>naïf</i> José Raimundo.....	40
Corpos em movimento: percursos históricos em lugares narrados na escritura artística de João Guimarães Rosa. ....	41
Coreografia de Cordel: a relação estabelecida entre o cotidiano popular do Vale do Jequitinhonha e a dinâmica das sociedades modernas.....	41
<b>MESA 2: Literatura e Sociedade: para além da dicotomia entre texto e contexto.....</b>	<b>42</b>
Afro-americanos na literatura contemporânea: a perspectiva de Toni Morrison em <i>Amada</i> .....	42
A literatura como expressão estético-social: alguns apontamentos a partir da análise das narrativas queirobianas .....	43
O teatro como ferramenta de crítica social: uma análise de ' <i>A Vida de Galileu</i> ', de Bertolt Brecht .....	43
O pensamento católico e a literatura no século XIX: uma análise através do romance ' <i>A carne</i> ' .....	43
<b>MESA 3: Artes, projetos nacionais e cultura intelectual.....</b>	<b>44</b>
Publicando o 'moderno teatro brasileiro': entre o palco, a página e a história.....	44
A música como construção do nacionalismo: de Richard Wagner ao II Reich.....	44
Música, musicologia e história: diálogos sobre a música brasileira na correspondência de Francisco Curt Lange (1930-1945).....	45
<b>MESA 4: Cultura visual e representações: diálogos possíveis.....</b>	<b>45</b>

Tempo e arte, um possível diálogo: entre anacronismo e representação.....	45
O problema da modernidade na pintura de Eliseu Visconti .....	46
Os índios de Vladimir Kozák: leituras e significados.....	46
<b>MESA 5: As artes repensadas: trânsitos, diálogos e apropriações.....</b>	<b>47</b>
Os cartazes publicitários de Toulouse-Lautrec durante a Belle Époque: a arte na rua.....	47
Os tipos de Machado de Assis.....	47
‘Esta cor... esta maldita cor...’: Artur Azevedo e o tipo nacional em finais do Oitocentos .....	48
Sob a égide da linguagem: o moderno Fausto de Haroldo de Campos.....	48
<b>ST 03: Cultura Intelectual Moderna Brasileira.....</b>	<b>49</b>
<b>MESA 1.....</b>	<b>49</b>
A trajetória do conceito de nacionalismo nas ciências sociais brasileira (1955-1964).....	49
A crítica de arte em Belo Horizonte nos anos de 1960 e 1970: alguns apontamentos .....	49
‘Direito, ciência do social’: o lugar dos juristas nos debates intelectuais .....	50
<b>MESA 2.....</b>	<b>50</b>
A Expansão Colonialista, as Sociedades Missionárias e a evangelização protestante em Manaus no século XIX.....	50
Catequese, indígenas e civilização nos escritos e projetos dos intelectuais monarquistas de São Paulo (1889-1904) .....	51
Os indígenas brasileiros no debate intelectual do século XX.....	51
<b>MESA 3.....</b>	<b>52</b>
O integralismo à luz da 'modernidade brasileira' .....	52
Cultura intelectual e ‘força governativa’ na obra de Alberto Torres - contribuições para a História dos Intelectuais no Brasil .....	52
Um tradicional entre modernistas: Salomão de Vasconcellos e sua participação no SPHAN (1938-1945) ...	53
<b>MESA 4.....</b>	<b>53</b>
Olhar o outro, registrar a diferença: o testemunho e o flerte etnográfico de Euclides da Cunha nas anotações de Canudos.....	53
Rui, o homem e o mito: Biografia e história em Raimundo Magalhães Junior.....	54

Aurélio Pires mestre, intelectual, jornalista: a figura pública como construção.....	54
<b>MESA 5.....</b>	<b>55</b>
Leituras do Urbano: diálogos entre Literatura Marginal e História na obra ' <i>Memória de um sobrevivente</i> ' ...	55
Os poderes das letras numa república (in)definida: os prêmios literários da Academia Brasileira de Letras e suas relações com política nacional entre 1910 a 1945.....	55
'Levanta-te': debates sobre o urbano em Campanha -MG (1890-1930).....	56
<b>ST 04: Diálogos entre História e Comunicação Social.....</b>	<b>56</b>
<b>MESA 1: Quadrinhos como fonte histórica: Cultura e Política nas narrativas gráficas.....</b>	<b>56</b>
Super-heróis e as transformações sociais nas décadas de 1940 até 1960 nos Estados Unidos da América ...	56
'Same guy, different war'?: representações da Segunda Guerra Mundial e da Guerra do Vietnã a partir de histórias em quadrinhos do Capitão América e do Justiceiro.....	57
Representações do 11 de Setembro na Histórias em Quadrinhos da Marvel Comics: intervenção política?	57
Usos e abusos das Histórias em Quadrinhos como fonte histórica.....	57
<b>MESA 2: Televisão e audiência em uma perspectiva sócio-política.....</b>	<b>58</b>
Audiência, telenovela e Narrativas Transmídia: relações possíveis.....	58
A história através do estilo televisivo II: a Ditadura Militar na abertura de ' <i>Amor e Revolução</i> ' .....	58
Crescimento da classe emergente: contextualização socioeconômica da TV brasileira e histórico da teledifusão.....	59
Como o novo cenário socioeconômico brasileiro afetou a TV aberta e o acesso às Mídias.....	59
<b>MESA 3: A narrativa fílmica da história: possibilidades e limites.....</b>	<b>60</b>
A Juventude Americana e Francesa no Cinema dos Anos 1950: um estudo comparado.....	60
O Terror de Estado e a Doutrina de Segurança Nacional no documentário ' <i>Condor</i> ' .....	60
'Os anos JK': o documentário histórico e político de Sílvio Tandler .....	61
A linguagem cinematográfica como fonte histórica através do documentário ' <i>Cabra marcado para morrer</i> ' .....	61
<b>MESA 4: Mídia impressa e representações sócio-políticas.....</b>	<b>62</b>
Agustín foi à guerra: O jornal ' <i>El Mercurio de Valparaiso</i> ' e a expansão territorial chilena durante a Guerra do Pacífico 1879-1884 .....	62
Os jornais suburbanos ou de bairro do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte: a defesa dos interesses locais no início do século XX.....	62

A mulher como 'anjo' companheiro e não como 'propriedade' do marido: emancipação moral da mulher em 'O Jornal das Senhoras'?	63
Representações do território brasileiro nos anúncios comerciais durante o Estado Novo	63
Imagens do "Milagre": Publicidade e a Ditadura Militar Brasileira (1968-1973)	63
<b>MESA 5: Figurações do tempo e da História em práticas comunicativas</b>	<b>64</b>
Paz Armada: aspectos do temor nuclear na narrativa da 'Liga da Justiça'	64
História e Geografia no ensino de Eventos Traumáticos: uma iniciativa pluridisciplinar	64
Representações do tempo no longa-metragem de animação Fantasia (1940), dos Estúdios Disney	65
Os desserviços da internet para o estudo da história	65
<b>MESA 6: Mídias e políticas contemporâneas</b>	<b>66</b>
A onda neoliberal sob a TV educativa: debates e ações no Brasil e na França (1994-2002)	66
O líder do MST na capa da 'Veja': uma análise imagética	66
Black block's, a ação histórica produzida, transmitida e retransmitida: a influência das mídias no processo de construção de conceitos	67
A questão transnacional nas matérias do site da 'Al Jazeera English'	67
História e educação a serviço da política: a internet como ferramenta de propagação de um ideário nacionalista	68
<b>MESA 7: O cinema como fonte e pensamento da história: diálogos e tensões</b>	<b>68</b>
Os limites da ficção e da realidade do cinema: uma análise da obra 'O Judeu Süss'	68
Sensibilidades melancólicas e imagens neo-barrocas no cinema de Win Wenders	69
O cinema histórico sob a ótica da revista 'Ilustrada Scena Muda': o filme como fonte de realidade e educação na década de 1930	69
Cinema: um novo divã para os traumas da História?	70
<b>MESA 8: O cinema como fonte e pensamento da história: diálogos e tensões</b>	<b>70</b>
Quando a Voz do Morro desce para o asfalto: interlocuções do sambista Zé Kéti com os artistas e intelectuais da Esquerda	70
Funk e mídia: Mr. Catra e estereotipação sexual	71
Enquadramentos da memória e mobilização racial na música brasileira: anos 1960 e 1970	71

'Tu corazón oye brotar la primavera': ressignificações de uma canção de Víctor Jara em diferentes contextos latino-americanos .....	72
<b>ST 05: História da arte em perspectiva: arte, religiosidade, devoção .....</b>	<b>72</b>
<b>MESA 1: A Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto: possibilidades de pesquisa .....</b>	<b>72</b>
A Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto: apropriações de um espaço urbano – séculos XVIII e XIX .....	72
Sociabilidade confrarial e proeminência social: o caso dos devotos do Corpo de Deus de Vila Rica .....	73
O termo contratual de 1754 e as modificações no retábulo-mor da Matriz do Pilar, em Ouro Preto .....	73
<b>MESA 2: Artistas e artífices: o fazer manual.....</b>	<b>74</b>
Para além dos monumentos: as condições de trabalho dos carpinteiros, carapinas e marceneiros em Mariana no período colonial .....	74
A formação da cultura visual dos grandes calígrafos nos séculos XVII e XVIII.....	75
Arte sacra e distinção social: prestígio do artista e fortuna do contratante nas pinturas de forro da igreja de São Tomé na serra das Letras .....	75
Bento Gomes da Costa e a renovação da ornamentação artístico-religiosa em Itapecerica, MG – 1905/1915 .....	76
<b>MESA 3: Circulação, apropriação e criação de novas ideias na arte barroca.....</b>	<b>76</b>
A Pathosformeln colonial: Análise warburgiana da imagem de Nossa Senhora das Mercês de Manoel Victor de Jesus .....	76
Repertório Iconográfico da Capela da Fazenda da Boa Esperança de Belo Vale: circulação e apropriação de imagens .....	76
Reflexões sobre a construção perspéctica no tratado ' <i>Arte da Pintura, perspectiva e simetria</i> ' de Filipe Nunes .....	77
Revisitando o barroco mineiro: um conceito entre a arte, identidades e outras representações coloniais.....	77
<b>MESA 4: Sociabilidade e Religiosidade: dois lados da mesma moeda .....</b>	<b>78</b>
Percepções acerca dos pardos da Arquiconfraria do Cordão de São Francisco em Mariana (1779-1832).....	78
Devoção, Sociabilidade e Relações de Poder em Minas Gerais: a Irmandade de Nossa Senhora das Mercês de Mariana .....	78
Os priores do Carmelo: poder, mecenato artístico e distinção social na Comarca de Vila Rica (1752-1800)	79
Coração de Reis Negros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São João Del-Rei: construção de identidades e sociabilidade (1841-1903) .....	79

<b>MESA 5: Novos ares na arte: gostos materiais e técnicas .....</b>	<b>80</b>
Sacralizando espaços: arte religiosa no cemitério da Soledade (1850-1880) .....	80
Neogótico no Brasil: arquitetura, religião e espaço, na obra do missionário lazarista Julio José Clavelin, 1834 e 1909 .....	81
Escultura devocional de gesso em Minas Gerais .....	81
<b>ST 06: História da África e seu ensino no Brasil II.....</b>	<b>82</b>
<b>MESA 1.....</b>	<b>82</b>
Um Inglês No Gâmbia .....	82
Conectando margens entre Palmares e a África Central: fontes e análises clássicas em uma abordagem atlântica .....	82
Uma análise do fracasso da Missão dos Jesuítas na Guiné: Catolicismo - Religiões Africanas - Islamismo.....	83
A temática sobre a Escravidão em África num Curso de Formação Continuada: as impressões de professores(as) sobre a questão .....	83
<b>MESA 2.....</b>	<b>84</b>
Por uma história da África contemporânea em sala de aula .....	84
Lançados e Tagomãos na formação de cidades mestiças na costa atlântica africana (sécs. XV ao XVIII).....	84
<b>ST 07: Teoria da História, História da Historiografia e Filosofia da História.....</b>	<b>85</b>
<b>MESA 1: História e Literatura em debate: das formulações teóricas às fontes de investigação .....</b>	<b>85</b>
Metaperspectiva e imaginário: contribuições iserianas para a Teoria da História.....	85
Literatura é documento do que? Ensaio sobre as relações entre História e Literatura .....	86
A Crônica Franciscana na Nova Galícia e na Nova Granada (século XVI): fragmentos de uma Historiografia Indiana.....	86
<b>MESA 2: A ciência enquanto campo de pesquisa: História e Historiografia da Ciência.....</b>	<b>86</b>
A ciência nas guerras: o ' <i>Journal des Sçavans</i> ' como emergência discursiva na epistemologia de Ludwik Fleck.....	87
A política da história das ciências .....	87
<b>MESA 3: No descompasso do tempo: História, crítica da modernidade e pós-modernidade em questão...88</b>	<b>88</b>
Controvérsia historiográfica em torno da tese do Sonderweg no Império Alemão (1871-1918): Hans-Ulrich Wehler versus Geoff Eley .....	88

História, Cultura e Nihilismo em Nietzsche: esboço de uma investigação .....	88
A condição política pós-moderna: Jean-François Lyotard e a proposta de experimentação pragmática do tempo histórico .....	89
<b>MESA 4: Em torno do conhecimento histórico: teoria, filosofia e epistemologia da História.....</b>	<b>90</b>
As articulações possíveis entre os conceitos 'sujeito' e 'tempo' na história da história .....	90
Sobre o conceito de passado .....	90
Wilhelm Schapp: uma abordagem fenomenológica a respeito das histórias .....	90
<b>MESA 5: A História na prática: abordagens metodológicas do conhecimento histórico.....</b>	<b>91</b>
História Comparada em perspectiva: velhas e novas formas de se fazer História .....	91
A micro história e a possibilidade de estudos das redes sociais.....	91
Sobre gatos, livros e Revoluções: as querelas intelectuais de Robert Darnton e Roger Chartier .....	92
<b>MESA 6: Propostas hermenêuticas para a escrita da História.....</b>	<b>92</b>
A 13ª Lição sobre a História.....	92
A História como Hermenêutica da Vida .....	92
As fontes como elo entre narrativa e experiência: uma reflexão acerca dos conceitos de fato, evento e mundo .....	93
<b>MESA 7: Experiências do tempo no mundo luso-brasileiro .....</b>	<b>93</b>
O tempo histórico no Antigo Regime e suas implicações para o estudo da sociedade mineira colonial .....	93
O destino do Império: progresso e revolução na obra de Francisco Solano Constâncio (1808-1822) .....	94
<b>MESA 8: A escrita da História do - e no - Brasil: a Historiografia Brasileira no decurso do tempo.....</b>	<b>95</b>
Aspectos da historiografia sobre as festas do Império brasileiro .....	95
Entre a ' <i>historia magistra vitae</i> ' e a Escola Metódica: Pedro Lessa em defesa da História.....	95
Nas visões da história a marca do tempo: deslocamentos interpretativos sobre a guerra do Paraguai, nas concepções históricas de Visconde de Taunay (1879), Julio José Chiavenatto (1979) e Francisco Doratioto (2002) .....	95
O Presentismo em ' <i>Cidadania no Brasil</i> ' .....	96
<b>ST 08: História e Natureza.....</b>	<b>96</b>
<b>MESA 1.....</b>	<b>96</b>

A História em Quadrinhos WE3: uma fábula moral acerca das relações entre homens e animais.....	96
Estado e exploração da natureza no pensamento de Nelson de Sena e Americano do Brasil .....	97
Meio ambiente e oposição: importância política do ecologismo na resistência à Ditadura Militar (1964-1988) .....	98
Anotações sobre a representação de doenças em jornais sul-mineiros do início do século XX e metodologia para uma história da imprensa .....	98
<b>MESA 2.....</b>	<b>99</b>
O estabelecimento dos imigrantes italianos no Núcleo Timbuhy/Santa Teresa - ES e a destruição da Mata Atlântica .....	99
‘Clima Glorioso’ ou ‘Calores Insuportáveis’?: uma interpretação do clima amazônico nos discursos de Alexandre Rodrigues Ferreira e Henry Walter Bates .....	99
O ‘Paráíso Terrestre’ como Arcádia ou um ‘Parnaso Mineiro’? A natureza na poesia de Cláudio Manoel da Costa.....	100
Modernização e natureza em Minas Gerais no século XIX: mito e história na transfiguração da gestão capitalista de recursos em preservacionismo avant la lettre.....	100
<b>ST 09: História da polícia, do crime e da justiça criminal no Brasil: perspectivas historiográficas e teórico-metodológicas .....</b>	<b>101</b>
<b>MESA 1: Experiências de polícia e policiamento no Império e na República .....</b>	<b>101</b>
A Guarda Cívica do Recife e o Policiamento Civilizador do Ambiente Urbano (1876-1890).....	101
Ordem, progresso e diligências: as articulações da Chefia de Polícia de Polícia de Minas Gerais na repressão aos agrupamentos ciganos (1898-1908) .....	102
História dos primórdios da Polícia Militar do Ceará (1835-1854) .....	102
<b>MESA 2: Polícia militar e Polícia Federal entre a ditadura e a democracia.....</b>	<b>103</b>
Um olhar sobre a Polícia Federal do Brasil: percursos institucionais e atividade de inteligência na virada do terceiro milênio .....	103
Guarda de Chumbo: Ditadura e militarização da polícia no Estado de São Paulo (1967-1970).....	103
Lungaretti: novas perspectivas sobre a participação do Departamento de Polícia Federal na Ditadura Militar Brasileira.....	104
<b>MESA 3: Práticas de justiça no Brasil no século XIX e XX: estudos sobre mulheres e trabalhadores.....</b>	<b>104</b>
Cultura Jurídico-Penal (II): o Código Criminal de 1830 e as mulheres de Oliveira no século XIX, MG.....	104
A honra velada: relações de gênero e comportamentos amorosos nos crimes de defloramento, Recife (1900-1912) .....	105

Maria Midão: fogo, paixão e desordens nas imediações da praça de mercado do Rio de Janeiro.....	105
Trabalhadores, processos-crimes e ação policial nos anos 1950. Qual ‘espontaneísmo grevista’? Quais ‘greves de massa’? .....	105
<b>MESA 4: Administração das prisões e ações da justiça na América Portuguesa e na República .....</b>	<b>106</b>
A precariedade das cadeias coloniais: o caso a cadeia velha de Vila Rica .....	106
Os culpados por devassa: A ação da Justiça no termo de Ribeirão do Carmo (1711 – 1745) .....	107
A repressão (correção) à vadiagem: a Colônia Correccional Agrícola do Bom Destino e a transformação do vadio em trabalhador nacional - Sabará (1895-1901) .....	107
<b>ST 10: Pensar a ditadura no cinquentenário do golpe: sociedade, política e cultura no regime militar brasileiro (1964-1985).....</b>	<b>107</b>
<b>MESA 1.....</b>	<b>108</b>
Festivais e Protestos: Resistência cultural ao regime militar no Brasil.....	108
Secos & Molhados: representações da ‘liberação sexual’ no Brasil dos anos 1970.....	108
Para além da cena: caricatura política, censura e repressão na peça ‘ <i>Liberdade, liberdade</i> ’ .....	108
Os Festivais de Inverno de Ouro Preto: vanguardas artísticas, extensão universitária e modernização conservadora (1967-1979) .....	109
<b>MESA 2.....</b>	<b>109</b>
Brasil e Argentina: considerações sobre a censura cultural nas ditaduras militares.....	109
Caos na Boca do Lixo: a representação tropicalista do Brasil em ‘ <i>O Bandido da Luz Vermelha</i> ’ .....	110
‘Pra frente Brasil’: música, discurso, dispositivo, identidade nacional e produção de verdade na ditadura militar no Brasil .....	110
<b>MESA 3.....</b>	<b>111</b>
A crise de 1964 na imprensa: o ‘ <i>Correio da Manhã</i> ’ e a radicalização política das direitas e esquerdas no governo Goulart .....	111
A ‘gloriosa mocidade da Nação brasileira’: os discursos sobre o Projeto Rondon no Congresso Nacional (1967-1969) .....	111
1964 faz 50 anos: as ‘bodas de ouro’ do golpe civil-militar no Brasil e a luta do movimento estudantil de Londrina contra a ditadura.....	112
O acervo do amoroso: por uma leitura filológica .....	112
<b>MESA 4.....</b>	<b>113</b>

A Lei de Anistia no Brasil: olhares sobre o passado vivo na memória política e jurídica do nosso país ....	113
A transição política democrática: as 'Diretas Já' e o jornal ' <i>Estado de Minas</i> ' .....	113
A imprensa na transição: valores políticos e projetos de democracia (1979-1988).....	114
<b>ST 11: Política editorial, impressos e leitura.....</b>	<b>114</b>
<b>MESA 1: Circulação de livros no s séculos XVII-XVIII .....</b>	<b>114</b>
A imprensa como agente regulador de costumes nos oitocentos: as crônicas do Padre Lopes Gama (o Carapuceiro, 1832-1846).....	114
Circulação de textos teatrais no Rio de Janeiro Oitocentista: um estudo de caso sobre a publicação da scena comica "Ahi! Cara Dura!" de Francisco Correa Vasques (1883-1884).....	115
Nas tramas das redes cotidianas: os livres de cor com posse de livros na vila de São João del Rei (1750-1808) .....	115
A criação do copyright na regulamentação do mercado de livros inglês no século 18 .....	115
<b>MESA 2: - Imprensa, religião, política e pecado no Brasil .....</b>	<b>116</b>
A formação dos áulicos e a imprensa áulica doutrinária no primeiro reinado (1824-1826) .....	116
As ordens religiosas entre oralidade e disputas literárias em Portugal no final do século XVIII.....	116
Edição e publicação da tradução anônima de ' <i>A filosofia na alcova</i> ': o mercado editorial clandestino da obra sadeana no Brasil.....	117
Os Sete Demônios do Neoliberalismo: uma análise da inversão de valores morais entre as décadas de 1940 a 1970.....	117
<b>MESA 3: Imprensa e política na América Latina no século XX .....</b>	<b>118</b>
Entre tinteiros e palaques: a trajetória intelectual e política de Arnold Ferreira da Silva (1912-1952) .....	118
Álbuns de propaganda do interior do Brasil no início do século XX.....	118
Algumas reflexões sobre a imprensa popular mexicana de inícios do século XX: as ilustrações de Posada nas hojas sueltas de Vanegas Arroyo.....	119
Leituras martinfierristas: a vanguarda argentina lendo e sendo lida.....	119
<b>MESA 4: O nacional e o regional nas imprensa brasileira no século XX.....</b>	<b>120</b>
A Política Editorial do SPHAN e a 'escrita de si' de Rodrigo Melo Franco de Andrade.....	120
A revista São Paulo e o projeto de Nação dos 'novos bandeirantes' .....	120
A imprensa diamantinense e a formação do Norte Mineiro na Primeira República .....	120

<b>ST 12: História, gênero, política e sexualidade.....</b>	<b>121</b>
<b>MESA 1: Gênero e sexualidade na Antiguidade .....</b>	<b>121</b>
Hybris e sexualidade: o caso de Contra Timarco.....	121
O tempo social em Dáfnis e Cloé de Longo entre ficcionalidade e desejo.....	121
<b>MESA 2: Sexualidade no cinema e na tv .....</b>	<b>122</b>
Sexualidade, heteronormatividade e enquadramento social: uma articulação a partir do filme <i>Ma Vie en Rose</i> .....	122
A prostituição televisionada na primeira versão da telenovela ' <i>Gabriela</i> ' (1975) .....	122
<b>MESA 3: Gêneros e sexualidade no Mundo português da Idade Moderna.....</b>	<b>123</b>
Carta de guia de casados: construções de gênero em um manual seiscentista para noivos .....	123
Súplica aos confessores: Francisco de Melo Franco e a 'medicalização' da moral sexual cristã no Iluminismo Português.....	123
<b>MESA 4: Masculinidades e homoerotismo .....</b>	<b>124</b>
As masculinidades tecidas pelo jornal ' <i>O Rio Nu</i> ' (1898-1916): uma análise das representações dos homossexuais, impotentes sexuais e alcoólatras.....	124
Negociando gêneros em alto mar: a construção de masculinidades em baleeiros da Nova Inglaterra (EUA), século XIX .....	124
<b>MESA 5: O feminismo e atuação das mulheres entre o XIX e o XX .....</b>	<b>125</b>
Rosalina Coelho Lisboa e feminismo no Brasil entre as décadas de 1920 e 1930 .....	125
O despertar do pensamento feminista no século XIX: um balanço historiográfico .....	125
Rompendo silêncios: memórias e narrativas das mulheres sobre a greve operária de 1968, em Contagem/MG.....	126
<b>MESA 6: Vivências de mulheres no século XIX .....</b>	<b>126</b>
Ser Africana e Ser Livre: a luta por emancipação de Benedita, Maceió (1850-1861) .....	126
Mulheres, Família e Sexualidade: uma Análise Social da Vida Privada através do Romance <i>Madame Bovary</i> . .....	127
Estupro e rapto, vergonha e desonra: Montes Claros 1890-1920 .....	127
<b>MESA 7: Gênero, sexualidade e o discurso médico-psiquiátrico.....</b>	<b>127</b>
Concepções de Gênero e Saúde no Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher – PAISM e o perfil epidemiológico de HIV/AIDS na década de 1980 – correlações possíveis.....	127

O homem e a mulher na obra de Alfred Adler: apontamentos e discussões.....	128
<b>ST 13: Políticas e culturas na América independente .....</b>	<b>128</b>
<b>MESA 1: Modernidades e tradições nas Américas: expressões do sensível.....</b>	<b>128</b>
Entre a tradição e a modernidade: (re) flexões acerca das conformações da modernidade na América Latina.....	128
Um fragmento de Emerson em respeito ao presente mundo sensível.....	129
Em busca de uma ‘cor cubana’: olhares da vanguarda sobre o negro nas décadas de 1920 e 1930.....	129
Enquanto Jesus não volta... – Jerry Falwell entre pré-milenarismos e pós-milenarismos .....	130
<b>MESA 2: História dos impressos na América Latina contemporânea.....</b>	<b>130</b>
Um olhar da imprensa brasileira sobre o Governo Allende (1973) .....	130
A revista ‘Cuadernos Políticos’ no debate político-intelectual da América Latina .....	131
A imprensa chilena e o golpe de Pinochet: o caso do jornal ‘El Mercurio’ .....	131
Intelectuais, política e exílio na revista ‘Araucaria de Chile’ (1978-1990).....	131
<b>MESA 3: História do México.....</b>	<b>132</b>
Memória, violência e ideologia nos romances da Revolução Mexicana: Nellie Campobello, José Vasconcelos e José Mancisidor .....	132
Esboços da nação mexicana: as representações sobre as tehuanas nos murais de Diego Rivera.....	132
Representações de poder na obra de Martin Luis Guzmán.....	133
Sinais de novos tempos: tradição e modernidade nas Minas Gerais na crise do Antigo Regime.....	133
<b>MESA 4: Entre a pena e o fuzil: reflexões sobre esquerdas, ditaduras e o desenvolvimentismo na América Latina .....</b>	<b>134</b>
Os excluídos em questão: um estudo de caso nas ditaduras militares argentina e uruguaia .....	134
A guerra de guerrilhas contra a Revolução Cubana.....	134
Desenvolvimento latino-americano na segunda metade século XX: a OEA e a CEPAL .....	135
A Brigada Simón Bolívar e sua participação na Revolução Nicaraguense (1979).....	135
<b>MESA 5: Desencontros da modernidade na América Latina: intelectuais, literatura e cultura política na América Latina.....</b>	<b>135</b>
Domingo Faustino Sarmiento e os dilemas da construção da Nação Argentina .....	135

O fardo do passado: narrativa histórica e cultura política na obra de Eduardo Galeano.....	136
As narrativas de Che Guevara: um imaginário sobre a consciência Latino-Americana.....	136
Memória e literatura no Caribe colombiano: uma leitura de do ‘ <i>Amor e outros demônios</i> ’ de Gabriel García Márquez e ‘ <i>Los cortejos del diablo</i> ’ de Germán Espinosa.....	136
<b>ST 14: Poder e Fé na Idade Média.....</b>	<b>137</b>
<b>MESA 1: Desencontros da modernidade na América Latina: intelectuais, literatura e cultura política na América Latina.....</b>	<b>137</b>
‘L’autre chrétien’? Novas perspectivas sobre a vida e obra de Gautier d’Arras .....	137
Cuvelier, a voz que conta uma história: ‘ <i>A Vida do Valente Bertrand Du Guesclin</i> ’ (~1320-1380).....	137
Alegoria Vicentina: o parvo e a crítica a sociedade portuguesa por meio do cômico.....	138
<b>MESA 2: MODOS E CONCEITOS DE GOVERNO .....</b>	<b>138</b>
Apontamentos acerca de uma concepção ciceroniana de república na crônica de Iacopo de Varazze (séc.XIII) .....	138
A distribuição de esmolas como manifestação do affectus na política régia Capetíngia (séc XIII) .....	139
O jurista e seu papel político no tardo-medievo .....	139
O céu é o limite: ar, segredo e sigilo nos séculos XV e XVI.....	139
<b>MESA 3.....</b>	<b>140</b>
Remédios Santos ou Santos Remédios? Uma prática dos Mosteiros Medievais.....	140
Taumaturgos, humildes, obedientes e servis: os perfis dos santos minoritas nos catálogos santorais da Ordem dos Frades Menores (Itália Central, séculos XIII-XIV) .....	140
<b>MESA 4: OUTROS ESPAÇOS E TEMPOS DO MEDIEVO.....</b>	<b>141</b>
A conversão da Islândia na Allþing de 999: a influência da política Norueguesa na ilha.....	141
Alguns aspectos peculiares da cavalaria na Península Ibérica (sec. XII-XIII).....	142
Alain Guerreau e Begriffsgeschichte: um horizonte teórico?.....	142
<b>ST 15: Patrimônios culturais .....</b>	<b>143</b>
<b>MESA 1.....</b>	<b>143</b>
Maracatu do Ceará como patrimônio cultural: perspectivas de identificação e valorização do patrimônio imaterial na cidade de Fortaleza .....	143
Um dia, duas festas: o Dezesesseis de Julho em Borda da Mata – MG .....	143

Entre saberes e fazeres: Memória e Patrimônio Cultural dos Maniçobeiros do Sudeste do Piauí.....	144
A memória da escravidão em ruínas: um estudo sobre o patrimônio material e imaterial em Cerrito-RS	144
<b>MESA 2.....</b>	<b>145</b>
Doença e Cura na Comunidade dos Arturos .....	145
Comunidades Tradicionais enquanto patrimônio cultural: Os Arturos e a questão dos Lugares.....	146
A pesquisa e o historiador nos processos de patrimonialização .....	146
<b>MESA 3.....</b>	<b>147</b>
A Construção da Prática de Patrimonialização (da porção sul) do Espírito Santo .....	147
Patrimônio natural e desenvolvimento sustentável no processo de proteção da serra de São José-MG ....	148
O I Encontro pela revitalização da Praça da Estação (1981): o que preservar?.....	148
<b>MESA 4.....</b>	<b>148</b>
A atuação do Serviço do Patrimônio em Minas Gerais: disputas em torno da categoria 'patrimônio' .....	148
Patrimônios Culturais: a questão dos valores e da interdisciplinaridade nas abordagens recentes.....	149
O patrimônio cultural brasileiro na situação pós-moderna .....	150
<b>MESA 5.....</b>	<b>150</b>
Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial .....	150
A Narrativa Museológica e o Conhecimento Histórico: escritas e representações do passado .....	150
<b>ST 16: Administração, comércio e justiças: fontes e métodos para a compreensão das múltiplas formas de sociabilidade e exercício de poder no Império Português (1500-1800) .....</b>	<b>151</b>
<b>MESA 1.....</b>	<b>151</b>
A Provedoria de Defuntos e Ausentes, Capelas e Resíduos e a prática da justiça nas Minas setecentistas	151
Testamentos e legislação eclesiástica no Brasil setecentista .....	151
Familiares do Santo Ofício: uma análise sobre os padrões de recrutamento .....	152
Análise de rede das vereações de Vila Rica e Ribeirão do Carmo durante o século XVIII.....	153
<b>MESA 2.....</b>	<b>153</b>
O Diretório em Minas Gerais: o índio na política pombalina e a via militar como estratégia de ascensão social (1758-1798).....	153

Guerra dos Discursos e Guerra Guaranítica: disputas políticas no contexto das demarcações de limites do Tratado de Madrid (1750-1756) .....	154
Alimentação, entre custos e tributos na segunda metade do século XVIII em Campos dos Goytacazes....	154
Entre a Metrópole e a Colônia: a reforma militar empreendida por Dom Antônio de Noronha ( 1775 – 1780) .....	155
Inácio Correia Pamplona: um ‘herói’ para o sertão mineiro setecentista.....	155
<b>Comunicação Livre .....</b>	<b>157</b>
<b>MESA 1.....</b>	<b>157</b>
Entre a Escravidão e Liberdade: diferentes formas de se conceber o negro no contexto escravocrata brasileiro .....	157
As diversas formas de escrever sobre o negro e a contestação republicana do poder Imperial: representações e discursos sobre negros no final dos Oitocentos e o embate entre Império e República nos jornais paulistas.....	157
<b>MESA 2.....</b>	<b>158</b>
‘Apto a todo tipo de trabalho’: a importância do escravo como mão de obra e mercadoria na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição 1865 - 1888 .....	158
Ascensão e inserção social de libertos e seus descendentes: o caso da Família Sena, em Campos dos Goytacazes (1755-1801) .....	158
As madrinhas espirituais dos escravos na freguesia de São Salvador, Campos dos Goitacases, 1800 – 1830 .....	158
<b>MESA 3.....</b>	<b>159</b>
A Revolução Francesa e o Oriente: o impacto da Revolução Francesa na região da Ásia e da África a partir das campanhas militares das legiões estrangeiras francesas .....	159
‘Uma Europa beata e bárbara’: o debate ilustrado acerca da civilização .....	159
As ‘ <i>Carmagnoles</i> ’ e a introdução da questão social ao debate revolucionário francês.....	159
Direito de resistência na Revolução Inglesa .....	160
<b>MESA 4.....</b>	<b>160</b>
A zona suburbana da Capital de Minas: surgimento e evolução histórica – discussões bibliográficas .....	160
Belo Horizonte, futuro do pretérito: um estudo de caso do paradoxo da modernidade .....	161
A religião do afrodescendente no Brasil: a fundação do primeiro terreiro de candomblé em Belo Horizonte .....	161

O Cemitério do Bonfim: A História da Morte em Belo Horizonte no final do século XIX e início da República .....	161
<b>MESA 5.....</b>	<b>162</b>
Patrimônio Material: os efeitos da chamada ‘fase heroica’ do IPHAN na cidade de Mariana .....	162
Casa de Cacos: potencialidades educativas.....	162
Educação patrimonial para o desenvolvimento territorial: como o patrimônio cultural pode contribuir para a construção de práticas voltadas para o desenvolvimento .....	163
A cidade de Ouro Preto como Patrimônio da Humanidade: conservação, preservação e memória Social	163
<b>MESA 6.....</b>	<b>163</b>
Educação Musical Brasileira: um percurso histórico para a compreensão da atualidade.....	163
A educação e as redes de sociabilidade em Minas Gerais a partir do jornal ‘O contemporâneo’ (Sabará – 1889/1902).....	164
Escolas Normais em Minas Gerais na Primeira República: a elaboração de um novo modelo de docência (1906-1927) .....	164
Impacto da Lei Federal 10.639/03 no ensino de História.....	164
<b>MESA 7.....</b>	<b>165</b>
Conhecendo a realidade, ‘Ilha das Flores’: refletindo o lixo na escola estadual do Parque São Jorge.....	165
Projeto Lugar: o lugar Feira de Santana e suas influências no ensino de História local na cidade.....	165
Educação, identidade e a questão indígena .....	166
O ensino de História e as histórias: o uso da literatura e do cinema na sala de aula.....	166
<b>MESA 8.....</b>	<b>167</b>
O uso de fontes no Ensino de História: Cartografia .....	167
A importância da história local na construção de identidade e sentimento de pertencimento .....	167
Reflexões historiográficas no trabalho com crianças de 7 anos do primeiro ciclo: uma experiência da residência docente do centro Pedagógico da UFMG.....	168
Cinema, Museu e Ensino de História: relato de uma experiência docente.....	168
A Micro-história como metodologia no processo educacional: uma nova abordagem no ensino de História na Educação Básica.....	169
<b>MESA 9.....</b>	<b>170</b>

Família e compadrio entre pessoas Livres em Campos dos Goytacazes (1799-1830) .....	170
Mathijs van Ceulen e a ocupação neerlandesa do nordeste brasileiro.....	170
A linguagem política do <i>Panegírico de D. João III</i> : notas para um estudo do humanista português João de Barros (1496-1570) .....	171
Ofícios mecânicos e seu cotidiano material na Comarca do Rio das Velhas .....	171
<b>MESA 10.....</b>	<b>172</b>
Os casamentos endogâmicos: uma estratégia familiar .....	172
Contribuições para uma História da Família em Minas Gerais (séculos XVIII e XIX).....	172
No limiar da escravização: impressões sobre a família escrava piranguense a partir de uma ação de manutenção de liberdade da segunda metade do Oitocentos .....	172
<b>MESA 11.....</b>	<b>173</b>
Brás de Pina e sua rede de negociações entre 1740 -1770.....	173
Negócios Eclesiásticos: uma análise dos negócios relacionados com a Igreja na cidade do Rio de Janeiro (1740-1770) .....	173
Guerra do Paraguai (1852-1864): uma nova leitura de um conflito anunciado 150 anos depois .....	173
Papo de Negócio: uma comparação entre os negócios imobiliários no Rio de Janeiro no séc. XVIII e XIX	174
<b>MESA 12.....</b>	<b>174</b>
Morte e representação, usos e funções da Fotografia Mortuária.....	175
Presença Negra em Arquivo Branco: um estudo sobre a representação de afro-brasileiros em coleções fotográficas.....	175
Entre usos e funções: a prática do colecionismo de fotografias no século XIX e sua difusão no Brasil Imperial.....	175
<b>MESA 13.....</b>	<b>176</b>
Colecionismo no século XVI: as práticas colecionistas de Johan Maurits van Nassau-Siegen.....	176
O Museu da Inconfidência: preservação e perpetuação da memória de Tiradentes .....	176
Museus de cidade e representações de gênero: diálogos possíveis.....	177
<b>MESA 14.....</b>	<b>177</b>
Patrimônio Cultural e Preservação da Memória: o Reinado no Acervo do Museu Histórico e Artístico de Cláudio.....	177

Muito além de bonecos: a história do Grupo Giramundo pela perspectiva do acervo reunido em seu arquivo privado.....	177
Edição paleográfica de um documento eclesiástico do século XIX.....	178
O uso de manuscritos no cotidiano do historiador: alguns apontamentos .....	178
A construção de um banco de dados como instrumento de pesquisa no estudo da literatura publicada na imprensa carioca do séc. XIX.....	179
<b>MESA 15.....</b>	<b>179</b>
<i>Os Simpsons</i> : a animação como fonte para a compreensão histórica.....	179
Dias Gomes e Janete Clair: a telenovela como forma de organização cultural da sociedade brasileira .....	180
<i>Atravez</i> da imagem indígena: narrativas possíveis sobre a representação do índio brasileiro nos livros de leitura .....	180
<b>MESA 16.....</b>	<b>181</b>
O golpe na imprensa: opinião editorial do Estado de Minas no primeiro mês de regime militar.....	181
‘ <i>As Confissões</i> ’ de Nelson Rodrigues e o jornal <i>O Globo</i> : o discurso anticomunista na grande imprensa durante a Ditadura Militar brasileira.....	181
O Governo Médici e o Paradoxo de um Período Opressor com um Futuro Brilhante .....	182
<b>MESA 17.....</b>	<b>182</b>
A criação do Ministério da Aeronáutica e da Força Aérea Brasileira: definindo os heróis do ar e construindo identidades .....	182
Os Institutos Culturais Brasil-União Soviética e as Medidas Ativas: uma história de espionagem e contra-espionagem no Brasil .....	183
Compreender o totalitarismo: uma análise dos conceitos de culpa e liberdade nos panfletos do grupo Rosa Branca.....	183
Doutrina de segurança nacional: as influências na formação dos militares brasileiros no século XX.....	183
<b>MESA 18.....</b>	<b>184</b>
Paulo de Tarso à luz do Império Romano: uma breve análise .....	184
<i>Exemplum</i> e moralidade na obra taciteana.....	184
A crise de memória e a representação nas moedas do Principado de Cláudio.....	184
‘ <i>Coragem! que em teu bem conspira a fama.</i> ’ (Verg. A., I, 488): ‘ <i>Narrati’o</i> e ‘ <i>exempla</i> ’ na política de Tácito .....	185
<i>Post mortem vivere</i> : monumentos funerários romanos entre os séculos I a.C e I d.C.....	185

<b>MESA 19</b> .....	<b>185</b>
‘Das montanhas mexicanas ao ciberespaço’: a guerrilha informacional do movimento indígena em Chiapas.....	185
Os gravados dos ‘Josés’: técnicas, produções artísticas e (re)apropriações das obras de José F. Borges e José G. Posada, uma análise comparativa .....	186
<b>MESA 20</b> .....	<b>186</b>
História das Religiões como Antropologia Filosófica: hermenêutica dos símbolos sagrados em Mircea Eliade.....	186
Experiência e expectativa em ensaios da Primeira República brasileira: perspectivas do conhecimento histórico e a experiência de tempo (1901-1930).....	186
Os tempos históricos: importância da compreensão do tempo para o processo de construção do saber histórico e da consciência social .....	187
A importância das narrações históricas para um experiência coletiva da, na e contra a modernidade: um reflexão a partir de Walter Benjamin .....	187
<b>MESA 21</b> .....	<b>188</b>
Estudo histórico-matemático dos postulados geométricos de Thales de Mileto.....	188
Literatura e mimesis: as interferências históricas e políticas no desenvolvimento do teatro ateniense no século V a. C.....	188
O Belo Mercado: como o pecado da Vaidade se elevou à categoria de virtude dentro do pensamento Liberal .....	188
A crítica da democracia moderna em Flaubert e Tocqueville.....	189
Música e indústria cultural: breve análise histórica sobre a mercantilização da arte no século XX .....	189
<b>MESA 22</b> .....	<b>190</b>
Martins Pena: a cultura e a formação do Estado nacional brasileiro.....	190
A história da literatura brasileira, de Sílvio Romero, como lugar de memória.....	190
O Belo no transitório: um ensaio acerca da boemia moderna em Gérard de Nerval.....	191
Fatos históricos, esquemas literários: história e ficção em <i>Os Sertões</i> , de Euclides da Cunha.....	191
<b>MESA 23</b> .....	<b>192</b>
A voz de Minas: a Mineiridade em Perspectiva .....	192
História e temporalidade no debate político brasileiro (1830-1840).....	192

Mulheres e movimento feminista: a importância da memória na construção de uma identidade.....	192
Reflexão sobre construção de uma imagem: o caso do Caipira.....	193
<b>MESA 24.....</b>	<b>193</b>
O movimento miguelista nas páginas do <i>Aurora Fluminense</i> (1828-1834).....	193
Linguagens do republicanismo no jornalismo de Hipólito da Costa: o <i>Paralelo da Constituição Portuguesa com a Inglesa</i> (1809-1810) .....	194
<b>MESA 25.....</b>	<b>194</b>
Regime militar político, cinquenta anos depois: resquícios e reflexos no Brasil contemporâneo.....	194
História do Automóvel: a crise do petróleo, as novas tecnologias e o surgimento de um novo conceito de carro popular .....	194
Igrejas assembleianas no Norte do Tocantins: processo de implantação e construção de identidades.....	195
O litígio fronteirístico Mineiro/Capixaba: memórias e narrativas da disputa do contestado .....	195
<b>MESA 26.....</b>	<b>195</b>
O processo de centralização do PT e as possibilidades de uma perspectiva reformista.....	196
As relações entre Estado e sociedade durante o governo Fernando Henrique Cardoso nas charges do Angeli.....	196
‘Política e Poder’: a CPI Collor de Mello como instrumento de disputas políticas e partidárias.....	196
<b>MESA 27.....</b>	<b>196</b>
Resistência negra através da religiosidade nas Minas do setecentos: um estudo de caso.....	197
Minas dos blasfemadores: dissidência e tolerância religiosa no século XVIII.....	197
Mathias Carneiro: O feiticeiro ressuscitado de Mariana .....	197
Igreja São José e Congregação do Santíssimo Redentor: uma perspectiva de Fé na Modernidade da nova Capital de Minas (1895-1930).....	198
<b>MESA 28.....</b>	<b>198</b>
Inventário das modificações no design do vestuário nos séculos XIX e XX .....	198
A Busca da Distinção: Dandismo e Alta Costura no Século XIX.....	198
<b>MESA 29.....</b>	<b>199</b>
O conceito de musicalidade e suas muitas faces: uma análise histórica .....	199

Certas canções que ouço: a geografia do ‘progressio’ .....	199
O discurso e a estética ‘tropicalista’ sob o olhar de Torquato Neto.....	200
<b>MESA 30.....</b>	<b>200</b>
‘Novo cinema brasileiro’: a retomada do cinema brasileiro, Walter Salles e as críticas veiculadas na revista <i>Veja</i> .....	200
O cinema como arte da modernidade e sua proliferação em Belo Horizonte no início do século XX.....	200
A representação da mulher na cidade moderna em <i>Lance Maior</i> de Sylvio Back.....	201
Do amor à face do medo: violência doméstica em telenovelas.....	201
<b>MESA 31.....</b>	<b>202</b>
Instituições de saúde pública em Minas Gerais: a Criação do Instituto Raul Soares (IRS) em Belo Horizonte (1922) .....	202
Elementos para uma estrutura do saber médico moderno no mundo português .....	202
Economia e Assistência: um estudo sobre a expansão das Santas Casas mineiras no século XIX.....	203
Drogas: um problema real, a raiz de todo mal? .....	203
<b>MESA 32.....</b>	<b>203</b>
Internet como ‘espaço de recordação’: a relação com a memória na era digital.....	203
Steve Jobs: como suas ideias influenciaram o consumo cibercultural e quais as possíveis consequências no âmbito histórico-social .....	204
A estética comunicacional nos Museus Virtuais: uma análise do site ERAVirtual - Museus .....	204
<b>MESA 33.....</b>	<b>204</b>
Influência do Sindicato das Empresas de Ônibus no Sistema de Transporte de BH .....	204
Vivendo da arte do labor: a importância histórico-social dos arquivos judiciais da Justiça do Trabalho...205	205

## Apresentação

O *Encontro de Pesquisa em História da UFMG* é uma iniciativa do corpo discente de História da UFMG, que tem por principal objetivo promover o diálogo aberto, horizontal e democrático entre os alunos de pós-graduação e de graduação em História e áreas afins. Surgido em 2012, a partir da vontade de inventar novos e frutíferos espaços de debates entre jovens pesquisadores, o evento mantém em 2014 a proposta de ser um encontro organizado *por e para* estudantes, com trocas mútuas de experiências, inquietações, informações, contatos – o que, acreditamos, muito pode contribuir para a atividade de pesquisa, por vezes tão solitária.

De olho no passado e atentos ao presente, sobretudo no que diz respeito às experiências brasileiras, procuramos privilegiar para a Conferência de Abertura e as Mesas Redondas temáticas que dialogam com o rompimento de fronteiras cognitivas, lançando-nos à possibilidade de reflexão mais atenta às subjetividades, aos desejos, aos interesses dos sujeitos históricos.

Com cerca de 550 inscrições, 9 Minicursos, 16 Simpósios Temáticos e 33 mesas de Comunicação Livre, o III EPHIS, edição do ano de 2014, procura oferecer amplas condições de participação aos discentes, ao manter valores baixos de inscrição, ao alargar a possibilidade de coordenação de ST, além de garantir em todas as Mesas Redondas a inclusão de ao menos uma conferência realizada por discente de Pós-Graduação.

## Programação

### 27.05 (terça-feira)

Manhã (a partir de 8h, até às 11h)

MC2; MC3; MC7; ST4.

Tarde (a partir de 13h, até às 19h)

cinephilia: “Terra deu, terra come”;

MC6; CL: 1, 3, 9, 11, 13, 14, 19, 22, 23, 24, 27; ST1; ST4; ST7; ST11; ST13.

Noite (a partir de 19h, até às 22h)

Conferência de Abertura: *Escravidão e mobilidade: escravos senhores na Bahia oitocentista*  
João José Reis (UFBA)

### 28.05 (quarta-feira)

Manhã (a partir de 8h, até às 11h)

MC1; MC2; MC3; MC7; MC8; MC9; ST16.

Tarde (a partir de 13h, até às 19h)

cinephilia: “Antes do anoitecer”;

CL: 2, 4, 15, 16, 17, 20, 21; ST1; ST3; ST4; ST5; ST6; ST7; ST8; ST10; ST11; ST12; ST15; ST16.

Noite (a partir de 19h, até às 22h)

Mesa Redonda 1: *50 anos do Golpe Militar brasileiro: diálogos entre as experiências ditatoriais no Cone-Sul*

Alberto Aggio (UNESP)

Antonio Fernando Mitre Canahuati (UFMG)

Isabel Cristina Leite da Silva (UFRJ)

### **29.05 (quinta-feira)**

Manhã (a partir de 8h, até às 11h)

MC2; MC3; MC4; MC5; MC8.

Tarde (a partir de 13h, até às 19h)

cinephilia: “O céu sobre os ombros”;

CL: 5, 6, 12, 18, 28, 29, 30, 33; ST2; ST3; ST4; ST7; ST9; ST10; ST12; ST13; ST15.

Noite (a partir de 19h, até às 22h)

Mesa Redonda 2: *#vemprarua: cidadania e movimentos sociais no Brasil contemporâneo*

Hugo Albuquerque (PUC-SP)

Igor Thiago Moreira de Oliveira (UFMG)

Cláudia Graça da Fonseca (UFMG)

Inês Correia Guedes (UFMG)

### **30.05 (sexta-feira)**

Manhã (a partir de 8h, até às 11h)

MC1; MC3; MC4; MC5; MC7; MC8; MC9; ST14.

Tarde (a partir de 13h, até às 19h)

cinephilia: “XXY”;

CL: 7, 8, 10, 25, 26, 31, 32; ST2; ST5; ST9; ST12; ST13; ST14.

Noite (a partir de 19h, até às 22h)

Mesa Redonda 3: *História, ficção e literatura: problemas e possibilidades para a historiografia*

Fábio Faversani (UFOP)

Lorena Lopes da Costa (UFMG)

Luiz Duarte Haele Arnaut (UFMG)

## **Simpósio Temático**

### **ST 01: História da educação e das práticas educativas no Brasil: diálogos interdisciplinares na construção do ensino de História**

#### **MESA 1**

##### **Perspectivas das novas tecnologias de informação e comunicação na formação de professores de história** História da educação; educação a distância; identidade.

Thálita Maria Francisco da Silva  
UFG / CAPES  
thalita\_bio@yahoo.com.br

George Leonardo Seabra Coelho  
UFG  
george.coelho@hotmail.com

Ao considerar a inserção das novas “tecnologias de informação e comunicação”, os estudiosos das áreas educacionais não podem se ausentar dos debates relacionados a apropriação das TICs nas áreas de ensino. E pautando-se nessa premissa é que a presente comunicação visa debater alguns pontos referentes a perspectiva histórica da EaD no contexto da educação brasileira. Em um primeiro momento realizaremos uma breve contextualização das “modalidades alternativas de ensino” no processo de formação do campo educacional brasileiro, destacando o ensino técnico por correspondência. Em seguida, iremos discutir a abertura de vários cursos a distância no estado de Goiás. E finalmente refletir sobre a aplicação da EaD na formação de professores de História no século XXI. Nesse sentido, no contexto do mundo globalizado existem variados questionamentos sobre a construção de identidades coletivas e, ao mesmo tempo, discute-se sobre o distanciamento das interações sociais em ambientes não-virtuais. Corroboramos com as perspectivas que apontam que as formas de comunicação via internet ganham grande importância nesse debate, como por exemplo, na formação de professores. Nesse sentido, nosso objetivo será debater os alcances e limites da EaD na Formação de Professores, não apenas nos cursos de licenciatura em História, mas em outros campos disciplinares.

##### **O uso de diferentes linguagens no Ensino de História: panorama de perspectivas no Brasil, possibilidades e desafios contemporâneos**

Linguagens; documentos; ensino de História.

Elisgardênia de Oliveira Chaves  
UFMG / CAPES  
elis\_gardenia@yahoo.com.br

A partir das relações entre a produção do conhecimento histórico e o conhecimento histórico escolar, esta apresentação objetiva refletir acerca das possibilidades e desafios do uso de diferentes linguagens como documento e objeto no ensino de História. Com efeito, obedecerei à seguinte estratégia de exposição: conjuntura sociopolítica e historiográfica em que o uso de diferentes linguagens ganha amplitude no Ensino de história; a relação entre linguagens e documentos na produção dos saberes históricos; o potencial crítico-analítico e as orientações teórico-metodológicas que fundamentam o trabalho do professor na produção de

saberes históricos com os usos da linguagens/documentos no ensino; e, por fim, o lugar das linguagens nas produções acadêmicas contemporâneas sobre o Ensino de História no Brasil.

### **Contribuições à prática docente do professor de História considerando o aluno surdo**

Prática docente; História; Aluno surdo.

Katherine Barros Santos

UFT

katherinebarrossantos@gmail.com

Apresentar o ensino de História aos alunos como um resultado das múltiplas relações entre o homem e o meio, e localizá-los quanto sujeitos históricos, é um dos principais desafios do ensino de História. Neste aspecto, fazer com que o aluno surdo se sinta integrado nesse espaço multicultural educacional pela disciplina histórica é um desafio maior ainda por se tratar de um sujeito que historicamente se viu à margem dos processos de construção social, aparecendo sempre como “vítima” de sua própria condição. Ao se pensar o ensino de História para o aluno surdo, devemos considerar os recursos e métodos a serem aplicados. A problematização e análise dos recursos se fazem necessária, uma vez que os recursos e objetos de conhecimento por si, não geram a construção de conhecimento histórico. No caso de alunos surdos, o professor deve considerar a linguagem do aluno e dispor de meios que respeitem esta diferença, que contempla o mundo pela visão e não pela audição. Contemplando tanto o caráter disciplinar quanto de formação do indivíduo.

## **MESA 2**

### **Prescrições de condutas e comportamentos aos professores da escola primária na legislação mineira entre 1889 a 1927**

Demanda moral; professores; República.

Talita Barcelos Silva Lacerda

UFMG / CNPQ

talibsilva@gmail.com

Os anos iniciais da República foram marcados, essencialmente, pelo debate da necessidade de uma reforma total das instituições escolares. Isso ocasionou a redefinição do ambiente educacional e de sua administração, a modernização de seus espaços, racionalizando seus procedimentos de ensino. Esse caráter reformista gerou um forte empenho por parte dos estados, com vistas à criação de leis de ensino que garantissem uma educação, a fim de preservar a ordem social e o desenvolvimento da civilização brasileira. Nesse contexto, o estado de Minas Gerais centrou-se na organização e na regulamentação da instrução pública e, por consequência, na formação de professores tendo em vista comportamentos e atitudes necessárias aos professores em sua prática docente. Esse trabalho visa discutir as prescrições morais estabelecidas aos professores da escola primária de Minas Gerais no período de 1889 a 1927, bem como as tensões sociais geradas pelas expectativas em torno da profissão docente. Para tanto, utilizou-se como fonte as legislações mineiras do período, jornais e a *Revista do Ensino*, problematizando de que modo são construídos os discursos de tais prescrições em relação aos professores. Para análise das fontes, tomou-se como campo teórico-conceitual, Norbert Elias, entendendo a moral e a escola como partes de um processo civilizador. A pressão social pela boa conduta moral dos professores aparece, nesse sentido, como central no processo da profissionalização docente, e se mostra como o principal fator de conflitos na relação dos professores com alunos, familiares e gestores do ensino.

**A Escola Normal de Mariana: instituição, sujeitos e formação no contexto educacional da região dos Inconfidentes – 1906-1930**

Formação de Professores; Instituições Escolares; História da Educação.

José Gustavo Almeida da Silva  
 UFOP / FAPEMIG  
 jga.silva@hotmail.com  
 José Rubens Lima Jardimino  
 UFOP / FAPEMIG  
 jrjardilino@gmail.com

Inserido nas linhas de pesquisa em História das Instituições Escolares e Processo de Formação de Professores, o presente trabalho, tendo como objeto de análise o Colégio Providência (localizado em Mariana/MG), busca compreender a implantação da instituição e seu desenvolvimento no período de apogeu das Escolas Normais no Brasil, compreendendo seus sujeitos, trajetórias de professores e alunos, assim como os modelos de formação experimentados e implantados pela Instituição no início do século XX, orientados pela primeira reforma educacional mineira nesse período. A partir de 1902, com um curso voltado apenas para mulheres, o Colégio Providência passou a abrigar a Escola Normal de Mariana, adotando assim, um curso para a formação de professoras, que passou a ser de grande importância para a cidade e toda região dos Inconfidentes. Propondo um recorte temporal entre os anos de 1906 e 1930, buscamos compreender como se deu a formação dessas moças e como era desenvolvida a formação das professoras nesses primeiros anos da República. Traçando a importância desse processo para a feminização da docência que se deu nesse momento no país, onde visava-se formar a mulher não apenas para o ensino em sala de aula, mas também para a formação como mãe, esposa, beata e cidadã republicana, observando que o curso se inseriu no período onde os ideais republicanos da jovem nação brasileira se encontravam em construção e, dentre eles, muitos olhares voltados à educação. Por meio de fontes documentais da época, de documentos preservados no museu/arquivo que se encontra no interior do próprio colégio e de estudos já realizados sobre sua implantação e atuação, buscamos identificar os perfis e atuação dos sujeitos envolvidos com a instituição (professoras, alunas, irmãs) e que faziam parte do ambiente proporcionado pelo Colégio e o curso normal, de onde vinham as alunas que nele estudaram, quais os modelos educacionais adotados na formação dessas professoras e que tenham sido implantados pela Instituição frente às reformas educacionais que se davam em Minas Gerais e no Brasil, entre as primeiras décadas do século XX.

**O Curso Normal anexo ao Ginásio de Ouro Preto: instituição e perfil discente no contexto da Primeira República no Brasil (1910-1928)**

História das Instituições Escolares; Curso Normal; Primeira República.

Jumara Seraphim Pedruzzi  
 UFOP  
 jumarapedruzzi@yahoo.com.br  
 José Rubens Lima Jardimino  
 UFOP  
 jrjardilino@gmail.com

O presente trabalho é parte de uma investigação de Trabalho de Conclusão de Curso e insere-se nos estudos sobre a História das Instituições Escolares e/ou Educacionais. Possui como objeto o Curso Normal anexo ao Ginásio de Ouro Preto no contexto da Primeira República no Brasil (1910-1928). Estabelece como objetivo

compreender o funcionamento do referido Curso no período indicado, bem como o perfil do seu corpo discente, o número de alunas matriculadas em cada ano, a naturalidade, a idade, a filiação e demais informações. A pesquisa foi desenvolvida através da análise da bibliografia referente à Escola Normal na Primeira República e da documentação sobre o Curso Normal anexo ao Ginásio, que se encontra atualmente nos arquivos da Escola Estadual Dom Velloso, em Ouro Preto. Pela análise dos dados foi possível perceber que o Curso Normal anexo ao Ginásio, entre os anos de 1910 e 1928, possuía como corpo discente mulheres jovens, entre 14 e 29 anos, que vinham da própria cidade ou das redondezas, e que muitas iniciavam o curso, mas, nem todas o finalizavam. Além disso, o número de matrículas nos anos iniciais da instituição é bastante considerável, contudo, ele vai diminuindo ao longo do tempo, chegando a uma quantidade quase insignificante em 1928, ano do fechamento do curso.

### MESA 3

#### A Literatura e o Ensino de História nas Séries Iniciais

Literatura; Ensino; História.

Jayza Monteiro Almeida  
Estácio de Sá  
jayswan@hotmail.com

A abordagem desse estudo diz respeito ao uso da literatura no ensino dos conteúdos históricos nas séries iniciais. Sabemos que o ensino de história tem uma trajetória conturbada no cenário da educação brasileira, tendo sido relegado e muitas vezes retirado do conteúdo programático do aluno devido a políticas públicas e abordagens políticas. Após sua volta para os currículos escolares, outra dificuldade foi encontrada: o distanciamento dos alunos frente à matéria, pois muitos a consideram desinteressante e não veem a sua importância na sua formação como cidadão. Um fator que contribui para isso é a história tradicional que, ao ensinar história da visão dos vencedores e de forma linear, faz com que os alunos se sintam meros decoradores de datas e fatos que ocorreram e que nada tem a ver com a sua vida. Percebemos, entretanto, que os contos-de-fadas, muito utilizados pelos professores no ensino de Língua Portuguesa na educação infantil, são repletos de elementos históricos, carregados de simbologia social e costumes da época em que foram escritos. Eles são bem aceitos e assimilados pelas crianças devido as suas características discursivas e seu apelo para a fantasia. Percebe-se, com isso, que esse é um bom ponto para ser explorado na hora de se ensinar história para crianças. Uma nova maneira de se contar a história poderia ser a solução, sendo a literatura infantil uma grande fonte para se explorar no ensino dessa faixa etária. A intenção desse artigo é explorar o uso da literatura no ensino de história através de uma linguagem atrativa e partindo desta leitura, questionar sobre os personagens e situações, relacionando-os com o conteúdo que deve ser trabalhado em sala de aula.

#### O filme *Germinal* na sala de aula: as questões do trabalho assalariado e o ensino de História

Trabalho humano; Lutas sociais; Evolução histórica dos direitos e das relações trabalhistas; Lideranças sindicais.

Cleidimar Rodrigues De Sousa Lima  
UVA / CAPES  
cleidimary@hotmail.com

É inegável que os filmes podem ser bastante úteis em sala de aula, desenvolvendo discussões que possibilitem a verdadeira consciência histórica, quando desvelam fatos e acontecimentos históricos que foram e continuam sendo alvos de problemas do nosso cotidiano. O presente estudo, de natureza teórico-bibliográfica e reflexiva,

pretende discutir as incursões históricas do surgimento e da evolução dos direitos e das relações trabalhistas, a partir de seus aspectos mais significativos, tendo-os como elemento de construção da vida em sociedade, da modernização de suas atividades e da formação de valores e dos poderes institucionais. Será realizado mediante a análise das diversas cenas marcantes do filme *Germinal* (1993) como proposta metodológica para o ensino de História, favorecendo a compreensão dos sentidos históricos, jurídicos, políticos e econômicos do trabalho humano, da sua organização social e econômica, das suas lutas ideológicas e das constituições legislativas ao seu respeito. Após a sua assistência dialética os alunos e professores poderão reconstruir ou construir a importância da relação entre capital e trabalho na economia e o papel do Estado na perspectiva de produzir um possível e necessário equilíbrio nesta complexa relação laboral. Assim, o filme *Germinal*, aqui tomado em apreciação pedagógico-didática, poderá enfatizar e suscitar inúmeras questões envolvendo o trabalho assalariado como mola propulsora do desenvolvimento humano e como instrumento capaz de legitimar e de promover oportunidades de sobrevivência digna dos indivíduos com profunda igualdade social e jurídica entre os atores sociais envolvidos: empregados, empregadores, a sociedade e o Estado. Nesta perspectiva, assisti-lo no âmbito escolar, poderá ser uma situação ímpar de redimensionamento de concepções e de posturas éticas sobre o trabalho humano, as organizações institucionais que devem protegê-lo e as legislações positivadas que o amparam socialmente.

#### **Abordagem pedagógica do filme brasileiro uma 'História de amor e fúria'**

Cinema; História; Proposta Pedagógica.

Ana Paula Mendes Motta De Souza  
UNILESTE/MG; UCAM  
apmsouza@yahoo.com.br

Refletir sobre Cinema como arte audiovisual contemporânea e necessária como instrumento pedagógico na formação do conhecimento discente, com uma gama de debates sobre a construção da identidade nacional. Neste sentido a proposta de utilização da película brasileira, *Uma História de Amor e Fúria* (2013), do premiado roteirista e diretor Luiz Bolognesi com abordagem em três momentos reais da história do Brasil e um de ficção futurista, envolvendo as lutas populares na visão da mitologia Tupinambá. Com ênfase no Ensino Fundamental Nível II: 7º ano/6ª série e 9º ano/8ª série, a proposta exige uma preparação prévia e continuada do docente no âmbito da história e linguagem cinematográfica, evitando uso inadequado desta arte como mera diversão estudantil, como adequação pedagógica as formas legais vigentes.

#### **MESA 4**

##### **O papel da família na educação das gerações seguintes no século XVIII mineiro: primeiras considerações teóricas**

História da Educação; Família; Século XVIII; Conceitos e Teorias; Pierre Bourdieu.

Fabrcio Vinhas Manini Angelo  
UFMG  
fabriciovinhas@gmail.com

O presente trabalho objetiva traçar as primeiras considerações teóricas sobre a possibilidade de uma investigação acerca das práticas educativas que as famílias da região aplicavam às gerações seguintes durante a ocupação da Capitania das Minas de Ouro, tendo como espaço privilegiado a Comarca do Rio das Velhas entre cerca de 1710 e cerca de 1770 a partir do referencial teórico bourdieusiano. O presente trabalho busca indicar como o aporte teórico-metodológico cunhado por Pierre Bourdieu pode ser utilizado para pensar

fenômenos ligados à História da Educação mesmo para tempos pretéritos. Em parte esta questão surge a partir da sociologia da educação de matiz bourdieusiana que aponta que a “longevidade educativa” está intimamente relacionada a um compartilhamento do capital cultural pela família na qual o educando está inserido. No entanto, os trabalhos (FONSECA, 2008: 541 e 2009: 103-155) que relacionam família e escola para a América portuguesa parecem indicar outra posição. Nesse sentido, este trabalho, a partir de uma discussão bibliográfica e dos estudos de alguns casos retirados dos testamentos, buscará estabelecer algumas possibilidades, preliminares para a pesquisa em testamentos e para a utilização deste referencial teórico.

### **A Elite de Itabira do Matto Dentro/MG: suas redes sociais e atuação na educação (1860-1900)**

Itabira do Matto Dentro/MG; Elite; Rede social; Educação; Século XIX.

Clarice Lisandra David  
UMFG  
claricedavid@hotmail.com

A proposta de comunicação em questão visa apresentar a pesquisa de meus estudos de doutorado, ainda em fase inicial, sobre a elite de Itabira do Matto Dentro/MG, suas redes sociais e atuação na educação por meio da composição da trajetória de seus sujeitos identificando-os nos mais diversos espaços de atuação e pertencimento, de forma a basilar a atuação dos mesmos nos assuntos referentes à educação. O recorte temporal dessa pesquisa compreende os anos de 1860 a 1900. A partir de 1860 é possível perceber uma maior movimentação da elite local nos assuntos referentes à instrução. Já o ano de 1900 foi o momento que grande parte desses sujeitos atuantes nos diversos espaços da cidade retiram-se de cena, seja por falecimento, ou por motivos a serem melhor investigados no decorrer da pesquisa. Para realizar a análise proposta será necessário recorrer a alguns instrumentos teóricos e metodológicos. O conceito de elite ajuda a analisar esse grupo de atores sociais que ocupam um lugar diferenciado na hierarquia social, no “topo” e suas relações com o restante da sociedade (HEINZ, 2006). Nesse caso, a prosopografia ou biografia coletiva é o recurso metodológico adotado, na medida em que contribuirá para a elaboração do perfil da elite itabirana, identificar as estratégias de permanência e ações adotadas. As relações estabelecidas por esse grupo de sujeitos tanto intra-grupo, quanto com a sociedade local e provincial será analisada a partir da percepção de rede social (BERTRAND, 2009, IMÍZCOZ, 2004) entendida não apenas em sua dimensão morfológica, mas também em seu aspecto relacional cujos laços permitem trocas, além de serem dinâmicas e variáveis possibilitando perceber as relações dessa elite em uma globalidade e como estas podem produzir mudanças ou permanências na sociedade.

### **Asylo de meninos desvalidos: “Ensaio para iguais institutos, que por nosso vasto império cumpre erigir (1875-1889)”**

Infância desvalida; discurso; educação e trabalho.

Eduardo Nunes Alvares Pavão  
UERJ / CAPES  
enap2010@yahoo.com.br

Este trabalho tem como objetivo identificar a emersão de práticas para a assistência da infância desvalida, na cidade do Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX, tendo o Asylo de meninos desvalidos (1875-1894), como efetivação desta política. Nos oitocentos ocorreu o incremento de políticas públicas, tendo como centralidade: educar, proteger e cuidar da infância desamparada e para isto foram criadas diversas instituições que aumentaram consideravelmente as redes de sociabilidade e de circulação de saberes. Entre elas, o Asylo de meninos desvalidos para cuja criação estava o poder executivo autorizado por decreto desde fevereiro de 1854,

e que, no entanto, só foi criada vinte anos depois pelo decreto nº 5532 de 24 de janeiro de 1874, sendo inaugurada no dia 14 de maio de 1875, com 13 meninos, pelo então Ministro do Império João Alfredo Corrêa d'Oliveira, que o regulamentou por decreto nº. 5849 de nove de janeiro de 1875. Ao se analisar o projeto pedagógico do Asylo de meninos desvalidos, se percebe a preocupação em transformar os sujeitos "desvalidos" em indivíduos "moralizados" e "úteis". Ao se relacionar o exame dos relatórios dos diretores do Asylo, aos ofícios encaminhados por esses aos Ministros do Império, solicitando financiamento das oficinas e aos pedidos de admissão de internos, se vislumbra não apenas a formação de uma mão de obra, mas, sobretudo, a potencialização desses indivíduos dispostos a contribuir para a nova noção de nação e cidadania a ser forjada no último quartel do século XIX. Para efetuar este estudo se explora a emergência das condições e das possibilidades do discurso jornalístico, jurídico, médico e político de assistência às crianças "desvalidas".

## MESA 5

### **Cônego Fernandes Pinheiro e o ensino de história no oitocentos: apontamentos sobre uma questão**

Ensino de História; Cônego Fernandes Pinheiro; Escrita da História.

Luna Halabi Belchior  
UFOP / CAPES  
lunahalabi@ymail.com

O objetivo principal desta apresentação é apresentar os resultados preliminares da pesquisa intitulada "Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro e a historicização do Cristianismo: o uso moral da história por um Cônego (1850-1876)" que encontra-se na etapa de problematizar a relação do Cônego com o ensino de história em meados do século XIX. O autor em tela, importante intelectual do oitocentos, contribuiu ativamente para os problemas de uma disciplina em formação. Atuou como professor em um dos principais centros de cultura do Império, o Colégio Pedro II entre os anos de 1858 e 1876, para o qual escreveu diversos manuais didáticos. Lecionou também no Colégio de Botafogo e no Seminário Episcopal São José. Além da atuação como professor, foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1858 e articulista em importantes periódicos em meados dos oitocentos. O autor nos brinda com uma produção vastíssima que vai desde compêndios destinados ao ensino da juventude a ensaios criteriosamente escritos para a publicação da revista do IHGB. Essa produção bibliográfica, com efeito, nos permitiu problematizar questões importantes sobre a forma que o Cônego experimentou o Cristianismo e sua relação com o conceito moderno de história. Atualmente nos interessa problematizar a produção didática produzida por Cônego Fernandes Pinheiro. Apresentaremos, portanto, em um primeiro momento, o caráter geral da produção bibliográfica destinada ao ensino, com atenção especial ao Curso Elementar de Literatura Nacional (1862). Posteriormente, nosso fito é pontuar as preocupações expressas nas obras de Cônego Fernandes Pinheiro, levando em conta o desafio central do XIX, que é educar do povo, problematizando a passagem da auto-educação para educação institucional do Estado. Dessa maneira, procuraremos compreender os regimes de autonomia da escrita da história, que é esse que se gesta desde a escola, problematizando esse espaço de produção e difusão do conhecimento histórico.

### **O lugar da Biblioteca Escolar no processo de escolarização da leitura em Minas Gerais: 1920-1940**

Biblioteca Escolar; Escolarização; Leitura; República.

Marcus Vinicius Rodrigues Martins  
UFMG  
marcusmartins2005@gmail.com

O presente trabalho identifica o lugar da biblioteca escolar no processo de escolarização da leitura no período de 1920 a 1940 em Minas Gerais. Tal decurso foi marcado por um reposicionamento do lugar da biblioteca escolar, de modo que se reconfigurou a presença do espaço no aparelho institucional de ensino, percebeu-se a necessidade da frequência e criação de “aulas de biblioteca”, a reestruturação e a importância da vigilância perante aos livros que compunham o acervo. Esses enunciados faziam parte de um modelo escolar que conformava ideias modernas, republicanas e civilizatórias e que modificaram os tempos, espaços, práticas e métodos escolares sob a luz de teorias educacionais advindas do movimento “Escola Nova”. Metodologicamente, analisaram-se leis, decretos, cartas, relatórios de diretoria e inspeção e o periódico educacional *Revista do Ensino*, no qual se procedeu a análise de artigos da mesma que tinham como tema biblioteca escolar, leitura e livros. Deste modo, avalia as assertivas escolanovistas que reestruturaram os seguintes aspectos: os modos de ler, a configuração do livro, sua presença nas escolas, bem como a configuração e estruturação dos espaços dedicados a biblioteca escolar e a importância do espaço nos discursos de políticos e educadores mineiros. Analisou-se, também, a prescrição dos livros que comporiam os acervos e todo um campo discursivo que o conformava em valores morais e sociais. Concluiu-se que a biblioteca escolar conformou em suas práticas, tempos, espaços e acervos o imaginário republicano e modernista, a ascensão industrial, o higienismo e o ideal da “escola nova”.

#### **Educação e Memória de classe: reflexões sobre a experiência da greve da Mannesmann de 1979**

Classe social; classe operária; greve; educação; ditadura militar.

Liliane da Conceição Morais  
UFMG  
lilianemorais63@yahoo.com.br

O objeto de estudo é a greve dos operários da Mannesmann em 1979, ocorrida em Maio. Seu caráter educativo é revelador na perspectiva das ações dos sujeitos em uma sociedade de classes. Inúmeras greves ocorreram naquele ano, especialmente em Belo Horizonte e região metropolitana. Além de não pesquisada, traz um processo educativo peculiar. A questão colocada é: qual foi o caráter educativo contido nesta greve na perspectiva da luta de classes? Como se deu a construção de tal greve no interior da fábrica, pelas lideranças, especialmente (MR8 – Movimento Revolucionário 8 de Outubro) e qual o sentido de bandeiras políticas apresentadas como: “fim do Regime Militar” e “libertação dos presos políticos” para os operários de base? O significado do controle da fábrica pelos operários e piquetes permanentes nas portarias da Usina. O objetivo é comparar visões da direção do sindicato, das lideranças da greve e dos operários. O referencial teórico usado é o materialismo histórico e dialético, tendo como base o conceito de trabalho e considerando as categorias: Classe operária, Classe social, luta de classes do próprio Marx. No processo de educação de classes Lênin traz os conceitos de luta econômica e luta política. Mao Tsetung, Gramsci e Thompson são importantes, especialmente em relação ao papel da prática social na construção do conhecimento. Há um diálogo com teóricos da Pedagogia como Gonçalves, Hidalgo e Santos (2008), Kuenzer (1986, 2005) dentre outros.

#### **MESA 6**

##### **Regiões, simbologias e saberes: diálogos possíveis para o educar nos faxinais**

Saber; escola; faxinais; regiões; História

Milene Aparecida Padilha Galvão  
UNICENTRO – Irati / CAPES  
m\_aparecidapadilha@hotmail.com

Falar de região certamente é um desafio. Principalmente para a área da história, que procura nos dias atuais desmistificar o conceito de região e adentrá-lo para uma esfera social, cultural, política, simbólica, eximindo-se de analisar a região apenas enquanto dado materializado, findado, palpável exclusivamente. A região, conforme analisamos em textos de Bourdieu, Castoriadis, Certeau, Foucault, nos remete a novas adaptações de seus significados, sendo possível estudá-la em outras dimensões além das geógrafas. Partindo desta premissa, nosso enfoque é estabelecer de que modo a região se estabelece a âmbito do saber localizado na região dos faxinais, mais propriamente, como a região configura-se enquanto campo de saber nos faxinais a partir da polarização escola/tradição. Sabe-se que há nos faxinais uma região de saberes que é nato dos povos que habitam este sistema de uso comum das terras e também é de conhecimento de todos que a rede pública de ensino passa a fazer parte das áreas municipais rurais a partir da década de 1980, portanto há um momento em que estas regiões e campos de saber encontram-se criando assim novas possibilidades de diálogos, desta maneira, desencadeando novas relações, percepções e simbolismos.

### **O livro didático de História e a política dos impressos: uma análise da relação texto-imagem**

Livro Didático; Texto; Imagem; História.

Gabriel Duarte Faria  
UFJF  
gduartemg@hotmail.com

Gabriela Silveira Meireles  
UFMG  
gabrielasilveirameireles@gmail.com

O livro didático tem sido um recurso pedagógico bastante utilizado nas escolas públicas brasileiras. Contudo, poucas vezes olhamos de maneira mais atenta para o conteúdo destes impressos. Em minha trajetória docente, tenho percebido que muitas vezes as imagens trazidas apresentam-se de forma desarticulada do texto ou do conteúdo de ensino. Muitas vezes estas imagens assumem um caráter meramente ilustrativo ou iconográfico. Por isso, este trabalho tem como proposta a problematização do conhecimento construído nas aulas de história a partir da relação entre texto-imagem nos livros didáticos de história. A problemática anunciada é a seguinte: que relações existem entre os textos, as imagens e os conteúdos de ensino propostos nos livros didáticos de história? O objetivo deste trabalho trata-se de analisar a relação texto-imagem nos livros didáticos de história, buscando verificar possíveis articulações, desarticulações, rupturas, sincronismos e anacronismos. A perspectiva teórico-metodológica adotada foi baseada nos estudos pós-estruturalistas, com base nos trabalhos de Michel Foucault e sua perspectiva da Análise do Discurso. Outra inspiração foram os estudos da Cultura Visual, com os trabalhos de Fernando Hernández. Para tanto, foram analisados dois livros didáticos. Observamos uma multiplicidade de fontes, o que se torna interessante para discussões acerca do paradigma da verdade histórica. Diante das análises realizadas, foi possível perceber que as imagens apresentadas não dialogam com os conteúdos textuais apresentados, acabando por servir como meras ilustrações, muitas vezes sem sentido pedagógico.

### **O ensino de história em perspectiva: fontes literárias em sala de aula**

Ensino de história crítico; Educação Histórica; Fontes literárias; conhecimento histórico.

Vanessa Kiara Rodrigues Milian  
UEL / CAPES  
kiaramilian@hotmail.com

A presente comunicação tem como objetivo discutir a importância do uso de fontes históricas em sala de aula, em específico, as fontes literárias, para o desenvolvimento de um ensino crítico, o qual insira os alunos conjuntamente com os professores no fazer historiográfico. As discussões acerca do uso fontes históricas em sala de aula estão relacionadas com as reflexões de pesquisadores inerentes ao campo da Educação Histórica, o qual ratifica a importância de conhecer as ideias tácitas dos estudantes, de inseri-los na construção do conhecimento histórico, para que estes possam entender o passado em seu sentido histórico e a história como parte constitutiva de suas vidas.

## **ST 02: História e Linguagens Artísticas: as artes como regimes estéticos de representação da História e das sociedades no tempo**

### **MESA 1: CAMPO E CIDADE: REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E A MODERNIDADE**

**Escritas urbanas e apropriação da cidade**  
Cidade; escritas urbanas; representação, história.

Álan Oziel da Silva Pires  
UFMG  
alanpiresh2@yahoo.com.br

O objetivo deste trabalho é compartilhar os dilemas teóricos e metodológicos da pesquisa em andamento sobre as escritas urbanas (graffiti e pichação) em Belo Horizonte a partir de 1970 até 2013. O ponto de partida do estudo é a negação da ideia de que as escritas urbanas se limitam a meras garatujas, cores e formas estampadas nos muros da cidade, expressando o ímpeto rebelde da juventude. Entendemos as escritas urbanas como forma de apropriação da cidade, na qual seus autores podem imprimir as representações de si mesmos e as suas representações sobre a cidade. As ações dos escritores atribuem novos sentidos à cidade, moldando-a e modificando-a frente ao planejamento urbano traçado por arquitetos, urbanistas e governos. Acreditamos que a cidade não é somente suporte das escritas urbanas, mas sim seu componente fundamental numa relação de conformação. Existem muitos estudos realizados em diversas áreas do conhecimento sobre tais escritas. Contudo, ainda há ausência de investigações que se dediquem a espessura temporal das escritas não-oficiais que têm a cidade como suporte. Ocorreram mudanças na estética das escritas urbanas? Podemos considerá-las fenômeno juvenil? O que um olhar histórico sobre as escritas urbanas pode nos revelar sobre a cidade? É frente a essas questões e entendimentos acerca das escritas urbanas que o texto indagará quais referenciais teóricos e metodológicos mais podem ser mais adequados ao tema. Iconologia/icnografia? Buscar contribuições dos estudos da cultura material? Qual o limite do conceito de representação para se refletir sobre as escritas urbanas nos termos propostos?

### **A arte que conta a vida: diálogos entre o cotidiano de uma população rural e as pinturas do artista *naïf* José Raimundo**

Industrialização Brasileira; Arte Naïf; História Oral.

Juliano de Melo Gregório  
UNIVAS  
julianomelogregorio@gmail.com

Viviane Tamiris Pereira  
UFSJ  
vivianetpereira@yahoo.com.br

A década de 1960 no Brasil é marcada por uma grande mobilização governamental para industrialização do país, que em especial contemplou a região sudeste. Por outro lado, esta política industrial provocou inúmeras mudanças no cenário social brasileiro em geral, podendo-se elencar entre elas o grande deslocamento demográfico rumo aos centros industriais. Diante disso, é possível afirmar que diversos grupos da população nacional tiveram suas práticas socioculturais transformadas, mas nem sempre estes são vistos como agentes históricos e sua memória por vezes deixou de ser contemplada pela historiografia. Desse modo, o presente estudo objetiva analisar obras artísticas produzidas pelo pintor *naïf* sul mineiro José Raimundo que se referem ao cotidiano dos trabalhadores camponeses de sua região. No sentido de compreendê-las frente aos problemas socioculturais de suas próprias composições, no caso o êxodo rural e, em um segundo momento, a industrialização da cidade Pouso Alegre – MG. Para isso, as imagens abordadas nesse trabalho são analisadas basicamente sobre dois vieses metodológicos: o biográfico-intencional, em que é considerado o ambiente onde o artista viveu e sua condição de produção, e o iconológico, que leva em conta a definição da ideia de mundo transmitida pela expressão artística. Além disso, serão utilizados, para o desenvolvimento teórico-metodológico do estudo, depoimentos orais de trajetória de vida. Feito isso, é possível compreender os novos significados de práticas culturais regionais, bem como as táticas de preservação da memória social desses grupos.

**Corpos em movimento: percursos históricos em lugares narrados na escritura artística de João Guimarães Rosa.**

Narrativa; linguagem; sertões; artes; movimento.

Danilo Almeida Patrício  
UFMG / FAPEMIG  
danilopatrício1@gmail.com

História contada mirando-se em um velho fazendeiro, debilitado, que ganha corpo no percurso de um vaqueiro caminhante entre mundos, movimentando-se entre espaços históricos formados em isolamento e aproximações: sertões. Olhares e perguntas proferidas em uma comunidade de vaqueiros: antigos, erráticos. Contar e narrar, com uma escrita moderna esculpida em tradições (do moderno?), remexidas em temporalidades múltiplas, que se apartam, fragmentam-se, abrindo-se a leituras de vivências na perspectiva artística. O terreno reflexivo refere-se à *Cara-de-Bronze*, uma das sete narrativas que integram o livro *Corpo de Baile*, publicado em 1956 por João Guimarães Rosa. Narrativas autônomas para leitura, mas que integram pedaços que integram o livro, partes do Corpo que se movimenta no percurso dos personagens. À primeira vista estão dispostos apenas dois mundos bem distintos, o rural e o urbano, sendo o primeiro o cenário e o segundo o lugar de onde se conta. Aparentemente. No entanto, busca-se nessa proposta, partindo de ambos, historicamente contextualizados, observar como a elaboração do livro – forma, enredos, temáticas – aponta para novas configurações que não se definem explicitamente, descrevendo ações que se desdobram em muitas narrativas. O movimento de temporalidades em *Corpo de Baile* inscreve-se no percurso espacial de personagens em trânsito, como o da narração dificultosa de *Cara-de-Bronze*. No enredo, o personagem-título é um fazendeiro solitário, degradado corporalmente, resignado em seu quarto enigmático. A história vivencia mudanças em curso, que se relacionam com o fato do protagonista ter vendido a fazenda para novos proprietários que irão imprimir modelo administrativo automatizado, visando o criatório produtivista de muitos bois para o “abastecimento das cidades”.

**Coreografia de Cordel: a relação estabelecida entre o cotidiano popular do Vale do Jequitinhonha e a dinâmica das sociedades modernas**

Manifestações cultural; Sociedades modernas; Dança e Cordel

Leila Martins Ramos  
UFMG  
leilamartinsr@hotmail.com

O que interessa a esse trabalho é a relação que foi estabelecida entre a manutenção de culturas particulares e as noções de riscos e benefícios trazidos pela dinâmica da sociedade moderna com sua tendência a desagregação, homogeneização e nivelamento dos valores e símbolos de uma sociedade. É nessa perspectiva que podemos analisar as várias produções que procuram ressaltar aspectos relativos às culturas populares. Surge então o objeto desse artigo, através do qual se pretende avaliar a relação estabelecida entre manifestações culturais ligadas à cultura popular do Vale do Jequitinhonha e a dinâmica das sociedades modernas. Trata-se do espetáculo de dança *Coreografia de Cordel da Companhia de Dança de Minas Gerais*. A análise sobre qualquer aspecto cultural das sociedades modernas, onde tudo se movimenta em direção internacionalizada e em altíssima velocidade, não pode deixar de considerar o advento da globalização. Portanto, entender as formas de relacionamento entre determinada expressão cultural e o mundo globalizado torna-se uma necessidade dos estudos realizados atualmente sobre a cultura e tem a finalidade de contribuir para que as formas de expressões culturais dos povos possam coexistir com a sociedade moderna. Trata-se do momento em que elementos particulares se desterritorializam e passam a viver no imaginário do coletivo mundial. Para essa mesma sociedade moderna observa-se um quadro onde as formas de expressão cultural encontram sua maneira de sobreviver. O efeito da desterritorialização leva a movimentações culturais que se assemelham à defesa de particularismos. No entanto, essa defesa não pode permitir seu entricheiramento, inviabilizando a comunicação e absorção de outros elementos culturais.

## MESA 2: LITERATURA E SOCIEDADE: PARA ALÉM DA DICOTOMIA ENTRE TEXTO E CONTEXTO

### **Afro-americanos na literatura contemporânea: a perspectiva de Toni Morrison em *Amada***

História; literatura feminina; representações; afro-americanos; escravidão.

André Luiz Santos da Silva  
Universidade Severino Sombra  
andrelsilva001@hotmail.com

O presente trabalho se propõe a realizar uma aproximação entre História e Literatura ao analisar a relação entre o texto literário, entendido como um discurso inserido em um processo comunicativo social mais abrangente, e o seu contexto de produção. Para isso, tomaremos como objeto de pesquisa o romance *Amada* (1987), da premiada escritora afro-americana Toni Morrison, com o objetivo de encontrar marcas do contexto intelectual e cultural no qual foi produzido. Partindo das perspectivas da História Cultural, analisaremos, primeiramente, como os aspectos internos da obra (a linguagem, a estrutura da narrativa, a construção das personagens) dão suporte às representações que a autora constrói sobre afrodescendentes e suas experiências de vida nos Estados Unidos. Posteriormente, tentaremos relacionar a gênese de tais representações aos movimentos culturais, intelectuais, políticos e sociais correntes entre as décadas de 1960 e 1980. Pretendemos, ainda, compreender até que ponto tais representações colaboram para a construção da noção de negritude na comunidade afro-americana e para a afirmação da identidade desta comunidade. Esperamos conseguir demonstrar que o texto literário em questão, por ser uma porta de acesso privilegiado às representações, às sensibilidades e às experiências subjetivas do homem no tempo, guarda aspectos da história afro-americana que fogem a uma análise puramente baseada em documentos oficiais e institucionais ou apenas na estrutura linguística e estética da obra.

**A literatura como expressão estético-social: alguns apontamentos a partir da análise das narrativas queirosianas**

Literatura; Sociedade; Eça de Queirós.

Virgílio Coelho de Oliveira Júnior  
UFMG / CAPES

virgiliocoelho@yahoo.com.br / virgiliocoelhobh@gmail.com

Pelo menos desde a década de 1960, os diálogos entre História e Literatura têm passado por significativas transformações. Os historiadores “redescobriram” o potencial da literatura como fonte, objeto de pesquisa, e, além disso, passaram a discutir, de forma mais sistemática, as relações entre essas duas narrativas sobre a realidade social. Entretanto, frente a esse crescente diálogo, algumas questões ainda, ou cada vez mais se colocam: como pensar a literatura do ponto de vista histórico e/ou historiográfico, sem, contudo, desconsiderar sua relativa autonomia estética? Uma obra literária pode ser analisada sem se levar em conta os processos culturais, políticos e sociais que marcam o seu contexto de criação? Esta proposta de comunicação não pretende apresentar algum tipo de resposta para as questões levantadas, mas propõe problematizá-las. Por meio da produção literária de Eça de Queirós (1845-1900), pretende-se discutir o potencial de análise dos processos editoriais, dos projetos intelectuais, das representações político-simbólicas e das configurações narrativas de uma obra literária. A forma “artística” pode ser considerada “conteúdo social sedimentando” (Adorno, 1968). Em outras palavras: forma e conteúdo, ou texto e contexto, não são pensados como pares isolados, unilateralmente determinantes ou determinados. O esforço é tomar a obra literária como expressão, ao mesmo tempo, estética e social. Com efeito, pretende-se analisar as diferentes “camadas” sociais, estilísticas, estéticas e culturais que compõem a narrativa queirosiana, destacando como essas esferas do fenômeno literário, pensadas dialeticamente, podem revelar importantes características das representações políticas que o romancista construiu sobre Portugal no século XIX.

**O teatro como ferramenta de crítica social: uma análise de ‘A Vida de Galileu’, de Bertolt Brecht**

Teatro; Intelectual; Sociedade.

Renato Florêncio Pavanelli Ortega  
UFU / CAPES

ortegall@hotmail.com

O presente trabalho procurou pensar a disposição do teatro para proporcionar e enviar uma mensagem crítica a um certo público. Analisando o texto dramático *A Vida de Galileu*, de Bertolt Brecht, que trata de uma parcial biografia do físico e filósofo Galileu Galilei, percebermos a profunda crítica ao pensamento conservador e ao mesmo tempo a ideia de conhecimento capitalizado. Utilizando de alegorias, o dramaturgo fala de um pensador situado no século XVI e XVII para repensar o seu próprio tempo. Diante disso, o trabalho tentou perceber alguns pontos importantes, como por exemplo, o papel do intelectual e os artifícios técnicos do teatro em passar uma mensagem. A metodologia foi, em primeiro lugar, entender os dois contextos históricos, pois, o dramaturgo ambienta a peça em um local e um espaço mas com total intenção de falar do seu próprio raio da ação; em seguida, foi necessário perceber os códigos que o teatro como técnica trazem para o diálogo como público, como por exemplo a ideia de distanciamento; por fim, analisar o texto dramático e selecionar suas principais observações críticas sobre a sociedade.

**O pensamento católico e a literatura no século XIX: uma análise através do romance ‘A carne’**

Romances; catolicismo; ultramontanismo.

Marcella de Sá Brandão

O romance *A Carne*, de Julio Ribeiro, publicado no ano de 1888, causou à sua época o descontentamento do padre Senna Freitas. O embate entre o autor do livro e o referido padre pode ser verificado a partir dos artigos escritos no jornal *Diário Mercantil*. Nesse sentido, o marco teórico estabelecido por Roger Chartier sobre representação, apropriação e práticas é caro a esse trabalho por nos permitir entender as experiências dos indivíduos e a maneira de pensar desses personagens em uma dada temporalidade. A partir desse prisma teórico-metodológico, o presente trabalho pretende analisar o discurso religioso através dos artigos do padre Senna Freitas, a crítica da Igreja Católica aos romances do oitocentos, bem como analisar composição desse gênero literário.

### **MESA 3: ARTES, PROJETOS NACIONAIS E CULTURA INTELECTUAL**

#### **Publicando o 'moderno teatro brasileiro': entre o palco, a página e a história**

Teatro brasileiro moderno; edições de 'Vestido de noiva'; Nelson Rodrigues.

Henrique Brener Vertchenko  
UFMG / FAPEMIG  
henriquevertchenko@yahoo.com.br

Este trabalho tem o objetivo de demonstrar possíveis relações que se estabelecem entre um espetáculo teatral, a publicação de seu texto, a publicação de críticas e a construção de sua memória. Para tanto, será abordado um caso paradigmático: o espetáculo teatral *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, que estreou no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 28 de dezembro de 1943, e entrou para a história como um marco no nascimento do moderno teatro brasileiro. Diversas práticas atuaram para a conformação dessa memória e para a construção de um sentido para a formação do teatro no Brasil. Entre elas, pode-se considerar como detentora de papel fundamental a crítica veiculada em periódicos, produzida por intelectuais diversos e por uma nova categoria em consolidação, a dos críticos especializados. Somando-se a isso, as sucessivas publicações da peça de Nelson Rodrigues, até os dias de hoje, também tiveram papel fundamental nessa construção. A análise dessas publicações, desde a primeira edição de *Vestido de Noiva* em 1944, tomando como primordiais os paratextos, com suas dedicatórias, prefácios e posfácios escritos por vozes autorizadas que direcionam a interpretação, pode indicar como diversos vetores atuam para a escrita da história de um espetáculo, evidenciando as relações entre o palco, as páginas e a história.

#### **A música como construção do nacionalismo: de Richard Wagner ao II Reich**

Nacionalismo; Alemanha; Música; Richard Wagner.

Tayna da Silva Rios  
PUC-SP  
taynasrios@gmail.com

O presente artigo pretende abordar o processo de unificação da Alemanha até 1871, ano de consolidação da unificação com a coroação de Guilherme I como imperador, formando o II Reich. Neste ínterim, entender a formação de um nacionalismo alemão tornou-se indispensável, assim como elencar os fatores sociais, econômicos e políticos que juntos contribuíram para que a unificação se concretizasse. Para tanto, pautada na ideia de que existem vários vestígios possíveis de análise para se entender a história do homem, a música servirá como norteadora na busca de elementos que demonstraram o anseio de uma unidade nacional dentro

da Confederação Germânica. Será abordada também qual a importância e/ou influência da música na construção da ideia de nação e nacionalismo. Neste contexto, o músico Richard Wagner é o expoente máximo da utilização da música como expressão de discussão da nacionalidade e do anseio pela construção de uma nação dita verdadeiramente alemã. Richard Wagner é um dos grandes músicos do romantismo alemão, identificado em seu período como um revolucionário político que procurou demonstrar em sua obra que a futura Alemanha seria sinônimo de vitórias e orgulho nacional.

**Música, musicologia e história: diálogos sobre a música brasileira na correspondência de Francisco Curt Lange (1930-1945)**

Música; história; nacionalismo; americanismo.

Loque Arcanjo Júnior  
UEMG / FAPEMIG  
loque.arcanjo@uemg.br

Alexandra Nascimento  
UNA / FAPEMIG  
alexandranascimento@uol.com.br

David Alves Souza  
UEMG / FAPEMIG  
dvdsousa@hotmail.com

Estudo interdisciplinar que envolve as relações entre História, Música e Ciências Sociais que consiste na análise da construção de redes de sociabilidades desenhadas pelo musicólogo alemão radicado no Uruguai Francisco Curt Lange, idealizador do movimento musicológico intitulado *Americanismo Musical*, com a música e a musicologia nacionalista de Mário de Andrade, e que envolvia também nomes como Koellreuter e Villa-Lobos. O estudo da troca de cartas entre estes interlocutores dos anos 1930 a 1945 é significativo para a história da música e para a musicologia brasileiras. Na perspectiva das Ciências Sociais e da História, estes diferentes projetos constantemente se apresentam num campo de manifestação de discursos e constituem uma rede de sociabilidades a ser analisada na especificidade desses diálogos e em relação ao social. O mapeamento desta tipologia de fonte consiste na identificação do volume de cartas endereçadas a cada um dos correspondentes e sua distribuição temporal, sua periodicidade e a regularidade das trocas, cujos resultados permitirão visualizar a rede em pleno funcionamento, rede esta que envolve diferentes projetos musicais e musicológicos tanto no âmbito nacional quanto internacional. A análise desta correspondência permite o diálogo da produção musical dos anos 1920 aos anos 1940 com a escrita de uma discursividade sobre a história da música no Brasil presente na prática missivista destes músicos e musicólogos.

**MESA 4: CULTURA VISUAL E REPRESENTAÇÕES: DIÁLOGOS POSSÍVEIS**

**Tempo e arte, um possível diálogo: entre anacronismo e representação**

Teoria da História; história da historiografia; filosofia da história.

Carlos Vinicius da Silva Taveira  
PUC-Rio / CAPES  
carlosvtaveira@gmail.com

O objetivo dessa apresentação é realizar uma análise da implicação do uso do anacronismo e de sua representação na disciplina da história da arte tendo como principais interlocutores, de um lado, algumas

ideias apresentadas pelo historiador da arte francês Didi Huberman e, de outro, a linguagem presente nas obras da artista plástica contemporânea Adriana Varejão. Primeiramente à problemática do anacronismo sempre foi considerada como um dos grandes debates da historiografia do século XX. Visto como um pecado para grandes nomes da disciplina histórica como Lucien Febvre, o anacronismo se tornou um dos grandes desafios da historiografia a serem enfrentados. Ao lado disso, a historiografia da arte durante grande parte do século XIX e XX esteve refém de enquadramentos temporais que atuaram como verdadeiros limitadores da reflexão sobre as capacidades de representação da arte. Em Didi Huberman, seguindo um caminho aberto por teóricos franceses como Maurice Blanchot e Gilles Deleuze, a imagem proposta pela arte é capaz de gerar uma reflexão capaz de atravessar temporalidades distintas, sendo este ponto caracterizado por uma noção de anacronismo peculiar defendida pelo autor capaz de gerar uma potência própria da imagem. Ao lado disso, é interessante pensar a representação do tempo nas obras de Adriana Varejão. Trabalhando com diversas técnicas, a artista é capaz de explorar o anacronismo como uma forma de representação em sua poética. Por fim, a relação entre representação e tempo para a história da arte se torna um debate essencial para novas reflexões, tanto da arte, quanto da própria historiografia.

### **O problema da modernidade na pintura de Eliseu Visconti**

Eliseu Visconti; pintura; modernidade.

Fabíola Cristina Alves

UNESP

biula\_alves@yahoo.com.br

Este estudo apresenta as questões que envolvem a modernidade na pintura de Eliseu D'Angelo Visconti (1866-1944). Primeiramente, propõe analisar a relação entre homem e natureza visível nas pinturas de paisagem deste artista, no intento de construir uma reflexão estética do mundo percebido no contexto brasileiro. Para abordar esta reflexão considera-se que para Merleau-Ponty a arte moderna surge da aproximação entre o homem (o pintor) e a natureza (o mundo percebido); e que Baudelaire entende a modernidade como um processo inventado. A estética do mundo percebido oferece às pinturas de paisagem de Eliseu Visconti uma análise sobre a modernidade centrada no sentido do sensível e da comunicabilidade entre homem e a natureza. Em seguida, o projeto almeja discutir a obra de Eliseu Visconti tendo em vista o contexto crítico e artístico brasileiro do final do século XIX e início do século XX. No texto *Visconti diante das modernas gerações* (1950), Mário Pedrosa argumenta que os primeiros artistas modernos brasileiros deveriam ter aprendido a comunicabilidade entre homem e natureza com as pinturas de Eliseu Visconti e não apenas importar ideias da Europa, pois no Brasil já possuíamos na obra deste artista aprendizados para nossa modernidade. Esse argumento, em suma, é uma hipótese que deverá ser averiguada pela pesquisa por meio da estética do mundo percebido, ampliando os significados que a obra de Eliseu Visconti agrega ao estudo do sensível no contexto nacional, considerando o momento de transitoriedade entre academicismo e modernismo.

### **Os índios de Vladimir Kozák: leituras e significados**

Kozák; arte; linguagem visual; retrato indígena; etnografia.

Rosalice Carriel Benetti

UFPR

iceb@brturbo.com.br

O objetivo do artigo é analisar uma série retratos indígenas brasileiros realizados pelo tcheco-brasileiro Vladimir Kozák nos anos 50, como resultado de diversas expedições pelo interior do país, buscando compreender as especificidades da produção e dos significados históricos destas representações. Uma análise

que possibilita a discussão desta fonte enquanto produção artística e/ou prática de uma etnologia brasileira em formação. Observando o lugar da imagem como evidência histórica e as complexidades da linguagem visual, é possível interpretar esta fonte como suporte imagético para descrever aspectos da cultura indígena e uma forma de narrativa do processo histórico que envolveu os grupos étnicos representados pelo autor.

## MESA 5: AS ARTES REPENSADAS: TRÂNSITOS, DIÁLOGOS E APROPRIAÇÕES

### Os cartazes publicitários de Toulouse-Lautrec durante a Belle Époque: a arte na rua Toulouse-Lautrec; Belle Époque; Art-Nouveau; Publicidade.

Marcela Mazzilli Fassy  
UFVJM  
marcelafassy@hotmail.com

O presente trabalho tem como objetivo realizar um estudo acerca dos cartazes publicitários produzidos pelo artista francês Toulouse-Lautrec a partir da última década do século XIX, no período conhecido como *Belle Époque*. Através deste trabalho, pretendemos refletir sobre o cenário artístico e cultural que caracteriza o período e inserir a produção dos affiches de Lautrec dentro deste contexto, marcado pelo advento da modernidade nos grandes centros urbanos, pelo desenvolvimento da imprensa de massa e pelo aumento da experiência de consumo, sobretudo pela burguesia em expansão, que vivia um clima de euforia e otimismo. A demanda por artigos relacionados ao prazer e ao supérfluo estimula a criação de cartazes publicitários, cuja (re) produção é então impulsionada pelo surgimento da indústria gráfica e da técnica litográfica após a Revolução Industrial. Paralelamente, tem-se um cenário artístico onde desponta o *Art Nouveau*, movimento que, a partir de influências diversas, tais como o *Arts and Crafts*, o simbolismo e os pré-rafaelitas, contribui para uma diluição das fronteiras entre as chamadas Belas Artes e as artes aplicadas, descortinando uma perspectiva segundo a qual a arte não mais estaria restrita aos salões e seus frequentadores, mas presente no cotidiano, através do mobiliário, objetos de decoração e peças gráficas e publicitárias, entre outros. A partir destas considerações, o presente trabalho procura traçar relações entre arte, publicidade e o espectador/consumidor, tendo como ponto de partida os cartazes litográficos produzidos por Lautrec com o objetivo de anunciar casas de espetáculo parisienses e outros artigos de consumo em voga durante a *Belle Époque*. É também objeto deste trabalho uma reflexão acerca das complexidades inerentes ao período e ao estilo estudado no que se refere aos contrastes entre inovação formal e conservadorismo presentes no *Art Nouveau*, limites da democratização da arte impulsionada pelo mesmo e conflitos entre visões otimistas e decadentistas durante a *Belle Époque*, procurando trabalhar a obra de Lautrec dentro desta perspectiva.

### Os tipos de Machado de Assis

Machado de Assis; biografia; tipografia.

Tatiana Sena  
UFMG / CNPq  
tatianasena@ufmg.br

Escrever (sobre) Machado de Assis, eis o objetivo desta investigação biográfica. Mas qual Machado? O Machado de Assis sobre quem pesquiso estava estranhamente muito longe daquilo que Afrânio Coutinho (1986, p. 151) destacaria como “o primeiro e o mais acabado modelo do homem de letras autêntico”, mas ironicamente muito perto da “república das letras”. Este trabalho focaliza o Machado de Assis aprendiz de tipógrafo. Tal empreendimento exige múltiplas perspectivas de aproximação e relação, tornando praticamente inextrincável os registros da escrita biográfica, da história das práticas culturais e das ideias políticas do

período abordado. Sugiro que o trabalho como compositor gráfico foi fundamental para o aprendizado literário de Machado de Assis; aprendizagem atenta aos signos, compreendidos como uma materialidade com o qual o corpo do aprendiz se relaciona. Os tipos gráficos, cuja mobilidade inscreve e fixa imagens, funcionarão como operadores metafóricos desse percurso de vida. Utilizando-se, posteriormente, da percepção literária adquirida no trabalho, Machado de Assis aprendeu a manejar sua escrita de forma a fazer com que a repetição fosse diferencial, numa movência cujos contínuos deslizamentos enfatizam a ambiguidade da narrativa.

**‘Esta cor... esta maldita cor...’: Artur Azevedo e o tipo nacional em finais do Oitocentos**

Rio de Janeiro Oitocentista; Artur Azevedo; mestiçagem.

Julia Soares Leite Lanzarini de Carvalho  
PUC-Rio / CNPq  
julialanzarini@ig.com.br

No Brasil, durante muito tempo, reproduziu-se uma visão bastante negativa em relação aos intelectuais do século XIX. Estudiosos de diferentes áreas buscavam caracterizá-los como simples imitadores do Velho Continente, que desprezavam completamente uma cultura brasileira, por considerá-la inferior. Tendo isso como pressuposto, a crítica literária desvalorizava toda a produção e encenação dramática brasileira anterior à primeira montagem de *Vestido de Noiva*, de 1943. Nos últimos anos, novos estudos têm procurado romper com essa tradição e evidenciado como a intelectualidade do XIX, interessada em forjar uma identidade brasileira, não apenas discutia a questão da cultura popular de matriz africana como muitas vezes buscava valorizá-la, com o intuito de marcar a originalidade do povo brasileiro. Este trabalho procurará contribuir com essas novas perspectivas. Para isso, serão analisadas as representações dos personagens “de cor” nas obras dramáticas de Artur Azevedo, escritas entre 1872 e 1908. A ideia central é que esta análise poderá revelar alguns princípios, reflexões e posicionamentos desse autor que, apesar de possuir a Europa como referência, desprezava o mimetismo estrangeiro e expressava, como os folcloristas estudados por Martha Abreu, uma “versão otimista das originalidades culturais nacionais (...) e até mesmo dos próprios descendentes de africanos e escravos”

**Sob a égide da linguagem: o moderno Fausto de Haroldo de Campos**

Fausto; Johann Wolfgang von Goethe; Haroldo de Campos; carnavalização; modernidade.

Daniel Gonçalves da Silva  
PUC-Rio / CNPq  
silva.danielgoncalves@gmail.com

O presente trabalho visa a um primeiro contato com a obra *Deus e o Diabo no Fausto* de Goethe, do aclamado crítico, poeta e tradutor brasileiro Haroldo de Campos. Para além do fato de ser um dos representantes mais proeminentes de determinada vertente da crítica literária brasileira – que se tornou preponderante na segunda metade do século XX, distinguindo-se por análises de fundamentação teórica –, o interesse por este livro de Campos se justifica devido à centralidade atribuída pelo autor aos signos linguísticos, ensejo orientador deste estudo. Em sua interpretação do poema *Fausto*, obra máxima do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), Campos analisa o caráter profundamente paródico do texto goethiano. Entretanto, ao contrário de uma compreensão de paródia como imitação burlesca, à maneira dos formalistas russos, o autor sugere considerá-la a partir de sua acepção etimológica, i.e., paródia enquanto “canto paralelo”. Sendo assim, apreendendo por essa noção de paródia uma aproximação em relação ao conceito de dialogismo, ideia cara à teoria literária de Mikhail Bakhtin, Campos propõe, então, uma análise de *Fausto* tendo como chave interpretativa o fenômeno da carnavalização, estudado por aquele autor em seu livro sobre Dostoiévski.

Partindo desta proposição, primeiramente pretende-se uma reflexão sobre as noções de abertura e incompletude, subjacentes à visão de mundo carnavalizada, para, em seguida, analisar o percurso traçado por Campos em sua evidenciação da maneira como elementos carnavalizados se assinalam nesta obra de Goethe. Por fim, interessará discutir em que medida o conceito de carnavalização permite inferir uma ideia de modernidade no Fausto interpretado por Haroldo de Campos.

## **ST 03: Cultura Intelectual Moderna Brasileira**

### **MESA 1**

#### **A trajetória do conceito de nacionalismo nas ciências sociais brasileira (1955-1964)**

ISEB; Nacionalismo; Populismo.

Felipe Alves de Oliveira  
UFOP  
felipe\_ufop08@hotmail.com

Neste trabalho, propomo-nos a discutir o modo como certos agentes históricos utilizaram-se do conceito de nacionalismo entre as décadas de 1950 e 1960 no Brasil. Parte-se do pressuposto de que o referido conceito (im) possibilitou aos intelectuais, principalmente aqueles vinculados ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), formular um projeto de modernidade para o país. O objetivo nesta comunicação é discorrer sobre a operacionalidade do conceito entre os anos 50 e 60, ressaltando polêmicas e debates, como aquela ocorrida em 1958 com a publicação da obra *O nacionalismo na atualidade brasileira*, de Hélio Jaguaribe. Além disso, pretende-se demonstrar como a partir do golpe de 1964 o termo nacionalismo perdeu espaço nas ciências sociais, dando lugar a uma nova interpretação acerca da experiência histórica brasileira.

#### **A crítica de arte em Belo Horizonte nos anos de 1960 e 1970: alguns apontamentos**

Crítica de Arte; Belo Horizonte; História dos Intelectuais; História da Arte.

Valdeci da Silva Cunha  
valdeci.cunha@gmail.com

A proposta de comunicação busca apresentar alguns apontamentos preliminares sobre as formas de escrita da crítica de arte e suas conexões com a História da Arte no Brasil e o narrar de seu tempo histórico. Serão selecionados alguns de seus representantes que tiveram atuação na mídia impressa como Frederico Moraes, Márcio Sampaio, Mari'Stela Tristão, Olívio Tavares de Araújo, Celma Alvim, dentre outros, com o intuito de verificarmos quais os significados dessa atividade em suas práticas discursivas e em seus posicionamentos políticos. A análise parte, basicamente, de duas constatações: 1) as décadas de 1960 e 70 foram um período de fértil produção crítica no campo das artes plásticas, que acompanhou, e ao mesmo tempo contribuiu (para), a produção das chamadas neovanguardas artísticas, situadas, em grande medida, nos movimentos Concretista e Neoconcretista, localizados no eixo Rio/São Paulo; e 2) a crítica situa-se em um lugar de indefinição, ora entendida como colunismo social, gênero literário ou crônica de arte, ora como militância política ou ensaio filosófico. Interessa a este estudo, a partir de uma visão panorâmica e provisória, discutir e apontar possibilidades para se pensar tanto a escrita da história quanto a iluminação de novas aporias a partir da

produção crítica como fonte. Assim, e não menos importante, repensar as relações construídas e estruturadas entre as narrativas de sua prática e os objetos de onde emanam, as artes plásticas.

### **‘Direito, ciência do social’: o lugar dos juristas nos debates intelectuais**

Mariana de Moraes Silveira  
USP  
marianamsilveira@gmail.com

Nas décadas de 1930 e 1940, os juristas brasileiros expressaram, com frequência, preocupações em fazer do direito uma “ciência do social”. Para tanto, propunham que seu campo de estudos tivesse não mais um caráter “bacharelesco”, humanista e erudito, mas que fosse fundado em bases “racionais”, “técnicas”. Chegou-se, por vezes, a pensar o direito como um “saber experimental”. Essas reivindicações foram, certamente, impulsionadas por disputas em torno da “jurisdição” sobre áreas do conhecimento. Naquele momento, os cursos de direito, tradicionais “celeiros” da intelectualidade brasileira, ganhavam a concorrência das novas formações universitárias que começavam a emergir, sobretudo daquelas voltadas para os diversos domínios das humanidades. Esse movimento de ideias se ligou, porém, a um questionamento mais amplo sobre os rumos da disciplina jurídica e sobre suas relações com a política, expresso, sobretudo, no que então se chamou de “concepção social do direito”. No cerne do argumento dos partidários dessa forma de enxergar o universo jurídico, estavam dois argumentos complementares. De um lado, seria necessário superar visões individualistas, formalistas e liberais do direito. De outro, seria urgente “conhecer a realidade nacional” para elaborar “leis adequadas” a ela. Tendo em vista essas questões, pretendemos explorar os termos em que se procurou aproximar o direito dos estudos sociológicos, bem como os sentidos políticos que foram atribuídos a tal movimento, tendo como objetivo maior refletir sobre o papel dos juristas em meio aos debates intelectuais do Brasil dos anos 1930 e 1940. Mobilizaremos como fontes as revistas *Forense* e dos *Tribunais*, dois dos principais periódicos especializados da área e que tiveram posições bastante distintas em meio a esses debates.

## **MESA 2**

### **A Expansão Colonialista, as Sociedades Missionárias e a evangelização protestante em Manaus no século XIX**

Missões Protestantes; Evangelização; Biografia; Marcus E. Carver.

Sandro Amorim de Carvalho  
UFAM / CAPES  
sandroamorim75@yahoo.com.br

Busca-se apresentar um breve relato da implantação e da evolução do protestantismo na cidade de Manaus (AM) entre os anos de 1888 e 1906. Trata-se de resultado parcial de pesquisa sobre a atividade missionária do Rev. Marcus Ellsworth Carver e sua contribuição para a formação de um imaginário e de representações do protestantismo nessa cidade. Enquanto no restante do país a evangelização protestante ocorrera desde as primeiras décadas do século XIX, com missões de imigração seguidas das missões implementadas pelas Sociedades Missionárias criadas a partir de meados do século XIX, à região norte as primeiras missões protestantes ocorrerão na década de 1860, com o Rev. Richard Holden, que distribuía Bíblias na tentativa de implantar o anglicanismo na cidade de Belém do Pará. Era o ano de 1888 e Manaus experimentava forte crescimento econômico realizado pela exploração gomífera. Enviado ao Brasil pela Sociedade Missionária da Igreja Metodista Episcopal a fim de auxiliar o trabalho de evangelização que havia em Belém (PA) liderado pelo Rev. Justus Nelson, o Rev. Carver chegou à cidade de Belém onde ficou tempo suficiente para aprimorar a

língua portuguesa. De Belém partiu, acompanhado pelo Rev. Nelson, destinando-se à Manaus onde estabeleceu sua atividade missionária. O Rev. Carver foi primeiro missionário protestante a estabelecer na cidade de Manaus atividades de pregação, leitura e ensino público da Bíblia que resultaram na fundação da Missão Bethesda e da primeira igreja protestante em Manaus a *Egreja Evangélica Amazonense*, cujas atividades duraram até ao ano de 1940. Divulgava os trabalhos de sua igreja através do jornal intitulado *A Paz*, editado e produzido pelo próprio missionário. No ano de 1906, Carver retorna para os Estados Unidos deixando a Igreja sob a direção de Juvêncio Paulo de Mello, que o auxiliava desde sua implantação.

### **Catequese, indígenas e civilização nos escritos e projetos dos intelectuais monarquistas de São Paulo (1889-1904)**

Indígenas; Monarquistas; Catequese.

Flávio Raimundo Giarola  
UFMG / CNPq  
flaviogiarola@yahoo.com.br

Dois discursos permearam as representações dos indígenas no Brasil do século XIX: um que exaltava os valores positivos destes povos para a composição da sociedade nacional e outro que, ao contrário, expunha os malefícios que essa “raça inferior” deixara de herança para o país. Apesar de o primeiro ter se destacado em meados do século XIX e o segundo ter caracterizado a chamada “geração 1870”, não podemos pensar essas interpretações numa lógica puramente linear, na qual o surgimento de uma necessariamente teria que eliminar a outra. Um exemplo disso foi a insistência de alguns monarquistas, principalmente daqueles nucleados em São Paulo, em manter o imaginário sobre os índios construído pelos românticos do Império. Nesse sentido, nosso trabalho analisa o espaço ocupado pelo indígena no pensamento dos intelectuais monarquistas de São Paulo, entre os anos de 1889 e 1904. Havia um grande interesse, por parte destes letrados, em restaurar o pensamento indigenista que marcou o período áureo da monarquia brasileira. Isto por que, por um lado, resgatava-se um dos elementos simbólicos do Império e, por outro, encontrava-se um lugar para a Igreja Católica no novo contexto político, que deveria ser viabilizado pela catequese. Para esse fim, fundaram a Sociedade de Etnografia e Civilização dos Índios, entidade que funcionou como espaço de sociabilidade para vários restauradores. Em linhas gerais, nosso trabalho busca não apenas apresentar as ideias monarquistas sobre os indígenas, mas também entender seus argumentos e as motivações que levaram à ostentação de uma representação marcada pela exaltação do gentio. Do mesmo modo, procura perceber os meandros que interligavam os discursos religiosos destes monarquistas com relação aos índios com os argumentos cientificistas característicos do período.

### **Os indígenas brasileiros no debate intelectual do século XX**

Indígenas; Historiografia; intelectuais.

Zeneide Rios de Jesus  
UEFS  
zeneiderios@hotmail.com

O objetivo deste trabalho é demonstrar alguns aspectos que caracterizaram o pensamento sobre os indígenas no Brasil do século XX, período em que a prática historiográfica brasileira passou por significativas mudanças teórico-metodológicas, incluindo também uma diversificação de abordagens, nas quais os aspectos econômicos, sociais e culturais passaram a ser considerados e não somente uma história política-administrativa, bélica ou genealógica. Buscamos, portanto, perceber qual o tratamento dado às questões indígenas identificando qual o espaço que estas teriam ocupado nesse ambiente de transformações

historiográficas. Neste sentido, destacamos que este é também um exercício para perceber os fios que ligam presente e passado. Por isso, as concepções sobre os indígenas, bem como o lugar que esses povos, ainda hoje, ocupam em nossa historiografia e no ensino de história, tem origem no debate intelectual que, em diferentes épocas, buscou explicar a presença indígena no Brasil e, especialmente, definir o lugar que esses povos deveriam ocupar na história nacional. Resaltamos também que as visões que ainda hoje predominam no que costumamos denominar de memória coletiva podem ser identificadas em questões formuladas pelos intelectuais do século XX, sobretudo das suas primeiras décadas.

### MESA 3

#### **O integralismo à luz da 'modernidade brasileira'**

Integralismo; modernidade; projeto de modernidade.

Marcelo Alves de Paula Lima  
UFMG  
marceloapl@yahoo.com.br

Diante de vários trabalhos versando sobre as relações entre fascismo e modernidade, este trabalho visa estabelecer diálogos entre o integralismo brasileiro e a modernidade, sempre levando em conta as peculiaridades que a modernidade assumiu no Brasil. Trabalhos recentes como os de Sérgio Tavolaro (2005) tendem a abordar a modernidade não como um fenômeno europeu ocidental mais ou menos reproduzido no resto do mundo, mas como resultado de uma série de conflitos entre projetos divergentes em cada país. Nesse sentido, tentaremos entender, por meio da leitura de diferentes autores integralistas, quais eram os projetos de modernidade que o integralismo defendia e como eles dialogavam com o projeto de modernidade vencedor na “Revolução” de 1930. Analisaremos ainda como os aspectos modernos do integralismo dialogavam com os elementos antimodernos desse discurso, além de identificar, dentro do próprio integralismo, até que ponto havia projetos de modernidade diferentes.

#### **Cultura intelectual e ‘força governativa’ na obra de Alberto Torres - contribuições para a História dos Intelectuais no Brasil**

Intelectuais; Estado; Ciência; Brasil; Alberto Torres

Raul Lanari  
UFMG - UNI-BH  
ralanari@gmail.com

Analisaremos a obra do político e intelectual fluminense Alberto Torres (1865-1917), com atenção às interpretações do autor sobre o papel dos intelectuais na Primeira República, seus diagnósticos sobre o intelectualismo e as sugestões sobre a postura destes agentes sociais na organização da sociedade brasileira. A análise das obras *O problema Nacional Brasileiro* e *A Organização Nacional*, ambas de 1914, sugere importantes questões para se pensar a existência de uma “cultura intelectual brasileira” nas primeiras décadas do século XX. Alberto Torres, em sua crítica ao que considerava um intelectualismo cosmopolita e bacharelesco, defendia a participação dos intelectuais nas esferas do governo a partir da ideia de “força governativa” baseada na racionalidade e no “senso nacional”. A “República das Letras” e os “homens de ciência” deveriam buscar o contato com a realidade que se apresentava na relação entre o meio e o homem e, o mais importante, aplicar os resultados desse contato na prática governamental. A tensão entre intelectualismo e “força governativa”, presente principalmente em “A Organização Nacional”, aponta para especificidades da formação da “cultura intelectual brasileira” no início do século XX. Esta não seria composta apenas pelo “pensamento social”, mas

por diversas moralidades de discurso voltadas para a ação. O “intelectual” se via fazendo ciência, enquanto o “cientista” se propunha um “cientista social”. Nossa contribuição ao debate sobre a formação da “cultura intelectual brasileira” terá como ponto de partida a ideia de “força governativa”, de Alberto Torres, para pensar a validade das fronteiras entre intelectuais e cientistas na constituição dos diversos grupos pertencentes ao campo intelectual brasileiro nas décadas de 1920, 30 e 40.

#### **Um tradicional entre modernistas: Salomão de Vasconcellos e sua participação no SPHAN (1938-1945)**

Salomão de Vasconcellos; SPHAN; patrimônio.

Pollianna Gerçossimo Vieira  
UFOP / REUNI  
polligercossimo@hotmail.com

Salomão de Vasconcellos (1877-1965) nasceu em meio à uma família abastada e de grande participação na vida política mineira e do Brasil; é considerado um insigne historiador de Minas Gerais, autor de obras de grande importância no cenário da produção historiográfica mineira, que influenciou toda uma gama de historiadores mineiros durante a primeira metade do século XX. Participou do IHGGM (Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais), lugar onde exerceu papel fundamental no processo de tombamento da cidade de Mariana como Monumento Nacional, em 1945. Atuou também no SPHAN, hoje IPHAN, como representante do 3º distrito em Minas Gerais no período de 1938 a 1945, cargo que passou ao seu filho Sylvio de Vasconcellos. Neste órgão participou do tombamento da maioria dos monumentos da cidade de Mariana. Além disto, ficou conhecido por sua experiência em arquivos, fato advindo de sua atuação na organização dos arquivos da Câmara Municipal de Mariana e no Arquivo Público Mineiro. Esta comunicação tem por objetivo esboçar a relação do intelectual, Salomão de Vasconcellos, com o SPHAN por meio de seis obras historiográficas (*Verdades Históricas – A Sedição De 1720 Em Vila Rica E A Viagem De D. Pedro I; O Palácio De Assumar – Estudo Crítico-Histórico; Ataíde – Celebre Pintor Mineiro Do Século XVIII; Mariana E Seus Templos – Obras D’arte Do Tempo Colonial; Breviário histórico e prático de mariana (guia para turista); e Os Sinos...(na simbologia e na história)*) escritas por ele, apontando para certas incompatibilidades de ideias sobre o que seria parte do patrimônio, visto que tal intelectual vinha de uma família de políticos mineiros tradicionais, mas ao mesmo tempo vivia as mudanças do modernismo.

#### **MESA 4**

#### **Olhar o outro, registrar a diferença: o testemunho e o flerte etnográfico de Euclides da Cunha nas anotações de Canudos**

Euclides da Cunha; Sertões; testemunho; experiência etnográfica.

Nathália Sanglard de Almeida Nogueira  
UFF / CAPES  
nathaliasanglard@gmail.com

O presente trabalho objetiva estudar, a partir da caderneta de campo e das correspondências de Euclides da Cunha para *O Estado de S. Paulo*, redigidas durante sua viagem à Bahia para a cobertura do conflito de Canudos, o modo como o autor inscreveu sua presença nos sertões e buscou certificar a legitimidade das informações captadas por seu olhar. Os apontamentos despejados em seus canhenhos, convertidos em cartas para o jornal paulista e, depois, em fragmentos d’*Os sertões*, desvelam a construção de um observador que mobilizava estratégias para delinear-se como um mestre da verdade. Considerando a proeminência da perseguição à verdade como um dos fios que amarra as anotações de Euclides, será, inicialmente, discutida a referência a Tucídides como um mentor do fazer histórico euclidiano. Neste sentido, a visão fundava-se como

o recurso imprescindível para o conhecimento histórico, o que implicava, além do contato direto, a confirmação do que os outros diziam ter visto. Além de seu fidedigno testemunho ocular, Euclides arrogava para si o mérito de reunir depoimentos “insuspeitos”, os quais asseguravam a certeza do exposto. Os registros adquiridos em campo comportavam, pois, uma hierarquia, uma vez que o autor lhes depositava confiança, em razão de sua qualidade e de quem os proferia. Deste modo, a retórica euclidiana forjava não apenas um sujeito que havia visto e ouvido, mas que sabia ver melhor e, ainda, selecionava as vozes mais críveis. Assim, o “ter estado lá” se convertia no próprio argumento de autoridade e as pontas do olhar e do experienciar se atavam. É aqui que os rudimentos de um exercício etnográfico despontavam como caminho possível para Euclides compilar informações sobre as populações distantes, como os “outros” sertanejos.

### **As Raízes de uma nação moderna: nacionalismo, modernismo e historicismo na obra de Sérgio Buarque de Holanda**

Nacionalismo; Identidade; Modernismo; Sérgio Buarque de Holanda; Intelectuais.

André Augusto Abreu Villela  
UNI-BH  
andrevillela2000@hotmail.com

Este trabalho tem como pretensão analisar as várias identidades do intelectual Sérgio Buarque de Holanda, mostrando primeiramente sua participação na Semana de Arte Moderna de São Paulo, em 1922, pois mesmo morando no Rio de Janeiro, Sérgio se torna um dos grandes defensores do Modernismo Paulista, inclusive representando as *Revistas Klaxon* e *Estética* no Rio de Janeiro. Assim sendo, abre-se uma discussão a respeito se Sérgio era um modernista carioca ou paulista. Além disso, torna-se importante salientar outras formas de modernismo brasileiro, por exemplo, o de Recife, que acaba sendo pouco lembrado devido a uma construção paulista acerca da fundação do movimento modernista. Continuando, analiso o conceito de nação usando Hobsbawm, Hall e Benedict Anderson, e faço uma interlocução entre Caio Prado, Freyre e Sérgio, trazendo o que cada um prospectava acerca do Brasil. E termino mostrando como na década de 50, Sérgio se aproxima da Escola dos Annales, em seu livro *Visão do Paraíso*, tratando das mentalidades, da interdisciplinaridade e outros aspectos importantes na construção da obra. Nota-se então a partir desse momento uma mudança significativa na identidade de Sérgio, se aproximando mais da historiografia francesa, do que propriamente da historiografia alemã, quando elabora em 1936 *Raízes do Brasil*.

### **Rui, o homem e o mito: Biografia e história em Raimundo Magalhães Junior**

Biografia; História; Raimundo Magalhães Junior; Rui Barbosa.

João Muniz Junior  
UNESP-Assis / CNPq  
joaomuniz\_jr@hotmail.com

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a narrativa biográfica e a escrita da história construída por Raimundo Magalhães Junior como proposta de interpretação do Brasil. Para tanto, propusemos fazer esse estudo a partir da biografia *Rui: o homem e o mito* (1964) a fim de analisar como Magalhães Junior trabalha a ideia de por meio da narrativa de uma personagem eleita representar uma época da história brasileira. A biografia de Rui Barbosa assinada por Magalhães é iconoclasta, mas procura ir além da enganosa ideia de detratção e contribuir com uma obra de crítica à mitificação do autor da *Réplica*. Raimundo Magalhães elabora uma revisão tanto das narrativas biográficas construídas em torno de Rui quanto um debate histórico e político do período em que o jurista baiano viveu.

### **Aurélio Pires mestre, intelectual, jornalista: a figura pública como construção**

Intelectuais; Instrução Pública; República.

Luísa Marques de Paula  
UFMG / CNPq  
luisadepaulam@gmail.com

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma discussão sobre o significado de figura pública e intelectual no nascer da República através da trajetória do mineiro Aurélio Pires, que entre outros cargos foi diretor do Arquivo Público Mineiro e do IHGMG, da Escola Normal de Belo Horizonte e do Ginásio Mineiro, jornalista e professor da Faculdade Livre de Medicina de Belo Horizonte, tendo participado da fundação da mesma em 1911. A trajetória de Pires, que privilegia cargos na área da instrução pública, segue um caminho peculiar em relação a de outras figuras do começo da República que pertenciam a sua rede de sociabilidade, como os políticos João Pinheiro e Francisco Sá. Pretende-se, portanto, através da análise de seu arquivo pessoal, sua autobiografia, e de relatos de terceiros sobre suas atuações, considerando as discussões sobre narrativa e construção de si, problematizar sobre os tipos tidos como ideais de figura pública nas primeiras décadas do século XX em Minas Gerais.

## MESA 5

**Leituras do Urbano: diálogos entre Literatura Marginal e História na obra ‘Memória de um sobrevivente’**  
Literatura Marginal; Urbanidade; São Paulo; Periferia; Modernidade.

Alysson Faria Costa  
UFMG  
alyssonfcosta@gmail.com

Pretendo apresentar alguns apontamentos sobre a obra *Memória de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes. O autor, assim como sua obra, estão inseridos no contexto da Literatura Marginal, um movimento literário contemporâneo formado por um grupo de escritores que tem como peculiaridade a temática da escrita das periferias das grandes metrópoles brasileiras. Luiz Mendes é um ex-presidiário, favelado, morador de São Paulo –capital – que elabora um texto marcado pela experiência às margens da sociedade. Sua obra é estimulante para investigarmos os dilemas da modernidade periférica, do projeto urbano desigual, do ideal republicano excludente presente na nossa sociedade. A própria trajetória dos autores é emblemática para pensarmos suas obras e temas, já que, são moradores das periferias, marginalizados, herdeiros dos diferentes processos de exclusão que integram a formação da sociedade brasileira. Nesse sentido, é estimulante dialogar com os debates sobre Republicanismo, a História do tempo Presente, o urbano e as narrativas brasileiras contemporâneas.

**Os poderes das letras numa república (in)definida: os prêmios literários da Academia Brasileira de Letras e suas relações com política nacional entre 1910 a 1945**

História Intelectual; Prêmios Literários; Academia Brasileira de Letras; Política; Estado Novo.

Matheus Pimenta da Silva  
UFMG  
ma.pimenta@hotmail.com

O trabalho a ser apresentado é fruto de um projeto de monografia em curso, assim, não pretende ser algo encerrado em si mesmo, mas um meio pelo qual o debate historiográfico possa ser proporcionado em relação aos temas que constituem e/ou se relacionam com as fontes utilizadas e os pressupostos teóricos da pesquisa.

Neste sentido, utilizam-se os prêmios literários da Academia Brasileira de Letras para a construção de uma análise entre as interações da política com a intelectualidade brasileira durante o período de 1910 a 1945. Os prêmios literários dependiam de interesses e negociações internas e externas, e pensar como a política nacional interferia nessas decisões nem tão literárias é algo representativo das muitas disputas em curso ao longo daqueles anos tão marcadamente políticos, tanto quanto a intelectualidade pretendia intervir na política nacional de então. A problematização de como estes prêmios podem apresentar os poderes em ação e em disputa, auxilia-nos a compreender historicamente não apenas projetos políticos e questões literárias, mas algo mais amplo, como questões de identidade, representações sociais e narrativas nacionais no cenário de uma república (in) definida.

**‘Levanta-te’: debates sobre o urbano em Campanha -MG (1890-1930)**

Cidade; Urbano; Civilidade; Campanha.

Rômulo Nascimento Marcolino  
UFMG / CAPES  
romulonm@yahoo.com.br

Este trabalho procura identificar como o discurso da modernidade se constitui na cidade de Campanha, localizada na região Sul de Minas Gerais, no período que vai dos anos 1890 a 1930, balizados pela reivindicação de remodelação urbana. Diferentemente das grandes cidades, não há em Campanha aquilo que chamamos de reforma urbana, mas nota-se o esforço para dar uma afeição “hodierna” à velha cidade. Assim, ao modo bem específico das cidades interioranas, possuindo menos recursos financeiros, Campanha não ficará alheia a todas as transformações pelas quais perpassavam algumas das capitais brasileiras e nem aos debates sobre modernidade, urbanismo, higiene e Civilização. Procuramos, dessa maneira, detectar as mudanças ocorridas, as permanências, os confrontos e a construção de uma nova percepção e de um imaginário sobre o espaço urbano, bem como a elaboração de novas representações acerca do viver urbano. Partimos da hipótese de que ocorre um processo de modernização no interior no Brasil, nas pequenas cidades, tal como Campanha, em que a modernização da cidade se expressaria pela busca da incorporação de um ideário civilizatório, da remodelação e intervenções empreendidas no espaço da cidade, bem como de transformações no campo do comportamento.

## **ST 04: Diálogos entre História e Comunicação Social**

### **MESA 1: QUADRINHOS COMO FONTE HISTÓRICA: CULTURA E POLÍTICA NAS NARRATIVAS GRÁFICAS**

#### **Super-heróis e as transformações sociais nas décadas de 1940 até 1960 nos Estados Unidos da América**

Arte Sequencial; Super-Heróis; Cultura de massa.

Edson Wilson Mendes de Almeida  
Secretaria de Educação de Goiás  
prof.edson.wilson@hotmail.com

A arte sequencial, também conhecida como histórias em quadrinhos, é uma forma de comunicação de massa nascida no século XIX nos jornais estadunidenses. As aventuras vertiginosas dos super-heróis nascido nas décadas de 1940 e 1960 pelas editoras DC Comics e Marvel Comics ganharam as atenções de milhões de

crianças, adolescentes e adultos até os dias atuais. Este artigo tem por intenção buscar uma aproximação entre o real e o ficcional, procurando demonstrar que não se pode distanciar completamente da sociedade ao qual é destinada.

**‘Same guy, different war’?: representações da Segunda Guerra Mundial e da Guerra do Vietnã a partir de histórias em quadrinhos do Capitão América e do Justiceiro**

Capitão América; O Justiceiro; Representação; Estados Unidos.

André Moreira da Silva  
UESB  
andremoreirads@yahoo.com

O objetivo desta produção textual é esboçar uma análise que possibilite perceber aspectos do imaginário social americano a partir de dois eixos: a Segunda Guerra Mundial e a Guerra do Vietnã. Para tal, toma como objetos dois personagens de histórias em quadrinhos (a partir daqui, HQs) da editora americana Marvel Comics – o Capitão América e o Justiceiro. Tenciona refletir sobre a construção destes personagens relacionando-os com seus respectivos contextos históricos, tentando apreender em suas histórias aspectos que denotem elementos pertinentes ao imaginário americano, compreendendo que as histórias em quadrinhos, como produtos de mídia e fenômenos culturais, refletem discursos e tendências que se inserem e caracterizam contextos históricos e geográficos (KELLNER, 2001, p 13). A análise proposta é elaborada a partir da leitura e discussão das duas primeiras edições de *Captain America* (1941) e do arco de histórias do Justiceiro (*The Punisher*) *Circle of blood* (1984). Levando em consideração o caráter heroico em relação à participação americana na Segunda Guerra Mundial e a depreciação deste sentimento no decorrer da Guerra do Vietnã (HOBSBAWM, 2005, p. 241), propomos uma análise da exaltação do *american way of life* em *Captain America* como tentativa de legitimar um modelo de comportamento sociopolítico. Em *o Justiceiro* buscamos evidenciar sintomas de mal-estar e desajuste frente às novas condições da sociedade pós-moderna na década de 1980. A apreciação destes personagens, portanto, tenta identificar a presença e a manifestação de discursos que apareçam como forma de legitimação de condutas e transmissão de certos valores (CHARTIER, 2002, p. 17) e desregulamentação e estranhamento social (BAUMAN, 1998, p. 19) e possíveis relações construídas entre estes personagens.

**Representações do 11 de Setembro na Histórias em Quadrinhos da Marvel Comics: intervenção política?**

Histórias em Quadrinhos; História Política; 11 de Setembro; Representações.

Victor Callari  
UNIFESP  
victorcallari@hotmail.com

O presente artigo procura identificar e analisar as características do discurso político produzido pela editora Marvel Comics acerca dos atentados terroristas ocorridos em 11 de Setembro de 2001 contra complexo o comercial do World Trade Center e ao centro de inteligência do Pentágono. Procura-se ainda destacar as especificidades discursivas presentes nas Histórias em Quadrinhos, destacando seu potencial enquanto fonte para o conhecimento em História e, principalmente, sua inserção nas atuais formulações historiográficas oriundas da Nova História Política, ou mesmo das possibilidades abertas pela Nova História Cultural, a partir das formulações teóricas de Roger Chartier e do conceito de representações. Acredita-se ser possível afirmar que as representações escolhidas, assim como algumas de suas estratégias de publicação, apresentam uma tentativa de intervenção social e criticamente em relação às posturas oficiais da administração Bush.

**Usos e abusos das Histórias em Quadrinhos como fonte histórica**

História em quadrinhos; Teoria e Metodologia da História; Crítica Histórica; Cultura historiográfica.

Márcio dos Santos Rodrigues  
UFMG  
marcio.strodrigues@gmail.com

Neste esforço de caráter teórico-metodológico, problematizo a especificidade das Histórias em Quadrinhos (denominadas também como HQs) como fonte para os estudos históricos. Para tanto, chamo a atenção para que os historiadores, ao lidarem com as HQs, não negligenciem algumas das interfaces históricas envolvidas nas produções quadrinísticas. Atento ainda para o fato de que a análise dessa linguagem artística no campo da História não implica apenas em dar conta do contexto em que a mesma foi produzida, mas também compreender a realidade ficcional que esta apresenta. Além do mais, a realidade ficcional construída por um quadrinho ou qualquer gênero ficcional é resultado de condições históricas, que nem sempre são consideradas e avaliadas – uma vez que nossa cultura historiográfica de maneira geral, ao lidar com o terreno da imaginação, se preocupa mais em adequar fontes ficcionais a um contexto que acreditam já como dado pela historiografia e não entender a capacidade das mesmas de interferir em determinado contexto. Longe de fazer um mero balanço, discuto alguns estudos realizados entre historiadores, bem como apresento perspectivas teóricas para uma maior compreensão dos quadrinhos como Objeto da História.

## MESA 2: TELEVISÃO E AUDIÊNCIA EM UMA PERSPECTIVA SÓCIO-POLÍTICA

### **Audiência, telenovela e Narrativas Transmídia: relações possíveis**

Telenovela; Transmídia; Ditadura Militar; Nova Classe C

Gabriela Galvão  
UFMG  
gabisgalvao@gmail.com

O presente artigo tem por objetivo estabelecer paralelos e relações entre a Comunicação e a História, usando como referência a telenovela no Brasil. Especificamente, trataremos de dois períodos: o início da década de 1970, época em que houve um crescimento acelerado do número de aparelhos televisores no país e, por consequência, uma crescente audiência dos produtos televisivos, sobretudo da telenovela. Será tratado também o período que se inicia no final da década de 1990 em que houve um importante crescimento do acesso à internet e aos canais a cabo no Brasil, fazendo com que a programação aberta perdesse, progressivamente, a imensa audiência conquistada. A revisão bibliográfica contará com textos teóricos da Comunicação - ressaltando a transmidiação e o fim da mídia de massas - e da História, principalmente os contextos políticos relativos aos períodos acima mencionados no que se refere à contra análise da sociedade.

### **A história através do estilo televisivo II: a Ditadura Militar na abertura de 'Amor e Revolução'**

Estilo televisivo; Telenovela; Ditadura militar; Amor e Revolução; SBT.

Rafael Barbosa Fialho Martins  
UFMG / CAPES  
rafaelbfialho@gmail.com

Simone Maria Rocha  
UFMG

Tendo em vista a importância cultural da televisão em nossa sociedade e sua capacidade de reproduzir e recriar acontecimentos históricos, o trabalho pretende discutir como as escolhas estilísticas da vinheta de abertura da telenovela *Amor e Revolução* (SBT, 2011) ajudaram a construir uma percepção sobre o período da ditadura militar no Brasil. A novela, escrita por Tiago Santiago, retratou o regime militar durante os anos de 1964 a 1985, associando o contexto histórico não apenas a uma trama clássica composta pelo amor impossível – entre Maria, militante comunista, e José, militar – como também à discussão para a instauração da Comissão Nacional da Verdade, instaurada em 2011. Para o estudo, utiliza-se o arcabouço teórico-metodológico do estilo televisivo, tal como proposto por Jeremy Butler (2009) que o concebe como a utilização sistemática de técnicas expressas em imagem e som de modo a cumprirem uma função dentro do texto; ou seja, os aspectos sonoro-imagéticos que contribuem para transmitir as mensagens veiculadas por produtos audiovisuais, como o cenário, a iluminação, o enquadramento, trilha sonora, encenação dos atores e efeitos especiais. Analisa-se a vinheta de abertura devido à sua proposta de sintetizar a história a ser contada na novela, destacando os elementos do estilo que mais se sobressaem. No objeto em questão, percebe-se a predominância dos efeitos especiais, da trilha sonora e da iluminação a favor da construção do enredo a ser desenvolvido nos capítulos; assim, nota-se que tais fatores contribuem, em linhas gerais, para dois movimentos: reforçar um imaginário do período histórico passado e trazer à tona os desdobramentos atuais da ditadura.

#### **Crescimento da classe emergente: contextualização socioeconômica da TV brasileira e histórico da teledifusão**

Histórico da Tv; Classe C; TV por assinatura; TV aberta; Contextualização socioeconômica.

Thiago Ferreira Basílio  
UNASP  
thiago\_ferbasilio@hotmail.com

O trabalho debate as transformações sociais ocorridas no Brasil desde o surgimento da televisão em 1950 e como esse veículo atingiu e se adaptou às diversas facetas socioeconômicas ao longo das décadas. O escopo escolhido foi o de identificar na atualidade a forma como a TV atinge diferentes públicos da mesma camada social, no caso, a classe C. A pesquisa foi elaborada no suporte de autores como Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Eric Hobsbawm, Mario Ferraz Sampaio, Pedro Ivo de Assis Bastos, Francisco de Assis Silva, Cynthia Gorney e Paul Singer. A metodologia utilizada foi a pesquisa empírica baseado em dados de entrevistas com questões fechadas.

#### **Como o novo cenário socioeconômico brasileiro afetou a TV aberta e o acesso às Mídias**

Televisão; Lula; Classe Média; Brasil.

Matheus Yago Gomes Ferreira  
UFMG  
matheusygf@gmail.com

O artigo, desenvolvido em uma disciplina optativa ofertada na UFMG em 2013, tem o intuito de explicar como as mudanças socioeconômicas brasileiras a partir do governo Lula (2002) modificaram a realidade da TV Aberta brasileira, um dos principais meios de comunicação e entretenimento brasileiro. Foram abordadas análises econômicas, historiográficas e sociológicas; dados obtidos através de pesquisas divulgadas nos grandes portais e jornais brasileiros; e análises de audiência também divulgadas nesses meios. Explicitam-se ainda as novas tecnologias, muitas vezes responsáveis pelo desinteresse do público pela programação dessas

redes, mostrando por fim, como se deu o acesso da população à essas novas opções e seu novo poder de consumo. Por fim, as medidas tomadas pela emissora para adequar ao novo perfil do seu público.

### MESA 3: A NARRATIVA FÍLMICA DA HISTÓRIA: POSSIBILIDADES E LIMITES

#### **A Juventude Americana e Francesa no Cinema dos Anos 1950: um estudo comparado**

Cinema; Juventude; Estados Unidos da América; França, Década de 1950.

Carlos Vinicius Silva dos Santos

UFRJ

c.viniussantos@gmail.com

O presente trabalho realiza um estudo sobre a consolidação da cultura jovem nas sociedades dos Estados Unidos da América (EUA) e da França na década de 1950, bem como da representação da juventude através da produção cinematográfica selecionada destes países, em consonância às transformações socioculturais observadas naquelas sociedades. Examina-se a maneira pela qual a indústria cinematográfica destes países formulou um determinado tipo de representação da juventude em contato com as novas demandas culturais derivadas desta parcela populacional. Procura-se observar, neste movimento, a relação da indústria cinematográfica com as tensões não apenas socioculturais, mas, secundariamente, político-econômicas nos Estados Unidos e na França. Neste objetivo, privilegiam-se as produções cinematográficas “Sementes da violência” (*Blackboard jungle*, dir.: Richard Brooks – 1955), “Juventude transviada” (*Rebel Without a Cause*, dir.: Nicholas Ray – 1955), “Como agarrar um milionário” (*How to marry a millionaire*, dir.: Jean Negulesco – 1953), referentes ao contexto americano, e “Os incompreendidos” (*Les quatre cents coups*, dir.: François Truffaut – 1959), “Acossado” (*À bout de souffle*, dir.: Jean-Luc Godard – 1960) e “E Deus criou a mulher” (*Et Dieu créa... la femme*, dir.: Roger Vadim – 1956), concernentes à conjuntura francesa.

#### **O Terror de Estado e a Doutrina de Segurança Nacional no documentário ‘Condor’**

Terror de Estado; Doutrina de Segurança Nacional; Imagens Canônicas; Guerra Fria; América do Sul.

Edson Alexandre Santos Real

UFMG

alexandrereal@msn.com/ easreal@gmail.com

O tema a ser trabalhado neste texto está relacionado ao documentário brasileiro *Condor*, do diretor Roberto Mader. A obra de Mader aborda a conexão de inteligência entre os governos militares do Cone Sul da América e os EUA, em um movimento que ficou conhecido como Operação Condor e é marcado na história do continente americano pelas atrocidades cometidas, pelas prisões em massa e pela repressão aos movimentos populares. É importante deixar claro que o período analisado na película aborda o contexto da Guerra Fria, época em que boa parte do planeta ficou sobre a influência política, ideológica e militar dos EUA ou da URSS. O texto não se propõe analisar apenas o filme, mas também dois temas que acreditamos estarem ligados aos Governos Militares, tanto do Brasil como da América do Sul. São eles: 1- Doutrina de Segurança Nacional (DSN). Este aparato estatal marcou as principais características presentes nas ditaduras do Cone Sul. Para a DSN, a sociedade não poderia ser individualista e nem ser dividida claramente em classe sociais, o que enfraqueceria a ideia de nação/comunidade, elemento central no pensamento militar. A nação deveria ser baseada na ordem, mesmo que para isso fosse necessário à utilização de uma violência repressora contra um inimigo interno – o Comunismo – que na ótica conservadora, procurava desestabilizar as relações do país com os EUA e implantar novas ideologias. 2- Terrorismo de Estado (TDE). Após os Golpes Militares que foram

instalados na América do Sul, os governos de direita sul-americanos – com uma influência econômica, política e militar dos EUA – adotaram diversas práticas para perseguir, torturar e matar os grupos que questionavam o governo vigente e supostamente eram ligados a URSS. A maioria dos países da América do Sul, em nome da DSN e com o objetivo de manter a segurança de um determinado grupo e dos interesses político-econômicos dos EUA, privou a população de liberdade e democracia, promovendo o Terror de Estado. O foco da discussão também dar-se-á na importância do estudo de outras fontes históricas como formas de analisar os períodos mais recentes da história brasileira e latino-americana.

### **‘Os anos JK’: o documentário histórico e político de Sílvio Tendler**

História; cinema; política; documentário.

Geórgia de Oliveira

UFMG

georgiasemiao@gmail.com

Esta pesquisa investiga a produção e a recepção do documentário *Os anos JK – Uma trajetória política* (1980), do cineasta Sílvio Tendler. Partindo da análise da literatura acadêmica sobre o filme e sobre seu realizador, a proposta é direcionar um olhar mais específico sobre esse primeiro documentário de Tendler, no Brasil, e que é ainda muito pouco estudado. Este trabalho também propõe uma primeira análise da recepção do filme pela grande imprensa através dos veículos *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*. Esta pesquisa insere-se no debate teórico das relações entre História e Cinema, tendo como referência básica o pensamento de Marc Ferro. Do ponto de vista da teoria do cinema, considera-se o cinema documentário como uma representação artística, apesar das diferentes especificidades desse gênero cinematográfico em relação aos filmes de ficção. Neste trabalho, essa discussão é amparada pelas pesquisas e ideias do teórico norte-americano Bill Nichols.

### **A linguagem cinematográfica como fonte histórica através do documentário ‘Cabra marcado para morrer’**

Cinema e história; Cinema e política; Fontes históricas; Eduardo Coutinho; Linguagem cinematográfica.

Alexandre Irigiyen Vander Velden

UFF

alexandrevelden@gmail.com

No início da década de 1980, em meio à “abertura lenta, gradual e segura” do regime militar, o cineasta Eduardo Coutinho retoma um antigo projeto interrompido após o golpe civil-militar. Lançado em 1984, o documentário *Cabra marcado para morrer* não carrega nenhuma semelhança com sua proposta original dos anos 1960. O “primeiro cabra marcado” buscava reconstituir a história do líder camponês João Pedro Teixeira através de uma narrativa linear e convencional, tendo como atores os próprios camponeses da região. Já o documentário de 1984 centra sua narrativa nos depoimentos dos camponeses que participaram do “primeiro cabra marcado” sobre a sua vida. Nesse momento, fica clara a maior preocupação com uma metodologia específica de filmagem (a entrevista como elemento central, a explicitação da equipe e das câmeras, a abertura para o imprevisto) do que com um roteiro previamente definido. O presente trabalho se debruça sobre os dois momentos de realização desse projeto, argumentando sobre a estreita relação existente entre o contexto político e social da época com a linguagem utilizada nas obras. Nesse sentido, é possível apreender pelos filmes como a linguagem cinematográfica se modifica de acordo com as necessidades e concepções de seus realizadores (um movimento que compreende o contexto a partir da obra). Movimento acompanhado de seu inverso: a atenção aos elementos políticos e sociais da época que fornecem as chaves para apreender a significação dos aspectos presentes no filme. Dessa maneira, busca-se apreender o cinema engajado do

“primeiro cabra” em sua relação com a efervescência política dos anos 1960. Da mesma maneira, relaciona-se o outro momento histórico em questão com a linguagem cinematográfica levada em frente por Coutinho.

#### **MESA 4: MÍDIA IMPRESSA E REPRESENTAÇÕES SÓCIO-POLÍTICAS**

##### **Agustín foi à guerra: O jornal ‘El Mercurio de Valparaiso’ e a expansão territorial chilena durante a Guerra do Pacífico 1879-1884**

Guerra do Pacífico; El Mercurio de Valparaiso; nacionalismo; expansão territorial.

Flávia Schettino Marques Gomes  
UFMG  
flavia.schettino72@gmail.com

Em fevereiro de 1879 o Chile declarou guerra à Bolívia devido ao impasse criado entre os dois países pelo pagamento de impostos sobre a extração de minerais feita por empresas chilenas em território boliviano. A companhia responsável por esta exploração era de propriedade do empresário chileno Agustín Edwards que tinha um enorme interesse em fomentar uma guerra com a Bolívia, a fim de possibilitar a anexação desse território ao seu país. Para isso, o empresário utilizou as páginas de seu recém-adquirido jornal, *El Mercurio de Valparaiso*, para promover as disputas. As notícias veiculadas neste periódico antes e durante a guerra possuem um tom que nos permite perceber a intenção beligerante e expansionista de seu titular. A utilização deste meio de comunicação como um ator político capaz de fomentar a participação popular no conflito por meio do apelo ao nacionalismo é a base da investigação que estamos fazendo e que iremos apresentar neste seminário.

##### **Os jornais suburbanos ou de bairro do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte: a defesa dos interesses locais no início do século XX**

Imprensa; Subúrbio; Belo Horizonte; Rio de Janeiro.

Luciana Verônica Silva Moreira  
UFRJ / CNPq  
Luciana.veronica@terra.com.br

O século XX assistiu a uma enorme diversificação da imprensa, que se enveredou por diversos temas, objetivando atingir a diferentes segmentos sociais. Os jornais se popularizaram, assim como as revistas ilustradas que seriam amplamente consumidas pela população dos grandes centros. Neste cenário, os periódicos suburbanos adquiriram importância significativa ao representar os interesses das localidades em que estavam inseridos. Mais do que isso, foram responsáveis por divulgar informações sobre os bairros da região e sobre a sociedade que ali se formava. Este artigo pretende, a partir da análise dos jornais cariocas *O Copacabana*, *O Subúrbio*, *O Echo Suburbano*, *Echo Suburbano*, *Tribuna Suburbana* e *Jornal Suburbano* e dos representantes da capital mineira *Boa Viagem*, *A Floresta*, *Floresta-jornal*, *Gazeta da Floresta* e *O Calafate*, identificar as correspondências existentes entre a opção pela imprensa e o contexto vivenciado por seus idealizadores. Todos os jornais possuem em comum o fato de terem se originado em bairros e localidades distantes dos centros, nas regiões denominadas de suburbanas. Pretende-se analisar as motivações, objetivos e interesses que fizeram surgir, prosperar ou terminar as experiências com o periodismo suburbano assim como suas propostas, objetivos e linhas editoriais. É importante ressaltar que tais publicações são fonte riquíssima de informações sobre a história social, política e econômica de bairros e regiões e de seus moradores, registrando vivências cotidianas, posicionamentos políticos e a militância por melhorias no local de moradia.

**A mulher como 'anjo' companheiro e não como 'propriedade' do marido: emancipação moral da mulher em 'O Jornal das Senhoras'?**

Imprensa feminina; representação; século XIX.

Marcella Lima Ribeiro  
UERJ  
marcellalimaribeiro@yahoo.com.br

A participação feminina em periódicos é datada desde fins do século XVII. O primeiro jornal feminino do qual se tem conhecimento é o *Ladies Mercury* publicado na Grã-Bretanha em 28 de fevereiro de 1693. Temos então, um interessante ponto de discussão para pensar a participação da mulher no espaço público. O presente trabalho tem, dessa forma, o objetivo de enriquecer a discussão concernente à representação da mulher em meados do século XIX, com reflexões a partir de dois periódicos voltados para o público feminino no Rio de Janeiro: *O Jornal das Senhoras* (1852-1855), primeiro periódico dirigido por uma mulher, Joanna Paula Manso Noronha e *O Novo Correio de Modas* (1852-1854), dirigido por homens. Nosso debate estará voltado principalmente para a questão da mulher nos espaços público/privado trabalhando a mesma através da discussão da imprensa feminina: que tipos de artigo publica, qual literatura é valorizada, como tal se relaciona ao contexto político-cultural da época e como está inserida no cenário da imprensa deste período, de forma geral. O conceito exposto no título do trabalho – emancipação moral – vem de um breve debate entre os dois jornais aqui citados, que será o ponto de partida para a discussão acima proposta.

**Representações do território brasileiro nos anúncios comerciais durante o Estado Novo**

Anúncio publicitário; identidade nacional brasileira; natureza; mapa; Estado Novo.

Marina Helena Meira Carvalho  
UFMG  
marinahmc@yahoo.com.br

O Estado Novo foi um período de marcante nacionalismo, em que se pretendia (re) construir a identidade brasileira. O nacionalismo, longe de estar presente apenas no discurso oficial, também ganhou lócus em diversos espaços culturais, incluindo os anúncios publicitários. A maioria das análises historiográficas sobre propagandas das décadas de 1930 e 1940 tem ressaltado o americanismo como sua principal característica, em detrimento das representações do nacional, relegadas. Entretanto, a brasilidade foi temática frequente dos anúncios comerciais, o que criou um elo de pertencimento entre público e produto por meio da identidade nacional. O presente trabalho visa analisar algumas representações realizadas pelos profissionais da propaganda e suas possíveis confluências com o discurso oficial estadonovista. Priorizaremos a análise de dois tipos de representações do território nacional que foram recorrentes nos anúncios desse período: a natureza e o mapa.

**Imagens do "Milagre": Publicidade e a Ditadura Militar Brasileira (1968-1973)**

Representações; Propaganda; Política.

Raquel Elisa Cartoce  
USP  
raquelisa\_cartoce@hotmail.com

Presente em quase todas as esferas do nosso cotidiano, a publicidade é um fenômeno típico da modernidade: se por um lado atende a demandas mercadológicas e ideológicas de expansão do capitalismo industrial, por outro produz e reproduz ideias, práticas, valores e contradições das sociedades em que está inserida, posto

que é fruto delas mesmas. Assim, a publicidade coloca-se como um objeto privilegiado para que o cientista social possa compreender as dinâmicas e idiosincrasias de tais sociedades, já que contém em si um duplo olhar sobre elas: o do anunciante, de onde parte o seu discurso, e o do público-alvo, com o qual busca identidades. No entanto, o uso da publicidade como objeto de estudo ainda é relativamente recente nas Ciências Sociais, em especial no campo da História. Neste trabalho, busco explorar suas possibilidades enquanto fonte histórica, destacando o desenvolvimento de questões teórico-metodológicas. Em nossa formação social esta condição se faz presente, e ao longo do desenvolvimento de diversos projetos de um "Brasil moderno" também as imagens e significações desta(s) modernidade(s) foram estampadas em anúncios publicitários. O auge deste processo pode ser localizado na virada das décadas de 1960 e 1970, quando o Brasil vivia as contradições de um período de vertiginoso crescimento econômico combinado ao terror de Estado. Era o famoso "milagre econômico" da ditadura militar. Não por coincidência, este também foi o período de maior desenvolvimento da produção publicitária brasileira, que ao estimular o crescente consumo de diversos tipos de mercadorias, expôs também as diferentes visões, relações e contradições da sociedade brasileira em relação ao período mais conturbado de nossa história recente, as quais procurarei problematizar neste trabalho.

## **MESA 5: FIGURAÇÕES DO TEMPO E DA HISTÓRIA EM PRÁTICAS COMUNICATIVAS**

### **Paz Armada: aspectos do temor nuclear na narrativa da *'Liga da Justiça'***

Temor Nuclear; Presentismo; Guerra Fria; Desenhos Animados.

Mario Marcello Neto  
 UFPel / CAPES  
 mariomarceloneto@yahoo.com.br

Este trabalho pretende discutir as formas como a narrativa das animações *Liga da Justiça* (2001-2004) e *Liga da Justiça Sem Limites* (2004-2006) foram construídas, discutindo os aspectos que envolvem o temor nuclear e seus meandros. Para tal, é preciso destacar alguns elementos que compõem o contexto de produção destas animações, bem como a forma pela qual esta narrativa foi construída. Para isso, recorreremos a HARTOG (2013) quando este evoca a noção de presentismo para se referir à forma de ver o tempo da sociedade contemporânea, na qual vê no presente o seu limite, com um passado renegado (que não nos ensina nada) e um futuro de nublado (que não apresenta um progresso, algo positivo). Dentro deste contexto, principalmente pós o fim da Segunda Guerra Fria (HALLIDAY, 1985), as tensões causadas entre os dois blocos conflitantes, socialista soviético e capitalista estadunidense, essas tensões foram elevadas a uma corrida armamentista nuclear que colocaram em alerta até mesmo setores da historiografia, como E.P. THOMPSON (1985) que abandona, temporariamente, sua dedicação à história, para militar junto ao Movimento Pacifista. Esses elementos do século XX são perceptíveis nas animações supracitadas, utilizadas como um suporte em que contém suas expressões político-ideológicas é preciso ver estes meios não apenas como puro entretenimento, mas sim como elementos dotados de significados, etnocentrismo, questões políticas entre outras. Além disso, a animação traz consigo uma constante na sua narrativa que é a exposição sobre o medo e os malefícios da nuclearidade na sociedade contemporânea, algo que pretendemos discutir ao longo deste trabalho.

### **História e Geografia no ensino de Eventos Traumáticos: uma iniciativa pluridisciplinar**

Bomba Atômica; Origami; Ensino; Pluridisciplinaridade.

Carolina Rehling Gonçalo  
 UFPel

O presente artigo tem como objetivo expor uma proposta de trabalho pluridisciplinar entre as disciplinas de História e Geografia, abordando a II Guerra Mundial e utilizando como recurso didático a seu favor o origami e a literatura. O mesmo busca alternativas que possam possibilitar aos alunos oriundos da educação básica na compreensão do conteúdo trabalhado, ou seja, mais especificamente as explosões das bombas atômicas nas cidades de Hiroshima e Nagasaki. O *origami* trata-se de uma arte milenar japonesa, consistindo na arte de dobrar papel, existindo assim algumas figuras de plantas e animais tradicionais e que servem de base para a confecção de muitas dobraduras. Entre elas existe a figura do *tsuru*, um pássaro no qual em uma lenda japonesa possui o poder de conceder pedidos se dobradas 1000 peças. Após a explosão da bomba atômica na cidade de Hiroshima, crianças se unem na confecção dos mil *tsurus* com o pedido de paz para o mundo. Este acontecimento é narrado pela literatura e rememorado através do origami que em diversos países no dia 6 de agosto, dia da Paz no Japão, pessoas se reúnem e dobram *tsurus* renovando o pedido de paz para a humanidade. Desta forma pretendeu-se unir áreas afins, utilizando a literatura disponível sobre o tema em questão e o origami como recurso didático que possa auxiliar e melhorar o trabalho do conteúdo. Através das noções de Memória (Pollack, 1989; Lacapra, 2005), evento modernista (White, 2004) e autores como Vizenini (1998) e Hobsbawm (1995) entre outros que nos deram suporte para este trabalho.

#### **Representações do tempo no longa-metragem de animação Fantasia (1940), dos Estúdios Disney**

História; Representação; Tempo; Disney; Fantasia.

Simone de Novaes Costa Pereira

UDESC

simonedenovaes@gmail.com

O tempo histórico não se limita ao tempo cronológico ou à demarcação de acontecimentos dentro de uma sucessão linear. Mais do que isso, o tempo histórico é produto das ações, relações, construções dos indivíduos dentro de um determinado contexto. Tendo isso em vista, o presente trabalho tem como objetivo analisar representações do tempo na obra cinematográfica *Fantasia*, lançada no ano de 1940, pelos Estúdios Disney. Guiados pela percepção de que a música teria um análogo visual, os realizadores desse longa-metragem de animação conceberam que os sons não seriam meros complementos para a narrativa, mas se tornariam tão importantes quanto as imagens. Além de uma obra criada em um contexto temporal e geográfico específico, *Fantasia* proporciona uma experiência temporal singular no que diz respeito a uma proposta diferenciada de concepção cinematográfica. Nesse sentido, o passado foi considerado como uma sequência de estruturas de percepção, nas quais é possível identificar o modo como se discorre e como se vivencia o tempo.

#### **Os desserviços da internet para o estudo da história**

Internet; globalização; História.

Alan de Faria Santos

UFTM

alanpdd@hotmail.com

O homem como objeto de seu tempo está sempre sujeito aos meios nos quais a sociedade usa para se organizar. Com o desenvolvimento e os aprimoramentos das tecnologias foi possível que os meios de comunicação se desenvolvessem de maneira constante e surpreendente ao longo principalmente do século XIX, acompanhando mutuamente o desenvolvimento da sociedade. Em virtude da necessidade de comunicação rápida, meios de comunicações contribuíram para uma nova organização do homem em sociedade. A rapidez na forma como o homem passou a se comunicar fez surgir novas fontes historiográficas,

oriundas de tais meios. Rádio, televisão e internet produziram ao longo dos anos um grande e constante volume de material historiográfico. Visando atender à demanda dos conceitos de globalização, a internet dominou o cenário midiático e é atualmente o meio de comunicação mais usado pelo homem. No campo da história, a internet também tornou-se um mecanismo de ligação entre o homem e o conhecimento, usada para o intermédio do ensino. Porém, sua desorganização legítima e acentua vulgarismos e desserviços para a história, massificando distorções de conteúdos em escala global através de rápidos compartilhamentos em redes sociais e nos mais variados sites, onde a produção de conteúdos é livre.

## MESA 6: MÍDIAS E POLÍTICAS CONTEMPORÂNEAS

### **A onda neoliberal sob a TV educativa: debates e ações no Brasil e na França (1994-2002)**

Televisão; neoliberalismo; história comparada.

Wellington Amarante Oliveira  
UNESP / FAPESP  
wamarante@yahoo.com.br

Em países como a Inglaterra e a França, a TV surgiu ainda na década de 1930. Porém, viabilizou-se como um grande veículo público de comunicação social somente após o final da Segunda Guerra Mundial. No Brasil, que adotou um modelo de exploração comercial da televisão, as emissões iniciaram em 1950, com a TV Tupi. Desde então, tanto na Europa, quanto no Brasil, ocorreram diversas experiências para potencializar os usos educativos do novo meio. Esta comunicação tem por objetivo discutir o espaço dos programas educativos no Brasil e na França na última década do século XX, período de ascensão do neoliberalismo como orientação política dos governos franco-brasileiros. Buscaremos a partir de uma análise histórico-comparativa entre o canal francês *Cinquième* e o brasileiro *Canal Futura*, compreender quais são os agentes envolvidos com as ações e experiências educativas nos dois países, bem como mapear o debate em torno do papel da televisão pública.

### **O líder do MST na capa da 'Veja': uma análise imagética**

Fotografia; MST; Veja.

Airton Donizete de Oliveira  
UEL  
donijornalismo@gmail.com

O objeto de estudo, no trabalho em questão, é uma capa da revista *Veja* publicada em 3 de junho de 1998. Nesta data, *Veja* estampou em sua capa a fotografia do líder do MST, João Pedro Stédile. A revista utilizou-se de recursos gráficos para alterá-la. De acordo com Scalzo (2009), notícias quentes e exclusivas vão sempre redundar em capas fortes e chamativas. Em seu conselho aos editores, Scalzo (p. 64) afirma: "Olhe para a capa não como um belo quadro, uma obra de arte, mas como um elemento editorial, que tem a função estratégica de definir a compra de seu produto pelos leitores em potencial". Para analisar a capa em questão, foi utilizada a metodologia Análise do Discurso. Segundo Orlandi (1999), a memória está relacionada ao interdiscurso, ou seja, o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-constituído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. "O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada" – Orlandi (2009, p. 31). As palavras zapatistas, leninistas e maoístas (destacadas nesta capa) têm conotação do *mal* na mídia. Quase sempre lembram revolução, tomada de poder, ameaça de guerra e coisas do gênero. A memória, portanto, cumpre papel fundamental na capa com a foto de Stédile. "O dizer não é propriedade particular. As palavras não são

só nossas. Elas significam pela história e pela língua” – Orlandi (p. 31). Na capa em questão, sentidos do passado, já ditos por alguém, ali estão para cumprir uma função: dizer que o MST quer, por meio da baderna, instalar o socialismo no país, que sua meta é fazer uma revolução para derrubar a burguesia do poder. Acrescenta Fernandes (2000, p. 40): “O sujeito tem a ilusão de ser o centro de seu dizer, pensa exercer o controle dos sentidos do que fala, mas desconhece que a exterioridade está no interior do sujeito, em seu discurso está o “outro”, compreendido como exterioridade social”.

**Black block's, a ação histórica produzida, transmitida e retransmitida: a influência das mídias no processo de construção de conceitos**

Black block's; Identidade; Mídia; Influência.

Fábio Júnio Mesquita  
FACISA - BH  
fa.bi0@hotmail.com

O trabalho objetiva despertar uma reflexão crítica acerca das informações veiculadas pela chamada grande mídia brasileira sobre os *Black blocs*. Aborda ainda sua origem, suas múltiplas definições relacionando-as à importância da estratégia nas atuações. O foco de análise baseia-se na aparição e atuação dos grupos nas manifestações de 2013 e 2014 ocorridas no Brasil, pensando a forma que as grandes mídias divulgam o fenômeno. Objetiva-se ainda estimular à importância de se repensar a identidade atribuída pelas mídias a estes grupos e problematizar os seus estereótipos, construídos por grandes veículos de comunicação que certamente atendem a interesses específicos, não neutros, e que, assim, incutem no imaginário da população uma certa identidade a esses grupos, que nomeados, dificilmente obtém a oportunidade do contraditório. Visando contribuir na elucidação deste ainda escuro campo, estimulando o surgimento de pesquisas, para ampliar o atual escasso material acadêmico a respeito destes.

**A questão transnacional nas matérias do site da 'Al Jazeera English'**

Al Jazeera; Imprensa; História Transnacional.

Douglas de Freitas Pereira  
UFMG  
douglasfreitas77@gmail.com

Desde que surgiu, em 1996, a rede *Al Jazeera* vem participando de grandes polêmicas. Seu formato jornalístico quebrou com o adotado anteriormente por canais internacionais, que não obtiveram muito sucesso na região, como a CNN e a BBC árabe. A *Al Jazeera* também foi uma nova opção aos canais estatais. Além de ter inovado no formato de suas transmissões, para ficarem mais adequadas ao público da região do Médio Oriente, a linha editorial da rede, desde o início, promoveu a ideia de que seu jornalismo seria feito de maneira a dar voz a todos os lados envolvidos. Ela tenta, assim, passar a impressão de ser um jornalismo mais imparcial que o feito por outras emissoras. Recentemente, o site de organização não-governamental que publica informações secretas, *WikiLeaks*, referiu-se à *Al Jazeera* como uma ferramenta valiosa de política e diplomacia. Dessa forma, a *Al Jazeera* apresenta um forte caráter transnacional, que pode ser percebido não só por meio dos conteúdos de suas reportagens, mas também pelas pessoas que escrevem seus artigos, que nem sempre são oriundas do Oriente Médio. Assim, pretendemos, neste trabalho, discutir o caráter transnacional aduzido pela rede supracitada, a partir de análise de reportagens divulgadas em seu canal de internet. Buscaremos apoiar nossa análise em reportagens referentes à dita Primavera Árabe, pois nos parecem evidentes os diálogos transnacionais contidos em tais reportagens.

## **História e educação a serviço da política: a internet como ferramenta de propagação de um ideário nacionalista**

História; educação; política; internet; México

Fábio Eduardo de Araujo Baião  
UFMG  
baiao.fabio@gmail.com

O binômio “política” e “educação” foi peça fundamental no estabelecimento e legitimação das recém-criadas Nações latino-americanas ao longo do século XIX. Diante da necessidade de instaurar elementos identitários capazes de gerarem reconhecimento e simpatia pelo território nacional, vários artifícios foram lançados com o objetivo de fomentar o ímpeto patriótico e a essência nacionalista. O desafio estava posto: criar ícones com a capacidade de aglutinar as diversas regiões e culturas em uma única porção de terra dotada de coesão e estabilidade política. Logo, a máquina estatal colocou-se em movimento, operando de diversas formas a ideologia nacional, propagando os elementos simbólicos necessários para a identificação por parte dos grupos sociais. Sabemos que este fenômeno ainda se faz presente – guardadas suas devidas proporções – nos dias de hoje. Desse modo, nosso trabalho tem por objetivo refletir acerca dos usos da internet como ferramenta de propagação de uma história e educação nacionalistas com fins políticos particulares. Para tanto, faremos uma análise detida das comemorações em torno do Bicentenário de Independência do México (1810) e Centenário da Revolução Mexicana (1910) tomando como plataforma de investigação a página da web criada para divulgar e celebrar estes eventos. O site em questão, vinculado ao governo daquele país através da Secretaria de Educación Pública (SEP), traz um material rico em símbolos nacionalistas que mobilizam grandes doses de um suposto patriotismo ao evocar fatos e personagens do passado com vistas a um público bastante específico: as crianças mexicanas.

## **MESA 7: O CINEMA COMO FONTE E PENSAMENTO DA HISTÓRIA: DIÁLOGOS E TENSÕES**

### **Os limites da ficção e da realidade do cinema: uma análise da obra ‘O Judeu Süß’**

Antissemitismo; ficção e realidade; cinema e história.

Armando Magno de Abreu Leopoldino  
UFMG  
armando\_mdal@hotmail.com

O trabalho pretende discutir a tênue divisão entre ficção e realidade por meio da obra antissemita exibida na década de 1940, *O judeu Süß*, de Veit Harlam, cineasta que participou ativamente do regime nazista. Ao entender a ficção fílmica como uma operação em que há um roteiro pré-estabelecido e ele que orienta a gravação, com impermeabilidade do cineasta e da cena, buscamos mostrar que, mesmo na ficção, há fraturas do real que permanentemente se fazem presente. *O judeu Süß*, além disso, foi considerado como baseado em fatos históricos, o que aprofunda nossa questão, ao envolver a ficção baseada num evento. O filme retrata um judeu que se infiltra na corte de um corrupto duque alemão com promessas de dinheiro e de enriquecimento. À medida que a ação se desenrola, as leis são modificadas de modo a favorecer os judeus e prejudicar os outros. O personagem principal é mostrado como um ser astuto, ambicioso, violento e mal, que conduziu a região à beira de um massacre civil. Lançado em 1940, um ano antes em que as medidas de perseguição aos

judeus começaram a ser intensificadas, como as mortes nas câmaras de gás, o filme faz parte de um aparato propagandístico do nazismo para veicular a imagens dos judeus à decadência, guerra e crise. Esses fatores ajudaram a conferir legitimidade para o extermínio dos "inimigos do império alemão". Para entendermos melhor essa problemática, discutiremos a obra a partir da leitura de Hannah Arendt sobre o antissemitismo como ideologia na Europa, conciliando com análises de autores como Robert Rosenstone sobre a história nos filmes e do francês Jean-Louis Comolli sobre os "efeitos do real".

### **Sensibilidades melancólicas e imagens neo-barrocas no cinema de Win Wenders**

Cinema; Win-Wenders; Melancolia; neo-barroco; História.

Geovano Moreira Chaves  
UFMG / CAPES  
geovanochaves@gmail.com

Tendo como horizonte estas considerações preliminares – o filme como reflexão sobre o cinema e este como locus privilegiado no rol das artes do século XX e XXI – e, principalmente, a importância da arte da imagem na produção das grandes configurações do imaginário coletivo, entendemos que uma análise dos filmes *Asas do desejo* e *Tão longe, tão perto* de Win Wenders, pode desvelar alguns indícios acerca da questão do imaginário melancólico e neo-barroco na sociedade contemporânea, associado ao uso constante do termo “pós”. As relações com a melancolia e o neo-barroco partem dos seguintes aspectos, relacionados à própria temática dos filmes: a presença de anjos, o sentimento do tempo “passando”, a culpa cristã, o uso da luz e do preto e branco nas imagens, a música e a comunicação entre mundos diferentes. A sensibilidade melancólica está enraizada em práticas sociais e simbólicas, como sugere Denílson Lopes. A linhagem dos melancólicos, segundo o autor, se estende moderadamente, desde os príncipes e cortesãos do teatro barroco, passa pelos poetas ultraromânticos, dandies decadentistas e continua até os punks, darks e góticos. Os filmes *Asas do desejo*, e *Tão longe, tão perto*, de Win Wenders, podem afetar as imagens da história ao serem vistos como um poema sobre a efemeridade do tempo que se esvai, sobre a vida e a morte.

### **O cinema histórico sob a ótica da revista ‘Ilustrada Scena Muda’: o filme como fonte de realidade e educação na década de 1930**

História Contemporânea; passado; revista ilustrada; cinema histórico.

Fernanda Generoso  
UFF  
fernanda.generoso@yahoo.com.br

Nas décadas de 1920 e 1930, o pensamento marxista de autores como Benjamim, Adorno, Horkheimer, entendia o cinema como produto da Indústria Cultural, cujas funções limitar-se-iam a divertir e agradar “a massa”, excluindo qualquer finalidade social ou cultural. Nesse sentido, “a recepção através da distração, que se observa crescentemente em todos os domínios da arte (...), tem no cinema o seu cenário privilegiado” (BENJAMIN, 1993). No cinema, o público encontraria uma forma de distração e fuga da realidade. No entanto, ao contrário do que estes estudiosos pressupunham, acreditamos que os contemporâneos do período de ascensão e consolidação do cinema o compreenderam não somente como uma nova tecnologia, mas como agente histórico e político, ferramenta imprescindível para a sociedade, em especial a sociedade brasileira, onde ganhou importante papel na definição da cultura nacional (LINO, 2007). Durante o governo de Vargas, forjaram-se discussões ligadas ao seu papel como educador, produtor de propaganda, difusor de ideias. Nesse sentido, intentamos discutir como o cinema histórico da década de 1930 (especialmente após o Decreto de 1932, que nacionalizava a censura de filmes) e sua relação com o passado eram percebidos. Para tanto,

analisamos os textos e crônicas sobre filmes de temática histórica da revista ilustrada brasileira, *Scena Muda* (veiculada de 1921 a 1955), especializada em cinema nacional e internacional. A busca pela definição e “glorificação” é constante nas colunas da revista semanal. Não se atribuiu ao cinema um significado específico, mas vários. Todos os sentidos instituíam o cinema como “elemento cultural de grande poder”, documento de uma época, produtor do acontecimento, características que a própria história demorou décadas para reconhecer.

### **Cinema: um novo divã para os traumas da História?**

Cinema e História; Trauma; Memória.

Marcus Ítalo da Cruz Augusto  
UFMG  
m.augustorie@gmail.com

Devidamente habilitados e consagrados por uma série de estudos como ferramentas potenciais para o estudo da história, é sabido que o filme e o cinema oferecem ao historiador substrato para o estudo não só dos contextos dos quais emergem; eles igualmente iluminam as análises a respeito de sobre qual é o olhar que aqueles que o produzem, lançam ou lançaram sobre o passado. Assim sendo, serve então como marco zero da reflexão deste esforço teórico, o pressuposto de que ao se apropriar da História como fonte inspiradora para suas narrativas, o cinema – em sua dimensão mais ampla – torna-se aquilo a que neste trabalho, qualificaremos como um regime estético-representacional acerca do passado e da memória, abrindo assim novos espaços de discussão acerca das relações entre História e Memória. Por conseguinte, ao abandonar parcialmente o universo da pura ficção para adentrar o território da História, o cinema convida então o historiador a não se furtar à reflexão sobre o “fazer cinema”. Posto isso, o estudo dos filmes com temática ou ambientação histórica, é justificável para a reflexão não só histórica bem como historiográfica, na medida em que o cinema se converte assim num locus que concentra a produção de um conjunto expressivo de narrativas e representações sobre o passado, que vão e estão para além das abordagens historiográficas convencionais. Busca-se assim, neste trabalho, através de uma abordagem dialógica entre a Psicanálise e a História, compreender em que medida, e sob quais aspectos, os discursos cinematográficos produzidos acerca de temas como o holocausto e o nazismo, por exemplo, podem ser entendidos como uma tentativa de elaboração destes traumas da modernidade.

### **MESA 8: O CINEMA COMO FONTE E PENSAMENTO DA HISTÓRIA: DIÁLOGOS E TENSÕES.**

#### **Quando a Voz do Morro desce para o asfalto: interlocuções do sambista Zé Kéti com os artistas e intelectuais da Esquerda**

Zé Kéti; Cinema; Samba; Mediação Cultura; Circularidade Cultural.

Cleonice Elias da Silva  
PUC-SP / CNPq  
cleoelias28@gmail.com

Os estudos da História Cultural, que tem Roger Chartier como principal teórico e articulador desse novo campo de produção de conhecimento dentro da História, ampliou os nossos objetos de estudos. A cultura, em síntese, passa a ser encarada a partir de uma perspectiva que não se apoia nos cânones cunhados pela

antropologia, e nem naqueles que visam delimitar as barreiras que separam uma cultura culta de uma não culta. Cito alguns autores referências que estudaram ou estudam a cultura popular, dando o devido valor que a ela cabe, todavia, sem ignorar os possíveis conflitos que podem emergir durante a inserção e o reconhecimento dessa cultura em determinadas dinâmicas sociais, e alguns problemas conceituais e teóricos que a cercam. Entre os trabalhos destaco o de Raymond Williams, E.P. Thompson, Jesús Martín-Barbero, Néstor García Canclini, Stuart Hall, e o já referido Roger Chartier. Conforme esclarece Déa Ribeiro Fenelon (1993: 73), a categoria Cultura pode ser “pensada como campo de possibilidades aberto pela História Social”, fato que implicou no desenvolvimento de discussões traçadas em diferentes campos de conhecimento. No que diz respeito à Cultura Popular, não deve ser considerada no singular “(...) pensada como capaz de abarcar em si mesma a história como totalidade (...)”, a categoria Cultura deve ser pensada no plural “(...) e nunca poderemos considerá-la como campo exclusivo de uma só disciplina (...)” (FENELON, 1993: 75). Parte da discussão que pretendo apresentar nesta comunicação integra um das questões que estão sendo pensadas na minha pesquisa de mestrado sobre o filme *Rio, 40 Graus* (Nelson Pereira dos Santos, 1955), cujo término está previsto para dezembro deste ano de 2014. O sambista Zé Kéti fez uma pequena participação no filme como ator e um de seus sambas, *A Voz do Morro*, é a principal trilha sonora do filme. Nesse filme, os seus sambas passam a compor as trilhas sonoras de filmes de outros cineastas, não apenas os de Nelson Pereira dos Santos. Além disso, o segundo filme do Nelson Rio, *Zona Norte* (1957) é uma licença poética sobre a “biografia” do sambista, que no filme foi vivido pelo grande ator de chanchadas, Grande Otelo. Em suma, defendo a premissa de que Zé Kéti é uma artista que possibilitou uma mediação ou até uma circularidade cultural entre uma cultura “genuinamente popular” (a cultura dos morros cariocas) e uma cultura engajada posta em prática por artistas e intelectuais da classe média ligados direto ou indiretamente ao Partido Comunista.

#### **Funk e mídia: Mr. Catra e estereotipação sexual**

Funk; Mídia; Estereotipação sexual.

Matheus Felipe Barbosa e Alves  
UNIMONTES / CAPES  
mfelipe88@hotmail.com

O presente trabalho busca fazer uma análise da estereotipação da imagem da mulher através do funk de estilo "putaria". Através deste estilo há uma (des) valorização do feminino? Analisamos a letra da música *Medley ao vivo* (2011) de autoria de Mr. Catra, atualmente o mais famoso funkeiro brasileiro, no Brasil e no exterior. Começamos com uma retrospectiva da história do funk e como ele sai das favelas cariocas, utilizando das novas ferramentas da mídia, principalmente a internet. Depois analisamos como é feita a construção da identidade feminina no funk, que pode ser utilizada pelas mulheres de maneira a conquistar poder em suas relações sociais. Terminamos analisando a letra de uma música do estilo "putaria", apontando elementos que compõem qualquer letra deste estilo de funk.

#### **Enquadramentos da memória e mobilização racial na música brasileira: anos 1960 e 1970**

Música; identidade racial; memória social; ditadura militar.

Bruno Vinícius Leite de Moraes  
UFMG / CNPq  
bruno\_viniciusdemorais@hotmail.com

As reflexões e problematizações a respeito da memória social têm se demonstrado um terreno fértil para análises historiográficas quanto a diversos fenômenos, enriquecendo e diversificando as abordagens de vários objetos históricos no decorrer das últimas décadas. Carece de abordagens, no entanto, que os historiadores,

embora por vezes analistas da memória social construída quanto ao período que estudam, compartilham também de aspectos da memória social do tempo no qual vivem. Tratar de “memórias subterrâneas” e silenciadas quanto a um determinado período é também tratar de uma memória inexpressiva na historiografia de até então. A proposta desta comunicação é, partindo da sugestão de que a própria produção historiográfica constitua parte da memória social de um determinado período, abordar os “silêncios” quanto à articulação de uma identidade negra na historiografia brasileira sobre a canção, que trate do período anterior à segunda metade dos anos 1970. A segunda metade dos 70 é utilizada como marco, pois, é quando há a rearticulação do movimento negro brasileiro, em meio à chamada renovação dos movimentos sociais. Este período também é recordado pela repercussão de nomes da música brasileira que se destacaram pela articulação de um discurso reivindicatório em torno da identidade negra, como o Movimento Black Rio e Gerson King Combo. A problematização aqui proposta será a de ressaltar elementos da identidade negra defendidos por músicos anteriores a essa rearticulação do movimento negro, como Toni Tornado e Wilson Simonal, atuantes já durante o período da ditadura militar brasileira.

**‘Tu corazón oye brotar la primavera’: ressignificações de uma canção de Víctor Jara em diferentes contextos latino-americanos**

Nova Canção Chilena; Ditadura civil-militar chilena; Víctor Jara; Miguel Ángel Aguilera.

Maurício Marques Brum  
UFRGS / CNPq  
mauribrum@gmail.com

Camila Marchesan Cargnelutti  
UFSM / CAPES  
camila.m.cargnelutti@gmail.com

Diante de um cenário de enfrentamento e crescente polarização ideológica que dividia o Chile no início da década de 70, uma das principais maneiras encontradas pelos militantes de esquerda para manifestarem seus anseios por mudanças e, ao mesmo tempo, aproximarem-se da população, foi através de manifestações artísticas e culturais, particularmente, a música. Este trabalho analisa a canção *El alma llena de Banderas*, escrita pelo cantor e compositor Victor Jara. Uma das principais vozes do movimento conhecido como “Nueva Canción Chilena”, Jara realizou a letra em homenagem ao estudante e militante comunista Miguel Angel Aguilera, assassinado por forças repressivas durante um conflito de rua em 1970, em Santiago, poucos meses antes das eleições que acabariam vencidas pelo socialista Salvador Allende. Busca-se interpretar os sentidos da canção de Jara naquele momento, relacionando-a ao contexto histórico, político e social em que ela foi criada, e compreender suas possibilidades de ressignificação e apropriação em novas conjunturas latino-americanas.

**ST 05: História da arte em perspectiva: arte, religiosidade, devoção**

**MESA 1: A MATRIZ DE NOSSA SENHORA DO PILAR DE OURO PRETO: POSSIBILIDADES DE PESQUISA**

**A Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto: apropriações de um espaço urbano – séculos XVIII e XIX**

Matriz do Pilar – Ouro Preto/MG; religiosidade; paisagem urbana; patrimônio.

Leandro Gonçalves de Rezende  
UFMG / CAPES-Reuni

Em 2012, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto completou 300 anos de sua instituição paroquial. Com efeito, desde o século XVIII, esse templo é um símbolo de fé nas terras mineiras; espaço de sociabilidade e de encontro, marcando a vivência desta população. Todavia, para além de sua função religiosa, a Matriz do Pilar, em meados do século XX, transformou-se em espaço de memória e de preservação na medida em que foi tombada como patrimônio histórico. Assim, atualmente, esse espaço apresenta duas claras funções: a religiosa e a turística. Ambas são imbricadas, porém nem sempre harmoniosas. Buscar-se-á com essa apresentação fazer um breve histórico da construção da Matriz, discorrendo sobre algumas de suas funções religiosas e sociais enquanto espaço matricial de uma vila, ressaltando que ela é um recinto devocional, não obstante o seu tombamento em 1939, que a considera um patrimônio histórico e um lugar de memória. Destacaremos as múltiplas funções de uma edificação religiosa, discutindo alguns usos dos espaços “públicos”, nos séculos XVIII e XIX. Logo, nosso trabalho se justifica, pois a Matriz do Pilar faz parte de paisagem urbana de Ouro Preto, na qual a presença de monumentos religiosos é indissociável. Além disso, a Matriz e seu entorno produzem sentidos e significados, numa dimensão identitária, para aqueles que se utilizam deles, tanto como espaço de devoção quanto espaço de fascínio e encantamento diante do esplendor de uma decoração barroca, homogênea, profusa e dourada. Nosso recorte temporal compreende os séculos XVIII e o XIX, época de grande apelo devoto, na qual aspectos religiosos eram inseparáveis dos demais aspectos da vida cotidiana. No entanto, ressaltamos que desde meados do oitocentos instaura-se na sociedade luso-brasileira um processo de dessacralização do mundo, que deslegitima, pouco a pouco, a importância da Igreja, ou seja, trata-se de um período no qual se efetua gradual mudança de mentalidade, baseada na racionalidade e na secularização.

### **Sociabilidade confrarial e proeminência social: o caso dos devotos do Corpo de Deus de Vila Rica**

Santíssimo Sacramento; Irmandade; Minas Gerais; Corpus Christi; Semana Santa.

Monalisa Pavonne Oliveira  
 UFJF / CAPES-Reuni  
 monalisa\_pavonne@yahoo.com.br

A irmandade do Santíssimo Sacramento da igreja matriz de Nossa Senhora do Pilar, fundada em 1712, era responsável pelo culto e devoção da eucaristia. Esta irmandade, assim como outras no cenário colonial da América portuguesa, reunia, em certa medida, pessoas de condição social semelhantes, neste caso homens brancos que faziam parte da elite local de Vila Rica. Nesse sentido, o culto ao Corpo de Deus sacramentado pressupunha uma série de obrigações por parte dos confrades, como a participação na organização e contribuição financeira nas celebrações de Corpus Christi e na Semana Santa, além da colaboração na construção e manutenção da igreja matriz. Não obstante, o cumprimento das funções confrariais fossem uma obrigação por parte dos irmãos, ela podia conferir visibilidade social, sempre observando-se as posições ocupadas por cada irmão – se irmão mesa, oficial ou simplesmente irmão. Desse modo, buscaremos mostrar como o desempenho das obrigações confrariais contribuíam para uma certa visibilidade social para o membro da irmandade e na sociedade vilarriquenha como um todo; e, por conseguinte, como estas atitudes contribuíam para o enaltecimento da instituição, que inclusive se envolvia em disputas para a realização de festividades e precedência nas procissões. Assim sendo, pretendemos analisar como o compromisso dos irmãos para com a associação poderia resultar em proeminência social, em especial, a partir da organização da procissão do Corpus Christi, da realização da Semana Santa e a construção da igreja matriz.

### **O termo contratual de 1754 e as modificações no retábulo-mor da Matriz do Pilar, em Ouro Preto**

Termo contratual; retábulo; modificações

João Henrique Grossi Sad Jr.  
 UFMG  
 joao.sad@gmail.com

Em 1746, Francisco Xavier de Brito arrematou a obra de talha da capela-mor da igreja do Pilar em Ouro Preto. Estava criada a oportunidade para a introdução, na região, do barroco joanino evoluído, trazido por aquele mestre. Falecendo Brito em 1751, coube a seu sócio a tarefa de finalizar o trabalho. Em 1754, a Irmandade do Santíssimo Sacramento contratou outro artífice, José Coelho de Noronha, para reparar “erros e vícios de arquitetura”, e fazer outras modificações no retábulo da capela-mor. Conhecemos o texto deste segundo contrato, no qual estão especificadas as mudanças exigidas pela Irmandade. Sua redação, de caráter técnico, emprega naturalmente a terminologia da época, obscura para o leitor contemporâneo. A interpretação de seus itens é um desafio instigante, pois além de fazer referências às feições iniciais do retábulo, o documento contém exigências que aparentemente não foram cumpridas, ou se o foram, não constam do retábulo atual. Hoje temos conhecimento seguro, por diversas fontes, de outras mudanças realizadas ali. A atual imagem de Nossa Senhora do Pilar que ocupa o trono foi feita no séc. XIX e é maior que a imagem original. Sabemos também da presença, no séc. XVIII, de um zimbório no teto da capela-mor, de importante efeito decorativo e simbólico, mas que foi retirado por apresentar problemas estruturais. Estes e outros elementos, compreendidos sob a luz das recomendações eclesiásticas coevas, adquirem a força de testemunhos da mentalidade da época. Nossa pesquisa propõe-se a investigar a natureza das exigências presentes no contrato de 1754, realizando um trabalho no qual a filologia deve se unir ao estudo das formas remanescentes daquele retábulo. Acreditamos poder, a partir deste esforço, levantar novas suposições sobre a aparência original da criação de Francisco Xavier de Brito na capela-mor do Pilar, hoje considerada a obra-prima do estilo joanino evoluído na Capitania das Minas.

## MESA 2: ARTISTAS E ARTÍFICES: O FAZER MANUAL

### **Para além dos monumentos: as condições de trabalho dos carpinteiros, carapinas e marceneiros em Mariana no período colonial**

Ofícios mecânicos; hierarquias sociais; trabalho

Fabrizio Luiz Pereira  
 UFOP / CAPES  
 fabricioluizp@yahoo.com.br

Das construções dos templos religiosos aos castiçais e mobília encontrados nas Igrejas Setecentistas de Mariana são resultados do *savoir faire* dos carpinteiros, carapinas e marceneiros que por ali viveram e construíram suas carreiras. De mestres portugueses a simples jornaleiros, numa sociedade que se pretendia estamental, como foi as Minas Setecentistas, o ofício mecânico marcava a posição social do indivíduo, comumente relacionado ao Terceiro Estado. No entanto, no jogo de hierarquias estabelecidas dentro do próprio universo dos artífices havia maneiras de arquitetar o distanciamento social perante seus pares. O pertencimento a ordens religiosas, a origem metropolitana de alguns e a diversidade econômica garantia que um determinado número de artífices tivesse mais acesso às arrematações de obras públicas, além de cargos camarários, como o de Juiz e Escrivão de ofício. Por outro lado, a grande camada de carpinteiros, não passava de simples jornaleiros, no qual o ofício figurava como uma das atividades de sobrevivência. Destacamos, nessa comunicação, as relações de trabalho entre os oficiais mecânicos, a composição das fábricas, o uso da mão-de-obra escrava e os acordos entre contratante e contratado, principalmente entre os jornaleiros. Dessa forma, objetivamos debater acerca das hierarquias próprias do oficialato mecânico, através do conjunto de cobranças das “Ações Cíveis” do

Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana, e assim, detectarmos as condições de trabalho, na qual se sujeitavam mestres arrematantes, jornalheiros e escravos.

### **A formação da cultura visual dos grandes calígrafos nos séculos XVII e XVIII**

Cultura escrita; caligrafia; século XVII; século XVIII.

Luíza Rabelo Parreira  
UFMG / FAPEMIG  
luizarabeloparreira@hotmail.com

Márcia Almada  
UFMG / FAPEMIG  
marcia.almada@gmail.com

Este trabalho é fruto das reflexões adquiridas durante a iniciação científica feita sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Almada. A pesquisa “A produção de documentos manuscritos adornados no século XVIII em Minas Gerais”, possibilitou-me o exercício metodológico de descrever os elementos decorativos encontrados nos manuais de caligrafia e nos Livros de Compromisso de irmandades leigas. O objetivo dessa análise foi possibilitar comparações entre as obras, identificando referências e fazendo conexões sobre a formação visual dos calígrafos. Para isso, usei como ponto de partida o livro *Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar*, de Manuel de Andrade de Figueiredo (Lisboa, 1722). Ele é considerado o paradigma da caligrafia portuguesa do século XVIII e sua formação inclui referências a diversos calígrafos europeus, dentre eles Jan Van de Velde e Pedro Díaz Morante. Pude perceber que no processo de aprendizado do seu ofício, os mestres pintores e calígrafos usavam como referência obras de profissionais consagrados, fazendo dessa prática um modo de desenvolvimento do seu próprio estilo. Tanto a cópia quanto a adaptação foram um meio de propagação de ideias e modelos no tempo e no espaço.

### **Arte sacra e distinção social: prestígio do artista e fortuna do contratante nas pinturas de forro da igreja de São Tomé na serra das Letras**

Arte sacra; comarca do Rio das Mortes; Joaquim José da Natividade.

Maria Cristina Neves de Azevedo  
PUC-Rio  
mcnazevedo@yahoo.com.br

A partir da indicação de Bernardo Saturnino da Veiga que, em 1874, atribuiu às pinturas da igreja de São Tomé das Letras ao artista Joaquim José da Natividade, foi possível a inclusão do artista no rol de pintores atuantes, no início do século XIX, em igrejas e capelas no sul de Minas e Campo das Vertentes, com acervo significativo na região da comarca do Rio das Mortes. A comarca conheceu, a partir da segunda metade do século XVIII, relevante crescimento demográfico e econômico ligado à produção e comércio de gêneros de abastecimento viabilizando o enriquecimento e afirmação social de indivíduos ligados a estes setores. João Francisco Junqueira – que possuía propriedades de terra na região – erigiu, no final do século XVIII, a igreja que se encontra no cimo da serra das Letras e coube à sua descendência o término da construção e decoração do templo. Esta apresentação visa refletir sobre as relações entre a ornamentação de templos e a representação de hierarquia e distinção social a partir do fator qualidade que, para o artista traduz-se na perfeição e repercussão de sua obra e, para o contratante, nos recursos financeiros disponibilizados para a execução desta. Nesse sentido, a qualidade de artista e comitente apresenta-se como fator pertinente para se pensar sobre a sociedade que requisitou e investiu nas obras de decoração de igrejas na comarca do Rio das Mortes, nas primeiras décadas do século XIX.

## **Bento Gomes da Costa e a renovação da ornamentação artístico-religiosa em Itapecerica, MG – 1905/1915**

História da Arte; arte e religiosidade; rococó.

Gustavo Oliveira Fonseca (UFMG)

UFSJ

gofhistoria@yahoo.com.br

No princípio do século XX, igrejas centenárias da cidade de Itapecerica, antiga vila de São Bento do Tamanduá, passaram por um processo de renovação em seus acervos artísticos, especialmente no que se refere a peças retabulares. Através do entalhador Bento Gomes da Costa e sua oficina, foram confeccionados novos retábulos para três igrejas da cidade, a Matriz de São Bento, a Igreja de Santo Antônio e a Igreja de Nossa Senhora das Mercês. A singularidade destas obras encontra-se na reapropriação de modelos nitidamente dentro de linguagem rococó, que foram relidos para produzir um conjunto condizente com os locais onde se inserem, além de se relacionarem com uma tradição artística regional muito em voga em Minas Gerais durante todo século XIX. Aliado a isto, tem-se também a relação entre o artífice e os comitentes das obras, síndicos de irmandades e párocos, mostrando como as redes de sociabilidade eram determinantes no resultado do produto artístico final. Portanto, a pesquisa pretende compreender melhor as permanências e mudanças nas linguagens artísticas mineiras, e de modo especial, a manutenção da estética rococó por um período temporal prolongado, atingindo as primeiras décadas do século XX.

### **MESA 3: CIRCULAÇÃO, APROPRIAÇÃO E CRIAÇÃO DE NOVAS IDEIAS NA ARTE BARROCA**

#### **A Pathosformeln colonial: Análise warburguiana da imagem de Nossa Senhora das Mercês de Manoel Victor de Jesus**

Aby Warburg; Nachleben; Pathosformeln.

Kellen Cristina Silva

UFMG / CAPES

kellen\_poetisa@hotmail.com

Existem várias metodologias para abordar a imagem dentro dos estudos históricos-culturais, sendo a teoria iconológica de Panofsky a mais difundida e a mais utilizada quando o assunto é a imagem como fonte histórica. Isso se dá justamente porque Erwin Panofsky se preocupou muito com a erudição e com a decifração do significado do conteúdo presente nas obras. Contudo, com o redescobrimto de Aby Warburg, podemos notar que Panofsky não colocou em teoria os pensamentos dispersos de seu mestre, indo a sua contramão, justo porque Warburg se preocupava muito mais com os caminhos que o levariam a entender as formas assumidas pela a imagem, ou seja, sua psicologia, e, sobretudo, as “razões que determinam suas transformações no tempo”. Atualmente, a análise warburguiana nos parece ser a mais adequada para os objetivos de nossa pesquisa no campo da História Cultural, se comparada ao método iconológico de Erwin Panofsky. Sendo assim, nos propomos a apresentar uma análise da pintura de Nossa Senhora das Mercês, localizada na igreja da mesma devoção em Tiradentes, antiga São José, pelo viés warburguiano, justamente porque enxergamos agora a essência da Pathosformel de Warburg, para nossas imagens, quando buscamos representações com uma mesma carga sentimental e temática.

#### **Repertório Iconográfico da Capela da Fazenda da Boa Esperança de Belo Vale: circulação e apropriação de imagens**

Iconografia; Capela da Fazenda Boa Esperança; circulação; apropriação.

André Onofre Limírio Chaves  
UFMG / FAPEMIG  
andreonofrelimario@gmail.com

Leandro Gonçalves de Rezende  
UFMG / CAPES - Reuni  
leandro9rezende@yahoo.com.br

Lúcio Flávio da Silva  
UFMG  
lucioflaviosilva.23@gmail.com

A chamada 3ª geração dos Annales ampliou o campo de estudos da história, voltando a atenção para as técnicas do trabalho e dos domínios materiais, as experiências, os ofícios, ou seja, as relações entre o mental e o material. Também buscou o conhecimento do meio cultural em que a humanidade pretérita estava inserida com seus signos, símbolos e crenças. Esses são aspectos importantes para se pensar a história da arte, pois não podemos considerar a obra de arte como uma ideia desencarnada, sem raízes no seu tempo e nem como mero reflexo do contexto em que se situa. Assim, propomos a análise do repertório iconográfico da Capela da Fazenda Boa Esperança em Belo Vale Minas Gerais. Uma simples capela particular, construída em fins do século XVIII e início do XIX, mas que apresenta sofisticada iconografia em suas pinturas de forro e ilhargas. A partir do estudo dessas obras, analisaremos a circulação de imagens no território mineiro, demonstrando com estampas e impressos foram apropriados pelos artistas mineiros, configurando uma realidade própria, todavia nitidamente ligada ao que se fazia em outros lugares do universo luso. Nosso estudo se norteará no cotejamento de pesquisa arquivística (principalmente no IPHAN e IEPHA) e trabalho de campo com a produção historiográfica sobre a pintura colonial mineira, de modo a contribuir nesse eminente assunto, valorizando a obra de um lugar por hora esquecido.

**Reflexões sobre a construção perspéctica no tratado ‘Arte da Pintura, perspectiva e simetria’ de Filipe Nunes**  
Tratado; ciência; arte; perspectiva.

Renata Nogueira Gomes de Moraes  
UFMG  
remoraishb@gmail.com

O objetivo desta apresentação é discutir sobre a construção perspéctica do tratado *Arte da Pintura, simetria e perspectiva* do português Filipe Nunes, publicado em 1615, em Lisboa, por Pedro Craesbeeck. Além disso, o presente trabalho é fruto da dissertação que se propõe a estudar aquele tratado, que desfruta de grande importância para literatura artística portuguesa. O título do tratado já fornece pistas sobre os objetivos de Nunes, que pretendeu chamar à atenção para os elementos importantes da arte da pintura, ou seja, aqueles que garantiriam a ela o status de Arte Liberal. Tais elementos seriam: a perspectiva e a simetria. Considerando isso, vê-se que ele define em seu tratado o que seria a perspectiva, sua importância para a pintura, além demonstrar/entender, por meio de desenhos, como seria a construção perspéctica. Tendo em vista essas questões, tenciona-se neste trabalho refletir sobre a construção perspéctica proposta por Nunes, considerada uma forma *sui generis*, se comparada, por exemplo, com as abordagens feitas - presente tanto em tratados, como na prática pictorial – da perspectiva em outros lugares.

**Revisitando o barroco mineiro: um conceito entre a arte, identidades e outras representações coloniais**  
Barroco; conceito; representação.

Bruce Souza Portes  
UFSJ / CAPES

Esta comunicação visa discutir algumas questões conceituais relacionadas ao “barroco mineiro”, lançando mão de estudos recentes que vêm revisitando sua acepção mais generalista, a fim de demonstrar como aspectos identitários, econômicos e políticos se fundiram àqueles propriamente artísticos na construção desse conceito. Calcando nossa análise nas perspectivas teóricas legadas pela nova história cultural e, sobretudo, pela história dos conceitos, compreendemos o “barroco” como uma representação composta por um conjunto de definições cunhadas ao longo do tempo que ora se completam e ora se contradizem, conforme o programa estético, político ou intelectual hegemônico em dado momento histórico. Deste modo, propomos discutir a história do conceito do “barroco” enfatizando a relação das variações semânticas de suas diferentes definições com os programas nacionalistas e identitários que encabeçaram suas apropriações pela intelectualidade latino-americana e brasileira ao longo do séc. XX, com especial destaque ao caso “mineiro”.

#### **MESA 4: SOCIABILIDADE E RELIGIOSIDADE: DOIS LADOS DA MESMA MOEDA**

##### **Percepções acerca dos pardos da Arquiconfraria do Cordão de São Francisco em Mariana (1779-1832)**

Pardos; Sociabilidade; Devoção; Arquiconfraria; Cordão de São Francisco.

Maria Clara Caldas Soares Ferreira  
UFMG  
clarinhacaldas@yahoo.com.br

A Arquiconfraria do Cordão de São Francisco se estabeleceu em território mineiro graças aos esforços de Matias Antônio Salgado, vigário do Rio das Mortes, cujo crédito andava comprometido diante do bispo diocesano. O Cordão surgiu, simultaneamente, em São João del-Rei, Vila Rica, Mariana e Sabará no ano 1760. Desse modo, o culto a São Francisco se desenvolveu, na região, em dois âmbitos: o mais antigo representado pela Ordem Terceira da Penitência que, segundo os regimentos internos, era restrita aos homens e mulheres de “pureza de sangue” confirmada; e outro pela Arquiconfraria do Cordão que reunia, dentre seus agremiados, gente cor. Vários foram os conflitos travados judicialmente entre os terceiros franciscanos, elite branca local, e os pardos do Cordão. De modo geral, os irmãos terceiros questionavam a validade do Cordão enquanto instituição católica, bem como o fato de os arquiconfrades ostentarem vestes e insígnias que julgavam privativas de sua Ordem. Este impedimento por parte dos terceiros, detentores da força política, impossibilitou que a Arquiconfraria do Cordão se estabelecesse efetivamente em São João del-Rei e Vila Rica. Contudo, o mesmo não aconteceu nas agremiações em Mariana e Sabará, localidades onde os pardos triunfaram edificando templo próprio. A documentação remanescente produzida pela Arquiconfraria do Cordão em Mariana possibilitou o arrolamento dos membros da Mesa gestora nos anos 1779 e 1786, permitindo que os seus nomes fossem localizados em fundo cartorário e documentação militar, assim como identificados em bibliografia relativa a oficiais mecânicos. Nesse sentido, o trabalho ora proposto pretende apresentar e analisar o perfil social dos pardos do Cordão em Mariana entre 1779 e 1832, ano de abertura dos últimos testamentos localizados.

##### **Devoção, Sociabilidade e Relações de Poder em Minas Gerais: a Irmandade de Nossa Senhora das Mercês de Mariana**

Associações Leigas; Assistencialismo; Cultura barroca.

Vanessa Cerqueira Teixeira  
UFV  
vanessa.teixeira@ufv.br

As Irmandades são organizações de pessoas que se unem por interesses e devoções em comum, originadas na Idade Média, com objetivos assistencialistas e religiosos. Para tanto, edificam seu templo e administram a vida religiosa, possibilitando a sociabilidade entre negros, crioulos e mestiços que, de certa forma, ganham voz e representatividade em um espaço específico. O período colonial em Minas foi marcado pelo estabelecimento destas associações leigas, principalmente após a proibição da entrada do clero no início da mineração. As irmandades de Nossa Senhora das Mercês foram geralmente formadas pelos “pretos crioulos”, sendo também caracterizadas por seus poucos recursos financeiros. Este trabalho tem por objetivo compreender a organização da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês de Mariana e a construção de seu templo, assim como analisar o estabelecimento da Associação Marianense Redentora dos Cativos, destinada à arrecadação de fundos para compra de alforrias dos irmãos mercedários.

### **Os priores do Carmelo: poder, mecenato artístico e distinção social na Comarca de Vila Rica (1752-1800)**

Ordem Terceira; prior; religiosidade; relações de poder.

Felipe José Flausino Santiago  
UFOP  
felipe.santiago@gmail.com

Durante a segunda metade do século XVIII, a Ordem Terceira do Carmo de Vila Rica caracterizou-se por ser uma das principais, e mais influente, associação religiosa constituída por leigos no interior da América Portuguesa. Sua extensão e ramificação por um vasto território da Capitania de Minas, constituindo uma complexa rede associativa, propiciaram aos seus irmãos professos um espaço amplo de sociabilidade e, ao mesmo tempo, a possibilidade de busca e manutenção da distinção social, práticas do Antigo Regime que foram sendo introduzidas e interiorizadas pela associação. A atuante presença do prelado perante a sociedade de Vila Rica pode ser constada pela suntuosidade de seu templo, que se tornou possível devido ao grandioso recurso financeiro que os carmelitas arrecadavam de seus irmãos professos. Compreendendo que as Ordens Terceiras devem ser interpretadas a luz dos fenômenos sociais e políticos que englobavam aquela sociedade, este trabalho destina-se a investigar o interior desta associação, na procura de identificar suas dinâmicas e estruturas, em consonância com os imbricamentos existentes entre Ordem e sociedade. Para isso, dirigimo-nos ao papel exercido pelos Priores, principal função da mesa administrativa da associação, que durante o período foi local de disputas entre membros da elite da Comarca de Vila Rica. Através da documentação, como livros de entradas, atas de reuniões, correspondências e livros de receitas, poderemos caracterizar perfis que marcaram os exercícios de priorado do Carmo durante os setecentos, e assim, compreender os interesses sociais, políticos e religiosos que formaram a congregação.

### **Coração de Reis Negros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São João Del-Rei: construção de identidades e sociabilidade (1841-1903)**

irmandade; devoção; sociabilidade; identidade

Luciana Mara dos Santos  
UFSJ  
lucianamara30@yahoo.com.br

Este é um trabalho resultante de uma pesquisa em andamento que faz parte do programa de pós-graduação-nível mestrado em História da UFSJ. Buscando identificar uma diversidade na organização interna da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos da cidade de São João del-Rei-Minas Gerais ao longo da segunda metade do século XIX, traçamos um diálogo interdisciplinar entre a história e a antropologia, e nos deparamos com um processo de construção de identidades étnicas a partir da

representatividade dos cargos de rei e rainha na irmandade, associados às festas de coroação. O Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar, atual cidade de São João del-Rei, foi formado na primeira década do século XVIII e contou com a instituição de uma sociedade hierarquizada e escravista. Diferentes irmandades foram criadas, mas desde o início do processo de constituição do arraial, Nossa Senhora do Rosário foi reconhecida como protetora dos negros. Em 1720 foi edificada a capela de devoção à santa, que dividiu os altares com santos como São Benedito, Santo Antônio de Catalagerona e Nossa Senhora dos Remédios. Partindo das fontes documentais disponibilizadas no arquivo da irmandade, buscamos compreender e identificar características essenciais a sua organização interna e a de sua Mesa Administrativa. Analisando os Livros de Compromisso da Irmandade, percebemos que no Compromisso de 1841 temos uma observação feita no ano 1896, na qual os cargos de rei e rainha são substituídos pelos cargos de prior e prioriza. Diante desta questão, resolvemos nos dedicar à busca por possíveis respostas para esta mudança e para tanto, estabelecemos como recorte temporal o período iniciado em 1841 e finalizado em 1903, quando a Irmandade tem a aprovação de seu próximo compromisso. Na tentativa de melhor compreendermos os fatores que levaram a esta modificação na referência aos cargos, buscamos interpretá-la a partir de um viés que considera as transformações econômicas, políticas e sociais ocorridas no Brasil nas últimas décadas do século XIX. Estamos traçando um perfil social dos membros da irmandade deste período, dedicando-nos, com prioridade, aos confrades integrantes da mesa administrativa da irmandade. Nosso objetivo central está na percepção dos significados do engajamento dos confrades nos cargos de rei e rainha e da participação nas festas de coroação de reis negros, tomando como referenciais a irmandade e a sociedade em geral. Nossa pesquisa, assim como o trabalho de Mariza Soares, utiliza a religiosidade como peça fundamental para o entendimento da perspectiva social das sociedades escravistas. As irmandades são percebidas como associações propícias à disseminação da fé católica, além de desempenharem importante papel nos processos de sociabilidade e de construção de identidades. Vamos nos ater aos pilares de identidade e cultura e aos processos de recriações e ressignificações culturais e religiosas apresentados à sociedade sanjoanense no interior das irmandades. Partindo de uma análise cultural, percebemos a Irmandade do Rosário da cidade de São João del-Rei como um espaço propício para a realização de festas como as coroações de reis negros, que misturavam símbolos religiosos presentes no catolicismo e nas religiões africanas. Propomo-nos a perceber e compreender as diversas formas pelas quais as festas de coração de reis negros foram interpretadas e readaptadas pelos diferentes grupos que integraram a Irmandade ao longo da segunda metade do século XIX e na passagem para o século XX.

## **MESA 5: NOVOS ARES NA ARTE: GOSTOS MATERIAIS E TÉCNICAS**

### **Sacralizando espaços: arte religiosa no cemitério da Soledade (1850-1880)**

Arte funerária; cemitério Nossa Senhora da Soledade; Belém.

Tallyta Suenny Araujo da Silva

UFPA

tallytasuenny@gmail.com

A Belém do século XIX presenciou mudanças nas suas práticas mortuárias a partir da proibição dos sepultamentos nas igrejas, em 1850. Os cemitérios extramuros se tornaram o local oficial para os sepultamentos, visando atender as medidas higienistas e sanitárias para conter o avanço da epidemia que se alastrava pela cidade, mas a percepção da sociedade belenense sobre estas mudanças na paisagem do bem morrer não foi totalmente favorável. Visto que a igreja era considerada como espaço sagrado no qual estar enterrado favorecia as possibilidades de salvação, parto da ideia de que o cemitério da Soledade foi se tornando um espaço “sacralizado” e, assim, aceito como nova morada dos falecidos. Esse processo de sacralização está relacionado com a percepção de elementos da cultura belenense através da inscrição de símbolos religiosos e expressão de sentimentos por meio da arte tumular. As representações materializadas

das crenças católicas presentes nas cidades dos vivos – imagens de santos, anjos, da virgem e de cristo presentes nas igrejas e nos domicílios – foram implantadas na cidade dos mortos, desse modo, a transição dos enterros para o cemitério não anulou a concepção religiosa de antes. As diversas representações de entidades celestiais nos túmulos são indicativas da preocupação com a salvação das almas dos falecidos, simbolizando uma reconfiguração dos ritos funerários da religiosidade barroca do século XIX.

**Neogótico no Brasil: arquitetura, religião e espaço, na obra do missionário lazarista Julio José Clavelin, 1834 e 1909**

Congregação da Missão; Lazaristas; Neogótico; Arquitetura; Igreja; Santuário do Caraça.

Carolina de Almeida Silva  
UFV  
carolina.a.silva@ufv.br

Este trabalho procura discutir a influência do Neogótico no Brasil a partir do século XIX, com as obras do missionário lazarista e arquiteto francês, Pe. Julio Clavelin (1834–1909). Neste estudo, buscamos compreender as peculiaridades deste estilo em terras brasileiras, no que diz respeito à arquitetura sacra; ao espaço do lugar religioso que põe em relação monumentos arquitetônicos e eclesiásticos em sintonia, no caso o Catolicismo e o estilo francês chamado de *Opus Francigenum*, mais conhecido como Gótico. O ponto de partida para esta pesquisa é a primeira igreja neogótica edificada no Brasil do Oitocentos. Referimo-nos à Igreja Nossa Senhora Mãe dos Homens, que compõe atualmente o prédio do Santuário do Caraça, em Catas Altas/MG, inaugurada em 1883. Nosso intuito é, a partir dos escritos e das plantas do Pe. Júlio Clavelin, entender o conceito de neogótico num território influenciado pelo barroco europeu. Embora os movimentos artísticos disseminados pelo Brasil fossem variados, na região das Minas, o barroco foi proeminente. Que tipo de filosofia inaugura nessas terras os missionários lazaristas e que responde aos seus objetivos religiosos? Nosso objetivo é fazer uma análise do pensamento católico destes períodos concretizados/refletidos na arquitetura dessa igreja e sua possível influência na adoção do estilo neogótico em outras partes do Brasil.

**Escultura devocional de gesso em Minas Gerais**

Escultura; Gesso; Técnica construtiva; Imagem devocional; Minas Gerais.

Maria Clara de Assis  
UFMG – FAPEMIG  
clarinha.deassis@yahoo.com.br

Maria Regina Emery Quitês  
UFMG  
mreq@ufmg.br

Este projeto tem como objetivo estudar a escultura devocional mineira em gesso, do século XIX e do XX. Percebemos a necessidade de pesquisa sobre essas imagens, consideradas menos nobres, pois, na maioria das vezes quando deterioradas acabam que são tratadas por artesãos habilidosos, que não possuem o critério e a ética dos conservadores- restauradores. A metodologia da pesquisa vem trabalhando com os acervos do Seminário do Caraça, da Arquidiocese de Belo Horizonte, da Igreja Matriz de São José de Congonhas, da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Serro e Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade do Paraopeba de Brumadinho. Fazemos a pesquisa in loco, com análise da técnica construtiva, procurando marcas de sua oficina de origem, ou selo de sua comercialização, bem como suas características formais e estilísticas, a fim de

identificar sua origem e introdução em Minas Gerais. Realizamos levantamentos dos registros documentais, dos inventários e buscamos referências bibliográficas. Pretendemos também determinar os modelos iconográficos mais recorrentes nas esculturas em gesso desta época. As pesquisas até o momento nos levam a investigar melhor a influência do Concílio Vaticano II, na década de 1960, sobre as imagens e sua veneração nas igrejas. No cap. VII, intitulado A ARTE SACRA E AS ALFAIAS LITÚRGICAS, lemos: “125 - Mantenha-se o uso de expor imagens nas igrejas à veneração dos fiéis. Sejam, no entanto, em número comedido e na ordem devida, para não causar estranheza aos fiéis nem contemporizar com uma devoção menos ortodoxa.” Analisando as imagens de gesso, em relação a esse aspecto do Concílio, levantamos a hipótese sobre uma possível diminuição ou eliminação de algumas imagens das igrejas, o que gerou em determinado momento alguma iconoclastia.

## **ST 06: História da África e seu ensino no Brasil II**

### **MESA 1**

#### **Um Inglês No Gâmbia**

Richard Jobson; Rio Gâmbia; Relato de viagem; Comércio; Mundo Atlântico.

Felipe da Silveira Malacco  
UFMG  
fmalacco@hotmail.com

Richard Jobson, inglês de naturalidade e de trajetória de vida incerta, realizou uma viagem ao rio Gâmbia em 1621 a procura de um lucrativo comércio de ouro. Seu relato de viagem fornece importantes informações para o pensamento sobre a história pré-colonial africana, já que uma vez que seja aplicada a metodologia necessária e desde que sejam tomados os devidos cuidados, os relatos europeus podem ser uma valiosa fonte historiográfica não só para a história europeia e seu contato com o continente africano, mas também como objeto de estudo para a história africana em si. A partir deste argumento, algumas perguntas devem ser feitas de forma a tornar essa fonte um aporte empírico para o estudo da região a qual ele viajou: quem é Richard Jobson? Qual era o contexto político e econômico no qual vivia na Inglaterra? Quais foram suas motivações para realizar esta viagem? A quem ele respondia? Quais são e a partir de que são feitas as representações presentes em seu relato de viagem? Com qual objetivo que ele escreve este relato? Quais os problemas existentes na confecção e interpretação deste relato? Qual era o contexto político, econômico e cultural que Jobson encontra na África? Quais são as possíveis representações feitas pelos africanos para este “outro” desconhecido até então? A estas perguntas o presente trabalho procurará responder, de forma a trabalhar o relato de viagem como fonte primária para o estudo da região do rio Gâmbia à época da viagem realizada.

#### **Conectando margens entre Palmares e a África Central: fontes e análises clássicas em uma abordagem atlântica**

Palmares; Trânsitos Culturais; África Central; Quilombos; História Atlântica.

Felipe Aguiar Damasceno  
UFRJ / CNPQ  
felipe.aguiardamasceno@gmail.com

A presente comunicação busca contribuir com a recente retomada das análises sobre a experiência de Palmares, a partir de um enfoque que busca relacionar os desenvolvimentos históricos da resistência escrava e do passado africano na América portuguesa com a História da África Central e ilhas do Atlântico, onde a

colonização portuguesa tentava maior penetração e efetivação no século XVII. Tomando o Atlântico como um espaço econômico e social em formação através da circulação comercial, do tráfico de escravos e dos trânsitos culturais, buscaremos colocar em perspectiva duas fontes clássicas para o entendimento de Palmares, contrapondo-as com a bibliografia africanista pertinente de modo a problematizar as possíveis e diversas influências do passado das sociedades africanas e luso-africanas no viver e na luta quilombola que se desenvolveu nos mocambos de Palmares. Dessa forma, acredito ser possível ultrapassar abordagens já consagradas sobre o tema que acabam por simplificar os significados da experiência palmarina quando, por uma lado, privilegiam somente as permanências africanas – os “africanismos” – na composição dos mocambos formados nas serras de Pernambuco, ou, por outro, quando apontam para a luta de Palmares como uma luta perdida contra o sistema escravista.

**Uma análise do fracasso da Missão dos Jesuítas na Guiné: Catolicismo - Religiões Africanas - Islamismo**  
Guiné; Catolicismo; Islamismo; Religiões Africanas

Jeocasta Juliet Oliveira Martins de Freitas  
UFMG / CNPQ  
jeocasta@hotmail.com

O objetivo desta apresentação será demonstrar as dificuldades encontradas pelo primeiro grupo de jesuítas que foi enviado a Guiné, em 1604. Este primeiro grupo era composto por quatro membros, três padres (P. Baltazar Barreira, P. Manuel de Barros, P. Manuel Fernandes) e um irmão (Ir. Pedro Fernandes). Estes jesuítas foram enviados a “Guiné do Cabo Verde” com a finalidade de analisar a viabilidade do estabelecimento de uma Missão na região com o intuito de auxiliar a Coroa e a elite Cabo Verdiana a “manter” o controle da região da Guiné, uma vez que, Portugal não detinha o controle efetivo desta região e franceses e ingleses, cada vez mais, se interessavam pelo comércio nestas partes. Pretende-se, demonstrar como a presença do islamismo, e principalmente dos *bexerins* (sacerdotes-mercadores divulgadores do islã) teriam dificultado a tentativa de catequização. Pretende-se, também, demonstrar como as religiões africanas também foram um empecilho ao objetivo destes padres. Através da análise de cartas missionárias e dos relatos de dois mercadores cabo-verdianos (André Alvarés Almada e André Donelha), pretende-se discutir e questionar o discurso dos missionários de que os “gentios” (termo utilizado pelos portugueses para caracterizar as nações africanas que praticavam religiões africanas) seriam mais facilmente convertidos que os islamizados, uma vez que, nestas próprias fontes, é possível perceber como características das religiões africanas dificultaram a tentativa de catequização na Guiné. A intenção desta apresentação é problematizar questões referentes ao fracasso da Missão Jesuíta a partir de razões internas presentes na Guiné, ou seja, como as práticas religiosas que já existiram ali interagiram com a chegada de representantes de uma outra religião. Neste sentido, pretende-se, também, discutir a viabilidade da utilização de fontes europeias na construção da História da África.

**A temática sobre a Escravidão em África num Curso de Formação Continuada: as impressões de professores(as) sobre a questão**

Ensino de História da África; Formação Continuada; Escravidão em África.

Mariana Heck Silva  
UDESC  
marianahecks@gmail.com

Claudia Mortari Malavota  
UDESC

O Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade do Estado de Santa Catarina (NEAB/UDEC) desenvolve anualmente cursos de Formação Continuada para professores (as) nas temáticas de relações étnico-raciais, história e cultura africana, afro-brasileira e indígena. O presente artigo tem como objetivo analisar a percepção dos/as professores/as cursistas em relação à temática da escravidão africana a partir de algumas de suas participações nos fóruns de discussão do curso, intitulado “Introdução aos Estudos Africanos e da Diáspora”, oferecido no primeiro semestre do ano de 2013.

## MESA 2

### Por uma história da África contemporânea em sala de aula

Raissa Brescia dos Reis  
UFMG / CAPES  
rah.brescia@gmail.com

Taciana Almeida Garrido de Resende  
UFMG  
tacianagarrido@gmail.com

A proposta desta apresentação é discutir a importância do ensino de História da África contemporânea, aqui considerada no amplo recorte cronológico dos séculos XIX e XX, e a sua quase ausência na educação básica no Brasil. As delimitações do texto da lei 10.639, de janeiro de 2003, seguindo as tendências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, estabelecem apenas os parâmetros gerais a serem adotados para a inclusão obrigatória do “estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil”, sem delimitar conteúdo ou abordagem obrigatória. Porém, uma análise dos livros didáticos selecionados e indicados pelo Programa Nacional do Livro Didático, que tem entre suas diretrizes centrais a garantia da realização da lei aqui exposta, permite verificar que a África e os africanos adentram o campo da história ainda de forma marginal, em campos que minimizam ou ignoram as dinâmicas e contextos políticos e sociais contemporâneos. Nesse sentido, este trabalho propõe a adoção do ensino da História da África contemporânea como uma forma de dar novo fôlego e novos matizes às imagens do continente e dos africanos criadas e cultuadas em sala de aula. Um enfoque no continente africano atual, com suas mazelas e suas conquistas, administrado por africanos, empenhados para seu crescimento, inseridos nas lógicas ocidentais ou não ocidentais, mas sobretudo homens do nosso tempo, mostra-se uma contribuição importante como contrapeso às narrativas de uma “África ancestral”, de reis e rainhas, sem dúvida importantes para a fundação e positividade de identidades pessoais e coletivas, mas não suficientes para retirar a história do continente do limbo dos mitos irrealizáveis, dos passados gloriosos de presentes nem tão aprazíveis. A percepção de “Áfricas” em construção, em constante formulação social e política, ativas e presentes no cenário mundial, inclusive em diálogo e negociação com o Estado brasileiro, não seria um caminho para a fundação de novas imagens do mundo e, por que não, parte do estabelecimento de uma cultura escolar baseada na positividade da diversidade e do diálogo?

### Lançados e Tagomãos na formação de cidades mestiças na costa atlântica africana (sécs. XV ao XVIII)

Lançados; mestiços; intermediários atlânticos.

Rangel Cerceau Netto

UNI-BH  
cerceaup@gmail.com

Andrezza Alves Velloso  
UNI-BH  
andrezza.velloso@gmail.com

A pesquisa retrata a ação de Lançados e Tagomãos na formação das comunidades atlânticas africanas. Os tagomãos e lançados constituíram-se nos primeiros grupos de intermediadores atlânticos que ajudaram no estabelecimento de estratégias de conquista na costa atlântica africana, durante o período moderno. Esses mestiços, através de políticas de alianças familiares, evocaram as dinâmicas contraditórias e adaptativas que ajudaram no estabelecimento de feitorias europeias e, também, na aproximação de europeus com africanos.

## **ST 07: Teoria da História, História da Historiografia e Filosofia da História**

### **MESA 1: HISTÓRIA E LITERATURA EM DEBATE: DAS FORMULAÇÕES TEÓRICAS ÀS FONTES DE INVESTIGAÇÃO**

#### **Metaperspectiva e imaginário: contribuições iserianas para a Teoria da História**

Metaperspectiva; Imaginário; Ficção; Teoria Literária.

Yasmin Franca Merelim Magalhães  
UFMG  
yfmerelim@gmail.com

Em seus primeiros estudos recepcionais, como continuidade das proposições de Hans R. Jauss à escola de Kontanz, W. Iser investiga, em princípio, circunstâncias da interação comunicativa, para repensar ficções modernas, e busca, na teorização psicanalítica, a compreensão da negatividade da linguagem. Iser propõe um aparelho epistemológico, que serve à compreensão da natureza do discurso. Neste aparelho, no entanto, importa, sobretudo, o conceito de “metaperspectiva”, aplicável às narrativas históricas. Para este, Iser parte dos estudos de Edward Jones e Harold Gerard, com os quais formula que a contingência tanto nasce da interação quanto a propulSIONA. Semelhantes observações derivaram do estudo psicanalítico de R. D. Laing, H Phillipson e A. R. Lee, retomado por Iser, para a observação da relação do texto com o leitor. As interações se realizam por uma demanda ou necessidade interpretativa, de compreensão e racionalização do outro, que advém da inerente falta de transferência ou permuta da experiência dos participantes da interação. Para Laing, a experiência de um outro sobre “mim” ou a própria experiência sobre o outro são invisíveis, reciprocamente, e “o meu campo de experiência, contudo não é preenchido por minha visão direta de mim e pela do outro, mas pelo que chamarei de ‘metaperspectiva.’” Iser elabora uma teoria de estrutura triádica, que investiga a natureza do ficcional, sempre permeado por um terceiro elemento que extrapola a antiga dualidade ficcional x real. Este terceiro é o imaginário, e é a despeito deste conceito que o ficcional, como uma realização do imaginário, toca os estudos da narratologia, de qual novamente é aplicável à teoria histórica. De modo irrefletido, tida “como antípoda da realidade”, a ficção foi assim tratada desde a modernidade e naturalizada em “um saber tácito”, sem que tenha sido reconhecida como uma produção de conhecimento, *status* dado apenas a formas discursivas cientificadas, analíticas ou filosóficas. Entretanto, a ficção estaria, conforme defende Iser, não apenas nos textos percebidos como literários, simulam o real, mas em qualquer processo especulativo do pensamento manifesto como linguagem, seja ele um esforço de teorização ou mesmo um procedimento científico, em que o próprio experimento realiza-se como uma formulação hipotética, uma expectativa, e se dá, assim, como trabalho resultante da imaginação e não prontamente empírico.

## **Literatura é documento do que? Ensaio sobre as relações entre História e Literatura**

Teoria da História; Literatura; Marxismo.

Flavia Vianna do Nascimento  
UFF  
flaviavianna3hist@gmail.com

Durante a primeira metade do século XX, a corrente historiográfica conhecida depois pelo nome de Escola dos Annales renovou a maneira de pensar e produzir história, resultando também na ampliação do que os historiadores qualificavam como fonte histórica. Ao mesmo tempo, propôs contatos com outras disciplinas das ciências humanas, alargando os usos possíveis de teoria e metodologia dentro da História. Cada sociedade possui uma visão sobre si mesma, e as artes, dentre elas a Literatura, expressam esses pontos de vista. Contudo, não devemos tomá-las como reflexo direto das sociedades. Portanto, o objetivo da comunicação é refletir e discutir sobre as relações teóricas entre História e Literatura. Tomarei como ponto de partida as proposições de Roger Chartier sobre o tema, cujo um dos pressupostos é a literatura como representação. Farei uso da crítica marxista com a finalidade de ampliar as discussões sobre História e Literatura, pois considero um pouco limitada a premissa da “literatura como representação”.

### **A Crônica Franciscana na Nova Galícia e na Nova Granada (século XVI): fragmentos de uma Historiografia Indiana**

Historiografia; Indiana; Crônica.

Thiago Bastos de Souza  
UERJ / CAPES  
toca98@hotmail.com

O advento da colonização do Novo Mundo, sobretudo a partir do século XVI - no que se refere à participação espanhola-, colocou em contato partes distintas do globo, ou até então desconhecidas. Os choques e encontros oriundos desse processo, relacionados a organizações socioculturais diferentes, economia, religião, estrutura sanitária, entre outros aspectos, foram largamente estudados, a partir das crônicas coloniais, pela historiografia dos anos 1990. Notamos que, mais que registrar o cotidiano das sociedades e as diversas peculiaridades da inserção espanhola em novos espaços geográficos, a produção da crônica colonial – seguindo as reflexões do historiador espanhol Francisco Esteve-Barba (1960) – consolidou uma espécie de escrita própria das índias espanholas entre os séculos XVI-XVIII, que, de acordo com ele, chamaremos Historiografia Indiana. Essa historiografia se caracteriza por dois aspectos: 1º) ser sustentada pela coroa espanhola, a partir da oficialização do cargo de Cronista Mayor de Índias (século XVI), fazendo do ato de relatar o passado um assunto de governo, e passível de ser oficializado pela esfera política; 2º) ser um veículo de comunicação, também atuante por vias não oficiais, visto que o ato de se comunicar era algo habitual entre os diversos territórios da colonização espanhola no Novo Mundo. Seguindo as reflexões de estudiosos, como Stephanie Merrin e Jose Boixo, acreditamos existir uma “convencionalidade cultural”, ou mesmo uma familiaridade textual, na produção da crônica colonial. Para nossa reflexão, observaremos a produção da Crônica Franciscana na Nova Galícia e na Granada no século XVI, objetivando, assim, buscar aspectos comuns em sua produção, que, como a escrita de outros grupos, oscilou entre o “oficial” e o “não oficial”, ou simplesmente corriqueiro.

## **MESA 2: A CIÊNCIA ENQUANTO CAMPO DE PESQUISA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA CIÊNCIA**

## A ciência nas guerras: o '*Journal des Sçavans*' como emergência discursiva na epistemologia de Ludwik Fleck

Análise de discurso; discurso científico; Ludwik Fleck; Primeira Guerra Mundial; Segunda Guerra Mundial.

Letícia Alves Vieira  
UFMG  
leticia.alves@gmail.com

Maria Aparecida Moura  
ECI/UFMG  
cidamoura@gmail.com

O presente trabalho teve como objetivo mapear e analisar o conceito “ciência” nos artigos publicados no periódico *Journal des Sçavans*, no recorte temporal que compreende os períodos de guerra, entre os anos de 1914 a 1918 (Primeira Guerra Mundial) e 1939 a 1945 (Segunda Guerra Mundial). Para alcançar esse objetivo, realizou-se a leitura dos excertos pesquisados envolvendo o conceito ciência, através da análise do período sintático, conforme proposto por Santos et al. (2013) e utilizou-se a análise de conteúdo (AC) e a análise de discurso (AD), pautadas na epistemologia de Fleck através de suas categorias “estilo de pensamento” e “coletivo de pensamento” como base para a análise. Como resultados, pode-se inferir que durante o período em questão, as referências à ciência no *Journal des Sçavans* buscavam a institucionalização, tanto da ciência do século XX, como das denominadas áreas de conhecimento. O esforço empreendido pelos editores do periódico no referido período, recorreram à inclusão de trabalhos realizados no escopo da botânica, da religião, e também da literatura, fundamentando assim, áreas que anteriormente não eram consideradas científicas em um contexto em que somente a matemática, a física e a filosofia tinham esse destaque.

### A política da história das ciências

Autoridade; “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”.

Gabriel da Costa Ávila  
UFMG / CAPES  
gabriel.avila.00@gmail.com

Nesta comunicação, pretendo explorar as implicações políticas da historiografia das ciências produzida nas últimas décadas do século XX. Em especial, trabalho aqui com um conjunto de textos produzidos a partir da interseção entre certa “tradição kuhniiana” e os *science studies*. Para tanto, considero que toda obra de história das ciências guarda, em seu discurso, um conteúdo de Política de Ciência e Tecnologia. Todo texto de história das ciências endossa, critica ou propõe um pacto entre a ciência e o Estado; estabelece um modo de relação entre a ciência e a sociedade. Sua condição política não pode (e nem deve) ser eliminada, não é um motivo para queixumes ou tentativas de correção em busca da “objetividade” e da “neutralidade”. Esse ponto de partida implica em afirmar que a escolha de uma maneira de escrever a história das ciências é uma forma de atuar politicamente, interferir na agenda pública. Contudo, a história das ciências não é apenas produtora de uma imagem da ciência, ela é também consumidora de concepções que circulam em determinada configuração

sócio-histórica, funcionando como espaço de reverberação, formulação e legitimação de certos interesses sociais, imagens e valores produzidos alhures. Tendo ressaltado isso, pretendo investigar de que maneiras a historiografia recente – ao avaliar a ciência do passado – dialoga com o seu presente? Como a historiografia transita entre duas imagens de ciência (a do “passado” e a do “presente”) e as coloca em diálogo por meio da sua narrativa, elabora traços de continuidade e pontos de ruptura, intercambia valores e objetivos, projeta expectativas e experiências? Em resumo: que pacto entre ciência e Estado é proposto por essa historiografia das ciências?

### **MESA 3: NO DESCOMPASSO DO TEMPO: HISTÓRIA, CRÍTICA DA MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE EM QUESTÃO**

#### **Controvérsia historiográfica em torno da tese do Sonderweg no Império Alemão (1871-1918): Hans-Ulrich Wehler versus Geoff Eley**

Império Alemão; historiografia europeia; Sonderweg.

Robson Narciso de Moraes  
UFMG  
robson-narciso@hotmail.com

A presença deste trabalho no simpósio temático ST:07 é de importância considerável, pois lida com a duradoura discussão historiográfica em torno do significado do Kaiserreich (1871-1918), que envolveu integrantes de duas importantes escolas de historiadores europeias na década de 1980: A Escola Social Inglesa e a Ciência Social Histórica Alemã. No cerne da querela está uma questão central da historiografia alemã pós 1945: a discussão em torno da Sonderwegsthese. Tese segundo a qual as estruturas autoritárias e antidemocráticas existentes no Estado e na sociedade (alemãs) teriam atrasado a entrada da Alemanha na modernidade. Faz parte da pretendida apresentação no Simpósio, lucidar questões e conceitos de dois livros fundamentais na discussão: *Das Deutsche Kaiserreich 1871-1918* (O Império Alemão – 1871-1918) de Wehler e *Mythen deutscher Geschichtsschreibung* (Mitos da historiografia alemã) por parte de Eley e apresentar título de considerações finais uma espécie de balanço entre as argumentações conflitantes dos dois historiadores. Segundo o historiador alemão Hans-Ulrich Wehler o conceito do Sonderweg tem grande importância para descrever o trajeto através do qual ocorreria a modernização alemã. Uma espécie de síndrome possível de ser percebida desde meados do século XIX e que, na Alemanha unificada, teria desempenhado papel importante na construção de uma visão de si mesma e de seus inimigos, especialmente na Primeira Guerra Mundial. Nesse sentido, a Alemanha teria tomado um caminho divergente do desenvolvimento das democracias ocidentais: entenda-se, França e Inglaterra. Portanto, ocupa lugar central nos estudos de historiadores como Wehler o esforço em apresentar contrastes entre a Alemanha e esses países. Para Geoff Eley, a tese do Sonderweg está relacionada ao fracasso e os erros da revolução burguesa na história alemã e suas consequências para o desenvolvimento político da Alemanha no século XIX e XX. Ela estaria presente na maioria das interpretações do passado daquele país, sejam marxistas ou não. Segundo Eley, as implicações deste ponto de vista vão muito além da história alemã e incluem semelhantes conceitos simplificados da história de outras nações, especialmente Inglaterra e França, bem como avaliações específicas de desenvolvimento político moderno em geral. Para o autor, o principal assunto de seu ensaio é fazer uma crítica a essa crença profundamente arraigada no Sonderweg alemão.

#### **História, Cultura e Nihilismo em Nietzsche: esboço de uma investigação**

História; Cultura; Nihilismo; Nietzsche.

Raylane Marques Sousa

Nesta pesquisa discutirei sobre a recusa de Nietzsche à ciência da história e à cultura histórica predominantes em seu tempo, mediante a análise da obra *Segunda Consideração Intempestiva* (1874). Partindo da investigação dos problemas que acometem a história e a cultura alemã contemporânea, a minha análise salientará alguns dos motivos que levaram Nietzsche a buscar uma ruptura em relação à concepção dominante em seu tempo da ciência como “equidade científica” e “racionalidade a todo preço”, e da cultura como acúmulo de conhecimentos, sem forma vital. Desta maneira, o primeiro passo rumo à compreensão da questão proposta é assinalar a crítica de Nietzsche à objetividade, porque ela gera no homem moderno um sentimento moral de superioridade a tudo o que não lhe parece racional, cognoscível. É por imaginar ter alcançado um estágio mais esclarecido que o homem moderno se supõe mais justo do que os seus antecessores, tão justo a ponto de julgar o passado com precisão e imparcialidade. O segundo passo em direção ao entendimento da problemática suscitada é considerar a crítica de Nietzsche ao historicismo, porque ele implanta a crença de que a humanidade chegou à última fase da história universal, isto é, ao fim da história. Por fim, o terceiro passo em direção ao esclarecimento da questão levantada é pensar que os problemas mencionados se identificam ao fenômeno mais complexo chamado niilismo, desejo de nada, que Nietzsche declara acometer a ciência e a cultura, bem como toda a história da humanidade. Nestes termos, fica claro que a preocupação do autor é eliminar da ciência da história e da cultura histórica contemporânea o causador de todos os males, o niilismo. No entanto, Nietzsche recorre a quais estratégias para pensar a superação da vontade de nada, e o que isso implica e representa para a história e a cultura? A intenção é iluminar outros caminhos para a solução do problema proposto.

#### **A condição política pós-moderna: Jean-François Lyotard e a proposta de experimentação pragmática do tempo histórico**

Pós-modernidade; política; pragmatismo; fim das utopias.

Danilo Araújo Marques  
UFMG / CNPQ  
danilomarques.his@gmail.com

O objetivo deste trabalho será apresentar uma breve análise sobre algumas passagens de cunho político presentes no livro *A condição pós-moderna* (1979), escrito pelo filósofo Jean-François Lyotard. Como tese central, Lyotard afirma que na “sociedade pós-industrial, cultura pós-moderna”, ao fim do século XX, todas as chamadas “metanarrativas” modernas da História – emancipação da humanidade por via da razão ou de um sujeito histórico determinado etc. – teriam atingido seu esgotamento de legitimação tanto do saber, quanto da ação na *pólis*. Partindo desse diagnóstico do que seria a “condição pós-moderna”, o filósofo convida o leitor a se desvencilhar do jugo político das metanarrativas modernas – notadamente as chamadas “utopias políticas” que vislumbram aquilo que Reinhart Koselleck qualificou como um “horizonte de expectativas” aberto e necessariamente distinto da ordem presente. Com isso, é factível entrever uma possível proposta política do autor, que parece sugerir uma atitude pragmática de ação na cena pública, na qual a “performatividade” e a eficiência interesse mais que os propósitos, não mais procurados além daquilo que é oferecido imediatamente. Neste sentido, buscaremos reiterar a crítica que o geógrafo David Harvey, na obra homônima *Condição pós-moderna* (1989), faz ao pensamento pós-moderno como um todo, quando afirma que sua retórica, ao desacreditar todas as metanarrativas, deixa de propor uma alternativa à ordem global do mercado e tende a se manter em uma postura política de resignação pacífica. Esplanada a crítica, intentaremos uma associação entre a proposta de conduta identificada no texto de Lyotard e o etos político do “Homem Unidimensional”, denunciado por Herbert Marcuse como sub-produto ideológico da sociedade industrial.

## MESA 4: EM TORNO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO: TEORIA, FILOSOFIA E EPISTEMOLOGIA DA HISTÓRIA

### **As articulações possíveis entre os conceitos 'sujeito' e 'tempo' na história da história**

Historiografia contemporânea; consciência histórica ocidental; sujeito histórico; tempo histórico.

Fernanda Schiavo Nogueira  
UFMG / FAPEMIG  
fernandaschiavonogueira@gmail.com

Na presente comunicação, pretendemos discutir as relações existentes entre categorias consideradas centrais na rotina de trabalho do historiador, os conceitos de "sujeito" e "tempo", a partir do enfoque de três modalidades da historiografia, aqui denominadas como: moderna, estruturalista e pós-estruturalista. Nesse sentido, as seguintes indagações nortearão a nossa reflexão: quem são e quais as principais características apresentam os sujeitos selecionados pelas três modalidades da historiografia para protagonizar a história que narram? De qual maneira tal escolha exerce influência sobre o estilo peculiar apresentado por cada uma das três modalidades da historiografia intermediar o diálogo entre as durações, "passado", "presente" e "futuro"? Aqui, vale ressaltarmos, não procuramos delinear uma escala de tempo de desenvolvimento por evolução, onde quanto mais avançada a posição cronológica da vertente historiográfica, maior refinamento das contribuições dadas para nosso campo do conhecimento. Na realidade, buscaremos estabelecer o diálogo entre as interpretações das historiografias, moderna, estruturalista e pós-estruturalista, enfatizando a singularidade de cada vertente historiográfica, na tentativa de definirmos os possíveis pontos de concordância e de divergência quanto às articulações possíveis entre os conceitos de "sujeito" e "tempo". Por meio da utilização da metodologia baseada na comparação das três modalidades da historiografia, acreditamos estarmos mais bem preparados para elucidar as especificidades das vertentes historiográficas, de maneira a destacarmos o diferencial da colaboração dada por cada uma, a fim de possibilitar a construção de uma perspectiva mais rica e matizada a respeito da "história da história".

### **Sobre o conceito de passado**

Tempo; passado; tempo descontínuo.

Augusto Leite  
UFMG / CAPES  
augustobrunoc@yahoo.com.br

Um grande número de pensadores discutiu o conceito de tempo. Neste breve estudo, sob a luz dos trabalhos de Hegel, Edmund Husserl, Martin Heidegger, Isaac Newton, Albert Einstein, Stephen Hawking, Walter Benjamin, Sigmund Freud, Marcel Proust, Gaston Bachelard e Franz Rosenzweig, pretende-se avaliar o quanto a fortuna sobre o conceito de tempo ilumina o conceito-chave para a história que é derivado dele, o conceito de passado. Para tanto, um olhar clínico sobre a ideia de tempo dentro do discurso da física e da filosofia é imprescindível. E uma posterior crítica é urgente, especialmente para os historiadores, cujo objeto de estudo direto é o passado.

### **Wilhelm Schapp: uma abordagem fenomenológica a respeito das histórias**

Histórias; fenomenologia; Husserl.

Larissa Accorsi  
UFOP  
larissaaccorsi@hotmail.com

O objetivo desse trabalho é apresentar, de forma sucinta, o pensamento de Wilhelm Schapp no que tange seu conceito de “filosofia das histórias”. Sabendo-se que uma das marcas do pensamento de Husserl é que na sua fenomenologia o problema da história não encontrou um espaço de maior destaque, importa saber em que medida Schapp preencheu esta lacuna sem ter de recorrer, por exemplo, à ontologia existencial de Martín Heidegger. A criação de uma “filosofia das histórias” não é, a rigor, uma crítica ou oposição à filosofia da história no sentido tradicional, mas uma saída encontrada por Schapp frente ao uso indevido dos singulares coletivos. Portanto, com base em um autêntico exercício fenomenológico, o pensamento de Schapp parte de uma premissa bastante simples, onde tudo começa e termina nas histórias.

## **MESA 5: A HISTÓRIA NA PRÁTICA: ABORDAGENS METODOLÓGICAS DO CONHECIMENTO HISTÓRICO**

### **História Comparada em perspectiva: velhas e novas formas de se fazer História** Método Comparado; Unidades de Comparação; História e Historiografia.

Glauber Miranda Florindo  
UFF / CAPES  
gmfhis@gmail.com

Na presente comunicação, pretendemos traçar um breve histórico acerca da constituição da História Comparada e seus usos desde o século XVIII até os dias atuais, apontando seus principais méritos e problemas. Ainda hoje existe uma espécie de temor quando se trata do método comparativo na História. O maior problema se encontra na constituição das unidades de comparação (espaciais e/ou temporais), afinal, como lidar com diferentes temporalidades e espaços na produção do conhecimento histórico? Nesse sentido, defendemos que a possibilidade de se pensar tendo em vista o confronto de múltiplos focos de análise pode trazer contribuições que seriam impossíveis para uma pesquisa que se atenha a apenas um foco. Assim, acreditamos que a História Comparada é um viável viés de pesquisa, que traz a possibilidade de pensar questões em ambientes diferentes. Defendemos que uma proposta que procure uma nova forma de usufruir da metodologia comparada na História só tem a contribuir com o estabelecimento do método e seu consequente aperfeiçoamento. Impedir novas empreitadas na História Comparada é impedir ao historiador contribuir para o aperfeiçoamento do método comparativista na História.

### **A micro história e a possibilidade de estudos das redes sociais**

Micro história; redes sociais; trajetórias.

Luis Henrique de Oliveira  
FaSaR  
luishufop@yahoo.com.br

Segundo Jacques Revel, no final dos anos de 1970, um dos primeiros a oferecer um diagnóstico pessimista sobre o trabalho dos historiadores de sua geração foi Lawrence Stone, que convidava a refletir sobre o momento que a historiografia atravessava. Todo esse mal estar se assentava na incerteza dos historiadores com relação à capacidade de administrar a duração que pretendiam analisar. Assim, as ambições diminuem e os discursos tornam-se mais modestos. Porém, esse tempo de recuo aparente poderia ser o de uma reconstrução. Deste modo, a micro história deve ser entendida como um sintoma, como uma resposta a uma situação de desconfiança com relação à História Social até então dominante, propondo uma reformulação de certas exigências e procedimentos. Segundo Hebe Castro, a redução de escala de abordagem tornou-se comum à maioria das recentes pesquisas em história social e para Giovanni Levi, a redução de escala de análise

representa, antes, um ponto de partida para um movimento mais amplo em direção à generalização. Desta forma, a micro história não procura renunciar à história social, mas sim reconsiderá-la e dinamizá-la. Ela nos permite um enriquecimento da análise social, complexificando-a ao levar em conta aspectos inesperados. Devemos, portanto, estudar o social, não como um objeto dotado de propriedades, mas como um conjunto de inter-relações móveis dentro de configurações em constante adaptação. A micro história tem demonstrado a fabilidade e a incoerência dos contextos sociais, como convencionalmente definidos. Ela procura ir além da interpretação para tentar formular explicações históricas. Desta forma, buscaremos discutir as características da metodologia micro histórica, assim como a possibilidade de sua aplicação nos estudos relacionados às redes sociais, analisando alguns exemplos, ainda iniciais, de rastreamento e mapeamento da trajetória de alguns indivíduos, já trabalhados para a freguesia de Guarapiranga na passagem do século XVIII para o XIX.

### **Sobre gatos, livros e Revoluções: as querelas intelectuais de Robert Darnton e Roger Chartier**

História Cultural; Livros; Historiografia; Robert Darnton; Roger Chartier.

Victor Callari

UNIFESP

victorcallari@hotmail.com

O presente artigo procura analisar e sintetizar um dos mais profícuos debates teórico-metodológico no campo da historiografia nas últimas três décadas. O debate entre Robert Darnton e Roger Chartier, dois dos mais importantes historiadores da chamada “Nova História Cultural”, desde as críticas desenvolvidas pelo historiador francês ao estudo intitulado *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa* (1984), passando pelas diferentes interpretações acerca das origens da Revolução Francesa, sua relação com a Filosofia Iluminista e o papel dos livros nesse processo, até o desenvolvimento de dois caminhos diferentes para a consolidação do campo conhecido como História do Livro e da Leitura.

## **MESA 6: PROPOSTAS HERMENÊUTICAS PARA A ESCRITA DA HISTÓRIA**

### **A 13ª Lição sobre a História**

Hermenêutica; Historiografia; Estética.

Felismina Dalva Teixeira Silva

UFU

feliz.dalva@gmail.com

O presente texto é resultado de leituras sobre Hermenêutica e História e tem como objetivo pensar sobre a escrita da história. A questão fundante é refletir sobre a relação existente entre uma proposta hermenêutica da interpretação de um texto e os desdobramentos para a historiografia. A hipótese subsumida nessa reflexão é que ao utilizar os procedimentos hermenêuticos ocorre a transmissão de toda uma tradição, (conforme proposta de Antoine Prost, 2008) que permite afirmar que a história é o resultado de um discurso retórico. A principal conclusão apresentada nessa pesquisa bibliográfica é que há uma outra possibilidade de se escrever história, fugindo aos cânones da tradição, possível de ser realizada pela via da estética. Para a discussão são estudados os conceitos propostos pela hermenêutica a partir de estudos de Schleiermacher,(2005), no século XIX; numa comparação com Gadamer,(2002), (e autores com os quais dialoga; Dilthey e Heidegger) e, ao mesmo tempo analisar a contribuição da estética a partir de conceitos propostos por Kant, Hegel e Rancière (1995).

### **A História como Hermenêutica da Vida**

História; hermenêutica; vida; Dilthey.

Edmar Luis da Silva  
EABH  
edmarluisdasilva@hotmail.com

A história é o conhecimento privilegiado da vida, pois por meio de um processo de reconstrução “biográfica”, ela é capaz de retomar a experiência vivida em suas nuances que escapam às outras disciplinas. Essa peculiaridade se deve ao fato também de ser a própria narrativa histórica uma experiência vital, ou seja, é a vida que narra a própria vida. Entretanto, segundo Dilthey, não há entre narrativa e vida histórica uma coincidência absoluta de identidade. Essa relação se estabelece por meio de uma atitude compreensiva que aproxima espaço-temporalmente a identidade e a alteridade, tentando minimizar os ruídos que se interpõem no processo de interlocução. É uma relação complexa que se dá sob o crivo da tensão, mas cabe ao historiador (esse grande poeta da vida, nos dizeres de Dilthey) harmonizá-la, tornando-a viável.

**As fontes como elo entre narrativa e experiência: uma reflexão acerca dos conceitos de fato, evento e mundo**  
Narrativismo; fenomenologia; experiência histórica.

Fernando Gomes Garcia  
UFMG / CAPES  
eroestrato@gmail.com

Desde o surgimento da História enquanto gênero específico e distinto das demais formas de literatura e teatro, o historiador preocupa-se em narrar a realidade (*tà ónta*), muito antes da famosa enunciação de Ranke, para quem os historiadores deveriam narrar os fatos assim como aconteceram (*wie es eigentlich gewesen*). Porém, com o advento da historiografia científica praticada no interior de universidades, por profissionais especializados e frequentadores de arquivos, a documentação, elaborada pelo pesquisador, tornou-se a fonte primordial de acesso do historiador ao passado. Ao longo da História da Historiografia, esse privilégio do documento e do arquivo foi, por diversas vezes, questionado; assim como, também, diferentes tradições acusaram a existência de uma suposta historiografia que privilegiasse a erudição documental ao invés de análises e interpretações sobre o passado. A intenção da comunicação não é propor uma História linear da Historiografia, desde seus primórdios, acompanhando as aventuras do “fato” enquanto personagem principal em análise; tampouco pretendo nela julgar os méritos das diversas abordagens que criticaram uma “História factual” ou a validade epistemológica de se pesquisar os em arquivos. A proposta desse trabalho é, ao contrário, propor um questionamento ao qual muito pouco deu-se atenção na discussão sobre o “fato” – qual é, em verdade, seu conceito? O que é um fato? Fato e evento seriam a mesma coisa? Qual sua extensão – ou seja, quando começa e quando acaba determinado fato? Existiria ele de maneira independente, com um significado a priori, ou somente a elaboração de enredo que os manipula o tornaria evidente? Ao longo da comunicação, tentarei elaborar uma conceptualização sobre o que é um fato, ao mesmo tempo em que argumentarei sobre como ele pode ser alcançado através da pesquisa empírica e documental, defendendo uma continuidade entre realidade do mundo-da-vida e a narrativa historiográfica. O texto historiográfico não seria apenas um artefato literário, opaco à realidade passada; este passado pode ser alcançado através da análise documental que, mais do que um amontoado de dados de anais ou crônicas, seria a reelaboração do mundo do ser-histórico. Será importante para fazer valer este ponto uma interlocução cuidadosa com Ankersmit e Danto.

## MESA 7: EXPERIÊNCIAS DO TEMPO NO MUNDO LUSO-BRASILEIRO

**O tempo histórico no Antigo Regime e suas implicações para o estudo da sociedade mineira colonial**  
Minas setecentistas; tempo histórico; crise de autoridade; “espaço de experiência”; “horizonte de expectativa”.

Wellington Júnio Guimarães da Costa  
UFOP / CAPES  
wjunioc@yahoo.com.br

Em relação ao estudo da sociedade mineira colonial, tornou-se comum a apropriação do modelo da sociedade corporativa, segundo o qual, no imaginário político e jurídico das sociedades modernas, havia a noção de uma ordem natural, na qual cada um ocupava um lugar na hierarquia exercendo uma função em vista do bem comum (HESPANHA, 2010). Acreditamos que há uma tendência de naturalização deste modelo como algo inerente ao mundo lusobrasileiro do século XVIII. Partindo dos conceitos antigo e moderno de História (KOSELLECK, 2006; ARENDT, 1972), da noção de crise de autoridade (ARENDT, 1972) e das categorias “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” (KOSELLECK, 2006), procuraremos fazer alguns apontamentos assentados na experiência de tempo nas Minas Gerais do século XVIII. A nossa hipótese é a de que a experiência corporativa nem sempre era compartilhada por toda a sociedade. Como caracterizar a experiência de tempo nas Minas setecentistas? Numa sociedade fluida, na qual havia uma luta intensa pela riqueza, pelo poder, pelo prestígio, na qual os protocolos sociais eram quebrados? Como a passagem do tempo era sentida de forma mais rápida, em que medida todos compartilhavam da doutrina escolástica, da noção da ação virtuosa visando o bem comum? Em que medida a experiência proporcionada pelo ouro não alterou a percepção de tempo e abriu um novo horizonte de expectativas, da possibilidade de um futuro diferente do passado? Com a dúvida instaurada pelas críticas e questionamentos dirigidos à autoridade da Igreja e às suas verdades sagradas (a ciência moderna, o protestantismo e o movimento das Luzes) se tem uma fissura na estrutura doutrinária dos Estados Modernos. Com a quebra da autoridade metafísica, abre-se caminho para o utilitarismo, isto é, a negociação dos valores que se tornam intercambiáveis (ARENDT, 1972). Nesse sentido, se no Antigo Regime o poder real funda a sua autoridade na divindade, em que medida a autoridade real não passou por uma crise? E qual o impacto dessa crise no mundo colonial?

### **O destino do Império: progresso e revolução na obra de Francisco Solano Constâncio (1808-1822)**

Historia da historiografia luso-brasileira; economia política; Independência do Brasil.

Thamara de Oliveira Rodrigues  
UFOP / CAPES  
thamara\_rodrigues@yahoo.com.br

Nesta comunicação busco apresentar, de modo geral, uma análise de como a economia política em Portugal, na primeira metade do século XIX, era um âmbito fundamental à constituição de linguagens e discursos que buscavam soluções para a superação da experiência da decadência portuguesa que se acentuava para alguns autores com a Independência do Brasil. Já em uma análise mais específica, procurarei descrever uma solução proposta por um dos protagonistas do debate econômico no Reino, Francisco Solano Constâncio (1777-1846), buscando evidenciar como esta solução resultou na oposição de expectativas plasmadas pelos conceitos de progresso e revolução. Este último conceito não significava o resultado natural ou inevitável do progresso econômico e técnico, ao contrário, apontava para a necessária interrupção de um processo histórico que levaria Portugal para um destino trágico. Nossa hipótese a ser defendida é que tal compreensão acerca da revolução é possível em um contexto no qual o conceito de progresso não assume uma conotação suficientemente otimista, ou seja, não fora encontrado por Constâncio um sentido fortemente positivo que poderia ser aprimorado e/ou acelerado ao longo do tempo, cabendo, ao fim, uma ruptura com o processo histórico, ao invés de seu aperfeiçoamento. O quadro teórico deste trabalho, além de dialogar com a história dos conceitos proposta por R. Koselleck, também se baseia nas hipóteses fundamentais da escola de Cambridge, em especial, os trabalhos de J.Pocock.

## MESA 8: A ESCRITA DA HISTÓRIA DO - E NO - BRASIL: A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA NO DECURSO DO TEMPO

### Aspectos da historiografia sobre as festas do Império brasileiro

Historiografia; Estado-Nação; Folgedos e Identidades sociais.

Amanda Renata Rezende  
UFOP  
amanda-rezende@hotmail.com

O século XIX foi marcado pelo processo de modernização e construção do Estado Nacional brasileiro. Com o rompimento entre Brasil e Portugal, em 1822, as elites desejosas por deslegitimar os costumes “grosseiros” e criar uma imagem equiparável às nações civilizadas, intentaram desvincular a sociedade brasileira do suposto arcaísmo português. As inquietações em relação às condutas, assim como as tentativas de controle das interações sociais no espaço urbano pelos dispositivos das posturas municipais no oitocentos, traziam de maneira bastante sutil a adoção de atitudes e culturas educadas à moda francesa ou parisiense. Podemos notar na historiografia brasileira, como Portugal se tornou sinônimo de antiquado, rude e atrasado. Dessa maneira, a perpetuação dos seus costumes opunha-se ao ideário de nação que estava sendo formulado naquele momento. O presente trabalho objetiva demonstrar a reorientação pedagógica das massas através dos folgedos populares, uma vez que cabia a eles suscitar uma identificação com o governo vigente, estreitando os laços entre o político e o social.

### Entre a *'historia magistra vitae'* e a Escola Metódica: Pedro Lessa em defesa da História

História da Historiografia; Instituto Histórico; Pedro Lessa.

Mariana Vargens Silva  
UFMG / CAPES  
marianavargens@gmail.com

Durante a Primeira República no Brasil a concepção de História passa por um processo de reformulação que nos permite destacar certos conflitos de interesse. De um lado, encontramos a herança da tradição historiográfica do IHGB desenvolvida ao longo do século XIX, que sintetizamos, não sem o risco de incorrer em generalizações, sob a fórmula ciceroniana *magistra vitae* - fórmula esta que servia bem aos interesses da elite política daquele momento. Em outro sentido, os historiadores brasileiros, buscando se alinhar às “nações desenvolvidas”, se viam no dever de dialogar com a produção das emergentes correntes históricas europeias, ainda que muitas vezes o fizessem de maneira puramente retórica. Dessa tensão surgem importantes reflexões de ordem metodológica entre os membros do IHGB, e também nos Institutos Históricos estaduais, que começaram a se espalhar pelo território nacional na virada do século. A produção do historiador Pedro Lessa pode ser destacada como característica das reflexões em voga e por meio da análise de dois dos seus trabalhos - a monografia que apresenta ao IHGB para ser aceito como membro e o discurso proferido na fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, em 1907 - demonstraremos a dificuldade em se definir a natureza do conhecimento histórico, e no que isso implicava nos primeiros anos da nascente República brasileira.

### Nas visões da história a marca do tempo: deslocamentos interpretativos sobre a guerra do Paraguai, nas concepções históricas de Visconde de Taunay (1879), Julio José Chiavenatto (1979) e Francisco Doratioto (2002)

Historiografia brasileira; Teoria da História; Guerra do Paraguai.

Leonildo José Figueira  
UEPG  
leo.hist@gmail.com

Objetivamente, analisaremos as concepções de Visconde de Taunay, Julio José Chiavenatto e Francisco Doratioto, que abordam diferentemente as causas e o desenrolar da Guerra do Paraguai (1864-1870). A análise de diferentes concepções desse conflito (no Brasil) nos leva a entender que as questões relativas à história não devem ser pensadas somente no resultado final do trabalho, que é a “obra” propriamente dita. Mas sim pensar que a construção de uma historiografia parte de distintas filiações teórico-filosóficas e metodológicas. Se existência do conflito é certa aos os autores, o que discutimos é a maneira como cada um trata os acontecimentos e, ainda, os interesses que nortearam suas pesquisas. Visconde de Taunay (1843-1889) publicou *A retirada de Laguna* no ano de 1872, na qual demonstra sua postura nacionalista ao enaltecer da bravura e dos atos heroicos dos homens brasileiros em defesa da pátria. Julio José Chiavenato (nascido em 1939) produziu a obra *Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai* no ano de 1979; No caso específico dessa obra, o autor rejeita as interpretações anteriores sobre a Guerra do Paraguai, designando-as como “distorcivas”, “mentirosas” e “manipuladoras”. Francisco Fernando Doratioto (nascido em 1956) produziu a obra *Maldita Guerra: Uma nova luz sobre a Guerra do Paraguai*, (2002) a qual começou a ser “confeccionada” em 1980. A forte oposição de Doratioto em relação às obras que citamos anteriormente explica-se devido ao fato de, segundo o autor, tal metodologia ser alheia ao ofício do historiador, onde “pessoas interessadas em história” desconhecem o rigor acadêmico e metodológico. Para Doratioto “tanto a ‘historiografia conservadora’ quanto o ‘revisionismo’ simplificaram as causas e o desenrolar da Guerra do Paraguai ao ignorar fontes documentais e ao anestesiar o senso crítico”. Ambos os autores produziram, em seu tempo, conhecimento sobre um determinado assunto servindo-se de recursos técnicos, práticas, referenciais, paixões, pressupostos epistemológicos, subjetivamente selecionados e que merecem ser analisados.

### O Presentismo em ‘Cidadania no Brasil’

Presentismo; Pós-modernidade; Historiografia Brasileira; Historiografia.

Pedro Henrique Resende  
UFMG  
pedrohenriquer\_1@hotmail.com

François Hartog reflete sobre o tempo histórico e o presente em sua obra *Regimes de Historicidade* (2002). Ele defende que viveríamos em um regime de tempo presentista, no qual o presente é onipresente. O diagnóstico de Hartog se aplicaria a historiografia brasileira? No livro *Cidadania no Brasil* (2004), José Murilo de Carvalho escreve uma síntese da história nacional. Denuncia as práticas corrompidas do passado brasileiro e pensa a cidadania no país 500 anos após o descobrimento. Em suas reflexões ele não procura por respostas fora do presente. Propõe soluções para os problemas brasileiros dentro da prática democrática. Para o autor, a existência de uma crise na relação entre Estados nacionais e a população, gerada pela expansão da lógica de mercado e a transformação dos cidadãos em consumidores, poderia atrapalhar a construção da cidadania no Brasil. Apoiado nessa tese, procuro por evidências que demonstrem a possibilidade de instrumentalização do presentismo dentro da historiografia brasileira.

## ST 08: História e Natureza

### MESA 1

**A História em Quadrinhos WE3: uma fábula moral acerca das relações entre homens e animais**

Histórias em Quadrinhos; História Ambiental; Ativismo pelos direitos dos animais; Representações políticas; Ecoativismo.

Márcio dos Santos Rodrigues  
UFMG  
marcio.strodrigues@gmail.com

A comunicação tem como objetivo discutir a vinculação dos Quadrinhos com a História Ambiental, considerando-os como uma prática cultural, uma forma de expressar preocupações e percepções sobre temas caros ao social – neste caso, as complexas relações entre homens e animais. Como material representativo, selecionamos *WE3*, série em quadrinhos escrita pelo roteirista escocês Grant Morrison. Lançada em 2004 pelo selo *Vertigo* (da DC Comics), a HQ é protagonizada por três animais domésticos (um cão, um gato e um coelho) que foram sequestrados pelo governo estadunidense e submetidos a experiências com a finalidade serem transformados em armas letais. O trio acaba fugindo do laboratório e tenta reencontrar o lar, mas antes disso têm de enfrentar o exército norte-americano. Além de interpretar as finalidades as quais se prestam os animais escolhidos na trama (entre elas, a de fábula moral), consideramos a inclinação de Morrison para o anarquismo, atentando para a forma como o roteirista insere essa narrativa ficcional na luta cunhada como antiespecista. É manifesto que em algumas correntes do movimento pelos direitos animais as ideias libertárias se façam presentes e atuantes. Deste modo, interpreto como essa HQ se inscreve em um terreno de disputa e negociação que reproduz, em nível cultural, os dilemas e paradoxos em torno dos direitos dos animais. Tento aqui contribuir para o campo dos estudos das relações entre homem e natureza atentando para uma fonte pouco estudada pelos historiadores, bem como colaborar para aquela variedade da História Ambiental, indicada por John McNeill, que lida com representações. Apresentar um trabalho sobre quadrinhos dentro do campo da História Ambiental e discutir a forma como essa prática cultural constrói leituras sobre a relação homem-natureza, tão válidas quanto quaisquer outras, estaria longe de enfraquecer o olhar crítico sobre o campo. Ao Historiador ambiental cabe estudar uma diversidade de objetos e temas que nem sempre são consagrados pela academia, seja por total desconhecimento ou pela dificuldade de construir instrumentais para compreendê-los.

### **Estado e exploração da natureza no pensamento de Nelson de Sena e Americano do Brasil**

Natureza; Estado; siderurgia; agropecuária.

Fabíula Sevilha de Souza  
UFMG / CAPES  
fsevilhas@yahoo.com.br

Importantes políticos e intelectuais de Minas Gerais e Goiás, respectivamente, Nelson Coelho de Sena e Antonio Americano do Brasil, dedicaram grande parte de suas vidas públicas a elaborar estratégias para fomentar o progresso dos estados que representavam nas duas primeiras décadas do século XX. A incansável defesa de um desenvolvimento inexorável pautava-se na ideia de que regiões tão ricas em termos naturais não poderiam ter outro destino senão o da prosperidade. Em seus discursos, emerge uma forte relação entre Estado e exploração da natureza. Para Nelson de Sena e Americano do Brasil, era dever do Estado promover a exploração racional dos recursos naturais, pois aí residia a solução de diversos problemas que, segundo eles, assolavam Minas Gerais e Goiás – como o isolamento e o caráter endógeno da economia. Esta comunicação de pesquisa tem como objetivo geral analisar, no pensamento desses dois autores, o alcance e os limites da interferência estatal na gestão dos recursos da natureza. Especificamente, busca-se entender as funções que Nelson de Sena e Americano do Brasil atribuíam ao organismo estatal na definição de diretrizes políticas para temas como siderurgia e agropecuária. O enfoque proposto permite-nos problematizar historicamente

conceitos como nação e região na dinâmica de apropriação e exploração do ambiente natural, questões de extrema relevância atual para a definição de responsabilidades no estabelecimento de uma política que se presuma sustentável.

**Meio ambiente e oposição: importância política do ecologismo na resistência à Ditadura Militar (1964-1988)**

Ecologismo; oposição; ditadura militar; desenvolvimentismo; conflitos socioambientais.

Lucas Madsen da Silveira

UFMG / CNPQ

madsens@hotmail.com

Entre 1964 e 1988, foi instalado no Brasil um regime autoritário cuja orientação estava fortemente marcada por uma doutrina econômica desenvolvimentista. Como referência para a atuação do Estado, utilizava-se a Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento, que colocava a questão do progresso econômico como ponto central para a manutenção do regime. Nesse sentido, o desenvolvimento de recursos produtivos, a industrialização, o uso dos recursos naturais e a integração do território nacional eram importantes fatores para a garantia da segurança nacional. No mesmo momento, no entanto, ganhou força em âmbito internacional uma nova corrente de ambientalistas que se organizou politicamente em torno de uma abrangente pauta, que estudava os impactos ambientais causados pelo industrialismo e incluía o questionamento aos ideais de progresso e desenvolvimento econômico. Assim, a visão de economia baseada no ideário técnico desenvolvimentista coexistiu, no Brasil, com o surgimento de uma concepção política ecologista que trazia ideais contrários aos que o Estado estava perseguindo naquele momento. O objetivo deste estudo será mostrar que a importância estratégica conferida pelo regime autoritário à exploração dos recursos naturais e à industrialização transformou a questão ambiental em fonte de conflitos políticos internos no Brasil. Para comprovar esta argumentação, serão apresentados estudos de diversos autores sobre os impactos socioambientais gerados por empreendimentos de mineração, estudos de situação ambiental de capitais brasileiras e os impactos gerados pela urbanização durante o regime militar. Tomando como referência os conflitos entre os atingidos e o Estado, propõe-se uma reavaliação das formas de resistência ao regime autoritário em seu aspecto socioambiental.

**Anotações sobre a representação de doenças em jornais sul-mineiros do início do século XX e metodologia para uma história da imprensa**

Profilaxia; Panaceias; Doenças.

Graciley Vicentini Fernandes Borges

UEMG - Campanha / PIAP - UEMG

gracileyfernandes@yahoo.com.br

Lúcio De Franciscis dos Reis Piedade Filho

UEMG - Campanha / PIAP - UEMG

luciusrp@yahoo.com.br

Apresentaremos, por meio deste trabalho, a etapa inicial da pesquisa sobre a representação de doenças em jornais sul-mineiros da primeira metade do século XX. As atividades vêm sendo desenvolvidas no Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort. Dos 26 jornais investigados, cada qual com centenas de edições disponíveis, selecionamos e transcrevemos 493 artigos relacionados ao universo das doenças. O objetivo do projeto é divulgar o acervo do Centro e ampliar os estudos sobre o papel dos impressos na construção da vida social e política da região. Com este trabalho, divulgaremos a metodologia empregada, que consiste na

investigação, coleta de dados e análise das fontes primárias; e no posterior trabalho de leitura, seleção e transcrição dos artigos relacionados ao tema do projeto.

## MESA 2

### **O estabelecimento dos imigrantes italianos no Núcleo Timbuhy/Santa Teresa - ES e a destruição da Mata Atlântica**

Núcleo Timbuhy; Imigração Italiana; Ocupação do Território; Mata Atlântica.

Simone Zamprogno Scalzer  
UNIVALE/MG  
zamprognos@yahoo.com.br

Patrícia Falco Genovez  
UNIVALE/MG  
patricia.genovez@superig.com.br

Com a promessa de receberem terras férteis, ricas em recursos naturais, no último quarto do século XIX, milhares de italianos migraram para o Espírito Santo, em especial para o Núcleo Timbuhy/Santa Teresa-ES. No entanto, os primeiros tempos no novo território não foram tão fáceis. Os lotes de terra, na maioria das vezes, estavam cobertos por uma densa e exuberante floresta tropical que guardava em seu interior além da caça e da madeira para construção, muitas ameaças aos imigrantes e clima de difícil adaptação aos recém-chegados. Assim, temos por objetivo analisar o processo de estabelecimento dos imigrantes no novo território, onde a substituição da Mata Atlântica deu início a um período não só de crescimento econômico, mas também de destruição ambiental. O presente estudo baseia-se na análise de dados documentais indiretos, como fontes escritas primárias e de Arquivo Público, com os quais os pesquisadores tiveram contato, revisão bibliográfica sobre o assunto, além de pesquisa de campo e três entrevistas com descendentes dos imigrantes italianos, visto que se buscava ouvir relatos dos que viveram em meio ao cenário estudado. O contato inicial do imigrante com a natureza desconhecida da Mata Atlântica foi muito difícil. Somado a esse fato estavam a exigência e a necessidade de derrubar a floresta para dar espaço às moradias e plantações. Contudo, a mesma floresta que amedrontou, também forneceu alimento e madeira para as construções e aos poucos parte dela deu lugar ao vilarejo e as propriedades rurais do Núcleo Timbuhy. Desta forma, esta discussão é de grande valia para compreender os desafios enfrentados pelos recém-chegados nas primeiras décadas na nova pátria e o modo como a floresta era percebida pelas autoridades e pelos imigrantes.

### **‘Clima Glorioso’ ou ‘Calores Insuportáveis’?: uma interpretação do clima amazônico nos discursos de Alexandre Rodrigues Ferreira e Henry Walter Bates**

Amazônia; clima; civilização; Alexandre Rodrigues Ferreira; Henry Walter Bates.

Pedro Henrique Maia Braga  
UFPB / CAPES  
henquepedro@gmail.com / pedrohmbraga@gmail.com

A natureza amazônica seduziu a curiosidade de expressivo número de pensadores ao longo da sua história. Desde os navegantes cronistas do século XVI, dos ilustrados senhores do século XVIII até ao alcance dos naturalistas do XIX, no quadro geral da natureza descrita, narrada, qualificada, o clima amazônico ocupou espaço significativo. Com efeito, dentro da variedade de escritos, os relatos que sobre ele fizeram, a rigor,

transitaram entre duas visões, entre a difamação e o elogio, entre os “calores (...) insuportáveis” de um Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815) e o “clima glorioso” de um Henry Walter Bates (1825-1892), em outras palavras, entre os rasgos do “inferno” e a brandura do “paraíso”. O fato de a Amazônia estar situada na “zona tórrida” do planeta contribuiu para o debate em torno da questão. Este trabalho objetiva, assim: 1) interpretar o relato de ambos os viajantes, confrontá-los em seus juízos sobre o clima amazônico, pois que foram representantes de momentos diferentes, de certo modo, na concepção científica da natureza e, estritamente, do clima; 2) enfatizar, neste sentido, suas apreciações sobre a equação clima-sociedade, visto que, de acordo com aspectos conceituais da medicina hipocrática e do determinismo geográfico, esta relação tinha importância central, seja no quesito da salubridade e povoamento, bem como no potencial de civilização a que uma região teria a depender de suas condições climáticas.

### **O ‘Paraíso Terrestre’ como Arcádia ou um ‘Parnaso Mineiro’? A natureza na poesia de Cláudio Manoel da Costa**

Cultura e natureza; paisagem; percepção

Rute Guimarães Torres  
UFMG  
rutetorres@gmail.com

Os relatos sobre as primeiras entradas na região mineira de Ouro Preto e Mariana que descrevem os interesses envolvidos no apresamento de índios e na busca por riquezas minerais, também nos trazem informações sobre os mitos e percepções que os desbravadores tinham sobre a natureza. Influenciados pela ideia da existência de um paraíso natural no interior da colônia, coberto pelas riquezas tão almeçadas e inesgotáveis, os primeiros exploradores adentraram os “sertões das minas dos cataguases”. Para além dos desejos por tal paraíso, havia a idealização de que a natureza ainda “intocada” deveria ser habitada e domesticada pelo homem, como uma imagem dos campos da Arcádia que alimentava o imaginário humano. Todavia, tais concepções sobre a natureza ideal contrastavam com o ambiente “selvagem” das densas florestas e das altas serras com desfiladeiros que ameaçavam a penetração humana e desafiavam a dominação do espaço, mesmo depois da intensificação da mineração e do surgimento das vilas. É neste contexto que Cláudio Manoel da Costa, considerado o poeta mineiro do arcadismo, buscou vislumbrar em sua terra natal a tão desejada paisagem idílica no seu retorno da Europa. Contudo, o difícil trajeto para adentrar as Minas e a dura realidade de viver e trabalhar na região mineradora contribuíram para que o autor construísse uma paisagem contrastante em seus poemas. Nesse sentido, este trabalho procura perceber e discutir como a natureza da região de Ouro Preto e Mariana foi representada nos versos do poeta na segunda metade do século XVIII. Para tanto, o tema será abordado na perspectiva da História Ambiental ao lidar com a própria historicidade da relação do homem com o mundo natural, tendo a literatura como forma de expressão e como fonte documental para a produção do conhecimento histórico.

### **Modernização e natureza em Minas Gerais no século XIX: mito e história na transfiguração da gestão capitalista de recursos em preservacionismo avant la lettre**

Natureza; modernização; meio ambiente.

Marcus Vinícius Duque Neves

UFMG

duqueneves@yahoo.com.br / duqueneves@gmail.com

Durante o século XIX, a Província de Minas Gerais conheceu as primeiras companhias de capital estrangeiro no ramo da mineração aurífera, que intensificaram a utilização tecnológica de ponta e introduziram uma maior racionalidade na gestão de recursos diversos. Logo, mais alguns empreendimentos nacionais seguiram o mesmo caminho, demonstrando que a Província estava a ser incluída paulatinamente na tão propalada “modernidade”. Neste mesmo período, discursos preservacionistas já se insinuavam no Brasil através de alguns naturalistas que trabalhavam nos problemas do entorno imediato dos morros na cidade do Rio de Janeiro, apontando a necessidade de se preservar algumas áreas jardins e a manutenção de Jardins Botânicos. Estas atitudes e pensamentos eram incipientes na sociedade de então, mesmo nos altos círculos intelectuais, em geral, não transpondo os círculos dos naturalistas. Porém, recentes releituras da história de empresas do século XIX têm indevidamente alçado diversas ações ao status preservacionista, usando inclusive o termo sustentabilidade, sequer existente no século XIX. Na verdade, tais personagens históricas produziram ações que se encaixam na ideia de gestão capitalista de recursos, sendo que possíveis benefícios ambientais advindos dessas atitudes devem ser encarados como “efeitos colaterais”, estando longe de representar uma atitude genuinamente preservacionista. Apenas uma relação de custo/benefício na lógica operacional definiu as decisões geradoras da manutenção de áreas verdes, adoção de energias hoje consideradas menos danosas ao meio ambiente ou do uso de certo tipo de matéria-prima renovável. Visa essa comunicação discutir as implicações teórico-metodológicas do emprego anacrônico dos conceitos ambientais nessas obras.

## **ST 09: História da polícia, do crime e da justiça criminal no Brasil: perspectivas historiográficas e teórico-metodológicas**

### **MESA 1: EXPERIÊNCIAS DE POLÍCIA E POLICIAMENTO NO IMPÉRIO E NA REPÚBLICA**

#### **A Guarda Cívica do Recife e o Policiamento Civilizador do Ambiente Urbano (1876-1890)**

Policiamento Urbano; Cotidiano; Criminalidade.

Jeffrey Aislan de Souza Silva  
UFRPB / FACTEPB  
aislan.jy@gmail.com

O objetivo desta comunicação é propor uma análise historiográfica sobre um modelo de aparato policial, de caráter diferenciado do existente na província de Pernambuco, pois apresentava características como a desmilitarização, que existiu entre 1876-1890: a Guarda Cívica. A história dos aparatos policiais no Brasil tem se mostrado um tema bastante complexo e instigante para os pesquisadores que buscam analisar as transformações sociais (tanto urbanas quanto rurais) e as políticas de controle social criadas para inibir práticas consideradas desordeiras e criminosas. Nesse contexto, insere-se o nosso tema de pesquisa – a Guarda Cívica do Recife. Criada em 1876, esta guarda era um aparato policial uniformizado, mas de vertente civil e não aquartelado, que estava sobre comando do Chefe de Polícia e tinha como principal função fazer o policiamento nas quatro freguesias centrais do Recife – São Frei Pedro Gonçalves (hoje, Bairro do Recife Antigo), São José, Santo Antônio e Boa Vista –, que eram o principal alvo dos melhoramentos urbanos vivenciados pela cidade no período em tela. Devido ao crescimento urbano, outras áreas acabaram se destacando no âmbito do comércio e, por necessidade de policiamento e segurança, também passaram a ser policiadas pela Guarda Cívica – como aconteceu com as freguesias de Nossa Senhora das Graças, em 1880, e com a freguesia de Afogados, em 1890. Esta corporação se situava em um novo modelo de aparato policial, pautado pela cortesia, amabilidade e polidez no trato com os suspeitos, que já adentrava em algumas capitais do Império, como São Paulo e Rio de Janeiro.

**Ordem, progresso e diligências: as articulações da Chefia de Polícia de Polícia de Minas Gerais na repressão aos agrupamentos ciganos (1898-1908)**

Lei; polícia; ciganos; estigma; repressão.

Camila Similhana Oliveira de Sousa  
PUC-Minas  
similhana@yahoo.com.br

Produto da dissertação de mestrado defendida em julho de 2012 pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, o estudo em questão foi articulado com base no diálogo entre História e Ciências Sociais para refletir acerca da repressão às minorias ciganas em Minas Gerais no período situado entre o fim do Império e os primeiros anos da República. Para viabilizar tal objetivo, foram empregadas as fontes documentais redigidas pela Secretaria de Interior de Minas Gerais, que fiscalizava a atuação da Chefia de Polícia, responsável por gerenciar a força pública no estado. Nesse ínterim, foram analisados os relatórios produzidos entre 1890 e 1908, caracterizados por uma diversidade de dados estatísticos e um grande universo de detalhes que permitiram estudar o contexto social, político e criminológico que permeava o período assinalado. Diante da documentação mencionada, procurou-se compreender a situação enfrentada pelos grupos ciganos que se deslocavam nas principais localidades mineiras, para então confrontá-la ao discurso das autoridades policiais e do Chefe de Polícia segundo a lógica que rege a construção estereotipada de elementos desviantes, conceito esse edificado por Howard Becker.

**História dos primórdios da Polícia Militar do Ceará (1835-1854)**

Polícia Militar; Império; história.

Inez Beatriz de Castro Martins  
UFMG / FUNCAP  
inezbeatrizmartins@gmail.com

A Polícia Militar do Ceará foi criada pela lei nº 13 de 24 de maio de 1835 (RODRIGUES, 1955, pp. 8-9), sancionada pelo então presidente da província José Martiniano de Alencar. Fundada com o nome de Corpo da Força Policial do Ceará, essa corporação agrupou a antiga Guarda Municipal Permanente, transformada em tropa de Cavalaria, e a Força Policial que havia sido recentemente formada. O Corpo Policial foi instituído segundo o regimento do Exército. A elaboração de seu primeiro regimento só aconteceu no ano de 1864 (IDEM, 1955, p.44). Se por um lado a estrutura administrativa militar esteve na base da criação dessa polícia, por outro lado, as atividades pertinentes a essa organização como, por exemplo, a manutenção da ordem pública por meio dos deslocamentos pela província, os trabalhos nas Casas de correição, na cadeia pública, caracterizavam atividades de polícia civil. Dessa forma, essa corporação produziu em sua organização um caráter híbrido militar-civil (PINHEIRO et al, 2006, p.260). As diferenciações entre essas duas polícias não eram claras durante o Império brasileiro. No Ceará, a estruturação da Polícia Civil só verificou-se no ano de 1948 com a instituição da carreira do policial civil. O trabalho está sendo investigado em perspectiva comparada com relação a estudos de mesma temática de outros estados para o período de 1835 a 1854. A leitura dos jornais de época e das leis imperiais completam as fontes de análise. O objetivo é compreender a organização estrutural dessa corporação (hierarquias, atividades militares, relações internas) e sua presença nos

acontecimentos históricos sociais na sociedade fortalezense no período em foco. A Polícia Militar do Ceará é objeto de estudo da minha pesquisa atual de doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais.

## **MESA 2: POLÍCIA MILITAR E POLÍCIA FEDERAL ENTRE A DITADURA E A DEMOCRACIA**

### **Um olhar sobre a Polícia Federal do Brasil: percursos institucionais e atividade de inteligência na virada do terceiro milênio**

Inteligência governamental; Polícia Federal; Crime.

Jaseff Raziell Yauri Miranda  
UFMG  
miranda.raziel@hotmail.com

A atividade de inteligência no Brasil passou por importantes mudanças desde o último período de exceção. Com o fim do regime militar, a redemocratização do país, o fim da Guerra Fria e a progressiva superação dos paradigmas político-ideológicos desse conflito, novas finalidades e desafios foram colocados para essa atividade. Recentemente, com o agravamento da criminalidade e a complexidade das novas modalidades de delitos, a inteligência de cunho policial-criminal apresenta-se como uma importante ferramenta para enfrentar esses dilemas. Diante disso, entende-se, também, que a inteligência é um instrumento eficaz nas ações governamentais que respaldam atividades como segurança pública e proteção de dados sensíveis para resguardar o respeito às liberdades individuais e à estabilidade institucional. Embora nem sempre tenha sido assim, ignorar estes serviços pode acometer a erros passados, no quais prevaleceu o estigma de mistério e de medo que rondaram esta atividade definindo-a como monopólio de determinadas corporações que propagaram o controle da “ordem política e sócia” em nome da segurança e “defesa da nação”.

### **Guarda de Chumbo: Ditadura e militarização da polícia no Estado de São Paulo (1967-1970)**

Ditadura; Polícia Militar; Militarização; Guarda Civil; Força Pública.

Gabriel dos Santos Nascimento  
UNIFESP / FAPESP  
gabrielsn87@gmail.com

Durante a maior parte do período republicano, o policiamento ostensivo foi dividido entre uma corporação militarizada, a Força Pública, e outra civil, a Guarda Civil. A existência dos "pequenos exércitos estaduais" era contestada quando ocorreu o golpe civil-militar em 1964. A ditadura, visando ampliar o controle e o poder dos aparatos repressivos contra a subversão, unifica as duas corporações em uma nova polícia subordinada ao Exército e preparada para o combate à guerrilha, a Polícia Militar. A partir daí, práticas utilizadas contra a guerrilha seriam utilizadas também na repressão às classes populares. A unificação e a militarização, no entanto, não constituem um processo imediato ou tampouco consensual. Gradualmente amplia-se a área de atuação da FP em detrimento da GC e vão se criando mecanismos de subordinação ao Exército, como a IGPM, além de cursos de Segurança Nacional e Guerra Revolucionária e unidades especiais voltados ao combate à guerrilha, como a ROTA e o COE. Além disso, os membros de ambas as corporações mobilizam-se em defesa seus interesses e de sua própria identidade, realizando reuniões (às vezes ilegais) e manifestações diversas. Dessa maneira, através de fontes das próprias corporações, como boletins e manuais, além de documentação do DOPS/SP e obras escritas por policiais, pretende-se observar o período entre 1967, data da nova Lei Orgânica da Polícia, até 1970, quando se cria a Polícia Militar. A análise se volta para os dois âmbitos da militarização: o jurídico, com a subordinação formal da polícia ao Exército, e o ideológico, com a criação de

curso e práticas que estimulam o ethos militar. Além disso, também buscará observar como os membros das duas corporações agiram nesse processo, tanto na legitimação, quanto na resistência a ele.

### **Lungaretti: novas perspectivas sobre a participação do Departamento de Polícia Federal na Ditadura Militar Brasileira**

Ditadura Militar Brasileira; Departamento de Polícia Federal; Comissão Nacional da Verdade.

Lídia Maria de Abreu Generoso  
UFMG / FAPEMIG  
lidigeneroso@gmail.com

Esse trabalho objetiva analisar o processo histórico de consolidação do Departamento de Polícia Federal (DPF) durante a Ditadura Militar Brasileira. Buscamos compreender a formação doutrinária adquirida pela instituição desde sua criação e as relações estabelecidas entre essa, a sociedade, e as demais instituições policiais e de inteligência atuantes durante o período. Equivocadamente, o “senso comum” frequentemente dissocia o DPF da tortura, dos assassinatos e dos desaparecimentos que ocorreram durante a Ditadura. Apresentaremos indícios que nos sugerem o contrário: policiais federais agindo como torturadores – entre eles Lungaretti, que dá título a essa pesquisa –, depoimentos que atestam ampla colaboração do DPF com os Destacamentos de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), entre outros. As principais fontes utilizadas foram relatórios e entrevistas feitos pela Comissão Nacional da Verdade e pela Comissão da Verdade do Estado de São Paulo – Rubens Paiva.

### **MESA 3: PRÁTICAS DE JUSTIÇA NO BRASIL NO SÉCULO XIX E XX: ESTUDOS SOBRE MULHERES E TRABALHADORES**

**Cultura Jurídico-Penal (II): o Código Criminal de 1830 e as mulheres de Oliveira no século XIX, MG**  
Gênero; crime; escravidão; honra.

Leonam Maxney Carvalho  
UFMG / CAPES  
leonamcarvalho@yahoo.com.br

As influências do Iluminismo na construção do Processo Criminal de 1830 são consenso na historiografia. Entretanto, algumas concepções a respeito da igualdade jurídica de gênero nasciam e se transformavam na sociedade brasileira pós-independência. No Processo Criminal de 1830, evidenciam questões sobre: a defesa da honra, do corpo e do posicionamento social feminino enquanto vítima do gênero masculino nos crimes de “Excesso, ou abuso de autoridade, ou influencia proveniente do emprego”, “Estupro” e “Rapto”; as restrições do Código Criminal em aplicar certas penas às mulheres (as penas de morte (homicídio) adiadas às mulheres “prenhes”); os crimes atribuídos somente ao mundo das mulheres como o “Infanticídio”, “Parto suposto e outros crimes”; a igualdade jurídica entre os gêneros no crime de “Adulterio”; as mulheres escravas e a escravização de seu corpo; e o “Suicídio”. Enfim, a partir do estudo do Código Criminal, da filosofia iluminista e de alguns processos criminais, buscou-se iniciar o entendimento sobre o mundo social feminino num contexto de transformação político-jurídica, em que a igualdade de gênero era incipiente nas leis positivas e quase desconhecida no costume. Os questionamentos propostos neste trabalho são: (1) Como o universo feminino influenciou na construção da cultura jurídico-penal brasileira do século XIX? (2) Como é possível caracterizar a visão jurídica da mulher no Código Criminal de 1830? E (3) É possível absorver dos processos criminais deste período, a visão jurídica da mulher, e a visão dela mesma sobre si, seu corpo e sua honra?

**A honra velada: relações de gênero e comportamentos amorosos nos crimes de defloramento, Recife (1900-1912)**

Honra, sexualidade, gênero, debate jurídico.

Sandra Izabele De Souza  
UFRPB / CAPES  
sandraizabele@hotmail.com

Este trabalho busca analisar os conflitos afetivo-sexuais das camadas populares através dos processos-crime de defloramento e estupro, atentando para as tentativas de normatização dos comportamentos sexuais desses sujeitos a partir do discurso jurídico e como esse segmento da população percebia e vivenciava as experiências amorosas e sexuais. A cidade do Recife passava, no início do século XX, por um processo modernizador que atingia de alguma forma todas as camadas sociais urbanas e que atraía cada vez mais um contingente populacional que integraria as massas populares, consideradas perigosas aos padrões normativos das camadas abastadas. As autoridades acreditavam ser necessário um controle efetivo das camadas pobres urbanas, impedindo-as que colocassem o novo projeto de sociedade burguesa em risco. Assim, polícia e Justiça foram aparelhos importantes na construção desse projeto. Desta forma, buscou-se investigar as relações de gênero nos debates públicos e nos comportamentos populares, assim como as noções de honra e outros valores expressos nesses conflitos. Percebeu-se que o saber jurídico foi importante veiculador de padrões de comportamentos sexuais, a partir de referenciais das elites, que pregavam o recato, a passividade e a dedicação das mulheres. No entanto, as fontes demonstram que os crimes sexuais tinham altas demandas, oferecendo riscos a construção de uma sociedade brasileira civilizada, evidenciando que os comportamentos populares estavam longe do idealizado e defendido por essas elites. Os jovens das camadas pobres urbanas vivenciavam suas experiências amorosas e sexuais de forma diversificada, possuindo concepções diferentes para os valores, como a honra e a honestidade.

**Maria Midão: fogo, paixão e desordens nas imediações da praça de mercado do Rio de Janeiro**

História do Gênero; Rio de Janeiro; Crimes.

Vitor Leandro de Souza  
UFRJ / CAPES  
vitorleandro@id.uff.br

Maria Coelho Midão, mulher corajosa da virada do Oitocentos, demonstrou em diversos momentos de sua trajetória ter uma forte personalidade. Agressiva, desafiadora, com um histórico de crimes, enfrentamentos e desafetos pela região central da cidade, Midão era o que se convencionou definir como *o ponto fora da reta*, transgredindo espaços idealizados e sacralizados que relegavam as mulheres ao não protagonismo social e histórico. Este trabalho tem por objetivo compreender o papel social feminino no Rio de Janeiro por meio da trajetória dessa portuguesa, que frequentou as páginas policiais da imprensa entre as décadas 1880 e 1910 de uma forma notável.

**Trabalhadores, processos-crimes e ação policial nos anos 1950. Qual 'espontaneísmo grevista'? Quais 'greves de massa'?**

Greves; trabalhadores; processos-crimes; Segundo Governo Vargas.

Juliana Martins Alves  
USP  
julimatin@ig.com.br

Seguindo as revisões críticas da historiografia sobre o “populismo” como modelo teórico-interpretativo, que pretendeu abarcar os diferentes aspectos da política social e sindical do Estado e as relações deste com os trabalhadores durante os governos de Getúlio Vargas (1930-45/1951-54), com base na categoria de “política de massas”, esta comunicação tem dois objetivos principais. Em primeiro lugar, discutir as noções de “espontaneísmo grevista” e “greve de massa”, comumente atribuídas às greves trabalhadoras, sob a ótica do “populismo”, relacionadas a um dado perfil conferido aos diferentes atores sociais, distanciado de suas práticas efetivas. Em segundo lugar, contrapondo tais noções à experiência e às formas de luta do operariado, particularmente, na conjuntura 1953-1954: a exposição objetiva caracterizar os mecanismos governativos-coercitivos do Estado – baseados na Lei (com o fim de “legitimar”, em muitos casos, o uso da violência) e na ação da Polícia – em um contexto de avanço do movimento operário-sindical e quando as movimentações trabalhadoras, consideradas “subversivas” ou “atentatórias” à ordem política e social, assumem grande peso e visibilidade na cena política. Nesse aspecto, sem perder de vista que não obstante o amplo conjunto de benefícios sociais, materiais e simbólicos, obtidos pelo operariado sob os governos Vargas (tão demandados pelos trabalhadores desde princípios do regime republicano) – e que, de modo algum, podem ser minimizados ou desconsiderados – a proposta governamental varguista, seja no pós-1930 ou na década de 1950, jamais deixou de incorporar um projeto de “boa sociedade”. Em outros termos, como lembra Maria Helena Capelato: não se pode desconsiderar a importância de “uma cultura política que, mesmo voltada para os interesses das classes populares”, introduziu uma “estrutura institucional de natureza autoritária,(...) utilizada como mecanismo de controle social e político” (Capelato, 2001: 164-165). Para tanto, a exposição traz para a reflexão fontes ainda pouco investigadas nos estudos históricos sobre o período, como a *Revista Forense* (na qual as medidas governamentais, decisões da Justiça e processos-crimes, envolvendo trabalhadores encontram-se fartamente documentados) e a revista *Lei e Polícia*. Órgão técnico de combate à delinquência e defesa do regime democrático (1951-1954) – analisadas em conjunto com outras fontes documentais.

#### **MESA 4: ADMINISTRAÇÃO DAS PRISÕES E AÇÕES DA JUSTIÇA NA AMÉRICA PORTUGUESA E NA REPÚBLICA**

##### **A precariedade das cadeias coloniais: o caso a cadeia velha de Vila Rica**

Cadeia; Brasil Colonial; Vila Rica; Punição; Antigo Regime.

Mateus Freitas Ribeiro Frizzone  
UFMG  
mfrizzone@gmail.com

Esta comunicação pretende discutir a estrutura física das cadeias na América Portuguesa tendo com foco principal a cadeia velha de Vila Rica, considerando as várias reclamações em relação à precariedade do prédio contrastante com a significativa população carcerária. Durante o período de maior extração aurífera na região, por isso sendo uma das localidades mais importantes do Império Português no século XVIII, Vila Rica possuía apenas uma frágil e pouco segura cadeia de pau a pique entre os anos de 1725 e 1785. A inadequação do prédio foi tema de um sem número de petições, requerimentos, e outras comunicações político-administrativas onde os mais diversos membros da administração cobravam melhorias e propunham soluções. Analisando essa comunicação político-administrativa da Câmara da dita Vila buscar-se-á entender as percepções sobre as condições estruturais do prédio, assim como as concepções de uma edificação ideal para servir como cadeia no período. Tentar-se-á assim contribuir com o entendimento das funções das cadeias no Antigo Regime Português, tendo em vista o fato de que as formas de punir nesse momento pré-industrial estavam muito ligadas ao castigo corporal e público e não à contemporânea ideia de que a punição se fundamenta na privação da liberdade para a transformação radical dos indivíduos com vistas a adequá-los ao corpo social.

### **Os culpados por devassa: A ação da Justiça no termo de Ribeirão do Carmo (1711 – 1745)**

Devassa; Justiça; Rol de Culpados.

Maria Gabriela Souza de Oliveira  
UFOP  
mgabi.oliveira@gmail.com

Estudos acerca da história da justiça em Minas Gerais durante os séculos XVIII e XIX tem se destacado na produção historiográfica atual. Muitos foram os documentos produzidos pela Justiça, especificamente a criminal, durante a prática de seus ofícios desde os primeiros anos do setecentos. O Rol de Culpados era um livro no qual se registrava todos aqueles considerados culpados pela Justiça. Através da análise quantitativa dos registros do Rol, destacam-se os indivíduos acusados através das devassas, instrumento de investigação oficial que voltava suas ações para delitos que atentavam contra a ordem, podendo assim, ser interpretadas como tentativa de estabelecimento de controle social. Neste sentido, propõe-se analisar quem eram os culpados por devassas e os crimes cometidos por eles que foram registrados no Rol de Culpados entre os anos de 1711 e 1740, no termo da Vila do Ribeirão do Carmo. A importância desta análise é dada pelo momento marcadamente reconhecido pela historiografia como um período de consolidação dos aparelhos administrativos e judiciais nas Minas na primeira metade do século XVIII, considerando a ampla incumbência da Justiça naquilo que a distingue nas tentativas de ordenamento da sociedade.

### **A repressão (correção) à vadiagem: a Colônia Correccional Agrícola do Bom Destino e a transformação do vadio em trabalhador nacional - Sabará (1895-1901)**

Colônia Correccional Agrícola do Bom Destino; Educação; Repressão; Vadiagem e Trabalho.

Sérgio Luiz Milagre Júnior  
UFJF / CAPES  
s.milagre@hotmail.com

A vadiagem, suas representações pela elite e o combate à ela sempre estiveram em pauta nos discursos do governo mineiro, desde o início século XIX, e não seria diferente com o a República, que buscava avançar em termos mudança e modernização. Era necessário, assim, repensar a inclusão de uma grande massa de pobres a esse modelo de civilização que foi feita, em grande parte, pela educação e repressão. A presente apresentação, portanto, fruto da pesquisa no Mestrado em História da UFJF, busca apresentar a Colônia Correccional Agrícola do Bom Destino, como um espaço de educação fora do ambiente escolar, e suas implicações no combate à vadiagem, em Sabará (1895-1901), que visava, através do trabalho, civilizar e moralizar o vadio e, conseqüentemente, prepará-lo para a mão-de-obra na lavoura. Dessa forma, analisa-se a nova concepção de trabalho da instituição, que não mais estava sob o estigma escravocrata, trabalho como algo desmerecido e coisa de escravo, mas passava, mesmo que pela repressão, por um novo caráter, o corretivo ou pedagógico, capaz de civilizar e moralizar o vadio para o mundo moderno, e até que ponto essa repressão/educação pelo trabalho é realizada e eficaz. O marco teórico utilizado se dá, principalmente, pelos estudos de Foucault, através da ideia de disciplinarização dos corpos, e de Bronislaw Geremek, sobre as diversas representações da pobreza e formas de combatê-la. Quanto às fontes, balizar-se-á nos Relatórios da Colônia Correccional Agrícola do Bom Destino e os da Chefia de Polícia, assim como a legislação da época, desde as específicas sobre a criação e manutenção da Colônia, como o próprio Código Penal (1890).

### **ST 10: Pensar a ditadura no cinquentenário do golpe: sociedade, política e cultura no regime militar brasileiro (1964-1985)**

**MESA 1****Festivais e Protestos: Resistência cultural ao regime militar no Brasil**

Festivais da Canção; canção de protesto; regime militar.

José Fernando Saroba Monteiro  
 Universidade Nova de Lisboa  
 jfmonteiro2@hotmail.com

Os Festivais da Canção realizados durante as décadas de 1960 e 1970, além de modernizar e inovar a produção musical brasileira do período, também serviram de foco de resistência ao regime civil-militar que vigorou no Brasil entre 1964 e 1985. Os festivais se encontravam imersos em um ambiente politizado, onde as escolhas das canções por parte do público muitas vezes ganhavam ares de opinião política. Os festivais foram muitas vezes vistos como de caráter filo-comunista, o que despertava a atenção do regime que, por sua vez, intensificou as represálias aos festivais através da censura às letras das canções, ou mesmo através da presença de agentes nos certames. Não obstante, destacaram-se nos festivais um tipo de canção politicamente engajada conhecida como “canção de protesto”, que tinha por finalidade divulgar ideais de viés marxista e resgatar uma tradição popular brasileira que vinha se perdendo desde a internacionalização da bossa-nova. Buscamos, portanto, destacar as canções de viés político que figuraram nos chamados Festivais da Canção, cujo maior objetivo era o de resistir ao regime militar vigente.

**Secos & Molhados: representações da ‘liberação sexual’ no Brasil dos anos 1970**

Liberação sexual; Secos &amp; Molhados; ditadura.

Monique de Castro Almeida  
 UFMS  
 moniquecasalmeida@gmail.com

O período de 1969-74 é conhecido como Anos de Chumbo, uma referência à violência do governo Médici na repressão daqueles que se opunham à ditadura civil-militar. Foi um tempo marcado por forte repressão às organizações políticas e pela censura às produções artísticas. Em 1973, no bojo desse processo, a banda Secos & Molhados surgia como fenômeno mercadológico, trazendo uma disfarçada crítica à ditadura militar – e uma clara crítica aos costumes – no cenário musical brasileiro, vendendo milhares de discos e atraindo inúmeras pessoas aos seus shows. O grupo surpreendeu, sobretudo por mesclar uma forte sensação de virilidade, não apenas por meio da voz, mas da performance, imprimindo ao espetáculo a ideia de dois pólos que se repelem e se atraem: masculino e feminino, homem e mulher. Assim, pretende-se, por meio desta comunicação, analisar a possibilidade de liberação sexual, em voga no Ocidente desde pelo menos a década anterior, por meio da performance do grupo musical Secos & Molhados.

**Para além da cena: caricatura política, censura e repressão na peça ‘Liberdade, liberdade’**

Liberdade; ditadura militar; caricatura; teatro.

Natália Cristina Batista  
 UFMG  
 nataliabarud@yahoo.com.br

*Liberdade, liberdade* estreou no Rio de Janeiro, no dia 21 de abril de 1965. Foi escrito por Flávio Rangel e Millôr Fernandes, com produção do Grupo Opinião. Um dos objetivos da montagem foi questionar o regime militar através de colagem de fragmentos históricos que versassem sobre a liberdade em âmbito mundial, mas que contribuíssem para a análise do regime militar brasileiro. Diante de tal objetivo, a peça foi observada com apurado cuidado pelo governo, mas também obteve grande repercussão na imprensa escrita e no público. O objetivo dessa comunicação será compreender como as caricaturas políticas vinculadas na imprensa escrita perceberam a peça nos seus primeiros meses em cartaz. Analisaremos duas charges publicadas nos jornais *Última Hora* e *Correio da Manhã*, que tratavam de dois eventos emblemáticos relacionados à peça analisada: a censura exercida pelo governo Castelo Branco e o ataque organizado pela LIDER (Liga Democrática Radical). Pretende-se compreender tanto os eventos históricos relacionados à montagem, quanto às abordagens construídas sobre eles através da imprensa, tendo como foco a análise das caricaturas políticas relacionadas à montagem em questão.

**Os Festivais de Inverno de Ouro Preto: vanguardas artísticas, extensão universitária e modernização conservadora (1967-1979)**

Ditadura militar; reforma universitária; extensão; vanguardas.

Leon Frederico Kaminski  
UFF  
kaminski.historia@gmail.com

O Festival de Inverno de Ouro Preto (MG), promovido anualmente, nos meses de julho, entre 1967 e 1979, foi uma experiência singular na vida cultural brasileira, mas, ao mesmo tempo, relacionada diretamente a diferentes transformações culturais e políticas que ocorriam naqueles anos. O evento possuía como base os cursos de férias de música e artes plásticas, entre outros, a realização de exposições e espetáculos e o incentivo ao turismo cultural. Promovido pela UFMG, tornou-se uma das maiores experiências de extensão universitária do país e estava diretamente ligada ao processo de modernização promovido pela reforma universitária de 1968. Atraía à cidade histórica, anualmente, centenas de cursistas, professores e artistas, além de milhares de visitantes. Neste trabalho, analisamos a relação entre os Festivais de Inverno com o projeto modernizador implementado pelo regime militar. Entendemos que em função das negociações e estratégias utilizadas pelos organizadores do Festival, a continuidade do evento foi marcada por contradições e ambiguidades. As diferentes transformações políticas e culturais foram as responsáveis tanto pelos conflitos que envolviam o Festival de Inverno quanto pela sua continuidade.

**MESA 2**

**Brasil e Argentina: considerações sobre a censura cultural nas ditaduras militares**  
ditadura militar; censura; Brasil; Argentina.

Ana Marília Menezes Carneiro  
UFMG / CAPES  
anammc@gmail.com

Esta comunicação tem como objetivo principal tecer considerações iniciais sobre um estudo comparado da história da censura às manifestações culturais no Brasil e na Argentina nas décadas de 1970 e 1980. A ideia é pensar uma abordagem comparativa que seja capaz de levantar questões, semelhanças, diferenças e especificidades da censura cultural estruturada nos dois países a partir da instauração dos regimes militares,

com o objetivo de compreender a dinâmica e os mecanismos de censura, as motivações e representações mobilizadas para o exercício do controle da produção e circulação de produtos culturais. A proposta é que a análise da documentação produzida pelos órgãos de censura no Brasil e na Argentina seja feita de modo a evidenciar recorrências e singularidades. Por censura cultural entende-se aqui a esfera de controle por parte do Estado da produção artística relativa ao campo televisivo, cinematográfico, teatral, literário e musical, bem como o controle exercido sobre a exibição de espetáculos e materiais publicitários. Segundo esta acepção, portanto, o âmbito de controle sobre a imprensa não seria contemplado, uma vez que obedece a lógicas distintas daquelas empregadas no campo da censura de “diversões públicas”. Em linhas gerais, a ideia desta comunicação é apresentar as interconexões – e expor as principais diferenças – entre dois movimentos de estruturação do aparato censório que ocorreram quase simultaneamente, e por em evidência os possíveis diálogos, questionamentos e reflexões a serem levantadas no estudo do fenômeno da censura no campo artístico-cultural. Pretende-se, de modo geral, apresentar este panorama delineado acima e trazer à discussão aspectos estruturantes da pesquisa, envolvendo considerações sobre marcos cronológicos, temporalidades e delimitações espaciais, suportes teóricos metodológicos, arquivos e acervos consultados e acerca da natureza dos documentos selecionados.

### **Caos na Boca do Lixo: a representação tropicalista do Brasil em ‘O Bandido da Luz Vermelha’**

Tropicalismo; Ditadura; Cinema.

Fábio Santiago Santos  
UNIMONTES / FAPEMIG  
fabiosantigosantos@yahoo.com.br

Crises e incertezas no campo político, agitações sociais e radicalizações culturais marcam o país no final da década de 1960. Às vésperas da edição do AI-5, emergem novas propostas artísticas de interpretação e representação do Brasil. Nesse contexto, as pretensões revolucionárias da arte engajada dão lugar à reflexão sobre as contradições do processo de modernização planejado pela ditadura militar. Essas transformações podem ser observadas no filme *O Bandido da Luz Vermelha* (1968), do diretor Rogério Sganzerla, que inaugura o Cinema Marginal. A análise do filme aqui pretendida possibilita a identificação dos pontos de diálogo e ruptura com manifestações artísticas anteriores à produção e revela afinidades com a arte tropicalista na concepção de representações do país.

### **‘Pra frente Brasil’: música, discurso, dispositivo, identidade nacional e produção de verdade na ditadura militar no Brasil**

Música; discurso; ditadura militar.

Nayara Crístian Moraes  
UFG / CNPQ - PIVIC  
ncm.hist@gmail.com

Tem-se como objetivo neste trabalho buscar compreender momentos do período de ditadura militar no Brasil através da análise de determinadas canções da época. Para isso, nos embasamos em conceitos de Michel Foucault, tais como: discurso, dispositivo e verdade, fazendo também um diálogo com Michel de Certeau quanto à sua “operação historiográfica”, que nos permite observar um discurso que tentava forjar uma identidade nacional em meio à ditadura militar produzindo verdades duvidosas em processo histórico de extrema impunidade. Neste sentido, a música se apresenta como um dispositivo na sociedade. Ateremo-nos por hora na canção *Pra frente Brasil*, de Miguel Gustavo, analisando os enunciados da letra da música, mas também o que para Foucault e Certeau é extremamente importante ao pensarmos o discurso: o lugar no tempo

e o sujeito que fala. Por fim, pretende-se refletir e levantar questões pertinentes quanto ao processo que rememoramos hoje neste ano de cinquentenário da ditadura militar no Brasil não nos esquecendo de que a cultura é uma importante representação da sociedade e mais ainda, do sujeito

### MESA 3

#### **A crise de 1964 na imprensa: o ‘Correio da Manhã’ e a radicalização política das direitas e esquerdas no governo Goulart**

Correio da Manhã; governo Goulart; radicalização das direitas e esquerdas; golpe civil-militar de 1964.

Renato Pereira da Silva  
UFF  
renatops15@gmail.com

Este artigo analisa e apresenta os caminhos iniciais de pesquisa sobre o papel político do jornal *Correio da Manhã* frente ao governo de João Goulart (1961-1964), tendo como eixo central de discussão a relação entre a radicalização das direitas e das esquerdas e o diário carioca. Trata-se de refletir sobre o modo de como o jornal se posicionou no início dos anos 1960 no Brasil, período marcado por uma conjuntura de intensos embates entre os grupos de esquerda e direita na defesa ou reação às reformas estruturais para o país. No entanto, foi durante o governo Goulart que esse confronto de forças encontrou a oportunidade para catalisar um clima de radicalização política, que, em última instância, colocou em xeque a manutenção da democracia representativa inaugurada com o fim do Estado Novo. A posse de Goulart significou um divisor de águas nos embates políticos da época, causando euforia nas esquerdas e ameaça aos interesses dos grupos conservadores. Para tanto, analisaremos os editoriais do *Correio da Manhã* entre o segundo semestre de 1963 até março de 1964, período marcado pelo avanço do clima de radicalização.

#### **A ‘gloriosa mocidade da Nação brasileira’: os discursos sobre o Projeto Rondon no Congresso Nacional (1967-1969)**

Ditadura; Projeto Rondon; nacionalismo; estudantes.

Gabriel Amato Bruno de Lima  
UFMG / CNPq  
amatolgabriel@gmail.com

Criado entre os anos de 1967 e 68, o programa de extensão universitária Projeto Rondon foi uma das principais políticas da ditadura militar brasileira destinada à juventude universitária. Seus programas de ação consistiam em atividades assistencialistas desenvolvidas por estudantes – em conjunto com militares, professores e pessoal ligado aos ministérios de Estado – durante viagens para regiões do interior do Brasil. Apenas em seus três primeiros anos de funcionamento, em fins da década de 1960, cerca de 10.000 universitários participaram das operações nacionais e/ou regionais do Projeto Rondon no decorrer das férias de verão (janeiro e fevereiro) ou inverno (julho). Na perspectiva governamental, a criação do programa de extensão objetivava afastar a “subversão” dos meios universitários e desenvolver o país pela via nacionalista da “integração nacional”. As ações do Rondon, além disso, eram convergentes tanto com a política de expansão das fronteiras agrícolas do país, quanto com a “modernização autoritária” das universidades empreendida pela ditadura militar. Dadas as dimensões que alcançou e o poder simbólico por ele desempenhado na relação entre ditadura e estudantes, o Projeto Rondon foi assunto de vários discursos de deputados federais no Congresso Nacional. Parlamentares tanto da ARENA como do MDB foram a plenário com o objetivo de elogiar o programa e esclarecer seus desígnios e funções naquele momento. Esta comunicação toma como fonte estes discursos, com o objetivo de

problematizar duas questões recorrentes na fala dos deputados entre os anos de 1967 e 69: as representações acerca da chamada “questão estudantil” e o imaginário nacionalista.

**1964 faz 50 anos: as ‘bodas de ouro’ do golpe civil-militar no Brasil e a luta do movimento estudantil de Londrina contra a ditadura**

Movimento Estudantil, Londrina, Ditadura Militar; Repressão.

Danilo de Souza Torregrossa  
UEL  
danilotorregrossa@uol.com.br

Em 2014 celebram-se os 50 anos do Golpe Civil-Militar de 1964, fato este que desperta um maior interesse da academia e da sociedade em geral, principalmente a partir das notícias veiculadas pelas várias investigações da Comissão Nacional da Verdade. Estudar essa parte da nossa história se faz necessário para que se identifique as múltiplas facetas apresentadas pelo regime e mostrar à população de que forma ele se estruturou, fazendo memória àqueles que lutaram por um Brasil sem repressão. O presente trabalho busca resgatar a atuação do Movimento Estudantil no combate à Ditadura, analisando a participação dos estudantes de Londrina na luta contra a repressão nos anos 60 e 70, tentando esclarecer a forma como os estudantes da região encontravam-se organizados e entender como se deu o enfrentamento destes militantes no combate à ditadura, identificando sua visão acerca do regime e como reagiram aos principais decretos governamentais. Ao propor este tipo de análise histórica acerca dos fatos, intenta-se esclarecer qual o papel dos nossos universitários na luta para que sua voz fosse ouvida e, acima de tudo, tivessem sua luta reconhecida.

**O acervo do amoroso: por uma leitura filológica**

Dom Timóteo Amoroso; Leitura filológica; Ditadura militar.

Gérsica Alves Sanches  
UFBA  
gersicasanches@gmail.com

Sob o regime ditatorial, os brasileiros sofreram por anos com imposições absurdas e ultrajantes e com a violação de direitos, sem mencionar a situação caótica para a qual a economia brasileira foi levada. Tal quadro incitou muitos cidadãos a trabalharem pela reversão desse sistema ditatorial. A subversão se deu em diversos âmbitos da sociedade: no artístico, no político, no educacional, no cultural e também no religioso. Esta atividade de pesquisa tem como objeto de estudo os escritos de D. Timóteo Amoroso Anastácio – religioso, pensador, escritor, poeta, tradutor. A necessidade de empreender um estudo sobre o acervo pessoal de D. Timóteo advém do fato de este monge ser um dos expoentes na luta pela defesa dos Direitos Humanos nos dois momentos ditatoriais vivenciados pelos brasileiros no século XX. Assim, esta exposição visa trazer à baila as algumas impressões e resultados dessa pesquisa, cabendo, portanto, aqui, descrever o acervo pessoal de D. Timóteo, localizá-lo historicamente e socialmente, e, por fim, refletir sobre a atividade filológica que se empreende com tal acervo – que contém textos manuscritos, datiloscritos e impressos, de cunho religioso, político, histórico e científico; são esboços de homilias, sermões, conferências, sem contar nos registros de suas memórias e reflexões pessoais que evidenciam o seu pensamento religioso e político. Através da leitura filológica empreendida, buscam-se delinear as formações discursivas e ideológicas trazidas pela materialidade discursiva dos documentos, cumprindo assim com uma das etapas da atividade filológica, a de escutar o texto, deslindando as suas malhas bem cosidas a fim de investigar, cuidadosamente, e analisar as informações diversas presentes no texto.

## MESA 4

### **A Lei de Anistia no Brasil: olhares sobre o passado vivo na memória política e jurídica do nosso país**

Liberdade de Expressão; Lei de Anistia; Memórias Políticas e Jurídicas do país; Aspectos criminais.

Cleidimar Rodrigues De Sousa Lima

UVA / CAPES

cleidimary@hotmail.com

É inegável que as pessoas e as palavras são produtoras de sua história. Ao se buscar entender a trajetória das pessoas encontramos os resultados das palavras transformadas em discursos e ações, pontuadas por interesses, comportamentos, atitudes e crenças. As pessoas constroem no seu tempo experiências, práticas e memórias individuais, coletivas e sociais. O papel do historiador diante deste contexto é o de integrar as memórias existentes, construindo e reconstruindo muitas outras histórias possíveis, convertendo em imagens, depoimentos, narrativas e documentos o capital humano histórico. Este artigo pretende discutir um assunto jurídico e cultural que pode ser visto e revisitado por diversas ópticas: dentre elas, as dos sujeitos que foram alvos da Lei de Anistia no Brasil (Lei nº6. 683, de 28/ 08/ 1979), por estar no seu bojo conflitos pessoais e sociais não resolvidos na dimensão do olhar do passado que se tornou vivo com a criação da Comissão Nacional da Verdade. Pelo princípio constitucional de 1988, da irretroatividade da Lei Penal, esta lei não pode ser revisitada para punir os torturados. Os movimentos sociais, sobretudo os chamados de “esquerda punitiva”, constantemente estão discutindo que a Lei de Anistia foi parcial em seus procedimentos e exigindo uma nova interpretação de suas consequências nas garantias constitucionais de um país que vivencia na atualidade o Estado Democrático de Direito. Para este estudo, tomamos como suporte metodológico a Lei de Anistia, trechos do depoimento do Prof. Michel Le Ven, ativista no período da ditadura militar no Brasil, proferido em 2011, na UFMG e o voto dos ministros do STF no julgamento da ADPF nº153. Buscamos compreender, à luz das contribuições da história oral e da legislação pátria, o que fazer com o passado da ditadura no Brasil, a partir de suas repercussões sociais, culturais, jurídicas e políticas e do respeito às narrativas de seus sujeitos em ação na esfera pública.

### **A transição política democrática: as ‘Diretas Já’ e o jornal ‘Estado de Minas’**

Transição; diretas; jornal.

Rochelle Gutierrez Bazaga

UFTM

rochelle\_gutierrez@hotmail.com

O processo de transição política democrática brasileira é fruto de vários fatores que o impulsionaram, sendo que as “Diretas Já” constituem esse momento. O movimento se iniciou em 1983 e ganhou dimensão nacional no início de 1984, fazendo com que a população voltasse às ruas. A campanha reuniu diversos grupos sociais e políticos, que uniram e organizaram manifestações públicas para pressionar o Congresso Nacional à aprovação da Emenda Dante de Oliveira, que visava a alteração da constituição de 1969 e consequentes eleições diretas para Presidente da República. Sendo assim, o objetivo desse trabalho é compreender o contexto de transição política brasileira através do movimento pelas “Diretas Já”, valendo-se dos editoriais publicados diariamente pelo jornal *Estado de Minas* entre janeiro e abril 1984, além de entender como a transição política brasileira se valeu da cultura política de conciliação, verificando seu lastro na história do Brasil. Por fim, embora as diretas não conseguissem liquidar o regime militar instaurado, ela impôs fortes obstáculos a sua continuidade, ampliando a crise política desencadeada em 1983, e servindo de dimensão a discussão da concepção de democracia que temos hoje.

## **A imprensa na transição: valores políticos e projetos de democracia (1979-1988)**

Transição; imprensa; memória; democracia.

Mauro Eustáquio Costa Teixeira  
UFOP / CAPES - CNPq  
mauroteixeirabh@gmail.com

As relações entre a grande imprensa e a ditadura que governou o Brasil a partir de 1964 são um assunto que comporta contradições, ambivalências e descontinuidades. Elas nos ajudam a melhor compreender a complexidade de um regime que, comandado por oficiais generais, jamais deixou de manter vínculos com setores civis, embora tais vínculos nem sempre tenham sido sólidos ou orgânicos. No contexto específico da transição para a democracia (período que localizamos entre 1979 e 1988), os posicionamentos assumidos pelos principais jornais brasileiros refletem as opiniões de parte das elites brasileiras acerca dos caminhos políticos a serem tomados pelo país em substituição à ditadura, que se aproximava de seu fim. De forma geral, aparecem ali elaborações formalmente liberais, mas ainda bastante restritas em termos de democracia participativa e acesso à informação. Nossa comunicação utilizará os editoriais dos principais jornais impressos brasileiros dos anos 1980 para tentar identificar os projetos políticos de importantes setores das elites do país naquele período. Para tanto, trabalharemos com três momentos específicos: o auge das denúncias de violações de direitos humanos contra presos políticos, em 1981; o vigésimo aniversário do golpe militar, em 1984; e a promulgação da Constituição de 1988. Desta forma, procuraremos demonstrar um posicionamento político que buscava superar a ditadura, mas não se incomodava com as relações autoritárias entre Estado e sociedade.

## **ST 11: Política editorial, impressos e leitura**

### **MESA 1: CIRCULAÇÃO DE LIVROS NO S SÉCULOS XVII-XVIII**

#### **A imprensa como agente regulador de costumes nos oitocentos: as crônicas do Padre Lopes Gama (o Carapuceiro, 1832-1846)**

Periódicos; religião; práticas e costumes.

Igor Maciel da Silva  
UEMG  
deigorparalaboratorios@gmail.com

Sarah Teixeira Soutto Mayor  
UFMG  
sarahtsouttomayor@hotmail.com

Por meio do trato com os periódicos e da procura de interpretações várias para o desvelamento de nuances presentes na vida social do Brasil oitocentista, tencionamos compreender os periódicos enquanto agentes que se debruçavam na urgência de se (re) formar costumes presentes nas experiências que aconteciam fora do mundo do trabalho e de processos educativos como a escolarização. Assim, propomos aprofundar nossas pesquisas sobre a função social assumida pelos impressos em prol de uma nova moral mais afeita aos preceitos tidos como modernos, que compreendiam não apenas as formas de ocupação como alvos dos empreendimentos educativos, mas também, e fortemente, os momentos de “desocupação”. Para tal, referenciamos as crônicas do Padre pernambucano Miguel do Sacramento Lopes Gama, reunidas no livro *O*

*Carapuceiro* (1832-1846), que apresentou não só um ideário de civilidade pernambucana, mas traçou um retrato desejado do Brasil recém-independente por meio de suas pregações sobre festas, folguedos, jogos e outras experiências da vida social.

**Circulação de textos teatrais no Rio de Janeiro Oitocentista: um estudo de caso sobre a publicação da cena comica "Ahi! Cara Dura!" de Francisco Correa Vasques (1883-1884)**

História da leitura; Francisco Correa Vasques; teatro musicado; Brasil Império

Henrique Bueno Bresciani

UEL

he.buenob@gmail.com

A partir de anúncios e críticas teatrais localizados em alguns periódicos no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, o artigo acompanha a trajetória percorrida pela peça *Ahi! Cara dura* de autoria do comediógrafo fluminense Francisco Correa Vasques. Representada pela primeira vez em Abril de 1883 no teatro Sant'Anna no Rio de Janeiro, a peça foi posteriormente publicada no jornal *Gazeta da Tarde* em Janeiro de 1884, como parte da série de folhetins intitulada *Scenas Comicas*, também de autoria de Francisco Correa Vasques. Dado este movimento, tomamos este folhetim como uma fonte pertinente para se explorar a modalidade de circulação de textos dramáticos de gênero ligeiro na sociedade Oitocentista carioca. À luz das proposições de Roger Chartier sobre uma história da leitura que articule crítica literária, a análise da materialidade dos textos e a investigação das práticas apropriativas, elaboramos algumas hipóteses a respeito das formas pelas quais o texto teatral em questão era recebido pelos seus leitores e as conexões que mantinham com a própria representação nos tabladros – uma vez que eram escritos primordialmente com o propósito de serem encenados.

**Nas tramas das redes cotidianas: os livres de cor com posse de livros na vila de São João del Rei (1750-1808)**

Leitura; livros; livres de cor; São João del Rei

Sirleia Maria Arantes

UFMG / CAPES

sirleiamariaarantes@yahoo.com.br

A circulação de impressos esteve presente nas Américas desde a colonização, e na maioria das vezes os livros estavam ligados ao ofício de quem os possuía. A partir da presença dos livros na América, o objetivo desse ensaio é analisar os livres de cor que possuíam livros, tinham rol de dívidas e, especificamente um que atravessou o Atlântico para estudar na Universidade de Coimbra. Entre os livres de cor na vila de São João del Rei que testaram ou fizeram inventários observa-se a presença da posse de livros e a busca pelo ensino das primeiras letras para seus descendentes, o que contraria a afirmação de que “nunca encontrei uma única referência a livros ou a leituras realizadas em testamentos e inventários post-mortem de forros (as) aspectos, o primeiro é que a presença de livros nas casas dos livres de cor não implicava em leitura, assim como a sua ausência não significa o desconhecimento dos seus conteúdos. Antes de analisar a posse de livros desses livres de cor é preciso considerar dois aspectos: o primeiro é que a presença de livros nas casas dos livres de cor não implicava em leitura, assim como a sua ausência não significa o desconhecimento dos seus conteúdos. Cabe salientar ainda que pela circulação de manuscritos e de folhas avulsas nas lojas e boticas, as obras eram comentadas e as pessoas tomavam conhecimento de assuntos diversos é preciso considerar que os “ libros leídos em território americano solían provenir de centros de producción europeos, pero estos textos se enmarcan em umas prácticas culturales que tienen relación y son, a la vez, distintas de las europeas”.

**A criação do copyright na regulamentação do mercado de livros inglês no século 18**

Estatuto da Rainha Ana; Monopólio; Privilégio; Copyright; Propriedade literária.

Cíntia Medina de Souza  
USP / FAPESP  
soucime@gmail.com

No final do século 17 e ao longo do século 18, a Inglaterra foi palco das primeiras discussões acerca da criação de uma lei moderna, destinada a regulamentar o mercado de livros impressos, que funcionava sob o sistema de monopólio e censura desde o século 16. Essa lei ficou conhecida como o Estatuto da Rainha Ana de 1710 e instituiu, pela primeira vez na história do ocidente, um *copyright*, ou seja, um direito exclusivo de cópia que assegurava a propriedade literária ao autor e a quem ele a transferisse, por um tempo limitado. Embora tivesse havido um rompimento com o monopólio perpétuo da corporação livreira, o limite de duração imputado ao direito autoral, pelo estatuto, não extinguiu o caráter monopolista desse dispositivo proprietário. O objetivo desse estudo é demonstrar que não houve tal ruptura, pois a lei criou um direito de autor sob a noção de privilégio, tendo como precedente o direito de publicação, o *copyright*, criado pelas antigas práticas do sistema de privilégios de impressão. Isso pode ser constatado nas discussões veiculadas em panfletos, jornais, registros da corporação livreira e parlamentar, periódicos, petições e litígios em tribunais. Essa investigação evidenciou a construção artificial de um direito do autor e de uma propriedade literária conforme os interesses históricos daquele período, que adentrava à modernidade ainda com traços da sociedade tradicional. Essa pesquisa possibilitou repensarmos a necessidade atual de se redefinir um novo conceito de direito do autor por meio de políticas públicas que contemplem as demandas das novas tecnologias e os interesses do público, autor e editor de forma equilibrada.

## **MESA 2: - IMPRENSA, RELIGIÃO, POLÍTICA E PECADO NO BRASIL**

### **A formação dos áulicos e a imprensa áulica doutrinária no primeiro reinado (1824-1826)**

Áulicos; imprensa; elite política.

Nelson Ferreira Marques Júnior  
UFRRJ / CAPES  
nelsonfmarquesjr@hotmail.com

O objeto central da apresentação são os áulicos, especificamente, parte deste grupo representado pelos Conselheiros de Estado e Ministros (1824-1826) e o seu projeto político difundido pela imprensa áulica fluminense no Primeiro Reinado. Os áulicos de uma maneira geral são constituídos por aqueles que apoiavam o imperador Pedro I, procurando dar sustentação e visibilidade a seu governo no período pós-independência diante da opinião pública. As principais metas dos áulicos eram defender os ataques perpetrados dos partidos rivais e reafirmar seu postulado político, que tinham como ideias basilares a manutenção da ordem pública e da integralidade do território, e a defesa de uma Monarquia Constitucional com forte poder centralizador. O recorte temporal circunscreve-se ao período de 1823 a 1826, momento do auge político dos áulicos, tendo como pilares a conjuntura que se segue à dissolução da Assembleia Constituinte em novembro de 1823, à outorga da Constituição (25 de março de 1824) e que deságua na reabertura dos trabalhos da Assembleia Geral (26 de julho de 1826), concomitantemente com o início do enfraquecimento do grupo dos áulicos e o fortalecimento dos liberais moderados no Brasil. Fez-se necessário a retomada das discussões na Assembleia Constituinte de 1823, para entender a formação dos áulicos e o desenrolar da conjuntura política dos anos de 1824 a 1826.

### **As ordens religiosas entre oralidade e disputas literárias em Portugal no final do século XVIII**

Ordens religiosas; Reformismo Ilustrado; Libertinagem; Oralidade; Impressos

Rossana Agostinho Nunes  
UERJ / CAPES  
rossananunes@uol.com.br

Ao final do século XVIII, várias pessoas se apresentaram, foram denunciadas ou processadas pelo Santo Ofício sob a acusação de libertinagem no mundo luso-brasileiro. Banquetes de carne em dias proibidos, enterros de animais segundo as cerimônias e os ritos da Igreja Católica, negação dos milagres, descrença no inferno e o viver amancebado foram algumas de suas expressões mais evidentes. No conjunto dessas práticas e discursos, um alvo se destacou: os religiosos e, em especial, os regulares. Apontados, em geral, como inúteis e ociosos, os regulares foram objeto de conversas e disputas cotidianas. A polêmica não restringia-se ao cotidiano das conversas; antes, prolongava-se por meio de escritos impressos em Portugal com o objetivo uns de mostrar a utilidade dessas instituições, outros de reclamar a sua diminuição. Veiculadas num contexto permeado pela preocupação com a utilidade e pelo desejo de fortalecimento do reino, as críticas às ordens religiosas permitem explorar tanto a relação entre cultura oral e escrita, quanto a politização desses discursos. Deste modo, este trabalho tem por objetivo apresentar alguns dos discursos proferidos sobre os regulares no mundo luso-brasileiro ao final do século XVIII, de modo a analisar tanto as relações entre o mundo da oralidade e do impresso, como a dimensão política desses discursos.

#### **Edição e publicação da tradução anônima de 'A filosofia na alcova': o mercado editorial clandestino da obra sadeana no Brasil**

História do livro; Marquês de Sade; Brasil; Mercado Editorial Clandestino

Hilton Tonussi de Oliveira  
UEL  
hilton.tonussi@hotmail.com

Em 1995, a editora Ágalma publicou a revisão de uma tradução anônima realizada por Eliane R. Moraes da obra *A filosofia na Alcova*. Pela ortografia e uso de determinadas expressões, Moraes supôs que o livro tenha sido traduzido entre as décadas de 1940 e 50, o que torna o livro a mais antiga edição de uma obra do Marquês de Sade no Brasil. De acordo com as notas de tradução da autora, na folha de rosto não são identificados a editora, o tradutor, o prefaciador e nem mesmo o local de edição e a data de publicação; apresentando-se somente a seguinte informação: “edição privado e fora do comércio”. Dentre a produção literária do marquês, *A filosofia na alcova* é a tradução que possui o maior número de edições no mercado editorial brasileiro, o que nos estimula a investigar sobre o contexto de produção e os interesses dos responsáveis por esta “edição privado e fora do comércio” para optarem pela circulação da obra por vias não-oficiais. Esta pesquisa tem como objetivo principal investigar as características da “edição privado e fora do comércio” de *A filosofia na alcova* atentando-se para as relações existentes entre a obra do Marquês de Sade, os responsáveis pela edição em questão e as especificidades do contexto editorial de sua produção. Levo em conta os procedimentos metodológicos – ou a discussão – proposta por Robert Darnton. A análise do texto e/ou discurso presente no livro não possui uma realidade autônoma em relação às condições não-textuais de fabricação. O processo de produção do livro é envolto em conjunturas econômicas e sociais específicas sob influências intelectuais, publicitárias, políticas e legais.

#### **Os Sete Demônios do Neoliberalismo: uma análise da inversão de valores morais entre as décadas de 1940 a 1970**

Sete pecados capitais; Neoliberalismo; Inversão de valores; Pós-Modernidade.

Com os avanços da modernidade, a Igreja viu-se obrigada a se adaptar ao novo mundo, por vezes necessitando adequar suas doutrinas morais à nova "lógica" social. Entre essas doutrinas, se encontram os pecados capitais, sete vícios humanos responsáveis por encabeçar todo o resto dos males existentes em nós. Se outrora Aristóteles e os padres do deserto acreditavam que deveríamos controlar nossas paixões, hoje, na contemporaneidade, somos estimulados a libertá-las. Nas décadas de 1940 a 1970, o neoliberalismo fez com que o homem contemporâneo e o individualismo ético reconhecessem os valores do mercado em sua relação com o mundo exterior, reformulando conceitos morais tradicionais e adaptando-os à lógica do mercado. A Igreja, portanto, tentou combater os avanços dos ideários neoliberais através de sua imprensa, construindo um discurso combativo e doutrinador dentro das páginas do *O Diário*. Neste contexto, todos os pecados capitais são tidos como virtudes nesta sociedade neoliberal corroída pelo afã consumista: estimulamos a inveja como fórmula substancial para o sucesso; a avareza se tornou um valor dos bem-aventurados dentro da sociedade consumista; a ira é fomentada pelos fundamentalistas políticos e religiosos; compramos a gula que nos é enfiada goela abaixo; a castidade se tornou um pecado grave enquanto a luxúria se limpa da lama em que sujou durante toda a Modernidade; a ditadura do aparentar ser, do reconhecimento imediato ou do deixar-se ver inflama o nosso gosto pela vaidade e, por fim, a preguiça se torna a utopia do capitalismo, no qual se almeja um ócio eterno. Trabalhando com conceitos de moral, neoliberalismo e mercado, pretendo compreender melhor a construção dos valores morais dentro da doutrina dos sete pecados e sua inversão na sociedade contemporânea.

### MESA 3: IMPRENSA E POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA NO SÉCULO XX

#### **Entre tinteiros e paliques: a trajetória intelectual e política de Arnold Ferreira da Silva (1912-1952)**

Trajetoira intelectual; política; jornal *Folha do Norte*; cultura.

Juliano Mota Campos  
 UEFS  
 julianouefs@hotmail.com

No presente estudo, buscaremos compreender a partir da trajetória intelectual e política de Arnold Ferreira Silva (1912-1952), o cenário sociocultural de Feira de Santana, Bahia. Enquanto problemática, buscamos analisar em que medida as produções intelectuais de Arnold Silva possuíam relação com a política credenciando-o ao hall das figuras de prestígio tanto no executivo (prefeito e intendente municipal) quanto no legislativo (vereador e presidente do conselho municipal), mesmo em um período longo e de significativas transformações sociais, econômicas e culturais para a população não apenas feirense, mas baiana e brasileira. Utilizamos como fontes para o nosso estudo o *Jornal Folha do Norte* (o mais antigo em circulação no Estado), periódico de propriedade da sua família, folhetim em que predominaram suas produções (crônicas, editoriais, colunas e notas judiciais), mas também o jornal *Folha da Feira*, que destacava a participação deste "autodidata" nos grêmios lítero-dramáticos enquanto escritor, palestrante e ator, além de atas da sociedade "Montepio dos artistas Feirenses", "Santa Casa de Misericórdia" (na qual foi provedor), nos processos crimes, no qual atuou como rábula e nas poesias de seus conterrâneos, sendo as duas últimas fontes reproduzidas na *Folha do Norte*. Acreditamos que esse conjunto de documentos nos auxilie a traçar seus campos de atuação.

#### **Álbuns de propaganda do interior do Brasil no início do século XX**

Álbuns; propaganda; modernidade; interior.

Ana Paula de Oliveira Lopes  
PUC-SP; SEDUC-MT / CNPq  
anaaluap.lopes@gmail.com

Pretende-se, neste artigo, apresentar algumas questões referentes ao processo de criação e produção dos álbuns de propaganda do início do século XX, com enfoque nas regiões opostas ao litoral sudeste do Brasil, privilegiando a região de influência da floresta amazônica. Neste período, esses espaços vivenciavam as transformações desencadeadas pela exploração da borracha. Para nortear o desenvolvimento da pesquisa, duas questões foram levantadas: O que é um álbum? Qual o significado da sua produção no início do século XX? Os álbuns do Estado do Amazonas e Mato Grosso tiveram como objetivo a propagação de uma nova imagem desse espaço periférico do Brasil e a afirmação do seu pertencimento ao ideário da modernidade, por meio da construção de narrativa textual e imagética.

**Algumas reflexões sobre a imprensa popular mexicana de inícios do século XX: as ilustrações de Posada nas  
hojas sueltas de Vanegas Arroyo**

Imprensa popular; México; José Guadalupe Posada

Natally Vieira Dias  
UEM; UFMG  
natyvdiass@gmail.com

Atualmente, já se tornou um lugar comum afirmar que a “imprensa modernizada” de finais do século XIX cumpriu um papel central no processo de profissionalização dos escritores latino-americanos. No entanto, pouco espaço tem sido dedicado à análise de como o processo modernizador atingiu publicações menos ostentosas, ligadas ao universo popular, e quais foram suas relações com escritores, intelectuais e artistas menos ligados à alta cultura. O objetivo desta apresentação é desenvolver uma reflexão inicial sobre tal problemática tomando como objeto de análise a imprensa de Antonio Vanegas Arroyo – fundada na Cidade do México em 1880 – e a participação nesse empreendimento de José Guadalupe Posada, artista oriundo das camadas populares, que se tornou famoso por suas gravuras das alegres *calaveras* (caveiras) mexicanas. O enfoque temporal serão os primeiros anos do século XX.

**Leituras martinfierristas: a vanguarda argentina lendo e sendo lida**

Revista Martín Fierro; Vanguarda literária; Leitores.

Helaine Nolasco Queiroz  
UFMG / CAPES  
helaineq@hotmail.com

Desde seu editorial de abertura, intitulado *La vuelta de Martín Fierro*, publicado em fevereiro de 1924, até seu último número, de agosto/novembro de 1927, a revista vanguardista argentina *Martín Fierro* se preocupou e dialogou com seus leitores. Eles estavam presentes virtualmente – nos anúncios que exortavam a leitura e nas críticas literárias, indicativas do que ler e de como ler – e concretamente, nas manifestações de quem a leu e contribuiu com o debate. Um dos aspectos relevantes do periódico é sua prática pedagógica, de formação de leitores críticos, justificável pela percepção da defasagem do público, que não entende a literatura ou a arte vanguardista. A comunicação proposta visa explorar aspectos relativos ao perfil dos leitores do periódico, sua especialização, distinção de gênero e engajamento político. Também contempla a articulação entre leitura e fatores sociais em Buenos Aires, procurando mapear os locais de sociabilidade onde as leituras ocorreram e a especialização de um público leitor, em constante aumento devido ao crescimento das taxas de alfabetização

no período. Por fim, pretende analisar a própria leitura que a revista faz de outros textos, especialmente do poema *El gaúcho Martín Fierro*, de José Hernández, que a intitula.

#### **MESA 4: O NACIONAL E O REGIONAL NAS IMPRENSA BRASILEIRA NO SÉCULO XX**

##### **A Política Editorial do SPHAN e a ‘escrita de si’ de Rodrigo Melo Franco de Andrade**

Intelectuais; Brasil; Estado Novo; Patrimônio Cultural.

Raul Amaro de Oliveira Lanari  
UFMG; UNI-BH  
ralanari@gmail.com

A comunicação tem o objetivo de analisar a política editorial do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), formada pela Revista do SPHAN e as Publicações do SPHAN, durante os anos de consolidação (1937-45) do órgão sob a direção do intelectual mineiro Rodrigo Melo Franco de Andrade. Analisaremos a aspecto material das publicações, textos de autoria do diretor do SPHAN e documentos que permitem mapear os contatos realizados para a materialização dos volumes. Procuraremos identificar o processo de “escrita de si” por parte de Andrade através das publicações do SPHAN e das redes de sociabilidades estabelecidas pelo processo editorial. Defenderemos a hipótese de que as políticas editoriais foram meios eficazes de construção da imagem pública dos “homens-instituição” que, como Rodrigo M.F. de Andrade, integram “constelações” intelectuais vinculadas a órgãos da administração estatal.

##### **A revista São Paulo e o projeto de Nação dos ‘novos bandeirantes’**

Progresso regional; Primeira República.

George Leonardo Seabra Coelho  
UFG  
george.coelho@hotmail.com

Essa comunicação é o resultado preliminar de uma pesquisa oriunda da tese de doutorado, a qual pretende realizar uma leitura da revista *São Paulo* que circulou entre janeiro e dezembro de 1936. Nossa proposta é uma leitura do projeto político exposto nesse periódico a partir da estética modernista verde-amarela, de forma que as preocupações raciais da nacionalidade brasileira acompanham a definição de povo. Dentro desta perspectiva, pretendemos construir o conceito de “regionalismo totalizante” a partir de um projeto de dominação político-nacional estritamente paulista, onde o “mito bandeirante” se configuraria como “verdadeiro” representante da nacionalidade. Para tanto, contaremos com as contribuições de Pierre Bourdieu – sua concepção de *habitus* e campo – e Roger Chartier – sua abordagem de apropriação e representação. Nesse sentido, pretendemos realizar uma abordagem que contribuirá para entender como a apropriação e resignificação do “mito bandeirante” contribuiu para subsidiar simbolicamente o projeto paulista de ocupação do interior do território nacional.

##### **A imprensa diamantinense e a formação do Norte Mineiro na Primeira República**

Imprensa diamantinense; Norte Mineiro; Primeira República.

Carolina Paulino Alcântara  
UFMG / FAPEMIG  
carolinapalcantara@hotmail.com

Entre 1889 e 1930, Diamantina passou por um redimensionamento urbano, tendo como pano de fundo a intensificação do discurso de modernização da região. A imprensa foi um dos maiores divulgadores desse discurso, cobrando obras de intervenção e melhorias urbanas e difundindo ideias, que tinham como objetivo modificar valores e comportamentos da população. Entendemos que todo discurso é produzido socialmente, sendo indissociável do seu contexto e fruto de um coletivo. Sendo assim, o desenvolvimento da imprensa diamantinense, a partir de 1889, está associado ao esforço das elites locais em inserir o Norte Mineiro nas discussões da República. Naquele período, Diamantina apresentava-se como um centro de grande importância para a região, o que fez absorver para si as atividades de coordenar as aspirações das elites do Norte de Minas. Um bom exemplo disso são os nomes e as propostas dos jornais, seja pelos títulos abrangentes, como “O Norte” ou “O Jequitinhonha”, seja por se autointitularem, muitas das vezes, como os “defensores dos interesses do Norte”. Diante de tais considerações, objetivamos discutir a atuação da imprensa em Diamantina enfatizando seu discurso político e ideológico e sua perspectiva regional, no qual defendiam não só as melhorias do município como o progresso da região, tudo respaldado no discurso da modernidade e associado ao idealismo da civilização.

## ST 12: História, gênero, política e sexualidade

### MESA 1: GÊNERO E SEXUALIDADE NA ANTIGUIDADE

#### Hybris e sexualidade: o caso de Contra Timarco

Ésquines; retórica; hybris; sexualidade.

Priscilla Gontijo Leite  
Universidade de Coimbra  
priscillagontijo@gmail.com

Ésquines acusa Timarco de ilegalidade, baseado na sua condição legal, uma vez que Timarco não poderia discursar diante de seus concidadãos por ter se prostituído no passado. A base para o desenvolvimento da argumentação de Ésquines é o ataque a vários pontos da vida particular de Timarco. Seu intuito é demonstrar para os juízes que os excessos cometidos na sua vida privada refletiriam na cena pública, tornando-o um cidadão inapto para os negócios da cidade, bem como um péssimo exemplo para os jovens. Para isso, a *hybris* desempenha um papel essencial na estratégia do orador. O objetivo da comunicação é analisar o uso da *hybris* na descrição da vida particular de Timarco, demonstrando que na visão do orador a *hybris* de natureza sexual deveria reprimida seguindo dois interesses: o da vítima que sofreu o ultraje e das potenciais vítimas, prevenindo assim o crime.

#### O tempo social em Dáfnis e Cloé de Longo entre ficcionalidade e desejo

Patriarcalismo; Romance antigo; Subjetividade; Tempo social.

Igor Cardoso  
UFMG / CAPES - PROEX  
igorbcardoso@gmail.com

Admitida a obra de Longo, *Dáfnis e Cloé*, como romance de maturidade do século II, gostaria aqui de compreendê-la a partir da concepção e da inscrição de uma nova temporalidade histórica, não mais antiga e ainda não cristã, insinuada entre a categoria da ficcionalidade e a semântica do desejo. Ao longo do século XX, *Dáfnis e Cloé* foi pensado através do cronótopo idílico pastoril de Bakhtin, distanciado do cronótopo típico de aventura dos romances gregos do período pós-clássico, e também através da conjugalização do pensamento

pré-cristão, por Foucault, em *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Espero caracterizar a obra de Longo como espaço privilegiado para a reflexão sobre o tempo social no século II, em que se pesem os usos do tempo passado atualizados para uma crítica sócio-histórica do patriarcalismo e da subjetividade antiga.

## MESA 2: SEXUALIDADE NO CINEMA E NA TV

### **Sexualidade, heteronormatividade e enquadramento social: uma articulação a partir do filme *Ma Vie en Rose***

Heteronormatividade; sexualidade; enquadramento; representação social.

Joanna Ribeiro Nogueira  
UNIMONTES  
joanna.r.nogueira@gmail.com

Ildenilson Meireles  
UNIMONTES  
meirelesildenilson@gmail.com

Esta comunicação tem como objetivo analisar as representações sociais e as formas de enquadramento numa sexualidade heteronormativa a partir do filme *Ma Vie en Rose*, dirigido por Alain Berliner e estreado em 1997. O enredo desta produção apresenta-nos a história do menino Ludovic Fabre, de sete anos que, tendo nascido de sexo biológico masculino, acredita ser uma menina e, por este motivo, investe sua construção em um corpo feminino, vestindo-se e agindo como tal. A trama se desenrola entre as confusas empreitadas do protagonista, que busca enquadramento no discurso do outro, sem abandonar, contudo, aquilo que acredita que é. Na contemporaneidade, observa-se uma tendência da indústria cinematográfica em abordar questões polêmicas, com temáticas consideradas não convencionais, como a da construção da sexualidade e da diversidade de identidades de gênero, por exemplo. Entendemos que as produções cinematográficas funcionam como uma espécie de recorte da representação de uma sociedade, mesclando o real ao imaginário. Destarte, tais produções atuam como um importante mecanismo para o fazer historiográfico, levando ao público mais do que entretenimento, mas uma inevitável reflexão sobre questões polêmicas e poucas vezes abordadas em nossa sociedade, embora de ocorrência recorrente. É neste contexto de contestação das normas socialmente estabelecidas e da necessidade de propor uma reflexão que possa gerar uma (re) construção de valores e quebra de paradigmas que este estudo se insere. Esta análise, portanto, problematiza os discursos que normatizam e domesticam as sexualidades, configurando-se como um meio de ampliar o espaço para discussões acerca de temáticas relacionadas à diversidade sexual. É de especial interesse para nós a transgressão dos papéis socialmente estabelecidos, por imposições baseadas em distinções de gênero, que partem de um entendimento biológico da sexualidade.

### **A prostituição televisada na primeira versão da telenovela '*Gabriela*' (1975)**

Prostituição; audiovisual; telenovela Gabriela.

Débora Souza C. Martins  
UFSE  
deborascmartins@gmail.com

Este estudo tem como principal objetivo analisar como a prostituição foi apresentada ao telespectador por meio da primeira versão da telenovela *Gabriela* (1975). Para isso, analisaremos a linguagem interna e os mecanismos utilizados pela telenovela enquanto uma fonte audiovisual que representa uma dada realidade. Como qualquer outro tipo de documento histórico, entendemos que as fontes audiovisuais são portadoras de

tensões e representações. Desta forma, o simples fato da telenovela ser considerada um espetáculo de entretenimento não a invalida como discurso sobre a história. Foram construídos campos de registro, informações e comentários sobre a telenovela. Entretanto, tal metodologia não seria possível sem um referencial teórico adequado. Miriam Rossini trouxe alguns conceitos como “efeito de real” e “efeito de realidade”. Jeanneney elencou as dificuldades em incorporar a fonte audiovisual no cenário acadêmico. Rossini e José Baldissera relatam como podemos extrair a partir da análise do audiovisual as marcas dos imaginários de um determinado grupo. Leituras sobre a prostituição também foram realizadas. Faremos uso das definições elaboradas principalmente por Margareth Rago e G. Vicent, nas quais afirmam que é a prostituição nada mais é do que uma extensão do privado para o público. Ao analisarmos a novela, notamos que ao mesmo tempo em que as imagens das prostitutas e dos prostíbulos são apresentadas como locais de “perversão sexual”, criando principalmente uma dicotomia entre a mulher-mãe-dona de casa e a mulher prostituta, as mesmas personagens e ambientes representam o tão falado “progresso” que chegava à cidade de Ilhéus por meio do Bataclan (principal prostíbulo). Importante também é percebermos que os prostíbulos assumem o papel de ambientes de sociabilidade, sendo ponto de encontro de amigos e local de discussão de todo tipo de conteúdo, principalmente político.

### **MESA 3: GÊNEROS E SEXUALIDADE NO MUNDO PORTUGUÊS DA IDADE MODERNA**

#### **Carta de guia de casados: construções de gênero em um manual seiscentista para noivos**

Gênero; masculinidade; feminilidade; manual para casados; Idade Moderna.

Cássio Bruno de Araujo Rocha  
UFMG  
caraujorocho@gmail.com

Essa comunicação pretende analisar como os gêneros masculino e feminino são construídos no texto de um importante manual para nubentes composto pelo nobre português D. Francisco Manuel de Mello no século XVII. Para tanto, far-se-á um breve histórico da vida do autor e da produção e recepção do livro em diálogo com os contextos português e europeu do período, a saber, a Restauração bragantina em Portugal, a ação moralizadora da Igreja pós-Trento, os conflitos decorrentes das reformas religiosas e os impactos da colonização da América. Nessa narrativa, este trabalho procurará expor algumas conexões entre as ideias do autor e a tradição teológica e moralista católica produzida desde o período medieval. Em seguida, o trabalho procurará investigar quais são as características, funções sociais, deveres e direitos apresentados como inerentes ao masculino e ao feminino enquanto sexos supostamente naturais e interrogar quais posições hierárquicas entre homens e mulheres (em consonância com a sociedade estamental portuguesa coeva) são reificadas por este texto.

#### **Súplica aos confessores: Francisco de Melo Franco e a ‘medicalização’ da moral sexual cristã no Iluminismo Português**

Medicina Teológica; sexualidade; pecado; confissão; libertinagem.

Igor Tadeu Camilo Rocha  
UFMG / FAPEMIG  
igortcr@gmail.com

Thomas Walter Laqueur em sua obra *Solitary Sex: a cultural history of masturbation* (2003) identifica no início do século XVIII uma confluência entre os discursos moral e o médico. Dessa forma, o controle dos impulsos sexuais passa, na linguagem de médicos ilustrados como o suíço Tissot, a ter causas médicas, explicados por

condições e impulsos naturais que precisam ser administrados (e não necessariamente suprimidos) em nome do bem individual e coletivo. Em Portugal, entre outras obras, alinha-se a essa tendência a obra *Medicina Theológica ou supplica humilde feita a todos os Senhores Confessores, e Directores, sobre o modo de proceder com seus Penitentes na emenda dos peccados, principalmente a Lascivia, Colera, e Bebedice* (1793), do brasileiro Francisco de Melo Franco. O objetivo dessa comunicação se articula em dois pontos específicos de análise. Em primeiro lugar, analisar-se-á como que esse deslocamento da ideia do pecado, da vontade do indivíduo de desobedecer ao dogma para o descontrole físico causado por impulso natural, implica, ao mesmo tempo, em uma perspectiva mais tolerante em relação à religião, especialmente no que tange a sexualidade, mas também em uma concepção um tanto quanto heterodoxa da ideia do pecado. Por outro lado, pretende-se pontuar como que em alguns aspectos a obra contribui com a construção (ou perpetuação) de certos preceitos conservadores, tais como papéis de gênero e ideal de continência dos desejos e impulsos sensuais. Num âmbito geral, o que se busca ao fim dessa comunicação é trabalhar a heterodoxia, a perspectiva de tolerância decorrente dela e sua aparente contradição existente nas constantes aproximações de tópicos considerados libertinos com outros mais conservadores.

#### MESA 4: MASCULINIDADES E HOMOEROTISMO

##### **As masculinidades tecidas pelo jornal 'O Rio Nu' (1898-1916): uma análise das representações dos homossexuais, impotentes sexuais e alcoólatras**

Masculinidade; O Rio Nu; Homossexualidade; Impotência; alcoolismo.

Natália Batista Peçanha  
UFRRJ / CAPES  
nataliahist@hotmail.com

No contexto dos valores de progresso e civilização, cimentados por discursos afeitos à República, o jornal *O Rio Nu*, periódico direcionado ao público masculino, assumiu uma postura de ditar novos modos de vida aos seus leitores que pretendiam se enquadrar a esses novos tempos. Homossexualidade, alcoolismo, virilidade foram algumas das temáticas abordadas por esse periódico. Portanto, a presente pesquisa tem como objetivo realizar um estudo de gênero, analisando os padrões de masculinidade, num momento em que diversas instituições estavam voltadas para a formação de cidadãos ideais.

##### **Negociando gêneros em alto mar: a construção de masculinidades em baleeiros da Nova Inglaterra (EUA), século XIX**

Masculinidades; baleeiros; Nova Inglaterra.

Will Lucas Silva Pena  
UFMG / CAPES - DS  
wlspea@gmail.com

Este trabalho tem como ponto de partida os portos da Nova Inglaterra (EUA), com ênfase em New Bedford e Nantucket, ao longo do século XIX. Dessas cidades portuárias, saíam a maior parte das embarcações baleeiras americanas e, pode-se dizer (no contexto oitocentista), do mundo. Nossa proposta, que se inclui no campo de estudos de masculinidades, verte para a análise das performatividades de gênero daqueles que escolhiam a baleação como vocação. Nortearam-nos, ao longo da pesquisa, questões como: o que levava o homem do continente aos empregos de caça marítima, como se estatua a masculinidade em um ambiente predominantemente composto por homens (navios), qual a relação da masculinidade performativizada no mar com a masculinidade erigida em terra firme nesse mesmo período, em qual habitus se inseria o trabalhador do

mar, como eram disposta as relações com as mulheres, etc. Trata-se, em outras palavras, de uma investigação das peculiaridades da(s) masculinidade(s) baleeira(s) e de uma busca pela rede de relações que a(s) conformava(m) e eram conformadas por ela(s).

## **MESA 5: O FEMINISMO E ATUAÇÃO DAS MULHERES ENTRE O XIX E O XX**

### **Rosalina Coelho Lisboa e feminismo no Brasil entre as décadas de 1920 e 1930**

Rosalina Coelho Lisboa; feminismo; gênero; política.

Luzia Gabriele Maia Silva  
UFMG  
luzia.gabriele@yahoo.com.br

O presente trabalho tem como objetivo expor a postura da escritora Rosalina Coelho Lisboa diante do movimento feminista brasileiro em princípios do século XX. Período no qual o feminismo se consolidava no Brasil, as décadas de 1920 e 1930 foram marcadas pela luta das sufragistas pelo direito ao voto e pela busca de melhores condições de trabalho e de vida para as mulheres brasileiras. Nesse cenário, Rosalina mantinha uma postura muito peculiar, pregando a igualdade dos sexos, mas negando o feminismo brasileiro, por acreditar que ele ainda não havia se consolidado no país naquele momento. Durante a década de 20, a escritora se mostrou contrária à causa mais defendida por suas contemporâneas militantes feministas: o direito ao voto e à participação política de mulheres. Ela acreditava que as mulheres brasileiras não estavam preparadas para assumir essa tarefa, portanto, ia à contramão das principais reivindicações do feminismo brasileiro. Todavia, ela não fazia cerimônias ao se posicionar a favor de questões ainda muito polêmicas para a sociedade, como o divórcio. Considerando as particularidades da militância de Rosalina em favor da causa feminina, esse trabalho se propõe analisar como o feminismo se articulava no Brasil em princípios do século XX, problematizando as questões de gênero que marcavam aquela sociedade.

### **O despertar do pensamento feminista no século XIX: um balanço historiográfico**

Feminismo; Histórias das mulheres; século XIX.

Kalina Fernandes Gonçalves  
UFBA / CAPES  
kalinafg@bol.com.br

Esse trabalho pretende compreender como a historiografia das mulheres abordou o despertar do pensamento feminista na primeira metade do século XIX. Tendo o pensamento político feminista nascido do desenrolar das transformações político sociais da Europa no final do século XVIII e meados do século XIX, proporcionadas pela Revolução Industrial Inglesa e a Revolução Francesa. Apresentando, como ponto de partida quase consensual pela historiografia das mulheres, o feminismo como fruto da introdução do pensamento liberal, das transformações políticas e de uma mudança nas relações culturais configuradas e introduzidas na Europa no século XIX. Utilizei quatro textos para o estudo base, de três autoras e abordagens distintas, são eles: o texto de Élizabéth G. Siedziewski, intitulado “Revolução Francesa: A viragem” – trata-se de um capítulo da obra *Historia das Mulheres no Ocidente: século XIX*, da famosa coleção sobre história das mulheres organizadas por Georges Duby e Michelle Perrot; Joan Scott, em *A cidadã paradoxal: As feministas francesas e os direitos do homem*; para analisar as ideias de Branca Moreira Alves, utilizo dois textos: o livreto *O que é feminismo*, da coleção Primeiros Passos, na qual a Alves é coautora, juntamente, com Jacqueline Pitanguy, e o livro *Ideologia e feminismo: A luta da mulher pelo voto no Brasil*. Tentar compreender o surgimento do pensamento feminista é

uma busca importante para o para a reflexão do movimento de emancipação feminina em seu aparecimento e para a História das mulheres, assim como para o entendimento da contemporaneidade.

**Rompendo silêncios: memórias e narrativas das mulheres sobre a greve operária de 1968, em Contagem/MG**  
Gênero; trabalho; ditadura militar; história oral.

Carolina Dellamore Batista Scarpelli  
UFMG / FAPEMIG  
carolinadellamore@yahoo.com.br

Débora Raiza Carolina Rocha Silva  
UFMG  
raiza.rocha@hotmail.com

A presente proposta tem como objetivo articular um diálogo entre gênero, trabalho, resistência e ditadura militar por meio da metodologia da história oral. Procuraremos, com isso, recuperar as narrativas femininas de resistência à ditadura militar no Brasil a partir da atuação das mulheres na greve operária de 1968, em Contagem/MG, movimento que se tornou emblemático juntamente com a greve de Osasco/SP por terem desafiado a ditadura. Os operários e as operárias de Contagem, sofrendo com as péssimas condições de trabalho, baixos salários e demissões recorrentes iniciaram uma movimentação em 1967, culminando na greve, em 1968. Essa greve mobilizou grande contingente de trabalhadores e trabalhadoras da Cidade Industrial de Contagem que viram nesse movimento um espaço para mostrar sua insatisfação diante da exploração e do processo de empobrecimento a que estavam submetidos. Propomos, a partir das narrativas das mulheres operárias, compreender como se deu sua atuação na organização e participação na greve de 1968, tendo em vista que a memória construída sobre esse evento, principalmente no espaço público, é exclusivamente masculina. Portanto, nos interessa discutir um outro aspecto da resistência à ditadura militar, aquela constituída pelas mulheres trabalhadoras, a partir da análise dos significados conferidos por elas próprias à experiência operária feminina.

**MESA 6: VIVÊNCIAS DE MULHERES NO SÉCULO XIX**

**Ser Africana e Ser Livre: a luta por emancipação de Benedita, Maceió (1850-1861)**

Escravidão; Africanos Livres; Quotidiano; Emancipação.

Danilo Luiz Marques  
PUC-SP; Secretária de Educação do Estado de São Paulo / CAPES  
danilohis.al@hotmail.com

Esta apresentação visa explicar sobre a luta da africana livre Benedita em busca de sua emancipação. Resgatada da ilegalidade no litoral norte da Província de Alagoas em 1850, foi levada a Maceió e tornou-se uma africana livre, categoria criada no século XIX que estipulava um prazo mínimo de prestação de serviços aos africanos procedentes do tráfico de escravos ilegal, para então conferir uma Carta de Emancipação. Destinada a prestar serviços a um arrematante particular, procurou diversas maneiras de resistir à “escravidão disfarçada” e afirmar sua condição de livre. Os africanos livres eram sabedores das possibilidades que existiam na conjuntura histórica que viveram e experimentaram projetos de liberdade. Foram ansiosos e desinquietos pela postergação da solução emancipacionista e manifestaram seus descontentamentos, sejam com movimentos de rebeldia ou buscando os meios legais possíveis pela legislação da época.

**Mulheres, Família e Sexualidade: uma Análise Social da Vida Privada através do Romance *Madame Bovary*.**

Vida privada; burguesia; *Madame Bovary*.

Anna Karolina Vilela Siqueira  
UFV  
anna.siqueira@ufv.br

O objetivo deste trabalho é debater questões sociais do século XIX relacionadas ao ambiente familiar, especialmente o papel desempenhado pela mulher no interior da família. Utilizaremos a obra *Madame Bovary* como documento a nos fornecer os contornos de uma história social e a suscitar questões que nos possibilitem discutir determinadas práticas e valores de um período, no nosso caso, o século XIX. A publicação da obra resultou em escândalo para a sociedade da época. Gustave Flaubert, seu autor, retratou no romance casos de adultério envolvendo a personagem principal que, insatisfeita do seu casamento, foi buscar em outros homens os prazeres que não encontrava com seu marido. A partir deste romance, buscaremos identificar os quadros da vida privada burguesa do período, discutindo temas como família, mulher e divórcio.

**Estupro e rapto, vergonha e desonra: Montes Claros 1890-1920**

Violência; crime; mulher.

Dalene Maciel Gonçalves  
UNIMONTES  
dalene.maciell@hotmail.com

Regina Célia Lima Caleiro  
UNIMONTES  
regina.caleiro@hotmail.com

O presente trabalho buscou analisar as práticas delituosas masculinas no Norte de Minas Gerais, especificamente na Comarca de Montes Claros entre os anos de 1890 e 1920, onde se propôs através dos processos-crime recuperar reminiscências do espaço de vivência e formas de conduta de homens que cometeram violência sexual e de suas vítimas. A partir da análise quantitativa, buscou-se identificar nos processos judiciais categorias distintas dos processos, como parentesco entre réu e vítima, formas de persuasão do réu em relação à vítima, dentre outras informações e assim desvendar alguns aspectos do mundo inquietante e violento do crime. Como metodologia para a análise das fontes, utilizou-se o “paradigma indiciário” proposto por Carlo Ginzburg em *Mitos, Emblemas e Sinais* (1991). Esta metodologia consiste em análise dos detalhes minuciosos e reveladores da concepção da justiça institucionalizada sobre o comportamento de réus e vítimas de acordo com os padrões da época.

**MESA 7: GÊNERO, SEXUALIDADE E O DISCURSO MÉDICO-PSIQUIÁTRICO**

**Concepções de Gênero e Saúde no Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher – PAISM e o perfil epidemiológico de HIV/AIDS na década de 1980 – correlações possíveis**

HIV; mulher; PAISM.

Rafael Cerqueira Pinheiro  
UFMG / CAPES  
cerqueirapinheiro@gmail.com

Este trabalho pretende analisar as diretrizes de elaboração do Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher – PAISM, criado em 1983, e os eixos orientadores da criação do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, órgão ligado à Secretaria de Vigilância à Saúde do Ministério da Saúde. Ao longo da epidemia de Aids emergente na década de 1980, foram criados diversos programas governamentais de enfrentamento à síndrome, os quais focavam principalmente as populações consideradas então mais vulneráveis ao contágio, como homossexuais, usuários de drogas e profissionais do sexo. Tais programas viriam a definir as políticas públicas para lidar com o, então incipiente, problema epidemiológico de infecção pelo vírus HIV. Nas três décadas posteriores ao início da difusão da síndrome, observa-se uma mudança nos seus padrões epidemiológicos, sobretudo com o grande crescimento da incidência de infecção pelo HIV entre mulheres - fenômeno que se observa até os dias atuais. As diretrizes dos programas de saúde elaboradas na década de 80 contêm concepções de gênero e de saúde cuja problematização é relevante para contextualizar a mudança, ocorrida no Brasil nesse intervalo, do perfil epidemiológico da AIDS. Buscarei apontar possíveis correlações entre a concepção de saúde da mulher contida no PAISM e os planos de enfrentamento à epidemia de HIV/Aids elaborados na década de 80.

### **O homem e a mulher na obra de Alfred Adler: apontamentos e discussões**

Alfred Adler; Gênero; Sigmund Freud; Educação.

Jéssica Bley da Silva Pina  
UFMG  
jehssica93@hotmail.com

Alfred Adler (1870-1937), austríaco, foi médico e psiquiatra, além de considerado o fundador da Psicologia Individual. Escreveu *Understanding Human Nature* em 1918, objeto de análise deste trabalho. A produção dessa obra situa-se em um efervescente contexto de pesquisas sobre a psique humana e a sua sexualidade, possuindo um capítulo sobre o homem e a mulher. Contemporâneo de Freud, Adler foi seu discípulo até 1911, quando rompeu com o psicanalista por embates acadêmicos. Na virada do século XIX para o XX, quando as diferenças entre homens e mulheres eram justificadas majoritariamente pelas diferenças biológicas, Adler explica a construção dessas diferenças através da Educação e do papel social de gêneros impostos social e culturalmente. A proposta desse artigo é analisar seu discurso na referida obra a partir de um viés de gênero, promovendo, em certa medida, uma análise comparativa com a teoria explicativa da diferença de gêneros freudiana. Logo, ao debater a abordagem adleriana sobre os processos dessa diferenciação entre homens e mulheres como um processo histórico, propõe-se também a problematização da aceitação social e acadêmica da teoria de Freud e o esquecimento da teoria de Adler.

## **ST 13: Políticas e culturas na América independente**

### **MESA 1: MODERNIDADES E TRADIÇÕES NAS AMÉRICAS: EXPRESSÕES DO SENSÍVEL**

#### **Entre a tradição e a modernidade: (re) flexões acerca das conformações da modernidade na América Latina**

Modernidade; Tradição; Próprio; América Latina.

Mayra Coan Lago  
USP  
mayracoa@usp.br

Há muito tempo a confrontação entre o “local” e o “global” configura os problemas da “teoria” e do “fazer” a “arte latino-americana”. Esse “dilema” em definir a arte “latino-americana” (se é que se pode considerar nestes

termos) ou a arte “própria” em cada um dos países tal como o seu significado, têm incomodado os artistas e os pensadores latino-americanos por algumas décadas. É sob a tensão que existiu ou ainda existe entre a tradição e a modernidade, o “local” e o “global” que este trabalho se insere. Desse modo, o trabalho tem como objetivo identificar, ainda que brevemente, de que maneira ocorreu a “tensão” entre o “particular-universal” ou entre a “modernidade-racionalidade” na América Latina como um todo e também refletir sobre como esta conformidade ou inconformidade influenciou para determinar o “específico”, o “próprio” da arte dos países da América Latina. Por essa razão, o paper está estruturado da seguinte maneira: em um primeiro momento, apresentar brevemente o contexto e o dilema “particularidade-universalidade” no que se pode chamar de modernismo ou modernidade artística na América Latina, procurando não omitir as particularidades dos países latino-americanos nesta “tensão”; em um segundo momento pretendemos estudar algumas das “respostas” oferecidas por alguns artistas latino-americanos, em seus países, e tentar ver em que medida essas “respostas” se aproximaram ou se distanciaram; e, em um terceiro momento, refletir se este dilema contribuiu para a determinação ou a conformação de algo “específico”, “próprio” em alguns dos países latino-americanos. Por fim, a conclusão apresentará algumas reflexões acerca da importância de se refletir sobre estas “conformações” do tradicional e do moderno e de algo “próprio” dos países da América Latina, a fim de apontar alguns desdobramentos das “respostas” apresentadas pelos mais diversos artistas.

### **Um fragmento de Emerson em respeito ao presente mundo sensível**

Ralph Waldo Emerson; Literatura; América

Marcelo Lins de Magalhães  
marclins@superig.com.br

A presente proposta adota como hipótese expositiva um fragmento de Ralph Waldo Emerson (1803-1882), extraído de seu ensaio *Experiência*, “Nós prosperamos por acidentes. Nossas principais experiências têm sido casuais. A classe mais atraente de pessoas é constituída por aqueles que são poderosos de maneira oblíqua e não através de golpes diretos; homens de gênio, embora ainda não reconhecidos; sente-se o benefício de sua luz sem pagar um custo demasiadamente alto. Eles têm a beleza do pássaro e da luz matinal, e não a da arte”. Tal trecho é aqui compreendido enquanto escrita lítero-filosófica americana, solidária de uma voz mais vaga, cujo encaminhamento discursivo parece circunciar um panorama cultural avesso à luz, e que está, portanto, afastado do ônus da esfera do conhecimento. Em suma, o fragmento aviva aqui algumas ponderações acerca da posição da filosofia em uma América ao norte - uma região mais baixa - que se constituiria segundo ensaios, percalços e provisões, nas quais a figura do gênio ainda não pode ser de todo reconhecida. Ao mesmo tempo, a passagem parece ensejar interesse nas circunstâncias mais ordinárias e comuns, tais como a luz matinal ou a beleza dos pássaros, o que promulgaria um sentido de reconciliação da experiência sensível da escrita com a aparência do mundo.

### **Em busca de uma ‘cor cubana’: olhares da vanguarda sobre o negro nas décadas de 1920 e 1930**

Vanguarda literária cubana; mestiçagem; identidade nacional.

Imara Bemfica Mineiro  
imarabmineiro@gmail.com

Nas primeiras décadas do século XX, os países da América Latina assistiram à emergência de variadas propostas vanguardistas as quais, a despeito da heterogeneidade de seu conjunto, podem ser notadas a partir do gesto comum de (re) pensar e (re) significar as identidades coletivas. Travaram-se debates sobre a natureza mestiça das identidades latino-americanas e suas implicações culturais. Nos países do Caribe, assim como no Brasil, tal gesto tornava imperativo o lançamento de um olhar sobre os componentes de matriz africana na

conformação cultural das regiões. No interior desse contexto, então, propõe-se uma reflexão a respeito da vanguarda cubana e o olhar, mais ou menos integrador, que esta lança sobre a cultura negra. É importante notar que nesse mesmo período, contemplado pelas décadas de 1920 e 1930, vêm à tona importantes reflexões acerca das noções de raça e cultura, bem como suas implicações ideológicas, empreendidas, entre outros, por Fernando Ortiz. No âmbito da vanguarda, o foco do trabalho incide sobre o poeta Nicolás Guillén, que reclama o reconhecimento da matriz africana na composição cultural de Cuba. A proposta é analisar, portanto, como a cultura negra é evocada como um dos fundamentos da construção de uma identidade cultural cubana, fundamento esse explicitado por Guillén ao integrar seus elementos no repertório da cultura letrada.

### **Enquanto Jesus não volta... – Jerry Falwell entre pré-milenarismos e pós-milenarismos**

História dos Estados Unidos; Fundamentalismo; Culturas Políticas; Escatologia.

Daniel Rocha  
UFMG / CAPES  
danielrochabh@yahoo.com.br

A presente comunicação busca fazer uma breve reflexão sobre as relações entre crenças escatológicas e engajamento político a partir dos posicionamentos do pastor Jerry Falwell, fundador da organização política chamada Maioria Moral (Moral Majority) e uma das principais lideranças da direita cristã norte-americana nas décadas de 1970 e 1980. Essa reflexão será realizada a partir dos textos *Listen America!* (1980) e *Nuclear War and the Second Coming of Jesus Christ* (1983). Inicialmente, faremos uma análise do contexto de surgimento da Maioria Moral, marcado por ferrenhas críticas do conservadorismo religioso ao que consideravam um processo de decadência moral dos Estados Unidos - processo acelerado pelos turbulentos anos 1960 - e pelas tensões causadas pela Guerra Fria. Em seguida, analisaremos como os temores apocalípticos e o chamado ao engajamento político dos cristãos se faziam presentes na retórica de Falwell, apontando, em alguns momentos, para a iminência do fim dos tempos e o castigo de Deus para a nação que virou as costas para seus fundamentos cristãos e, em outros, para o destino glorioso que os Estados Unidos poderiam ter caso se “convertessem” de seus maus caminhos. Por fim, faremos uma breve reflexão sobre as relações entre escatologia, política e identidade nacional no que optamos por chamar de subcultura política fundamentalista norte-americana.

## **MESA 2: HISTÓRIA DOS IMPRESSOS NA AMÉRICA LATINA CONTEMPORÂNEA**

### **Um olhar da imprensa brasileira sobre o Governo Allende (1973)**

Ditadura militar; censura; mídia impressa brasileira; Chile; Brasil.

Juliana Rodrigues Gomes de Mello  
UFMG  
jurgmello@gmail.com

O trabalho - um recorte do projeto de pesquisa *História, imprensa e censura: a cobertura brasileira sobre as ditaduras militares no Chile (1973-1989) e na Argentina (1976-1982)* - tem como objetivo mostrar de que forma o *Jornal do Brasil* e o *Estado de São Paulo* noticiaram a crise do governo Allende em 1973 e o golpe militar de 11 de setembro. A proposta é analisar como esses dois veículos de comunicação noticiaram os acontecimentos no Chile em um período em que a censura no Brasil delineava e controlava a imprensa, restringindo sua liberdade de informação, bem como compreender como os dois jornais criaram mecanismos próprios para burlarem a censura.

### **A revista 'Cuadernos Políticos' no debate político-intelectual da América Latina**

Revistas; intelectuais; Marxismo.

Viviane Pereira da Silva  
UFMG  
brizeisgnrs@hotmail.com

*Cuadernos Políticos* foi uma revista do Centro de Estudios Latinoamericanos (CELA), pertencente à Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), publicada pela Ediciones Era, e que, atualmente, se encontra totalmente digitalizada. Ela foi criada em 1974 e teve seu fim em 1990 com a edição dupla de números 59 e 60. Entre seus fundadores estavam os mexicanos Neus Espresate, Arnaldo Córdova, Carlos Pereyra e Adolfo Sánchez, o brasileiro Ruy Mauro Marini e o equatoriano Bolívar Echeverría. Intelectuais exilados de vários países da América Latina, assim como europeus, exilados ou não, contribuíram com *Cuadernos Políticos*, entre eles: Octavio Ianni, Michael Löwy, Eder Sader, Francisco Weffort, Jaime Osorio Urbina, Louis Althusser, Perry Anderson, Fernand Braudel, Eric Hobsbawm e outros. Seu Conselho Editorial apresenta *Cuadernos Políticos* como sendo uma revista que teria como propósito elaborar um arcabouço teórico que permitisse analisar os modelos de alternativas táticas para a transformação revolucionária em cada país e em toda a América Latina - o que não impediu a publicação de artigos que discutissem questões relativas a países não latino-americanos. O marxismo é o marco de convergência dos intelectuais e, partido deste ponto em comum, cabia a cada um deles discorrer sobre as esquerdas e os movimentos revolucionários latino-americanos. Pretendia-se unir a luta revolucionária a um novo e mais alto nível de reflexão teórica. A proposta do trabalho é apresentar parte do fazer intelectual em *Cuadernos Políticos*, partindo do pressuposto de que as revistas são um lugar de fermentação cultural, de relação afetiva e espaços de sociabilidade, onde são desenvolvidas relações que permitem ao pesquisador apreender o movimento das ideias e, ao mesmo tempo, perceber os intelectuais em seu aspecto mais individual.

### **A imprensa chilena e o golpe de Pinochet: o caso do jornal 'El Mercurio'**

Chile; Allende; Pinochet; El Mercurio.

Emmanuel dos Santos  
UFMG / CAPES  
scoopbh@gmail.com

A comunicação tem como finalidade analisar as estratégias narrativas utilizadas pelo jornal chileno *El Mercurio* nos meses finais do governo de Salvador Allende para demonstrar como o periódico contribuiu para o desenvolvimento de um ambiente político e ideológico propício ao golpe pinochetista; ao utilizar, sobretudo, representações que associassem o governo da U.P. - ou de setores dele - a elementos relacionados à quebra da institucionalidade (mito das fábricas repletas de armas, radicalismo do MIR, atentados terroristas, cordões industriais). Ademais, será enfatizado como o jornal apoiava-se na evocação da tradição constitucionalista do Chile e do alegado profissionalismo de suas Forças Armadas para reforçar o mito de que o exército chileno estava acima das disputas políticas entre os diferentes setores da sociedade.

### **Intelectuais, política e exílio na revista 'Araucaria de Chile' (1978-1990)**

Araucaria de Chile; Exílio; Intelectuais.

Raphael Coelho Neto  
UFMG / CAPES  
raphaelcneto@yahoo.com.br

*Araucaria de Chile* (1978-1990) foi uma revista cultural e política, de clara oposição ao regime militar de Augusto Pinochet, criada em Roma, em 1977, por intelectuais chilenos no exílio. A revista, de circulação trimestral e que tinha como sede inicial a cidade de Paris, foi lançada oficialmente no primeiro trimestre de 1978. Fundada e dirigida por intelectuais ligados ao Partido Comunista de Chile (PCCh), como Volodia Teitelboim e Carlos Orellana, *Araucaria de Chile* veiculou e difundiu em seus textos culturas políticas de esquerda, embora não tivesse sido, oficialmente, porta-voz do PCCh e recebesse a colaboração de intelectuais de distintas tendências políticas. Uma das discussões recorrentes na revista foi a respeito do papel político do intelectual latino-americano no exílio e frente aos regimes ditatoriais no Cone Sul durante as décadas de 1970 e 1980. Em função disso, propomos uma comunicação baseada na análise dos debates estabelecidos pelos colaboradores de *Araucaria de Chile* acerca do intelectual exilado, sua relevância política enquanto resistência e oposição aos governos autoritários na América Latina, seu papel no processo de abertura política, bem como as reflexões suscitadas pela crítica literária concernentes à produção intelectual submetida à condição exílica. Buscaremos vincular às análises feitas, conceitos caros à pesquisa em questão, quais sejam: culturas políticas, intelectuais e exílio.

### MESA 3: HISTÓRIA DO MÉXICO

#### **Memória, violência e ideologia nos romances da Revolução Mexicana: Nellie Campobello, José Vasconcelos e José Mancisidor**

Literatura; Revolução Mexicana; Memória.

Warley Alves Gomes  
warleyalvesgomes@yahoo.com.br

O trabalho propõe uma análise de três obras consideradas autobiográficas, mas que foram classificadas através do subgênero “romance da Revolução Mexicana”. Tal subgênero originou-se com a escrita dos romances *Andrés Pérez, maderista* (1911) e *Los de abajo* (1915), de Mariano Azuela, e ficou conhecido a partir da década de 1920 e foi marcado por um estilo realista. Ainda que, geralmente, crítico em relação ao movimento armado de 1910 e suas consequências, o subgênero recebeu apoio governamental e tornou-se um modo hegemônico de romance no México, até finais da década de 1940. No entanto, apesar do romance ser considerado um gênero ficcional, dentro do espectro de obras consideradas “romances da Revolução Mexicana”, encontramos diversas obras que estão muito mais próximas da autobiografia e da memória, gêneros que buscam distanciar-se da ficção. Nosso objetivo, ao analisar algumas dessas memórias de José Vasconcelos, Nellie Campobello e José Mancisidor – todas relacionadas ao período bélico do conflito e consideradas “romances da Revolução Mexicana” –, buscamos mostrar até que ponto diversos elementos contidos nestes relatos vão ao encontro da ideologia revolucionária oficial, que buscava representar um México forte, viril, cuja história estava centrada na trajetória de um povo guerreiro, que lutava por justiça social. A intenção é de compreender de que maneira trajetórias individuais e a memória coletiva podem entrelaçar-se na construção de uma história coletiva e de um mito político. Por fim, também refletiremos sobre os motivos que fizeram obras autobiográficas serem consideradas como romances, levando em conta o significado político de tal classificação.

#### **Esboços da nação mexicana: as representações sobre as teuanas nos murais de Diego Rivera**

Identidade nacional; identidade étnica; muralismo mexicano.

Jorcy Foerste Jacob  
UFES / Fapes  
jorcyf.jacob@gmail.com

Neste trabalho pretendemos analisar as representações sobre os indígenas produzidas pelo pintor Diego Rivera dentro do muralismo. Este foi um movimento artístico que fazia parte das políticas do Estado pós-revolucionário para construção de uma nação moderna nos parâmetros ocidentais. O grande problema era incluir neste ideal nacionalista os grupos distintos que participaram do processo revolucionário, entre eles, as numerosas populações indígenas excluídas social, econômica e culturalmente da sociedade Mexicana. Por isso, a partir de perspectivas antropológicas, formulou-se o indigenismo, política sistemática e unilateral dirigida aos indígenas com o intuito de “mexicaniza-los”. Este projeto tinha como objetivo central a defesa da verdadeira e única identidade mexicana, a mestiça, no sentido de mescla entre a cultura ocidental e indígena. Dentro desse contexto, inicia-se oficialmente em 1922, o muralismo mexicano. Ele surge como elemento fundamental para divulgação de representações sobre o “ser mexicano”, e, portanto, essencial para legitimação simbólica do Estado nacional. O intuito é entender como o pintor se apropriou dos discursos indigenistas da época e criou suas representações de indígenas e de nação. Nessa sentindo, trabalharemos com pinturas murais da Secretaria da Educação Pública e escritos, dos anos de 1920, produzidas por Diego Rivera, especialmente sobre as tehuanas. Estas são mulheres zapotecas do Istmo de Tehuantepec, que usam um traje que se tornou um dos símbolos da nação mexicana.

### **Representações de poder na obra de Martín Luis Guzmán**

Revolução; poder; rituais.

Carolline Martins de Andrade  
UFMG  
carollmandrade@hotmail.com

Este trabalho objetiva analisar as representações e rituais políticos que estão presentes nas obras *El águila y la serpiente* e *La Sombra del Caudillo*. Estas obras foram produzidas durante o exílio do escritor mexicano Martín Luis Guzmán (1923-1936) e possuem como inspiração o México revolucionário e pós-revolucionário, respectivamente. Em ambas, o escritor mexicano traçou alguns recursos utilizados pelos revolucionários e por aqueles que se denominaram herdeiros da Revolução para adquirirem legitimidade no poder. Tais recursos compreendem desde a descrição de rituais políticos, assembleias na Câmara, campanhas eleitorais, englobando até mesmo ações que ultrapassam a constitucionalidade, como foram as conspirações e os assassinatos. Desse modo, consideramos que esta análise poderá colaborar para a compreensão da problemática do poder na política mexicana que se inicia com a Revolução, em 1910, e se estende através do século XX.

### **Sinais de novos tempos: tradição e modernidade nas Minas Gerais na crise do Antigo Regime**

Crise do Antigo Regime; modernidade; América independente

Ana Tereza Landolfi Toledo  
Universidade de Salamanca  
landolfiat@gmail.com

Os acontecimentos do final do século XVIII assinalavam para transformações que abalariam os sustentáculos da então ordem vigente no mundo ocidental. Atos transgressores eram vivenciados por indivíduos que aspiravam por mudanças, a exemplo da independência das treze colônias seguida da revolução francesa. Através de suas experiências, vislumbraram que uma outra forma de organização política, econômica e social era possível. O Antigo Regime era posto em xeque e os ideais da revolução ultrapassam as fronteiras de onde foram gestados. O clamor por uma maior liberdade do indivíduo acompanhada pela limitação de poder e uma discussão “racionalizada” de política nos círculos intelectuais – saídos da esfera privada para a esfera pública,

davam fôlego as novas aspirações. Nada, nenhum território, estava imune a onda revolucionária que se propagava, tampouco os territórios coloniais ibero-americanos. Observa-se, então, uma alteração no curso do processo de experiência política que possibilitou uma reconfiguração nova e decisiva do alargamento de uma sociedade política nas colônias na América. Processo que culminou na desfragmentação do território colonial sob o domínio das metrópoles ibéricas e o prenúncio de “novos tempos”, bem como o surgimento de práticas e valores. Período caracterizado pelo advento da modernidade, traçado por François-Xavier Guerra, uma vez que fora marcado pela tentativa de delimitar o “novo” e o “antigo”, no qual os ideais liberais eram postos em contraposição às relações de tipo Antigo Regime. Neste sentido, o que nos instiga aqui é perceber a atuação política dos sujeitos em como a busca pela modernidade foi acompanhada da amálgama entre o “moderno” e o “tradicional”. Analisar como a possibilidade de gestar novos rumos políticos em uma nova ordem mundial veio acompanhada da ambiguidade entre a busca pelo “novo” sem abandonar por completo o “antigo”. Deste modo, nossa proposta é compreender essas incongruências no processo de crise do Antigo Regime na América Portuguesa, em seu processo de independência. Para tal, analisar-se-á especialmente o caso da província de Minas Gerais.

#### **MESA 4: ENTRE A PENA E O FUZIL: REFLEXÕES SOBRE ESQUERDAS, DITADURAS E O DESENVOLVIMENTISMO NA AMÉRICA LATINA**

**Os excluídos em questão: um estudo de caso nas ditaduras militares argentina e uruguaia**  
Ditaduras militares; tortura; mulheres; crianças.

Ana Luisa Ennes Murta e Sousa  
UFMG / CAPES - CNPq  
analuisamurta@gmail.com

Stella Ferreira Gontijo  
UFMG  
sfgontijo@gmail.com

O objetivo principal do presente trabalho é promover, problematizar e analisar as possíveis conexões entre determinados casos de “lesa-humanidade” ocorridos durante as ditaduras militares argentina e uruguaia. Apresentaremos, como enfoque, a situação de mulheres guerrilheiras e/ou militantes - presas, exiladas, torturadas e, por vezes, assassinadas - e de crianças - filhas biológicas de “revolucionários” e herdeiras do “germe da subversão” - que também sofreram as consequências da repressão e das violências praticadas pelos Estados em questão. Para tratar desses problemas, usaremos da bibliografia pertinente e de documentos já trabalhados que constam em relatórios da SERPAJ (Serviço Paz e Justiça) e da CONADEP (Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas), que destrincharam o que se sabia a respeito dos sobreditos regimes ditatoriais até o momento de suas produções.

**A guerra de guerrilhas contra a Revolução Cubana**  
Revolução Cubana; Oposições; Bandas Alçadas.

Ana Paula Cecon Calegari  
UERJ  
ana.historiaufes@gmail.com

Nesse trabalho iremos analisar uma das formas de oposição que a Revolução Cubana enfrentou. Logo após o triunfo dos rebeldes em 1959, grupos armados se formaram internamente e adotaram a guerra de guerrilhas a fim de acabarem com o processo revolucionário. Objetivamos com a essa exposição apontar a formação desses

alçamentos, assim como sua composição e a luta do governo rebelde para destruir os focos contrarrevolucionários. Ademais, usaremos os pronunciamentos de Fidel Castro feitos naquela época para compreendermos o entendimento do líder revolucionário acerca do movimento em questão.

### **Desenvolvimento latino-americano na segunda metade século XX: a OEA e a CEPAL**

Modernização; América Latina; instituições; cooperação.

Gabriel Alves Rodrigues  
UFV  
gabriel.a.rodrigues@ufv.br

A proposta deste trabalho é discutir o papel de instituições internacionais que criaram medidas para o desenvolvimento dos países da América Latina, como a OEA (Organização dos Estados Americanos) e a CEPAL (*Comisión Económica para América Latina y el Caribe*). Aproximando os países e tentando “padronizar” o desenvolvimento econômico, podemos perceber que há uma visão acerca do significado de ser um país latino-americano e quais poderiam ser as formas de “superar” essa condição e, talvez, fazer parte do ocidente. A análise terá como base discussões desenvolvidas por Néstor Canclini, Octavio Ianni, Beatriz Sarlo, Celso Furtado, entre outros.

### **A Brigada Simón Bolívar e sua participação na Revolução Nicaraguense (1979)**

Brigada Simón Bolívar; trotskismo na América Latina; Sandinismo.

Igor Santos Garcia  
UFMG / CAPES  
igorsangarcia@gmail.com

Esta pesquisa, ainda em andamento, tem o objetivo de analisar a participação da Brigada Simón Bolívar no processo revolucionário nicaraguense, ou seja, a Revolução Sandinista. A brigada de combatentes foi organizada pela iniciativa do Partido Socialista de los Trabajadores, partido de inspiração trotskista colombiano, parte da oposição de esquerda Quarta Internacional. O PST da Colômbia foi fundado em 1977 e o apoio à Frente Sandinista de Libertação Nacional ocorreu em 1979. A organização da Brigada teve início em maio de 1979, ainda na Colômbia, e o seu fim, por ocasião de sua expulsão do território nicaraguense, deu-se em agosto de 1979. Durante esse período, os brigadistas atuaram militarmente na frente sul do combate contra o ditador Somoza, e participaram do início do processo político nicaraguense após a vitória da FSLN. A pesquisa tem, como um dos seus principais objetivos, analisar as convicções e propostas políticas da Brigada Simón Bolívar, em contraste com o caminho tomado pela Revolução Sandinista, para que possa ser possível compreender as razões que levaram à expulsão da mesma do território nicaraguense em agosto de 1979.

## **MESA 5: DESENCONTROS DA MODERNIDADE NA AMÉRICA LATINA: INTELLECTUAIS, LITERATURA E CULTURA POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA**

### **Domingo Faustino Sarmiento e os dilemas da construção da Nação Argentina**

Século XIX; Argentina; Domingo Faustino Sarmiento.

Cristiane Maria Marcelo  
UERJ / FAPERJ  
cris.maria.marcelo@gmail.com

Objetivamos com esta comunicação analisar as contribuições do pensamento de Domingo Faustino Sarmiento no processo de construção da nação e do Estado argentino. Tomaremos como base a principal obra deste autor: *Facundo: Civilização e Barbárie*, publicado por em 1845, enquanto esteve exilado no Chile. Dada a grandiosidade da obra, optamos por discutir a relação que os autor constrói entre as noções conceituais de Civilização e Barbárie para compreender o processo histórico argentino. Assim, num primeiro momento, debateremos qual era, na opinião de Sarmiento origem e os motivos que justificavam o predomínio da “barbárie”, em suas mais diversas acepções, no território argentino do início do processo revolucionário até a queda de Juan Manuel de Rosas. Em seguida, trataremos de discutir as propostas do autor para remediar essa situação e construir uma sociedade “civilizada”. Sarmiento fez parte de uma geração que, animada por projetos de mudanças, buscou repensar a organização política, econômica, social e cultural da Argentina a fim de dar-lhe uma roupagem mais civilizada, moderna e liberal à maneira do que já vinha sendo praticado na Europa, nos Estados Unidos e em alguns países ao sul do continente americano, como o Brasil. Seus escritos são tributários de um contexto de efervescência política do pós-Independência marcado pela emergência de dois projetos políticos ideologicamente conflitantes que disputavam a soberania do território. Refletir sobre estas questões obrigou um mergulho profundo na história e na geografia da região bem como no que de mais novo vinha sendo produzido sobre o direito de soberania e organização dos povos.

#### **O fardo do passado: narrativa histórica e cultura política na obra de Eduardo Galeano**

Eduardo Galeano; História; Cultura Política; Socialismo.

Thiago Henrique Oliveira Prates  
UFMG / CAPES-PROEX  
thoprates@gmail.com

Este trabalho tem por objetivo o exame da narrativa histórica feita por comunistas e socialistas na América Latina e sua formulação de uma interpretação comum sobre o passado. Para fazê-lo, utilizaremos as obras do escritor uruguaio Eduardo Galeano e sua construção histórica da realidade latino-americana, com especial ênfase nas obras *Às veias abertas da América Latina* e na trilogia *Memórias do Fogo*. Buscaremos analisar como uma leitura do passado exercida pelo autor carrega traços de uma cultura política que se mostra presente na literatura e como contribui para a percepção do presente no qual os atores sociais vivem.

#### **As narrativas de Che Guevara: um imaginário sobre a consciência Latino-Americana**

Diários; Che Guevara; América Latina.

Bruno Eduardo Almeida Costa  
UNI-BH  
brunoxik@hotmail.com

A análise das narrativas dos *Diários de Viagem de Ernesto Guevara de La Sierna* evidencia a trajetória de luta guerrilheira pela América Latina, sob a ótica do próprio Che. Uma investigação histórico/historiográfica mais apurada nos revela os *Diários* como fontes de narrativa autobiográficas. A proposta desse trabalho é demonstrar que nas entrelinhas narrativas dos diários, Che fez muito mais do que descrever a sua vida diária. Ao registrar a sua experiência e o seu percurso de vida diariamente, Guevara estava tecendo/inventando uma América Latina.

#### **Memória e literatura no Caribe colombiano: uma leitura de do ‘Amor e outros demônios’ de Gabriel García Márquez e ‘Los cortejos del diablo’ de Germán Espinosa**

Inquirição; literatura; memória; musealização; patrimonialização.

Saymon Santos Freire  
 UFT  
 saymonfreire1@gmail.com

O presente trabalho busca analisar através da literatura a visão de Gabriel García Márquez e Germán Espinosa no que concerne ao passado colonial e inquisitorial de Cartagena das Índias, na Colômbia. Estas obras e a expressão literária de ambos nos levam a entender o intuito de uma caribenização de “La Costa”, levando a uma reelaboração do passado através do que os romances enquanto peças históricas encenam e reescrevem. Salienta-se, em meio a esta pesquisa, entre outras coisas, a política de memória que perpassa o mundo e em especial a América Latina e chama a atenção a musealização e patrimonialização dos espaços; a questão da regionalização e da memória cartagenera. Em meio aos romances, podemos encontrar contempladas questões que se relacionam ao hibridismo cultural, a miscigenação, a atuação eclesiástica, a intolerância e, acima de tudo, a historicidade das questões que permeiam este âmbito.

## ST 14: Poder e Fé na Idade Média

### MESA 1: DESENCONTROS DA MODERNIDADE NA AMÉRICA LATINA: INTELECTUAIS, LITERATURA E CULTURA POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA

#### ‘L’autre chrétien’? Novas perspectivas sobre a vida e obra de Gautier d’Arras

Gautier d’Arras; Chrétien de Troyes; Literatura Francesa Medieval.

Guilherme Queiroz de Souza  
 UNESP - Assis / CAPES  
 guilhermehistoria@yahoo.com.br

Autor de dois romances (*Eracle e Ille et Galeron*), Gautier d’Arras (século XII) nem sempre foi lembrado pelos estudiosos da Literatura medieval. Após séculos de “esquecimento”, o autor foi resgatado pela erudição Oitocentista, que se deparou com manuscritos inéditos de suas obras, estimulando novas pesquisas e a publicação de edições críticas. A partir de então, os romances de Gautier foram (quase sempre) comparados aos de Chrétien de Troyes, seu contemporâneo e provável “rival”. Diante deste “gênio literário”, Gautier era frequentemente visto como um escritor medíocre e entediante. Atualmente, no entanto, muitos autores têm apreciado diversos aspectos de sua narrativa, como amor, retórica, humor, gênero, religião e política. Não por acaso, a acadêmica francesa Corinne Pierreville intitulou seu principal livro como *Gautier d’Arras. L’autre chrétien* (2001). Em nosso entendimento, tal expressão deve ser matizada, motivo pelo qual a colocamos na forma interrogativa. A presente comunicação tem como objetivo problematizar e discutir as novas perspectivas sobre a vida e obra de Gautier.

#### Cuvelier, a voz que conta uma história: ‘A Vida do Valente Bertrand Du Guesclin’ (~1320-1380)

Baixa Idade Média; Escrita da História; Biografia; Cuvelier; Du Guesclin.

Carmem Lúcia Druciak  
 UFPR / CAPES  
 carmem.druciak@gmail.com

Nesta comunicação, pretendemos discorrer sobre a construção da fama de Bertrand Du Guesclin, nascido por volta de 1320 em uma família pertencente à média nobreza bretã. Cavaleiro insigne do rei Charles V da França, Du Guesclin foi nomeado *connétable*, chefe das hostes francesas, em 1370 em reconhecimento à sua fidelidade e

ao seu valor pelas vitórias memoráveis que devolveram à França territórios antes cedidos à Inglaterra no decorrer da Guerra dos Cem Anos. No entanto, o renome de Du Guesclin se deve a seu primeiro biógrafo, Jean ou Jacquemart Cuvelier, autor da canção de gesta *A Vida do Valente Bertrand Du Guesclin*, poema histórico-narrativo em francês antigo escrito entre os anos de 1380, ano da morte do cavaleiro, e 1387. Desse escritor da história, pouco sabemos; da sua obra, porém, temos ainda as “palavras da verdade” dos quase 25.000 versos que contribuíram para divulgar, confirmar e eternizar o prestígio no nosso cavaleiro.

### **Alegoria Vicentina: o parvo e a crítica a sociedade portuguesa por meio do cômico**

Gil Vicente; *Auto da Barca do Inferno*; Comédia; História e Literatura.

Johny Assunção Tomé

UFU / CAPES

Johny\_assuncao@yahoo.com.br

O presente trabalho pretende analisar a obra teatral *O Auto da Barca do Inferno*, do dramaturgo Gil Vicente, produzido no século XVI para ser encenado na corte portuguesa. A peça, produzida na transição entre Idade Média e a Idade Moderna, na definição cronológica clássica, forja e critica elementos culturais e sociais da sociedade medieval portuguesa e satiriza aspectos da modernidade do século XVI através da alegoria moralista. Dentre as diversas abordagens que a peça possibilita realizar, almeja-se estudar o personagem “parvo”, apresentado como um homem de vida simples, humilde e bárbaro, que representa inocência. Almejar-se investigar as relações entre a composição do personagem, e a tentativa de causar o riso na sociedade e moralizá-la, através da alegoria que utiliza elementos populares carnavalesco da sociedade civil, e a tentativa de criticar através da jocosidade, a sociedade em transição do século XV-XVI.

## **MESA 2: MODOS E CONCEITOS DE GOVERNO**

### **Apontamentos acerca de uma concepção ciceroniana de república na crônica de Iacopo de Varazze (séc.XIII)**

Iacopo de Varazze; República; Cícero; Crônica da Cidade de Gênova.

Aléssio Alonso Alves

UFMG / CAPES

alesioalves@gmail.com

A partir de perspectivas historiográficas que afirmam que princípios políticos provindos das obras do filósofo romano Marco Túlio Cícero foram centrais no conjunto de ideias que deram base aos regimes comunais do norte da Itália, e formaram o núcleo das discussões políticas empreendidas pelos homens de saber no século XIII, o objetivo dessa comunicação é apresentar um estudo acerca da presença de uma concepção ciceroniana de república na *Crônica da cidade de Gênova* do frade Pregador e arcebispo da cidade Iacopo de Varazze. Composta na última década do referido século - além de veicular informações a respeito da história de Gênova - essa obra é parcialmente composta por um tratado político-moral (voltado para o governante e para os cidadãos) com o qual o autor se inseriu no debate político da época. Posto isso, para que o propósito aqui elencado seja alcançado, primeiramente será elucidada a familiaridade de Iacopo com a produção letrada de Cícero: uma vez que parece certo o contato do arcebispo com o *De officiis* do filósofo antigo, o mesmo não pode ser dito do *De re publica*, pois o mesmo não estava disponível por completo no século XIII. Sendo assim, realizar-se-á uma discussão a respeito da intermediação agostiniana dessa obra feita por meio do *De civitate Dei*, composição largamente empregada por Iacopo na redação de sua crônica. Em seguida, fragmentos específicos da documentação serão analisados buscando esclarecer a aproximação empreendida pelo arcebispo quanto os princípios estabelecidos por Cícero como indispensáveis para a existência de uma república.

### **A distribuição de esmolas como manifestação do affectus na política régia Capetíngia (séc XIII)**

Affectus; pobres; Caritas; pastorado régio.

Wanderson Henrique Pereira  
UFMG / Prograd  
wandersonhenriquep@hotmail.com

Nosso objetivo é entender a mobilização do conceito de *affectus* dentro das relações de poder entre o rei e os súditos na política régia Capetíngia, sobretudo no reinado de Luís IX, canonizado como São Luís. Para atingir esse objetivo, utilizaremos a *Eruditio Regum et principum*, Espelho de príncipe escrito e finalizado em 1259 por Gilberto de Tournai, frade franciscano e teólogo da universidade de Paris. Nessa Obra, o rei é representado como aquele que deve sentir um profundo *affectus* pelos seus súditos, principalmente pelos mais pobres (*pauper*). O rei deve demonstrar essa afeição por meio de ações caritativas que devem ser realizadas durante a condução dos súditos. A prática da distribuição de esmolas realizada pelo poder régio pode ser entendida como uma das ações caritativas mais significativas. Assim, a distribuição de esmolas é uma das ações constitutivas da política régia, sendo usada como estratégia para o fortalecimento da imagem de um rei amoroso e preocupado com as necessidades básicas de seus súditos.

### **O jurista e seu papel político no tardo-medievo**

Política; jurista; Idade Média; tardo-medievo.

Leticia Dias Schirm  
UFMG  
letschirm@yahoo.com.br

A presente comunicação busca discutir a atuação política dos juristas durante o tardo-medievo. A partir do estudo do caso de Bartolus da Sassoferrato (1314-1357), jurista italiano que lecionou na Universidade de Perugia e escreveu três tratados eminentemente políticos (*De Tyrano*, *De Guelphis et Gebellinis* e *De Regimine Civitatis*), pretende-se discutir um pouco da formação desse profissional em relação ao desenvolvimento das comunas italianas do século XIV. Partindo do pressuposto de que esses trabalhos foram produzidos entre os anos de 1355 e 1357, momento significativo para a história da Península Itálica, acredita-se ser possível demonstrar o lugar ocupado pelo direito no desenvolvimento das comunas e de sua administração. Ao se tomar os trabalhos desenvolvidos pelo autor, percebe-se que tratam de temáticas complementares, todas relacionadas ao ordenamento jurídico e à organização das cidades de maneira que é possível vislumbrar questões relacionadas às facções, tirania, formas de governo, entre outras. Espera-se, portanto, que seja fundamental estudar um pouco mais sobre a formação e a atuação, bem como o papel desses homens de saber durante o *trecento*, não apenas para se compreender a obra de Bartolus da Sassoferrato, mas também auxiliar na compreensão da política na Península Itálica do século XIV.

### **O céu é o limite: ar, segredo e sigilo nos séculos XV e XVI**

Segredo; Mensagem Secreta; Céu.

Francisco de Paula Souza de Mendonça Júnior  
CEEQ-UNASUR; UFMG  
kiriijy@gmail.com

O segredo tem sido utilizado como instrumento nas relações de poder ao longo da história das sociedades humanas. Tendo como raio de influência a esfera particular da experiência das sociedades humanas. Tendo como raio de influência a esfera particular da experiência humana ou o palco das ações dos reinos e impérios,

foi-se mobilizado um amplo espectro de humana ou o palco das ações dos reinos e impérios, foi-se mobilizado um amplo espectro de humana ou o palco das ações dos reinos e impérios, foi-se mobilizado um amplo espectro de ferramentas a fim de garantir que certas informações permanecessem protegidas dos olhares indesejados, reservados aos olhos de um grupo de eleitos. Durante os séculos XV e XVI, nas diversas esferas da ação humana, percebe-se a importância dada ao segredo e ao sigilo, este entendido como o conjunto de técnicas dedicadas a lançar uma informação nas sombras, e como ambos foram empregados a fim de criar diferenciações entre os indivíduos, pautadas pela divisão entre aqueles que sabem e aqueles que não sabem. A presente comunicação discutirá a importância do céu e do elemento aéreo na dança entre segredo e sigilo, conduzida nos volteios do palco da ação política dos séculos XV e XVI.

### MESA 3

#### **Remédios Santos ou Santos Remédios? Uma prática dos Mosteiros Medievais**

Idade Média; Mosteiros; herbários; hospitais.

Mirtes Emília Pinheiro  
UFMG / CAPES.  
militapinheiro01@gmail.com

Na Idade Média, os jardins eram os locais mais aprazíveis e certamente o mais visitado nas casas e mosteiros. Neles, cultivavam-se hortaliças e legumes. Tanto as delícias das sobremesas quanto os remédios saíam desses jardins plantados, cultivados e cuidados embora o plantio, o cultivo do jardim, do pomar e do herbário não fosse prerrogativa exclusiva dos mosteiros, pois cada recinto de habitação incluía e protegia suas hortas, pomares e quintas. Neste período, a cura das enfermidades do corpo se confundia com a cura das enfermidades da alma. Eram tempos difíceis em que faltavam médicos e enfermeiros. Tido como um lugar de repouso íntimo, o trabalho realizado nos jardins almejava o desenvolvimento espiritual do indivíduo. Tornava-se um pequeno mundo à parte, onde cada pessoa desfrutava dos prazeres da vida. Além do cuidado com o cultivo de hortaliças, que certamente enriquecem o cardápio, recomendava-se que entre os monges reservassem alguns canteiros para o cultivo de ervas medicinais. Nesses locais, o solo não era deixado em repouso como era prática comum na Idade Média. Dentro deste universo de medos e incertezas, em que a efemeridade da vida é uma constante, os mosteiros se apresentam como verdadeiros oásis no deserto e os monges, os representantes de Deus na terra. Eles são os intermediários entre céu e terra, os herdeiros de Cristo. O hospital medieval se constituía como uma instituição fundamentalmente eclesiástica, cuja função primordial era a de oferecer assistência médica e social aos pacientes. Enfermos de toda natureza buscavam ali um frescor para suas doenças, pois eram de certa forma, excluídos da sociedade, assim como os indigentes, os loucos, os inválidos, as prostitutas, etc. Os hospitais serviam ainda de abrigo aos viajantes e peregrinos que estavam de passagem pela região. As curas de doenças eram vistas como milagres, desta forma a devoção aos santos milagreiros cresceu expressivamente. Abaixo dos santos e promovendo uma medicina caritativa estavam os monges, especialistas em botânica. As ervas cultivadas nos mosteiros apresentavam sua serventia e eram usadas de diversas formas: chás, licores, elixires, poções, unguentos, pomadas, enfim, uma gama variada de utilidade. A manipulação, o preparo e a aplicação destes remédios ficavam a cargo dos monges e também das monjas, uma vez que havia mosteiros femininos que tinham como regra de conduta a prática da caridade, sobretudo em se tratando dos desvalidos e entregues à própria sorte.

**Taumaturgos, humildes, obedientes e servis: os perfis dos santos minoritas nos catálogos santorais da Ordem dos Frades Menores (Itália Central, séculos XIII-XIV)**  
Hagiografia; História Medieval; Ordem dos Frades Menores.

Felipe Augusto Ribeiro  
 UFMG  
 felipeaur@gmail.com

Este trabalho trata das hagiografias produzidas pela Ordem dos Frades Menores nos séculos XIII e XIV, na Itália Central. Ele explora, com um olhar politizante, os perfis elaborados para os frades da Ordem tidos como santos, ao longo de suas compilações hagiográficas. Para tanto, ele consiste em um estudo de caso acerca do frade Benvido de Gubio (+1232), que é citado em várias compilações, além de ter sido o personagem de uma canonização fracassada. O trabalho procura traçar as qualidades definidoras do perfil de santidade desse frade, aproximando-as de outros exemplos, do todo dessas compilações e das suas condições (ou contexto político) de produção, circulação e recepção. A análise é orientada pelas noções de representação, retórica e imaginário, entre outros conceitos. Ela é realizada em 3 etapas: uma análise textual, outra extratextual e, por fim, uma contextual. Em suma, a hipótese com a qual se trabalha é a de que tais perfis são pré-concebidos e aplicados a cada frade que morre em fama de santidade, com quase nenhuma variação entre casos diversos; eles não são oriundos, portanto, dos relatos e testemunhos – da experiência, enfim – que se colhem sobre cada uma dessas vidas, seja no que tange à sua exemplaridade, ao seu lugar no mundo ou aos seus milagres. Consequentemente, o resultado esperado é que se compreenda que essas santidades são produtos de condições completamente externas a elas. O objetivo final da proposta é, então, colocar a santidade em questão como um objeto em disputa, uma ferramenta de posicionamento político (porque essas condições são políticas) de seus agentes produtores e receptores, a qual se elabora segundo intenções e demandas muito precisas no tempo e no espaço, não segundo uma experiência concreta da santidade.

#### **A Morte na Alta Idade Média: um estudo sobre a relevância do morto para a política e a sociedade europeia entre os séculos V e XI**

Morte; Idade Média; Medievalismo; Hagiografia; Santos.

Gabriel Oberdá Leão  
 UFMG  
 gabrielofinnegan@gmail.com

O objetivo dessa pesquisa é realizar, dentro de um recorte que compreende o fim do período clássico romano e a Alta Idade Média, uma revisão historiográfica do papel político e social da morte. Focado principalmente no estudo representativo de santos e patronos – e na continuidade da obrigação de indivíduos mesmo após seu óbito – o estudo realizará um compêndio sobre obras de Peter Brown e Patrick J. Geary, e se limitará principalmente à Europa mediterrânea e central. Dentro do tema proposto, será apresentada a importância do culto aos santos, e a influência que tal ritualística poderia inferir sobre a vida pública característica aos territórios sobre os quais se estendia a chamada cristandade. Num âmbito como a Europa cristã da Alta Idade Média, a separação entre política e religião se mostrava quase impossível devido ao grau em que uma se mostrava permeada pela outra, de forma que uma figura santificada se mostraria talvez tão presente e relevante do ponto de vista político e social quanto um indivíduo que exercia autoridade ainda em vida.

#### **MESA 4: OUTROS ESPAÇOS E TEMPOS DO MEDIEVO**

##### **A conversão da Islândia na Allþing de 999: a influência da política Norueguesa na ilha**

Islândia Medieval; Vikings; Conversão.

André Araújo de Oliveira

A Islândia foi colonizada segundo a *Íslendingabók* no ano aproximado de 874. Os homens e mulheres que foram para essa nova terra afastada do continente fugiam da tirania do novo rei da região onde hoje seria a Noruega. Esses colonizadores levaram junto consigo animais domésticos, porcos, ovelhas, cabras, cavalos e gado bovino. Como as condições iniciais eram precárias, os assentamentos não foram muito dispersos, e foram lentamente se expandindo, onde novas fazendas sobreviviam com um sistema de trocas. Nos anos iniciais, enquanto as primeiras safras de cevada não estavam fartas, vivia-se principalmente dos pescados vindos dos rios e mares. A Islândia se organizava politicamente em torno de assembleias locais chamadas de *Þing*. Essas assembleias estavam sobre o domínio de um chefe local chamado de *goði*, que também era responsável pelo culto aos deuses. Quando ocorriam disputas ou decisões importantes elas eram levadas para a assembleia geral, a chamada *Allþing*, como a decisão sobre o cristianismo crescente vindo como uma pressão de Ólaf Tryggvason, rei da Noruega na época. A *Allþing* de 999 realizada na planície de Þingvellir, com a presença do *lögsögumaðr*, indivíduo eleito a cada três anos responsável pela manutenção das leis, foi decidido pela conversão de toda a Islândia para o cristianismo. A historiografia contemporânea discorda quanto a conversão como um processo não violento, argumentando que a violência deverá ser considerada também na face social e cultural. Sobre essa discordância que se articulará a discussão a ser feita nesse trabalho proposto.

#### **Alguns aspectos peculiares da cavalaria na Península Ibérica (sec. XII-XIII)**

Cavalaria; aristocracia; nobreza.

Olga Pisnitchenko  
UFMG / FAPEMIG  
pisnitchenko@gmail.com

O processo de constituição da cavalaria nos remete a formação da aristocracia dentro da estrutura feudal ibérica. Por ser uma sociedade organizada pela guerra, os reinos de Leão e Castela possuíam uma ordem tanto social como econômica organizada em torno do sistema militar, onde toda a população vivia em função da guerra com ofício militar dividido em um grande número de especialidades, das quais só umas poucas significavam uma posição mais digna fora do exército. A Península Ibérica no século XIII tem cavaleiros que são pagos pelas vilas e conselhos, outros que estão a serviço de um senhor, de quem são naturais ou vassallos; e aqueles, por fim, subordinados ao rei, pertencentes a sua guarda pessoal (os *mesnaderos*) ou os próprios ricos homens, nobres que, no passado, por uso de armas, conseguiram domínios e senhorios que lhes havia dado uma posição dentro da sociedade. O que também significava uma posição superior dentro do exército. O importante para nós é entender se esta entidade de guerreiros profissionais montados do reino Castelhanoleonês do século XIII reconhecia-se como um todo. E em caso afirmativo, de que modo estava se formando identidade de classe de categoria cavaleiresca na sociedade ibérica.

#### **Alain Guerreau e Begriffsgeschichte: um horizonte teórico?**

Feudalismo; Guerreau; Koselleck; Historiografia

Carla Rocha Baute  
UNIFESP  
carlabaute@gmail.com

Essa comunicação discutirá algumas possíveis aproximações entre ideias apresentadas pelos historiadores Alain Guerreau e Reinhart Koselleck. A obra *Feudalismo: um horizonte teórico* de Guerreau ganhou notoriedade

dentro da historiografia mundial por apresentar uma proposta que diverge em muitos pontos de um dito “consenso” entre estudiosos do período medieval. Conforme seu esquema é delineado, suas postulações teóricas e metodológicas ganham fortes contornos, e é justamente na análise dessas colocações que a ponte com a *Begriffsgeschichte* configura um caminho possível. E é utilizando *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* de Koselleck, onde o autor expõe os preceitos teóricos e metodológicos desse tipo específico de investigação histórica, que a seguinte comunicação pretende estabelecer conexões entre as críticas e caminhos propostos por Guerreau e a contribuição da interligação da análise conceitual com a história social para a reflexão acerca do passado.

## **ST 15: Patrimônios culturais**

### **MESA 1**

#### **Maracatu do Ceará como patrimônio cultural: perspectivas de identificação e valorização do patrimônio imaterial na cidade de Fortaleza**

Fortaleza; Maracatu do Ceará; Patrimônio Cultural; Patrimônio Imaterial.

Marcelo Renan Oliveira de Souza  
IPHAN

marcelo.renan.souza@gmail.com / marcelo.souza@gmail.com

Com a publicação do Decreto 3.551/2000, que institui o Registro do Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, pelo instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), as políticas e ações de identificação e valorização do patrimônio cultural imaterial tornaram-se referência aos estados e municípios, que também legislaram sobre a proteção do patrimônio cultural assim classificado. Em Fortaleza, tal processo se confirma com a publicação da Lei Municipal 9.347/2008, que considera o patrimônio imaterial entre os elementos portadores de referências à identidade e memória dos diferentes grupos formadores da sociedade fortalezense. Partindo desse aporte jurídico e do entendimento das atribuições de proteção do Estado, vimos em 2011 a iniciativa da Associação Cultural Maracatu Rei do Congo em candidatar os maracatus do Ceará ao referido registro nas instâncias municipal e federal, através das solicitações formalizadas na Secretaria de Cultural de Fortaleza e na Superintendência do IPHAN no Ceará. Tratando-se de uma expressão cultural cujas referências locais são características marcantes e diferenciadoras das congêneres em outros estados, sobretudo os maracatus pernambucanos, os maracatus no Ceará voltam ao cenário acadêmico, artístico e cultural na cidade, amparados pelo mote da valorização da cultural local, contribuindo para a difusão e salvaguarda desse bem cultural. Assim, apresentaremos e discutiremos algumas perspectivas sobre os processos de identificação e valorização dos Maracatus enquanto patrimônio cultural imaterial no cenário fortalezense, considerando a mobilização social em prol do registro de bem cultural a partir das políticas de preservação do patrimônio cultural municipal e federal.

#### **Um dia, duas festas: o Dezesseis de Julho em Borda da Mata – MG**

Cidade; Festa; Memória.

Cleyton Antônio da Costa  
PUC-SP / CAPES - PROSUP  
cleytoncac@yahoo.com.br

A presente pesquisa visa discutir os diferentes significados atribuídos aos festejos realizados no dia 16 de julho na cidade de Borda da Mata, localizada no Sul do Estado de Minas Gerais, que perpassam as múltiplas

memórias dos sujeitos sociais que participaram e participam dos festejos. Tendo como origem o dia dedicado a Nossa Senhora do Carmo, padroeira do município supracitado, a festa religiosa se incorporou como uma atividade presente na vida de grande parte dos bordamatenses. Mediante uma estrutura engendrada pela Igreja Católica com os festejos paralelos aos religiosos e, com a negação por parte de um sacerdote em continuar a realização de tais atividades, o poder público assume e reconfigura o espaço negado pela igreja. Deste modo, com o pressuposto de realizar e manter este festejo social ocorre à transferência da data da aniversário do município, que era no dia 16 de novembro, para o dia 16 de julho. Alicerça-se duas festas com sentidos e significados diferentes no mesmo dia, possibilitando um cenário múltiplos de disputas, tensões. Utilizamos como principal metodologia para o nosso trabalho a técnica da História Oral, que possibilita a análise de outras versões deste patrimônio cultural bordamatense. Assim, a festa é entendida como uma expressão da cultura popular e patrimônio cultural dos homens e mulheres deste município, que em mais de dez décadas vem se (re) significando no ir e vir da memória das bordamatenses resultando práticas do presente, carregadas de dinamismo, de permanências e transformações.

### **Entre saberes e fazeres: Memória e Patrimônio Cultural dos Maniçobeiros do Sudeste do Piauí**

Maniçobeiro; Patrimônio; Identidade; Memória; Piauí.

Joseane Pereira Paes Landim  
IPHAN  
jopereira\_historia@hotmail.com

Ana Stela de Negreiros Oliveira  
IPHAN  
anastelanegreiros@hotmail.com

Este trabalho apresenta a diversidade cultural, através do patrimônio material e imaterial deixado pelos maniçobeiros, pessoas que trabalharam na extração do látex da maniçoba utilizada na fabricação de borracha. A análise é feita através da historiografia piauiense e de depoimentos de pessoas que possuem ligação direta e indireta com o período da extração da maniçoba na região de São Raimundo Nonato: maniçobeiros da segunda etapa do extrativismo (1940 – 1960). O desenvolvimento das indústrias automobilística e elétrica aumentou a procura por gomas elásticas a partir do final do século XIX. No período do boom da maniçoba, famílias inteiras se deslocaram, de diversos estados do país, para a região sudeste do Piauí, tentando melhorar sua vida através da extração do látex da maniçoba. A atividade durou até a década de 1960. Entre 1913 e 1940 os preços decaem, mas a atividade persiste, com cifras insignificantes para a economia do estado. A maior área de maniçobais do Piauí faz parte atualmente do Parque Nacional Serra da Capivara, entre os municípios de Coronel José Dias, João Costa, São Raimundo Nonato e Brejo do Piauí. Busca-se destacar o modo de vida dos maniçobeiros através do levantamento de seu patrimônio cultural deixado nos abrigos sobre rocha (tocas), que antes foram utilizados por povos pré-históricos e onde encontramos registros rupestres das duas ocupações. Os maniçobeiros que habitaram os abrigos conviveram com essas pinturas, reocupando a mesma área e construindo um novo espaço, com novos simbolismos e adaptações culturais. Essas tocas, além de moradias, eram usadas como centro de entretenimentos coletivos que eram fundamentais para a reposição de energias e para a confraternização entre as famílias durante festas, batizados, missas e casamentos.

### **A memória da escravidão em ruínas: um estudo sobre o patrimônio material e imaterial em Cerrito-RS**

Patrimônio histórico; Cerrito; Lei10.39.

Vanessa Martins da Costa  
UFPel

Esta pesquisa consiste em uma investigação que visa reconstituir a memória dos negros da região de Cerrito (RS), referente ao período colonial/imperial brasileiro, enfatizando as construções feitas por escravos, neste município, nas localidades Vila Freire, Calheco e Alto Alegre e, também, no 4<sup>a</sup> distrito de Canguçu/RS. Este trabalho teve por fim explorar as ruínas das construções feitas pelos escravos, contribuindo com a (re) descoberta do patrimônio cultural, mantendo viva a história do povo negro desta região e cumprindo a lei 10.639/2003, buscando preservar o patrimônio cultural encontrado e divulgar nas escolas locais a contribuição da etnia negra na construção da cidade. O trabalho está apoiado a partir do referencial de Paulo Afonso Zart (2002), Mário José Maestri Filho (1984) e Cláudio Moreira Bento (1983). A pesquisa é de ordem qualitativa, do tipo estudo de caso. Foram coletados depoimentos de moradores do município, dentre eles, descendentes de escravos, além disso, foi feito levantamento e análise de documentos deste período referente a escravos da região. Todo o processo de coleta de dados foi documentado por meio de diário de bordo, fotografias e vídeos, registrando parte da memória e do patrimônio do local em um vídeo, que contribuiu para a valorização tanto das construções como das próprias pessoas que ali vivem. Concluiu-se que a pesquisa gerou um material didático contendo a história de personalidades negras locais bem como o patrimônio local existente, conforme se propunha, como objetivo principal desta.

## MESA 2

### **Doença e Cura na Comunidade dos Arturos**

Doença; cura; benzeção; plantas medicinais.

Leonardo Augusto Silva de Freitas  
IEPHA/MG

leo.augus@hotmail.com / leonardo.freitas@iepha.mg.gov.br

O homem tem como característica definidora e distintiva das outras espécies a necessidade de se compreender no mundo por meio de sistemas simbólicos herdados de sua cultura particular. É através destes sistemas simbólicos que ele é capaz de classificar e especular sobre as coisas da esfera terrena e divina, sobre os ciclos da natureza e suas tempestades e primaveras, sobre os infortúnios da vida e sua graça, sobre os aspetos desarmônicos e harmônicos da existência, sobre a doença e a saúde, sobre a morte e a vida. Cada uma das diversas sociedades que compuseram e compõem o quadro da existência humana através de sua história possuíram e possuem sistemas classificatórios a respeito dos vários aspectos da existência e, deste modo, também elaboraram sistemas de controle das manifestações que assombram a vida e, dentre eles, as enfermidades, as doenças do corpo e do espírito. Através de ritos informados pela mitologia própria a cada uma dessas sociedades, o ser humano têm controlado de maneira eficaz tais aflições. Desde a cura ayurvédica hindu, passando pela cura xamânica da tribo Cuna, na República do Panamá, descrito por Lévi-Strauss (2003), e, mais próximo a nós, a cura d'alma e conseqüentemente também do corpo através da aceitação e prática do Evangelho Cristão, como pode ser evidenciado no rito da eucaristia e na utilização da água benta. Antes do estabelecimento do dogma católico, tal como o conhecemos hoje no país, um largo processo histórico foi necessário. A atuação missionária católica e o sincretismo entre as práticas herdadas dos africanos trazidos à colônia, com suas diversas etnias, e o conhecimento das várias tribos indígenas a respeito da natureza, da saúde e da doença conformaram o caldo de cultura das religiosidades nacionais. Junto à atribuída missão evangelizadora, a colonização também trouxe uma medicina que atuava sob as concepções do cristianismo e, portanto, médicos agiam como forças catalisadoras de tendências religiosas e dogmáticas. Devido à extensão territorial do país, a empreitada da conquista colonizadora foi marcada na arte de curar pelo amálgama das diferentes concepções de mundo em conformidade com nossa natureza. A utilização das benzeduras e das

plantas curativas, portanto, foi peculiarizada no país pelas influências recíprocas entre a cosmologia cristã portuguesa, africana e indígena. No meio rural, as benzeções e o conhecimento herdado da tradição sobre plantas e sua utilização na cura de moléstias foi prática comum, já que o acesso à medicina oficial era restrito aos grandes centros urbanos por pessoas dotadas de poder financeiro. As rezas e o acesso aos também chamados “remédios do mato” eram formas comuns de se tratar uma série de males que variavam do contato direto com a natureza (picadas de animais peçonhentos, dermatites, ensolações), de desgastes naturais do organismo, até disfunções causadas pelo contágio com seres sobrenaturais. Nesta tentativa de controle do mundo sobrenatural, da natureza, e do homem, o benzedor se inscreve no mundo. Na Comunidade dos Arturos não foi diferente. Contudo, é importante ressaltar a especificidade histórica da Comunidade dos Arturos. Além da necessidade tradicional da cura na Comunidade familiar, a benzeção é uma de suas manifestações culturais que está envolvida por uma religiosidade própria dos Arturos e faz com que a prática adquira algumas particularidades distintas. A herança da fé em Nossa Senhora do Rosário, necessária à manutenção dos ritos e celebrações da comunidade, é o manancial para a prática da benzeção. O trabalho, além de contemplar um histórico sobre a prática da benzeção e do uso de plantas medicinais, visará uma tentativa de compreensão da forma de se benzer de quatro benzedores da comunidade. Todos eles, apesar das distinções da linguagem oro-gestual e dos objetos rituais utilizados para a cura, têm em comum a fé em Nossa Senhora do Rosário e a crença em seu mito de aparição. Veremos também como a benzeção está imbricada com as celebrações da religiosidade da Comunidade.

### **Comunidades Tradicionais enquanto patrimônio cultural: Os Arturos e a questão dos Lugares**

Comunidade Tradicional; Patrimônio Cultural; Comunidade dos Arturos; Lugares.

Luis Gustavo Molinari Mundim

IEPHA/MG

[luis.mundim@iepha.mg.gov.br](mailto:luis.mundim@iepha.mg.gov.br) / [luismolinari@gmail.com](mailto:luismolinari@gmail.com)

O chamado patrimônio cultural imaterial ganhou destaque nos últimos anos em função das discussões estabelecidas sobre o tema em âmbito internacional e nacional. Os desdobramentos desses debates resultaram em ações concretas, como legislações específicas e o reconhecimento de bens culturais, tais quais: o Modo Artesanal de Fazer o Queijo do Serro, o Samba de Roda do Recôncavo Baiano, Roda de Capoeira, A Festa de Nossa Senhora dos Homens Pretos de Chapada do Norte/MG, Feira de Caruaru, Frevo, o Tambor de Crioula do Maranhão, somente para citar alguns do Brasil e de Minas. Os caminhos percorridos para o reconhecimento desses bens é bastante amplo e variável, e exigem que o pesquisador extrapole, invariavelmente, a sua formação e trabalhe em conjunto com outras disciplinas. Os inventários e pesquisas desenvolvidas para a identificação e reconhecimento desses bens implicaram no alargamento de conceitos e na construção de uma inteligibilidade sobre o objeto, aonde o executor ou detentor do saber é o centro. O trabalho visa pensar sobre algumas questões que se colocam presentes no cotidiano da pesquisa do patrimônio cultural, especialmente no trabalho desenvolvido na Comunidade dos Arturos em Contagem/MG. O objetivo é refletir sobre alguns conceitos como: Patrimônio Cultural Imaterial, Comunidade Tradicional e Lugares, e perceber como tais conceitos se relacionam e auxiliam na prática do reconhecimento da Comunidade dos Arturos enquanto Patrimônio Cultural Imaterial.

### **A pesquisa e o historiador nos processos de patrimonialização**

Comunidade dos Arturos; Pesquisa Documental; Patrimonialização.

Mariana Rabêlo de Farias

UFMG

[mariana.rabelofarias@gmail.com](mailto:mariana.rabelofarias@gmail.com)

Para a elaboração do dossiê de registro da Comunidade dos Arturos como Patrimônio Imaterial do Estado de Minas Gerais, foram utilizadas entrevistas com diversos membros da Comunidade, além de ser uma necessidade metodológica imposta pela escassez de outras fontes, este método proporcionou a compreensão de diversos pontos de vista a respeito da Comunidade. No processo de pesquisa, foram utilizadas, fontes documentais eclesiais produzidas entre os séculos XIX e XX, presentes no Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte. Dentre os documentos analisados, os elaborados pela Paróquia de São Gonçalo da Contagem, sendo treze Livros de Batismo, de 1854 a 1952; cinco Livros de Casamento, de 1890 a 1963; um Livro de Crisma, de 1947 a 1961; seis Livros de Óbito, de 1851 a 1958; um Livro de Sepultura Perpétua, de 1959 a 1970; três Livros de Tombo da Matriz de São Gonçalo, de 1913 a 1945; o Livro do Estatuto da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de 1867; Livro de Recibos, 1875 a 1897; Livro de Receitas e Despesas, 1888 a 1889; Livro de Ata da Irmandade, 1920 a 1958; todos da Irmandade de N. S. do Rosário, além de outros quinze livros de assuntos diversos. Foram analisados também, os livros de Batismo, Casamento e Óbito da Paróquia de Santa Quitéria, atual Esmeraldas, cidade de Minas Gerais, em que os Arturos também viveram. Além desse acervo, foram pesquisados documentos administrativos do século XVIII e XIX, produzidos pelo Cartório do 1º Ofício da Comarca do Rio das Velhas, presente no Arquivo da Casa Borba Gato, anexo do Museu do Ouro de Sabará. Neste foram apurados dados relativos propriedade, compra, venda, herança e doação de escravos, terras, alforrias e coartações, por meio dos Livros de Inventários, Testamentos e Livros de Notas. Com bases nas pesquisas realizadas, é possível analisar a importância do trabalho do historiador e da pesquisa nos processos de patrimonialização, o que corrobora para a construção de entendimento histórico a partir dos bens culturais imateriais.

### MESA 3

#### **A Construção da Prática de Patrimonialização (da porção sul) do Espírito Santo** patrimônio cultural; políticas públicas; identidade cultural; Espírito Santo.

Lorraine Oliveira Nunez  
IPHAN / CAPES  
lozinha62@gmail.com

Esta dissertação será resultado da reflexão sobre a preservação no Espírito Santo a partir da experiência como bolsista do Programa de Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural do IPHAN. Traz um histórico da relação estabelecida entre o IPHAN e a cultura do café, bem como as políticas de patrimonialização daí resultantes. Desenvolveu-se a observação analítica desse processo, com destaque para o processo de Tombamento de Muqui/ES como cidade do sul cafeeiro do Estado do Espírito Santo. Com base em pesquisa documental e de campo, buscou-se as narrativas que justificaram o reconhecimento desses bens culturais como patrimônio e as dinâmicas que caracterizaram as medidas de preservação realizadas. Esse exercício demonstrou a aproximação entre as narrativas produzidas pela historiografia capixaba, pelo IPHAN e pelas políticas locais de patrimonialização. Tomando como base a variedade dos discursos formadores de uma representação das identidades e tradições culturais do sul do Espírito Santo, e mais especificamente da cidade de Muqui, identificaremos o discurso priorizado pelo patrimônio a partir de registros documentais compreendidos entre os anos de 1980 e 2012 e analisaremos de que forma esses discursos sobre a identidade cultural de Muqui se sobrepuseram e como foram apropriados nas práticas de preservação do patrimônio cultural daquela região. Pretende-se investigar de que forma os historiadores e a historiografia capixaba se relacionam com as ações institucionalizantes nas políticas públicas culturais de patrimônio, de que forma contribuem para o jogo das formações das identidades e tradições culturais do sul do Estado do Espírito Santo na contemporaneidade. Analisa-se neste trabalho também o atual debate sobre a possibilidade de reconhecimento desta cidade enquanto paisagem cultural do Espírito Santo e do Brasil.

**Patrimônio natural e desenvolvimento sustentável no processo de proteção da serra de São José-MG**  
Serra de São José; Patrimônio cultural; Desenvolvimento Sustentável; Tiradentes.

Matheus Cássio Blach  
UNA  
matheusblach@sobrehistoria.org

Marcelo de Araújo Rehfeld Cedro  
PUC-Minas  
marcelocedro.pucminas@gmail.com

Euclides de Freitas Couto  
UFSJ  
euclides@ufs.edu.br

A presente comunicação objetiva apresentar uma análise do processo de proteção – como patrimônio histórico, cultural, paisagístico, brasileiro – da Serra de São José, na cidade mineira de Tiradentes. Procurou-se identificar as práticas discursivas dos atores sociais que se enquadram na relação conflituosa entre patrimônio e poder; como também na investigação da dicotomia entre desenvolvimento urbano e preservação ambiental, temas recorrentes e de fundamental importância na contemporaneidade. A trajetória e os significados atribuídos ao termo patrimônio em seus sentidos material e imaterial se tornam relevantes em virtude de leituras e releituras de suas categorias discursivas. Nesse sentido, Pedro Paulo Funari, Sandra Pelegrini, Leonardo Castriota, dentre outros pesquisadores, encampam esse raciocínio. Além do aporte bibliográfico, é utilizada nesta pesquisa recursos da metodologia das fontes orais no sentido de comparar depoimentos de agentes envolvidos na elaboração do discurso legitimador do tombamento aos documentos escritos consultados. Foi realizado levantamento histórico permitindo perceber os entraves do projeto de tombamento, ainda não concluído que se desenvolve desde 1979.

**O I Encontro pela revitalização da Praça da Estação (1981): o que preservar?**

Patrimônio urbano; Preservação; Memória das cidades.

Elena Lucía Rivero  
UFMG  
elenaluciarivero@gmail.com

O seguinte artigo analisa o I Encontro pela revitalização da Praça da Estação, em 1981, promovido pelo Grupo de Defesa do Patrimônio Natural e Cultural do Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento Minas Gerais (IAB-MG) em Belo Horizonte. Interessa-nos analisar quais as noções de memória, história e documento que aparecem atreladas à preservação do patrimônio urbano, assim como as principais características do modelo ou tipo ideal de preservação do patrimônio proposto no Encontro. Para isso, analisaremos a pauta de trabalho do I Encontro pela Revitalização da Praça da Estação publicada no relatório *Praça da Estação: origem e destino*. O Encontro abrange três dias ao todo, tendo sido realizadas reuniões em 12, 13 e 14 de agosto de 1981. No relatório, constam as atividades desenvolvidas, sínteses das reuniões, debates e palestras proferidas nesses três dias.

**MESA 4**

**A atuação do Serviço do Patrimônio em Minas Gerais: disputas em torno da categoria 'patrimônio'**  
SPHAN; negociação; conflito.

Denis Pereira Tavares  
UFMG  
denistavares85@yahoo.com.br

Durante a chamada “fase heróica” do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que corresponde ao período no qual Rodrigo Melo Franco de Andrade assumiu a direção deste órgão (1937-1967), houve uma concentração das ações de preservação e de tombamentos em Minas Gerais. No ano de 1938, logo após a implementação do decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, os conjuntos arquitetônicos e urbanísticos de São João del-Rei, Ouro Preto, Tiradentes, Mariana, Diamantina e Serro, foram tombados e “consagrados” como referência da formação histórica e cultural brasileira. Nas décadas seguintes foram incluídos nos livros do Tombo também os conjuntos de Congonhas (1941) e Sabará (1965). Os aspectos visuais, “fachadistas” e de monumentalidade estiveram em primeiro plano nos critérios de seleção e restauração dos bens patrimoniais. Estas cidades passaram por uma espécie de “regime especial de preservação”, baseado no rígido controle das fachadas de suas edificações, bem como na imposição de condições de uso e conservação de sua paisagem urbana. A patrimonialização dos conjuntos urbanos mineiros suscitou questionamentos, discordâncias e também uma série de dúvidas acerca de quais procedimentos “adequados” deveriam ser adotados pelas municipalidades. Mais do que isso, a inclusão de objetos que até então não eram reconhecidos como “patrimônio” gerou estranheza, conflitos de interesses e de valores e nem sempre obteve o consentimento dos habitantes locais. Procuramos neste trabalho explicitar essas situações de negociação e conflito em torno da conservação e gestão dos bens patrimoniais entre os técnicos do Serviço do Patrimônio e os agentes locais.

#### **Patrimônios Culturais: a questão dos valores e da interdisciplinaridade nas abordagens recentes**

Patrimônio Cultural; Preservação; Políticas patrimoniais; Ciências Sociais; Interdisciplinaridade.

Valéria Sávia Tomé França  
UFMG  
valeriastf@gmail.com

Na atualidade, o Patrimônio Cultural se configura como um campo com enfoque interdisciplinar, cujo crescente interesse se faz possível pela expansão conceitual e tipológica, sobretudo a partir dos anos 1950, com as contribuições das Ciências Sociais, principalmente da Antropologia, através do aporte de grupos sociais que outrora estiveram marginalizados. De um discurso patrimonial baseado na ideia de monumento histórico e artístico, passou-se em nossa época para o entendimento do patrimônio como um conjunto de bens e manifestações culturais. Assim, por exemplo, é que vão surgir, no final do século XX, ideias como as de patrimônio ambiental urbano e paisagem cultural, onde se aproximam três campos: a preservação do patrimônio, o planejamento do território e a preservação ambiental. Outro aspecto importante a ser observado, diz respeito aos valores, que nos últimos anos vem ganhando ênfase, e que vão ser sempre decisivos nas escolhas tomadas pelas comunidades e órgãos de preservação quanto ao que deve, e como, ser preservado. Além disso, é possível perceber uma mudança no debate patrimonial, que passa de um campo fechado com a valoração do que deveria ser preservado sendo feita por especialistas, para a crescente valorização dos aspectos intangíveis, e da introdução de novos agentes (população, planejadores e acadêmicos), tornando-o um campo aberto à participação popular com o crescente declínio da centralidade do Estado na institucionalização das políticas de patrimônio. Desta forma, têm-se não apenas a expansão conceitual ou a agregação quantitativa de bens culturais, mas uma mudança de paradigma no campo do patrimônio, que nos últimos anos se vê colocado em diálogo com outras disciplinas para assim responder a uma realidade de crescente complexidade.

### **O patrimônio cultural brasileiro na situação pós-moderna**

Patrimônio Cultural; Pós-Modernidade; *Ethnie* Brasileira; Diversidade Cultural.

Igor Alexander Nascimento de Souza  
IPHAN  
igorpatrimoniocultural@gmail.com

O objetivo é estabelecer uma reflexão acerca da função social da patrimonialização dos bens culturais na atualidade, que, muitas vezes, reproduzem anseios de outrora, desadequados às atuais circunstâncias. Trata-se do papel dos processos de patrimonialização na contemporaneidade, sob os auspícios da situação pós-moderna, considerando a trajetória de elaboração da *ethnie* brasileira na construção do país enquanto Estado-Nação.

### **MESA 5**

#### **Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial**

cemitério; cidade; educação; patrimônio.

Marcelina das Graças de Almeida  
UFMG / FAPEMIG  
marcelinaalmeida@yahoo.com.br

O Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim, situado na cidade de Belo Horizonte, para além do cumprimento de suas funções habituais ligadas ao culto aos mortos vem sendo cada vez mais utilizado como lugar de turismo e espaço educativo. O hábito de ministrar aulas específicas utilizando o espaço fúnebre vem sendo recorrentemente praticado pelos docentes da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, ocasião em que atividades de pesquisa se concretizam em disciplinas diversas que são ministradas para os cursos de Design Gráfico, Design de Produto, Design de Ambientes e Licenciatura em Artes Visuais. O objetivo destas aulas era, para além da coleta de material e investigação acadêmica, a promoção da educação patrimonial. Entretanto, esta ação vem, desde junho de 2012, se estendendo a outros segmentos da sociedade belorizontina através da ação extensionista que promove, em parceria com Fundação de Parques Municipais, FPM, e o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico, IEPHA, visitas mensais ao cemitério com o intuito de instigar o interesse, despertar o interesse por este tipo de turismo e ao mesmo tempo promover a educação patrimonial. Estas atividades têm a cada dia incrementado, de modo considerável, a visibilidade naquilo que se refere ao cemitério e conseqüentemente à necessidade de ampliar o conhecimento acerca do acervo e história daquele lugar cresce na mesma proporção. Percebe-se que as atividades turísticas e a reabilitação do espaço cemiterial podem resultar em experiências diversificadas que promovam a preservação do espaço, integrando áreas de conhecimento como história, artes visuais, arquitetura, turismo, design dentre outras, além de angariar a admiração dos turistas e sensibilizar o poder público e privado para promoção de ações de zelo pelo patrimônio histórico e cultural que ali se encontra abrigado.

#### **A Narrativa Museológica e o Conhecimento Histórico: escritas e representações do passado**

Museu; Narrativa; Conhecimento histórico.

Juliana da Costa Ramos  
UFRPB / CAPES  
ju.ramos@live.com

Ana Lúcia do Nascimento Oliveira  
UFRPB / CAPES  
ananascimentoufrpe@gmail.com

A proposta de trabalho aqui apresentada sugere uma investigação acerca do papel da instituição museológica na construção de narrativas históricas por meio da análise sobre como circuitos expositivos são apropriados pelo público como representação do passado em certas tipologias museais. Entretanto, para isso, é preciso compreender como as exposições, desenvolvidas por museus históricos e ortodoxos (que são o nosso recorte), foram apropriadas como narrativas históricas e as implicações da instauração da instituição museal como um dispositivo de poder-saber perante as problemáticas acerca dos conceitos e perspectivas de identidades e representações coletivas instituídas pelos museus ao longo de suas trajetórias, já que tais instituições têm se configurado no último século como referência sobre a história material da sociedade contemporânea. Sobretudo, vale salientar de que maneira ocorre a relação entre público e exposição, ou seja, como os diversos visitantes consomem os circuitos expositivos e operam relações que muitas vezes, inclusive, subvertem o discurso de saber museológico. Deste modo, nos propomos trazer à baila tais reflexões a fim de compreender que práticas sociais e que categorias de pensamento tornaram ou não os discursos expográficos dos museus, balizas no que diz respeito à produção de narrativas históricas.

## **ST 16: Administração, comércio e justiça: fontes e métodos para a compreensão das múltiplas formas de sociabilidade e exercício de poder no Império Português (1500-1800)**

### **MESA 1**

**A Provedoria de Defuntos e Ausentes, Capelas e Resíduos e a prática da justiça nas Minas setecentistas**  
Provedoria de Ausentes; heranças; práticas institucionais.

Wellington Júnio Guimarães da Costa  
UFOP / CAPES  
wjunioc@yahoo.com.br

Com o trabalho em questão, temos a intenção de apresentar a Provedoria das Fazendas de Defuntos e Ausentes, Capelas e Resíduos da Comarca de Vila Rica, entre os anos de 1711 e 1808, atentando para as formas pelas quais a burocracia régia intermediava, através da Justiça local, a eclosão de conflitos. De forma geral, na Provedoria tramitavam ações que tocavam às questões de transmissão e divisão de heranças, tendo em conta o cumprimento das disposições testamentárias daqueles que haviam falecido sem deixar herdeiros, ou quando estes se encontravam fora da Comarca. A Provedoria atuava também em questões de interesse das irmandades que erigiam capelas nas paróquias ou freguesias. Cuidava da administração do patrimônio dessas instituições de modo a evitar abusos dos oficiais que as administravam. Na historiografia sobre o Brasil colonial e imperial, existem poucas referências à Provedoria e seus agentes. Os estudos sobre transmissão de heranças e pecúlios pouco falam sobre os trâmites judiciais, sobre o papel, os alcances e os limites da Justiça régia nesse processo. Nesse sentido, este trabalho tenta demonstrar minimamente o que era a Provedoria e como se dava o seu funcionamento interno, isto é, como era estruturada, as relações entre os seus funcionários, bem como as suas atribuições.

**Testamentos e legislação eclesiástica no Brasil setecentista**  
Morte; testamentos; legislação eclesiástica brasileira; Igreja Católica; século XVIII.

Denise Aparecida Sousa Duarte  
UFMG  
ddenao@yahoo.com.br

Valquiria Ferreira da Silva  
UFMG/CNPq  
historiaval@hotmail.com

Wesley Fernandes Rodrigues  
UFMG/CAPES  
wesley\_fernandes@yahoo.com.br

A proposta de comunicação objetiva refletir sobre a tentativa da Igreja Católica em normatizar o comportamento dos fiéis frente à morte no Brasil no início do século XVIII (especialmente no que concerne a elaboração dos testamentos), com a definição dos procedimentos necessários para que a “boa morte” fosse alcançada, e que foram expressos nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. No entanto, o conceito de bem morrer definido pelo catolicismo ia além das expressões de fé no momento derradeiro, se relacionando a uma vida “(...) pautada pela interiorização e prática dos valores ético-cristãos”, isto é, a observação atenta dos preceitos religiosos durante toda a vida do fiel. Mas, pela observação dos indícios da vivência da morte predominante nas Minas no setecentos, percebemos que ocorreu uma valorização dos momentos finais da existência terrena, com a busca pelo perdão dos pecados atrelada, dentre outros termos, a elaboração de testamentos. As atitudes diante da morte e a legislação não podem ser compreendidas, contudo, como contraditórias as principais propostas da Igreja. Elas estão de acordo com noções doutrinárias como o purgatório ou a crença na comunhão dos santos, e que, de certo modo, abriram possibilidades para a crença de que a busca pela remissão das faltas nos momentos finais da vida poderia efetivamente ser favorável à alma. Acreditamos ainda que a normatização de comportamentos, no que se refere aos procedimentos relacionados à morte, não passava somente pela chamada “pedagogia do medo”, mas juntamente com as medidas repressivas da Igreja uma série de outras medidas tinha como intuito conformar a religião católica nas Minas.

#### **Familiares do Santo Ofício: uma análise sobre os padrões de recrutamento**

Inquisição portuguesa; Familiares; América portuguesa.

Roberta Cristina da Silva Cruz  
UFRJ / CAPES  
robertacruz@gmail.com

O Tribunal do Santo Ofício em Portugal foi criado em 1536 para averiguar e punir os crimes praticados contra a fé católica. Os agentes inquisitoriais, investidos da função que julgavam essencial de manter a sociedade longe das influências heréticas, agiram na reorganização da vida religiosa, assim como na “inspeção da fé” no Reino. Na América portuguesa, apesar da inexistência de um Tribunal Inquisitorial, podemos observar os mesmos objetivos que no reino, através de visitas e de uma rede de agentes estabelecida por diferentes regiões da colônia. Dentre estes, destacamos os familiares, cargo geralmente ocupado por leigos do quadro de funcionários do Santo Ofício, que tinham a função de denunciar os desviantes da fé e, além deles, os que simulavam fazer parte da Inquisição ou do clero. Também executavam prisões quando solicitados pelo inquisidor ou pelos comissários. Durante o funcionamento da Inquisição, no Reino e nas possessões ultramarinas, o cargo foi almejado por diversas pessoas. A norma para tornar-se familiar, de acordo com o Regimento de 1640, seria a atestada “limpeza de sangue” e viver dentro dos costumes, ou seja, ter uma

conduta moral incontestável. Além disso, deveriam possuir um alto cabedal, evitando, desta forma, que o funcionário se corrompesse. Entretanto, alguns casos apresentam uma discrepância em relação à legislação inquisitorial vigente para a seleção ao cargo, possibilitando visualizar algumas tendências do período quanto à habilitação de pessoas que estavam fora do padrão exigido. Desta forma, a presente comunicação tem como objetivo discutir a importância da obtenção das familiaturas, sobretudo durante o século XVIII.

### **Análise de rede das vereações de Vila Rica e Ribeirão do Carmo durante o século XVIII**

Redes; administração; poder local; juiz de fora.

Débora Cazelato de Souza  
UFMG  
deboracazelato@yahoo.com.br

Regina Mendes de Araújo  
UFMG  
rearaujo33@yahoo.com.br

É comum encontrar na atual historiografia brasileira o uso do conceito de “redes”, sobretudo, para estudos que se dedicam a verificar o universo de mercadores, negociantes e apadrinhamentos, dentre outros. Contudo, Fábio Faria Mendes chama atenção para o fato que a noção de rede é mais utilizada “como uma metáfora do que como um conceito analítico.” (MENDES, 2012, p.45). O uso de programas computacionais para a elaboração/construção dessas redes vem sendo muito utilizado. Nessa comunicação, nosso objetivo é analisar a composição camarária de Vila Rica e Ribeirão do Carmo, recorrendo a elaboração de redes através do uso do software *Pajek*. Para tal, partiremos do levantamento dos “homens bons” que exerceram cargos nas câmaras no período entre 1711-1800. E ainda, para o caso de Vila do Ribeirão do Carmo/Mariana, também analisará a presença da figura do Juiz de Fora. Como Vila Rica nunca recebeu a nomeação de um juiz de fora, a comparação entre as duas Vilas se faz necessária, já que nossa maior suspeita recai sobre não haver grandes mudanças de poder nas Vilas, sendo as Câmaras comandadas por um grupo uniforme que circula com constância no poder. De posse das redes, o principal objetivo será verificar quais homens se destacaram, ou seja, quais permaneceram por mais tempo na Câmara de Vila Rica e, sobretudo, visualizar a composição camarária do século XVIII em duas das principais vilas mineiras. Como referido anteriormente, o uso de programas computacionais como o caso do *Pajek* permite melhor visualização das relações em comparação ao formato tabular (planilhas e tabelas). O presente trabalho pretende apresentar resultados referentes a análise de redes existentes dentro da administração local setecentista, chamando atenção para indivíduos que ocuparam papel de destaque dentro da sociedade.

## **MESA 2**

### **O Diretório em Minas Gerais: o índio na política pombalina e a via militar como estratégia de ascensão social (1758-1798)**

Índio; Diretório; militar.

Ranier José de Andrade Quinto Gomes  
UFOP  
ranierr@yahoo.com.br

A apresentação proposta se norteia na análise dos discursos e práticas da Coroa Portuguesa referentes à ocupação e povoamento dos Sertões de Minas Gerais, bem como o reflexo dessas ações, seu impacto e as inflexões promovidas pelas demandas da sociedade colonial nos campos social, militar e político, no contexto

das legislações indigenistas pombalinas. Nessa conjuntura, os indígenas adquirem papel privilegiado, se tornando alvos de políticas de integração e exploração, valorização e controle. É nosso propósito analisar as ações que objetivavam a criação e valorização de uma oficialidade indígena, e de que forma estas medidas foram instrumentalizadas em benefício próprio por essa elite indígena, além de seus desdobramentos na estrutura social da colônia. Desta feita, partimos de uma abordagem que privilegia a política de construção e atuação de uma elite indígena através da concessão de patentes militares, nos limitando espacialmente à Capitania de Minas Gerais, compreendendo o período de 1758 - ano de publicação do Alvará que determinou a extensão das leis de liberdade dos índios de 4 e 7 de julho 1755, e das disposições do Diretório dos Índios do Pará e Maranhão, à todo o Estado do Brasil - até 1798 - ano da extinção oficial deste código legal indigenista. Tendo por atores as elites indígenas integradas ao oficialato das tropas militares, e os discursos e práticas das autoridades metropolitanas e luso-brasileiras, podemos observar as transformações ocorridas na sociedade colonial mineira, decorrentes do jogo de interesses e tensões característicos do pacto colonial, incluindo-se aí a continuidade das práticas de resistência indígena, porém ressignificadas e readaptadas para uma nova realidade.

### **Guerra dos Discursos e Guerra Guaranítica: disputas políticas no contexto das demarcações de limites do Tratado de Madrid (1750-1756)**

Brasil Colônia; Tratado de Madrid; Política colonial; Guerra Guaranítica.

Millena Souza Farias  
UFF / FAPERJ  
millena.ms@gmail.com

O presente trabalho trata do conflito originado pela resistência jesuítica e guarani durante a execução do Tratado de Madrid (1750), mais especificamente, entre os anos de 1752 e 1756. Os jesuítas armaram e orientaram os índios a rechaçar os demarcadores, impedindo o processo de remoção para a região que seria cedida aos espanhóis, a Colônia do Sacramento. O ex-jesuíta Bernardo Echevarr  – figura pol mica dentro da Companhia de Jesus –, autor de *El reyno jesuítico del Paraguay, por siglo y medio negado y oculto, hoy demonstrado y descubierto* (1770), também integrou a tropa da Terceira Partida espanhola como capelão, acompanhando o conflito e seu *post bellum*, até o ano de 1758, dois anos após o fim da Guerra Guaranítica. Pretende-se demonstrar como ambos os lados articulavam o discurso de posse sobre as terras em litígio e relacioná-las ao texto de Echevarr . Com o acervo da Cole o Angelis (FBN), pudemos observar e analisar os argumentos de portugueses e espanhóis versus jesuítas e guaranis.

### **Alimenta o, entre custos e tributos na segunda metade do século XVIII em Campos dos Goytacazes**

Economia colonial; alimenta o; tributos; Campos dos Goytacazes; século XVIII.

Franciane da Silva Ribeiro Vasconcelos  
Universidade Federal Fluminense  
franvasconcelos20@hotmail.com

Esta comunica o aborda o tributo coletado pela Câmara da Vila de São Salvador, na Capitania da Paraíba do Sul (Campos dos Goytacazes); tal imposto era cobrado sobre a aguardente e carne verde, segundo o livro de recebimento de impostos sobre a aguardente, do ano de 1774 a 1806 e o livro de termo de arroba o da carne verde de 1774 a 1785. Os manuscritos estão disponíveis no Arquivo Público de Campos dos Goytacazes. Com isso, pretende-se analisar a dinâmica do mercado interno de Campos na segunda metade do século XVIII através dos custos e dos impostos cobrados sobre esses alimentos. O recorte temporal pesquisado, até a

presente data, é do segundo semestre de 1774, em que se compara a arrecadação da coleta literária da aguardente com a da carne verde.

### **Entre a Metrópole e a Colônia: a reforma militar empreendida por Dom Antônio de Noronha ( 1775 – 1780)**

Joyce Faria Nogueira.  
PUC-Minas.  
joycenogueira@outlook.com

A milícia, nas Minas Gerais setecentista, possuía várias atribuições, de instrumento fiscal do governo à desbravadora dos sertões. Esta organização estava diretamente ligada ao Governador e a Junta de Justiça, esporadicamente convocada. Por estar atrelada ao oscilante ideário de justiça, a milícia passou por diversas modificações na colônia desde que fora criada, algumas delas promovidas por Dom Antônio de Noronha, governador da Capitania de 1775 a 1780. O Secretário de Estado da Marinha do Rei, Martinho de Melo e Castro, deixara instruções precisas para Dom Antônio: sua primeira obrigação era prover reformas no corpo militar da capitania. Nos anos que se seguiram, o Governador trabalhou para reestruturar, disciplinar e treinar a milícia das Minas Gerais, mas é preciso entender seu passado para estudarmos plenamente tal reforma. Vindo de uma família com tradição militar, Dom Antônio de Noronha era capitão no Exército português quando a Guerra dos Sete Anos finalmente chegou às fronteiras de Portugal. Juntamente com ela, chegaram os reforços ingleses e um alemão que mudaria o rumo do conflito: o Conde de Lippe. Este homem repensou todas as estruturas militares de Portugal, tendo o cuidado de deixar por escrito as diretrizes de sua proposta, que deveriam ser colocadas em prática também nos domínios ultramarinos. Dom Antônio de Noronha não só tinha ciência de tal reforma como a vivenciou. Aliado a isto está o alvará de D. José I que, como dito, tornava obrigatória a reforma dos corpos militares das colônias a partir dos princípios de Lippe. Deste modo, esta proposta de comunicação é um convite para se pensar a efetividade da reforma de Dom Antônio de Noronha na Capitania das Minas Gerias e suas conexões com as reformas promovidas pelo Conde de Lippe. É um convite para pensar a milícia como braço da justiça colonial, como método e proposta administrativa portuguesa e como um mecanismo de exercício do poder.

### **Inácio Correia Pamplona: um 'herói' para o sertão mineiro setecentista**

Sertão; entradas; Minas Gerais setecentista.

Maria Emília Aparecida de Assis  
UFSJ  
mariaemilia\_assis@yahoo.com.br

A presente comunicação busca elucidar a constituição “épica” de uma das figuras mais emblemáticas e paradoxais da história colonial mineira, o mestre de campo Inácio Correia Pamplona. A construção alegórica do personagem foi edificada pelos homens que integravam a entrada de 1769 rumo à conquista do sertão mineiro, a partir de 14 poemas que foram compostos durante a expedição. Os poemas exaltam a imagem de Pamplona como um “herói” para o sertão, figura extraordinária por seus feitos guerreiros, seu valor e sua magnanimidade. No entanto, em contrapartida, o que se pretende é colocar a figura mítica no seu devido lugar: o sertão oeste das Minas Gerais na segunda metade do setecentos, demonstrando que esta visão romantizada foi fruto de motivações políticas específicas que acabaram por tornar o sertanista uma figura transcendental aos olhos de seus homens. Inácio Correia Pamplona foi a figura escolhida pelas autoridades coloniais como representante de um projeto do sertão a “civilizar”. Os poemas, ao se dedicarem à construção

da imagem de Pamplona, reagem à persistência de uma visão “bárbara” e negativa do sertão. Assim, Inácio Correia Pamplona seria o homem, por excelência, que promoveria o combate à “barbárie” e desafiaria o isolamento daquela região. O “cavaleiro do sertão” traria a “civilização” para o povo do oeste de Minas. Homem multifacetado, Pamplona era guardião de um mosaico de interesses que muito usou do sertão para reclamar inúmeras benesses junto às autoridades metropolitanas. A construção de uma retórica exagerada em torno de sua imagem, na verdade foi apenas uma forma de vangloriar seus feitos, ora mais evidente, ora mais camuflada, sendo necessário perscrutar através do sertão.

# Comunicação Livre

## MESA 1

### **Entre a Escravidão e Liberdade: diferentes formas de se conceber o negro no contexto escravocrata brasileiro**

Escravidão; Negro; Escravo; Cativo; Liberdade.

Laura Aparecida Gomes Oliveira  
UNIMONTES  
lauraoliveira16@hotmail.com

A literatura revela que a matriz do dissenso historiográfico se encontra diretamente relacionada à caracterização do sistema escravista em dois polos extremos: ora representado, por uns, como violento e cruel, ora caracterizado, por outros, como brando e benevolente. Nesta perspectiva, muitos questionamentos se interpõem, dentre os quais: qual a visão do próprio negro em relação à sua condição de escravo? Que representações de liberdade foram construídas nas relações escravistas brasileiras? A que se referiria, no contexto da escravidão, o termo resistência? Inúmeras indagações podem ser elencadas, da mesma forma como incontáveis e divergentes podem ser as respostas às mesmas, tendo em vista as diferentes formas de conceber o negro e sua visão de liberdade e escravidão. É neste sentido que se encontra o eixo central do presente estudo, que visa, sobretudo, examinar as diferentes representações construídas a respeito da história do negro no regime escravocrata brasileiro.

### **As diversas formas de escrever sobre o negro e a contestação republicana do poder Imperial: representações e discursos sobre negros no final dos Oitocentos e o embate entre Império e República nos jornais paulistas**

Representação; Negros; Século XIX; Cultura Imprensa.

Marco Túlio de Souza Lima  
Unesp - Franca  
marco\_dup@yahoo.com.br

No final dos Oitocentos ficaram evidentes mudanças em vários sentidos no Brasil Imperial. Em relação à política, o que se destaca é o cumprimento efetivo de leis a favor do escravo, nem tanto pelos senhores de cativos, e sim mais pelo império que foi forçado de diversas maneiras a afrouxar a situação do escravo negro no Brasil. Dessa forma, vamos chegar até 13 de maio de 1888 a lei da abolição da escravatura no Brasil Imperial. Em relação a cultura, vemos também o fortalecimento da imprensa no Brasil. Vindo de um período, conturbado a cultura impressa toma mais destaque quando a família real se estabeleceu no Brasil em 1822. Sendo assim os jornais tomaram proporções notáveis, objetos de instrução e disputas e um grande veículo de circulação de ideias e informações. Com isso, na província de São Paulo, temos a emergência de jornais de cunho conservador que criticavam as ações do Imperador. Notamos uma maior crítica quando se relaciona aos marcos políticos referentes a situação do escravo, e observamos que há nesses periódicos situações em que essas novas leis são totalmente rechaçadas levando a crer que essa estratégia do governo está ligada a má administração do Império. Podemos observar que muitos desses donos de jornais eram donos de escravos e até mesmo quem escrevia, o sentimento republicano também foi visível nos jornais paulistas trazendo grandes entraves nos impressos jornalísticos entre os que defendiam o Império e aqueles que viam na república melhores horizontes. Sendo assim, tentarei mostrar como foi a representação dos negros nos jornais paulistas, entre 1870 a 1890, onde tentarei mapear as diversas formas de discurso sobre o negro nessa imprensa paulista.

Observarei também com foi essa disputa política entre os jornais que defendiam o Império e aqueles que clamavam pela república.

## MESA 2

### **‘Apto a todo tipo de trabalho’: a importância do escravo como mão de obra e mercadoria na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição 1865 - 1888**

Escravidão; sul de Minas Gerais; Ofício escravo.

Viviane Tamiris Pereira  
UFSJ / CAPES DS  
vivianetpereira@yahoo.com.br

Esta comunicação busca prover um estudo acerca das transações comerciais envolvendo escravos na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, na segunda metade do século XIX. A localidade abordada, situada no sul da Província de Minas Gerais, em consonância com sua região, possuía uma economia voltada para o abastecimento interno, e dispunha da mão de obra escrava em múltiplas atividades mercantis e agropecuárias. Procuramos estudar documentos cartoriais como escrituras de compra e venda, e de outras atividades comerciais envolvendo escravos como penhoras, hipotecas, doações e aluguéis; bem como alguns inventários, a fim de tentar construir um panorama geral das relações comerciais estabelecidas na região, avaliando o perfil de vendedores e compradores. Analisamos também os cativos comercializados, a partir de variáveis como idade, sexo e qualificação profissional. A partir de uma análise qualitativa das fontes nos foi possível perceber a importância do escravo como força de trabalho para as grandes e médias propriedades da freguesia. Do mesmo modo podemos notar o valor do cativo como mercadoria, cuja comercialização por vezes chegou a infligir leis sancionadas.

### **Ascensão e inserção social de libertos e seus descendentes: o caso da Família Sena, em Campos dos Goytacazes (1755-1801)**

Relações Familiares; Mobilidade Social; Demografia Histórica.

Valdeci Silva Izabel Junior  
UFF / FAPERJ  
valdecisij@hotmail.com

Os registros paroquiais são como luminárias que nos possibilitam enxergar detalhes ainda obscuros em nossa historiografia dedicada ao período setecentista e oitocentista. O projeto consiste em digitalizar, catalogar e, num banco de dados, criar um guia de fontes baseado nos registros paroquiais de batismos, casamentos, óbitos, inventários e testamentos de livres e escravos das principais freguesias das regiões Norte e Noroeste do Estado do Rio de Janeiro nos séculos XVIII e XIX, junto com a análise bibliográfica relativa ao tema e aos métodos de pesquisa. Existe uma grande lacuna na História de nossa região, na utilização dos recursos dessas fontes. A Família Sena, formada de pardos livres, que é o objeto dessa pesquisa, é importante para ressignificação do papel dos escravos e forros de vítimas para agentes sociais. Constituída de pardos forros, ao longo de anos, portanto, de forma geracional, vai ascendendo socialmente ao ponto dos filhos já não serem vistos como pardos forros ou libertos, mas livres.

### **As madrinhas espirituais dos escravos na freguesia de São Salvador, Campos dos Goitacases, 1800 – 1830**

Batismo; Escravidão; Império.

Luiz Gustavo Guimarães Aguiar Alves

A pesquisa se propõe a analisar as madrinhas espirituais nos batismos de escravos em Campos dos Goitacases, no século XIX, a partir dos registros de batismos da paróquia de São Salvador. Utilizarei como metodologia a combinação entre métodos quantitativos e qualitativos. Os resultados do trabalho são os mais de 1000 registros já digitalizados, onde transcrevi em torno de 450 registros. As digitalizações e transcrições fazem parte da criação de um banco de dados com os registros paroquiais do Norte Fluminense. Pretendo analisar as protetoras espirituais nos batismos, e, a partir daí, fazer um estudo das adaptações do catolicismo pelos negros, cativos ou libertos na Capitania da Paraíba do Sul, levando em conta sua parcela neste processo como agentes culturais.

### MESA 3

#### **A Revolução Francesa e o Oriente: o impacto da Revolução Francesa na região da Ásia e da África a partir das campanhas militares das legiões estrangeiras francesas**

Francesa; Oriente; legião estrangeira francesa.

Átila Siqueira Martins Lopes  
UFMG / CNPQ  
atilasiqueira1@gmail.com

A Revolução Francesa é um evento bastante singular e paradigmático na história do Ocidente moderno, bem como na história da humanidade, tendo não somente marcado sua época como toda a posteridade. Contudo, poucas são as análises feitas sobre sua influência no novo modelo de colonialismo europeu que foi implantado na África e na Ásia. Dessa forma, esse texto pretende levantar essa questão e discuti-la brevemente através da relação pouco trabalhada entre a Revolução Francesa, os legionários estrangeiros franceses, e o neo-colonialismo da metade do século XIX.

#### **‘Uma Europa beata e bárbara’: o debate ilustrado acerca da civilização**

Luzes; Civilização x Barbárie; Abade Raynal.

Átila Augusto Guerra de Freitas  
UFMG / CNPQ

atilaaugusto\_freitas@hotmail.com

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma breve análise sobre o conceito de “civilização” [e do seu antônimo: barbárie], discutindo em que contexto ele apareceu e as formas como foi apropriado no e pelo pensamento europeu no século XVIII. Tendo em vista o pensamento ilustrado, tenho como objeto as obras do Abade Raynal, para tentar dar conta de perceber como esse ilustrado francês usou o termo “civilização” e as ideias de “civilizar” que envolviam as Luzes, a religião e a colonização. Usando do aporte teórico para analisar as várias teorias ou filosofias da história, à época dos setecentos, que consideraram a civilização como o processo fundamental da história, pretende-se demonstrar, através da obra de Raynal, que “civilização e progresso são termos destinados a manter as mais estreitas relações”: um ideal moderno da história como o progresso da Razão – universal e emancipatória – que “civilizaria” os selvagens do Novo Mundo.

**As ‘Carmagnoles’ e a introdução da questão social ao debate revolucionário francês**

Carmagnole; Música popular; Revolução.

Allysson Fillipe Oliveira Lima  
UFMG  
lima.historia@gmail.com

A primeira definição por mim encontrada em um glossário para a palavra *Carmagnole* aponta para um tipo de casaco curto. Em 1792, durante a Revolução Francesa, a *Carmagnole* passa a designar também uma música, uma dança, uma forma de expressão dos revolucionários. Nesta pesquisa o foco recai sobre o que a permite circular entre o *peuple*, que tipo de questionamento ela pode propor e quais práticas ela poderia engendrar. O estudo da *Carmagnole* passou pela intenção de compreendê-la enquanto música popular, portanto com traços específicos do gênero. Tive como fontes teóricas principais autores como Hannah Arendt, François Furet, entre outros, dos quais procurei extrair conceitos que me permitissem considerar aspectos da Revolução Francesa, como o papel do *peuple* dentro dela e dos *sans-culottes*. Proponho com esse projeto que a *Carmagnole* é o *peuple* da França. Ela traz à tona a miséria e o desejo pela luta. Ela é a expressão da emoção em meio ao racionalismo ilustrado. É, assim, que ela se permite circular e engendrar práticas políticas durante a Revolução.

#### **Direito de resistência na Revolução Inglesa**

Revolução Inglesa; Direito de Resistência; Republicanismo.

Pedro Henrique Barbosa Montandon de Araújo  
UFMG  
pedrobarbosa89@gmail.com

O trabalho a ser apresentado tem como eixo central o Direito de Resistência, ou seja, o direito de súditos e cidadãos a resistirem a um poder já instituído, seja o governante um rei ou republicanamente constituído. Para tanto, a apresentação se estruturará em três partes: Um ensaio sobre o desenvolvimento do direito de resistência na Europa medieval e moderna; a chegada desta ideia na Inglaterra pré-revolucionária e a sua mudança radical na eminência do julgamento real. Esta estrutura de apresentação permite o entendimento de uma ideia em difusão e desenvolvimento, em que as três esferas se conectam e se influenciam, traçando linhas de debates políticos e fugindo da compreensão de um mundo das ideias imanente, associando a produção de uma ideia política ao tempo em que ela é exposta. Para tanto, utilizarei da exegese textual das principais obras em que esta ideia é apresentada e do contextualismo histórico de Quentin Skinner e Peter Laslett.

#### **MESA 4**

##### **A zona suburbana da Capital de Minas: surgimento e evolução histórica – discussões bibliográficas**

Belo Horizonte; História das Cidades; Zona Suburbana.

Bruno de Carvalho Corrêa  
UFMG  
cappai.bruno@gmail.com

A produção bibliográfica existente sobre a cidade de Belo Horizonte atinge um grau quantitativo e qualitativo que permitem sua afirmação como tema de pesquisa histórica de alta relevância. Ao entendermos que o objeto ora estudado é uma cidade, viva, que necessita conhecer seu curto passado para compreender melhor aonde pretende chegar, esse destaque torna-se ainda maior. Contudo, os trabalhos sobre regiões situadas fora do cinturão da Avenida do Contorno, cujo interior foi pensado como primeiro perímetro urbano de Belo Horizonte, ainda se fazem necessários, tendo em vista que geralmente a atenção do poder público e do meio

acadêmico sobre a cidade recai em regiões situadas dentro deste limite. Esta comunicação tem por objetivo propor um debate sobre a produção bibliográfica voltada para as zonas suburbanas de Belo Horizonte nas mais diversas áreas do conhecimento, bem como debater a situação dessa região e das políticas públicas vigentes para ela ainda hoje.

**Belo Horizonte, futuro do pretérito: um estudo de caso do paradoxo da modernidade**

Juscelino Kubitschek; Belo Horizonte; modernidade; modernização; modernismo.

Lucas Henrique de Almeida Amorim

PUC Minas

luk.amorim@live.com

A construção da cidade Belo Horizonte protagonizou uma das maiores obras simbólicas da República recém-instaurada: uma cidade projetada, que trouxe a promessa de promover transformações radicais na mentalidade que até então estava delimitada em moldes tradicionais de um passado colonial, escravocrata e ruralista. Com “os loucos anos 20” os símbolos que expressavam o progresso e o novo tornaram-se rapidamente em ultrapassados e, até a década de 1940, a cidade ficou parada no passado. Juscelino Kubitschek, em sua administração, fez Belo Horizonte passar novamente por uma reformulação urbana, inserindo-se tudo aquilo que significava progresso e desenvolvimento. A jovem capital caminhava novamente em rumo à modernidade e a Pampulha caracteriza-se como a envergadura máxima da ação desenvolvimentista de Juscelino. Observa-se neste contexto uma absorção positiva das intervenções urbanísticas propostas por JK. Contudo, a urbanização por si só não carrega a modernidade; ela é parte de um processo que conduz a uma mudança na mentalidade e conseqüentemente, às sociedades ao status de modernas. Através da análise de jornais mineiros da década de 1940 este artigo visa trabalhar com a hipótese de que não houve mudança na mentalidade e que a rejeição ao modernismo comprovaria que Belo Horizonte não pôde, neste contexto, ser elevada ao status de moderna.

**A religião do afrodescendente no Brasil: a fundação do primeiro terreiro de candomblé em Belo Horizonte**

Religião; afrodescendente; candomblé.

Rosilene Maria Martins

Uni-BH

rosilenemartins@hotmail.com

O valor cultural e religioso do afrodescendente abrange todo o território brasileiro. No desenvolver dessa pesquisa será explicado como os iorubás vieram da África para o Brasil a partir do século XIX, deixando para seus descendentes a prática religiosa. Como se uniram para construir uma forma de cultuar seus deuses denominados orixás e as suas crenças em um só local, denominado terreiro de candomblé. Como essa forma de cultuar os deuses chega até Belo Horizonte com a fundação do primeiro terreiro de candomblé nessa cidade denominado Ilê Wopô Olojukan, que no dialeto iorubá quer dizer tronco de Oxossi. Como a família de santo do referido local de culto se preparam para as práticas religiosas principalmente a festa de Oxossi, panteão do terreiro. O desenvolvimento do candomblé foi marcado por parte dos grupos negros que reelaboraram sua identidade social e religiosa sob as condições adversas da escravidão e posteriormente do desamparo social, tendo como referência as matrizes religiosas de origem africana.

**O Cemitério do Bonfim: A História da Morte em Belo Horizonte no final do século XIX e início da República**

Belo Horizonte; Bonfim; Epidemias; Morte.

Alexandre Alcides Toledo Pinto  
 Uni-BH  
 alexandretoledohistoriador@hotmail.com

O projeto vai abordar a questão da morte em Belo Horizonte, do Cemitério da Matriz, passando pelo provisório até o definitivo Bonfim. A questão das epidemias em Belo Horizonte como a Tuberculose e a Gripe Espanhola. O pensamento das pessoas na época sobre a morte e sua discursão em torno dela para um lugar distante que é o Bonfim. O início da República no Brasil e a construção de uma cidade planejada que é Belo Horizonte e o trabalho da comissão construtora nas questões de salubridade e higienização na nova capital.

## MESA 5

### **Patrimônio Material: os efeitos da chamada 'fase heroica' do IPHAN na cidade de Mariana**

Mariana; IPHAN; Patrimônio Nacional; Fase Heroica.

Aline Maria de Aguiar da Silva  
 UFV  
 aline.aguiar@ufv.br

O trabalho *Patrimônio Material: Os efeitos da chamada 'fase heroica' do IPHAN na cidade de Mariana* pretende analisar como o barroco mineiro se tornou parte indenitária da sociedade mineira. Tal análise foi orientada pelos documentos do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, o IPHAN, e será localizado na cidade de Mariana, tendo em vista as mudanças que a cidade sofreu nos setecentos, a partir do Plano de Alpoim, e as particularidades que envolvem tais mudanças. O trabalho se limita a analisar os Livros do Tombo IPHAN (documentos do Livro Histórico e do Livro de Belas Artes) e as publicações dos anos 1937 a 1968 das Revistas do Patrimônio do mesmo órgão, (somente não será levado em conta neste trabalho o conteúdo da edição numero 7 da Revista do Patrimônio, que, ao contrario dos outros documentos utilizados, não se encontra disponível no site do IPHAN) observando a relevância dada ao barroco mineiro nas edições da revista, bem como a recorrência de artigos que tratam de arquitetura como patrimônio histórico em detrimento das áreas de historia oral, pintura, escultura, musica, etc.

### **Casa de Cacos: potencialidades educativas**

Casa de Cacos; ensino de arte; educação patrimonial.

Gilson Rodrigues Mariano da Silva  
 UEMG/UFMG  
 gilsonrodrigs@gmail.com

Esta pesquisa aborda a Casa de Cacos e foi apresentada à Universidade do Estado de Minas Gerais como trabalho final do curso de Artes Visuais Licenciatura. A Casa de Cacos é um exemplar da arquitetura espontânea erguida em Contagem na década de 1960, tombada desde 2005. A mesma sofre com a falta de restauração do espaço físico e manutenção de sua memória. Este trabalho apresenta as potencialidades educativas que a Casa de Cacos possui, e que podem ser exploradas de forma interdisciplinar por professores de diversas disciplinas. Aqui sugere-se a união entre o ensino de arte e a educação patrimonial como forma de contribuir para a legitimação do valor cultural que a Casa representa para a educação e também para a história da cidade de Contagem. Ao final, baseado na convergência das áreas citadas acima foi possível construir roteiros de mediação almejando no futuro o contato direto de alunos com um objeto artístico, propiciando também a formação de uma postura preservacionista dinâmica.

**Educação patrimonial para o desenvolvimento territorial: como o patrimônio cultural pode contribuir para a construção de práticas voltadas para o desenvolvimento**

Patrimônio cultural; educação patrimonial; desenvolvimento territorial.

Leila Martins Ramos  
UFMG  
leilamartinsr@hotmail.com

O objetivo desse artigo é trazer algumas reflexões sobre como utilizar a educação patrimonial como instrumento para o desenvolvimento sustentável é a questão que se impõe no momento. Uma gama de possibilidades pode ser levantada e uma política pública eficaz nesta direção deve ser capaz, antes de tudo, de ter como princípio fundamental um amplo conhecimento do patrimônio cultural local. As ações voltadas para patrimônio cultural são atualmente reconhecidas também pelo seu potencial econômico. É a economia do intangível, do simbólico, daquilo que se alimenta dos talentos criativos, daquilo que se organiza individual e coletivamente para produzir bens e serviços criativos. Valorizar e considerar o Patrimônio Cultural como elemento chave para um desenvolvimento do território uma vez que permanece, preserva, educa e porque pode gerar riquezas propondo, por exemplo, a interface com o turismo cultural e educação ambiental.

**A cidade de Ouro Preto como Patrimônio da Humanidade: conservação, preservação e memória Social**

Conservação; preservação; memória social.

Katilene dos Santos  
UNI-BH  
katysantos25@outlook.com

O surgimento da inquietação referente à preservação da Cidade de Ouro Preto, logo após a transferência da capital para “Belo Horizonte”, a importância do seu tombamento em 1938 pelo IPHAN e o título recebido pela UNESCO como Patrimônio Cultural Mundial. Para estudo deste projeto focarei nas questões de pertencimento da população junto aos bens tombados, patrimonização e museificação da Cidade.

**MESA 6**

**Educação Musical Brasileira: um percurso histórico para a compreensão da atualidade**

Educação musical; história da música; sociologia musical; metodologia.

Kleberson Marcos Costa Calanca  
UNASP /PIBID-CAPES  
klebermusic@yahoo.com.br

Rafael Beling Rocha  
UNASP /PIBID-CAPES  
rafaelbeling@gmail.com

A educação musical, durante muito tempo, foi construída sob uma ótica inatista, sendo a musicalidade vista como algo estabelecido a priori no ser humano e, portanto, disponível apenas a alguns poucos capacitados. Atualmente, com o desenvolvimento da psicologia e seu uso na educação musical, teorias mais recentes e mais inclusivas, que assumem a música como uma linguagem desenvolvida no ser humano partindo de suas relações sociais, são utilizadas para auxiliar o ensino e as práticas musicais. O presente trabalho tem por objetivo levantar uma linha cronológica das práticas de ensino musical no Brasil levando em conta o contexto

histórico no qual estava inserida e busca entender como as teorias foram sendo utilizadas e adaptadas conforme a sociedade se transformava.

**A educação e as redes de sociabilidade em Minas Gerais a partir do jornal 'O contemporâneo' (Sabará – 1889/1902)**

Imprensa; Educação; Sabará; século XIX.

Isabella Brandão Lara  
UFMG / FAPEMIG  
isabellabrandaolara@gmail.com

O presente trabalho é parte do Programa de Pesquisa “Moderno, Modernidade e Modernização”, da FaE/UFMG, e tem como objetivo debater sobre a educação e as redes de sociabilidade em Minas Gerais a partir da ótica do jornal *O Contemporâneo*. Este impresso foi produzido na cidade de Sabará entre os anos de 1889 e 1902, e apresentou projetos de desenvolvimento e progresso para o Brasil que envolviam, sobretudo, a instrução e a civilidade da população. *O Contemporâneo* ansiava a educação agrícola, a educação da mulher, a educação noturna e a educação profissional como vias de emancipação do país. Era veículo de circulação de ideias republicanas e de divulgação literária. Os resultados preliminares demonstram que *O Contemporâneo* estabeleceu diálogos com seus leitores - que interagiam com o jornal através de cartas - e serviu como referência para outros periódicos. Além disso, apresentou-se como espaço de reivindicação por melhorias na educação pública na última década do século XIX.

**Escolas Normais em Minas Gerais na Primeira República: a elaboração de um novo modelo de docência (1906-1927)**

Escolas normais; Primeira República.

Larissa Menezes Góes  
UFMG / CNPQ  
larissagoes17@gmail.com

A pesquisa em andamento se propõe a investigar as propostas de formação de professores nas escolas normais no Estado de Minas Gerais durante o período compreendido entre a fundação da “Escola Normal Modelo da Capital”, em 1906, até 1927, quando ocorre a reforma escolar empreendida por Francisco Campos (1891-1968). Entende-se que durante os primeiros anos republicanos ampliou-se a ênfase na necessidade de uma formação regular de professores para as escolas primárias. Minha hipótese é a de que a criação da Escola Normal da Capital e dos grupos escolares, associada a significativas mudanças políticas, sociais e econômicas do Estado, foi um importante fator de contribuição para a redefinição do modelo de docência. Para o desenvolvimento desta pesquisa, tem-se analisado as sucessivas reformas referentes ao ensino normal implementadas durante o período, a organização das escolas normais e o processo de institucionalização de um novo modelo de docência expresso nas exigências morais e intelectuais necessárias ao cumprimento da função docente, na regulamentação da profissão de professor e nas proposições de currículo escolar das escolas normais.

**Impacto da Lei Federal 10.639/03 no ensino de História**

Lei Federal 10.639/03; identidade Negra; ensino de História;

Geraldo Aparecido da Silva Gomes  
UFOP / CAPES  
geraldogomes20010@hotmail.com

Este trabalho mostrará a experiência que nós bolsistas do subprojeto “PIBID-PED-UFOP História, Cultura e Literatura africana e afro-brasileira” vivenciamos em um ano de projeto, na tentativa de implantação da lei 10.639/03. O projeto atua em Mariana/MG nas escolas estaduais Dom Benevides e Professora Santa Godoy; e em Ouro Preto/MG na Escola Municipal Izaura Mendes. Procurando gerar uma conscientização das relações étnico-raciais, o subprojeto promove o envolvimento dos professores com a lei 10.639/03, o resgate da memória africana e afro-diaspórica, e a construção de uma visão positiva sobre a herança africana e da própria identidade negra, em ambos os municípios.

## MESA 7

### **Conhecendo a realidade, ‘Ilha das Flores’: refletindo o lixo na escola estadual do Parque São Jorge**

História local; meio ambiente; consumo; globalização; interdisciplinaridade.

Johny Assunção Tomé

UFU / CAPES

johny\_assuncao@yahoo.com.br

Kathlleen Terra Angelim Figueiredo

UFU

kathlleenterra@yahoo.com.br

Cardozo da Cunha júnior.

UFU / CAPES

juniorcardozo@bio.ufu.br

Este trabalho tem o objetivo de analisar a experiência construída através Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, com os estudantes do 3º ano do ensino médio na Escola Estadual do Parque São Jorge, na periferia do município de Uberlândia. O projeto desenvolveu a oficina “Conhecendo a realidade” no ano letivo de 2013. A partir do documentário “Ilha das Flores”, elaborou estratégias que abordassem conceitos sobre interdisciplinaridade proposto nos Parâmetros Nacionais do Ensino Médio. O curta permitiu discutir problemas presentes na sociedade capitalista, como a desigualdade social, o aumento do consumo no mundo globalizado, e a grande quantidade de resíduos produzidos. Contudo além da discussão teórica, e dos posicionamentos dos estudantes através de anotações sobre o tema, também orientou os estudantes a realizarem um levantamento no bairro, através de redações e fotografias do consumo e do lixo no bairro, buscando a reflexão sobre as questões ambientais na sociedade.

### **Projeto Lugar: o lugar Feira de Santana e suas influências no ensino de História local na cidade**

História local; ensino; lugar.

Marta Maria Guimarães Alves de Lima

UEFS / PROBIC

guimaraes.mm@hotmail.com

Diego Freitas Leite de Almeida

UEFS

d.leitalmeida@gmail.com

O presente artigo trata das características de composição e formação do Projeto Lugar. O núcleo de estudos visa abordar a questão das características do “lugar” Feira de Santana e como elas influenciam a composição

do ensino sobre a História Local da cidade. Apresenta caráter interdisciplinar, sendo formado por professores universitários e graduandos das áreas de História, Geografia e Biologia. Por meio do diálogo interdisciplinar, a construção de novas formas de ensino, metodologias e criação de material didático sobre a História Local da referida cidade, são construídas. Um dos principais objetivos do núcleo é aproximar o diálogo entre os professores das escolas públicas de Feira de Santana, para a academia. Por meio dessa conversação os professores do ensino básico são motivados a continuarem seus estudos por meio da pós-graduação. O projeto de extensão busca também a troca de experiências entre os representantes da educação fundamental e do ensino superior. E, a partir dos resultados da pesquisa-ação, formular trabalhos acadêmicos acerca da temática proposta.

**Educação, identidade e a questão indígena**  
Questão Indígena; escola; educação; identidade.

Raul Victor Vieira Ávila de Agrela  
UFC  
raul.agrela@hotmail.com

Em 2005 foi publicado o livro didático *Revelando Conhecimentos*, escrito pelos estudantes e org. pelos professores indígenas do povo Xacriabá (MG). Através da análise do livro didático, a pesquisa se propõe discutir como se articulam questões como: oralidade/escrita, memória/identidade e cidadania. A referência à legislação oficial e o questionamento da mesma é necessário: Constituição/88; LDB (Lei Nº9.394/96); Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena/93; Convenção 169/OIT. Aqui, entende-se a Escola Indígena Diferenciada não só como uma reivindicação ou um lugar em que se estabelece a interação/transmissão dos conhecimentos dos mais velhos para os mais jovens. Assim, não se podem relegar questões emergentes na prática escolar indígena para o campo dos estudos históricos, mesmo que um debate histórico seja dificultado pela lacuna de estudos a esse respeito, portanto, o seguinte trabalho procura, na experiência escolar e na análise do citado livro, perceber como se ordena a oralidade/escrita e a vital manutenção (e reconstrução) da identidade indígena, essa primordial para continuação de seus reclames de direito.

**O ensino de História e as histórias: o uso da literatura e do cinema na sala de aula**  
História; educação; cinema; literatura.

Camila Barbosa Monção  
UFMG  
camilabmoncao@hotmail.com

Carolina de Oliveira Silva Othero  
UFMG  
carol\_othero@yahoo.com.br

Gabriel Afonso Vieira Chagas  
UFMG  
gabriel.afonso.v.chagas@gmail.com  
Lorena Dias Martins  
UFMG  
lorenadiasmartins@hotmail.com

Matheus Pimenta da Silva  
UFMG  
ma.pimenta@hotmail.com

Nathália Tomagnini Carvalho  
UFMG  
nathalia.tomagnini@globo.com

Priscila Angélica Aguiar Marra  
UFMG  
priscila.marra@yahoo.com.br

Em 2013 teve início o projeto de extensão "Cinema, Escola e História", formado por um grupo de licenciandos em História, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Villalta. O projeto buscava levar os estudos feitos acerca do uso de recursos didáticos no ensino de história para alunos com idades entre 6 e 9 anos. Optamos por um planejamento que possibilitasse o uso do cinema e motivasse discussões de conceitos como tempo histórico e diversidade cultural; além de atividades que promovessem a desmistificação dos grandes mitos, trazendo a História para perto dos alunos e possibilitando a identificação destes enquanto sujeitos históricos atuantes. Dessa forma, escolhemos utilizar a literatura, especialmente os chamados contos de fadas e também os contos africanos, identificando-os como representações da realidade, sujeitas a elementos ficcionais e a horizontes fixados pelo seu tempo de produção, da mesma forma que o cinema. Por fim, também introduzimos algumas noções da mitologia grega para criar parâmetros de comparação entre os diferentes tipos de heróis e vilões.

## MESA 8

### **O uso de fontes no Ensino de História: Cartografia**

Ensino; História; fontes; cartografia.

Paula Miranda de Oliveira  
UFMG  
paulaoliveiramol@gmail.com

Esta Comunicação Livre tem por objetivo defender o uso de fontes históricas no ensino básico de História. Temos como exemplo a experiência com fontes cartográficas na Oficina de Fontes Cartográficas e História elaborada no PIBID/FaE-UFMG em junho de 2013, em que utilizamos mapas de diferentes contextos históricos, colocando-os como produtos de seu tempo. Entendemos que a utilização de elementos de teoria e metodologia da História no ensino básico é uma maneira de os estudantes entrarem em contato com os processos de construção do conhecimento histórico, principalmente no que tange à produção, leitura e interpretação das fontes, possibilitando a consolidação do conhecimento e raciocínio históricos e o posicionamento deles como sujeitos críticos. A partir da análise das atividades desenvolvidas pelos alunos do 8º ano desejamos problematizar as concepções de História presentes, apontar e analisar as relações que os estudantes estabeleceram com o tempo e espaço ao se verem no papel de quem produz os mapas, e, conseqüentemente, como essa função está relacionada à identidade.

### **A importância da história local na construção de identidade e sentimento de pertencimento**

Ensino; História Local; identidade; pertencimento.

Diego Santana  
UNIVALE / CAPES  
diegosantana@hotmail.com

Flávio Luciano da Anunciação  
UNIVALE / CAPES  
flaviok18@hotmail.com

A importância da História Local como fomentadora da construção de identidade e sentimento de pertencimento por alunos do ensino fundamental. A discussão fundamenta-se em experiência vivenciada na implementação de projeto de iniciação à docência (PIBID) em escola de tempo integral, no município de Governador Valadares/MG. O município de Governador Valadares implantou em 2010 a Escola de Tempo Integral. Uma das novas propostas foi a inclusão da História Local como eixo temático para todas as séries, desde a Educação Infantil, até o 9º ano do Ensino Fundamental. A inclusão da temática e o desafio de seu desenvolvimento inspiraram a elaboração do Projeto PIBID/2012: *História Local – por uma pedagogia de identidades e pertencimento*, recebido por quatro escolas municipais da cidade. A elaboração das oficinas partiu do entendimento de que História Local não se refere somente e especificamente à história da cidade, mas contempla as diversas relações familiares, socioeconômicas, políticas, socioculturais estabelecidas pelos indivíduos em seu lugar de vivência. Portanto, concluímos que o estudo da História Local é uma importante estratégia que além de transformar o ensino tradicional de história, contribui de forma significativa para a construção de sentimento de identidade e pertencimento ao local de vivência. O ensino de História Local pode dar ao sujeito/aluno a condição de se ver como protagonista de sua própria história, tornando-o também um protagonista do meio social e cultural em que vive.

**Reflexões historiográficas no trabalho com crianças de 7 anos do primeiro ciclo: uma experiência da residência docente do centro Pedagógico da UFMG**

Ensino básico; História; historiografia.

Jessica Machado  
UFMG  
jessicamachadodesouza@hotmail.com

Esse artigo relata e reflete uma experiência desenvolvida no projeto “Residência docente” no Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD). O projeto intitulado “Minha vida, minhas histórias” teve como base as discussões de temáticas historiográficas com alunos da 2ª série (faixa etária 7 anos). O enfoque principal deste estudo foi a valorização da história individual dos alunos buscando o auto reconhecimento como protagonistas históricos. O GTD desenvolvido com crianças de 7 anos do ensino fundamental teve como objetivo discutir de forma lúdica temáticas relativas à memória e as temporalidades. Para realizar as discussões propostas foram utilizados como referencial teórico autores como: Le Goff e Ricoeur. Ao longo do artigo são apresentados alguns relatos e trabalhos desenvolvidos no GTD, além de visões das crianças sobre memória e teoria da história trabalhados em sala, bem como a reflexão sobre a percepção dos alunos. Para tornar possível a realização das discussões e atividades sobre historiografia com os alunos foi necessário à escolha de um espaço físico ou “espaço de memória”, que materializasse as discussões e relações que foram abordadas em sala. Pode-se dizer que a escolha do tema “museu” tornou-se uma necessidade devido à dificuldade de abstração das crianças. Buscamos desenvolver atividades em que as crianças pudessem compreender este espaço de memória e sua utilidade para nossa sociedade.

**Cinema, Museu e Ensino de História: relato de uma experiência docente**

Ensino de História; cinema; museus; Prática.

Camila Barbosa Monção  
UFMG  
camilabmoncao@hotmail.com

Carolina de Oliveira Silva Othero  
UFMG  
carol\_othero@yahoo.com.br

Gabriel Afonso Vieira Chagas  
UFMG  
gabriel.afonso.v.chagas@gmail.com

Lorena Dias Martins  
UFMG  
lorenadiasmartins@hotmail.com

Matheus Pimenta da Silva  
UFMG  
ma.pimenta@hotmail.com

Nathália Tomagnini Carvalho  
UFMG  
nathalia.tomagnini@globo.com

Priscila Angélica Aguiar Marra  
UFMG  
priscila.marra@yahoo.com.br

Este trabalho visa o relato e análise crítica das experiências vividas no projeto de extensão “Cinema, Escola e História”, coordenado pelo Prof. Luiz Villalta, que ocorreu em 2013, na E. E. Sarah Kubitschek, com alunos de 6 a 9 anos. Nossa proposta era promover uma aproximação entre os saberes acadêmico e escolar. Para tal, elegemos três eixos temáticos: cinema, museus e história de vida. Entendendo-nos como mediadores do processo de aprendizagem das crianças, desenvolvemos atividades nas quais elas fossem os protagonistas da relação aluno-professor. Dentre as propostas, realizamos: análise crítica do filme “Uma noite no museu”; utilizando-o como fonte histórica, levantamos reflexões sobre as relações entre ficção e realidade. Discussão e identificação da função dos museus como espaços de memória e construção do “Museu da Turma”, a partir do qual abordamos o tema da história de vida. Realizamos também visitas ao Museu de Artes e Ofícios e ao Conservatório de Música da UFMG. Pretendemos com este trabalho, promover o compartilhamento de experiências docentes, o debate sobre as práticas, recursos e fontes utilizadas na sala de aula e o ensino de História.

**A Micro-história como metodologia no processo educacional: uma nova abordagem no ensino de História na Educação Básica**

Micro-história; História; educação.

Maria Renata de Alvarenga Guimarães Teixeira  
UFMG

A presente comunicação livre pretende expor os objetos e as trajetórias de investigação de uma pesquisa iniciada em 2014 no Mestrado Profissional em Educação e Docência na FAE – UFMG, realizada sob a orientação do Prof. Dr. Pablo Lima. Essa pesquisa tem como finalidade romper com os paradigmas tradicionais que ainda permeiam o ensino de História trazendo para a sala de aula as possibilidades de uma nova abordagem teórico-metodológica: a micro-história. A micro-história, movimento historiográfico iniciado na Itália, tem aparecido em diversos trabalhos no Brasil e na América Latina. Ao questionar a ordem sistemática das grandes sínteses históricas, surgiu como uma alternativa às análises generalizantes. Os grandes recortes cronológicos dão lugar à escala reduzida de observação e entram em cena os pequenos fatos, enredos e vidas. Ao mesmo tempo, a micro-história resgata o elo entre o micro e o macro sem perder o rigor analítico e a preocupação com o todo. Partindo dessa renovação metodológica, a pesquisa quer investigar as possibilidades de utilização dos pressupostos teóricos e metodológicos da micro-história na prática educativa. Pretende-se demonstrar como essa metodologia pode contribuir para um maior interesse dos educandos pela História, trazendo uma maior valorização da diversidade e da prática reflexiva na construção de sentidos pelos alunos. Ainda em sua fase inicial, esse trabalho de pesquisa está sendo desenvolvido através da aplicação de questionários em 41 escolas com professores de História que atuam na Educação Básica Estadual em Belo Horizonte. Dentre os objetivos desses questionários, está o de mapear as tendências historiográficas presentes entre esses professores e a familiaridade deles com a micro-história. Os primeiros dados coletados serão apresentados nessa comunicação.

## MESA 9

### **Família e compadrio entre pessoas Livres em Campos dos Goytacazes (1799-1830)**

Compadrio; religião; família; poder.

Thaiz Barbosa Freitas  
UFF / FAPERJ  
thaiznbarbosafreitas@gmail.com

O estudo sobre o compadrio permite a abordagem de diferentes perspectivas acerca das formas como são construídas alianças sociais através do compadrio, que, sem perder seu caráter familiar, não deixava de marcar as distâncias sociais, condicionando e modificando as formas de dominação. A metodologia deste trabalho envolve o uso de arquivos eclesiais do município de Campos dos Goytacazes de 1799 a 1830. Como resultado, as informações obtidas possibilitam a análise da trajetória de personagens e grupos sociais. Dados como a condição jurídica dos indivíduos e a presença de expressões de indicativos de algum prestígio social, em escala comparativa, mostram como relações de diferentes naturezas se constituíam, evidenciando seu caráter multidimensional em uma relação de complementariedade. Dessa forma, este trabalho permite conhecer e entender, como os múltiplos significados do apadrinhamento perpassam o campo religioso e as relações familiares, dialogando com os interesses sociais.

### **Mathijs van Ceulen e a ocupação neerlandesa do nordeste brasileiro**

Brasil holandês; Mathijs Van Ceulen; Conde Maurício de Nassau.

André Onofre Limírio Chaves  
UFMG / FAPEMIG  
andreonofrelimario@gmail.com

De 1630 a 1654, a Companhia das Índias Ocidentais (WIC), com o intuito de aumentar seus rendimentos, financiou a ocupação neerlandesa do nordeste brasileiro. Nesse período, transferiram-se para ali militares, funcionários e comerciantes, que organizaram as áreas ocupadas. Dentre eles esteve Mathijs van Ceulen, acionista e diretor da WIC, que se tornou um importante administrador da conquista. O comerciante viveu no Brasil em dois momentos distintos: o primeiro entre 1633 e 1635, e o segundo de 1636 a 1640. No primeiro momento, foi membro do Conselho Político, responsável pela expansão e organização administrativa e judicial do território. Já no segundo período, voltou para o Brasil como um membro do Alto Conselho Secreto, órgão político responsável por assistir o novo Governador, o Conde Maurício de Nassau. Apesar de sua importância na administração, na política e nos negócios da conquista neerlandesa, o estudo das realizações de van Ceulen tem sido negligenciado pela historiografia. Essa comunicação procurará, portanto, abordar a vida pública desse personagem, buscando elementos para uma reinterpretação da história da presença neerlandesa no Brasil.

**A linguagem política do *Panegírico de D. João III*: notas para um estudo do humanista português João de Barros (1496-1570)**

Humanismo português; ideias políticas; João de Barros.

Fernando Altoé  
UFV - FAPEMIG  
fernandoaltoe@yahoo.com.br

A pesquisa visa compreender o pensamento político do humanista português João de Barros (1496-1570), um dos maiores representantes da cultura letrada portuguesa do século XVI. A pesquisa parte de uma de suas obras, o *Panegírico de D. João III*, escrita em 1533, e nosso pressuposto é o de que este panegírico, para além de ser um gênero composto para a exaltação do monarca português, configura-se como um importante veículo das ideias políticas de João de Barros, uma vez que nele é perceptível o desenvolvimento de um léxico político próprio. Diante disso, nosso propósito é circunscrever o horizonte intelectual do autor e identificar os elementos de continuidade de uma tradição humanista e as especificidades das ideias políticas de João de Barros, sem perder de vista o lugar e o momento em que ele escreve: o Portugal Quinhentista, que confere à sua obra um caráter particular.

**Ofícios mecânicos e seu cotidiano material na Comarca do Rio das Velhas**

Ofício mecânico; cultura material; juiz dos órfãos; órfãos e período colonial.

Ludmila Machado Pereira de Oliveira Torres  
UFMG  
ludmila.machadopereira@gmail.com

A pesquisa busca estudar o cotidiano dos oficiais mecânicos na Comarca do Rio das Velhas durante a segunda metade do século XVIII. Analisaremos diversos oficiais mecânicos como produtores de uma cultura material que muitas vezes não diziam respeito às condições materiais de sua vida privada. Os oficiais mecânicos vêm sendo bastante pesquisados na historiografia através de inventários, testamentos, libelos e documentação camarária. Em nossa pesquisa trabalhamos com a documentação cartorária denominada “justificações integrantes do acervo do Arquivo da Casa Borba Gato”. Tal tipologia documental é proveniente da jurisdição de Juizes de Órfãos, como o ensino de ofícios aos órfãos filhos de oficiais de mecânicos. Além disso, as justificações apresentam Inquirições com testemunhos que demonstraram aspectos do cotidiano do fazer

mecânico e de sua vida material. Portanto, na documentação o cotidiano é analisado através de suas condições de trabalho, de redes de sociabilidade e ensino de ofícios.

## MESA 10

### **Os casamentos endogâmicos: uma estratégia familiar**

Endogamia; famílias; açores; redes.

Gabriel Afonso Vieira Chagas  
UFMG / CNPQ  
gabriel.afonso.v.chagas@hotmail.com

Os casamentos endogâmicos nas Minas constituem uma das mais conhecidas e debatidas formas de manutenção dos bens familiares nos processos de sucessão geracional. Alguns estudiosos do tema dedicam essa forma de casamento à influência minhota. Entretanto, ao se analisar os acentos matrimoniais açorianos para os séculos XVI a XVIII, percebem-se a imensa quantidade desses matrimônios em grupos familiares cujos descendentes se estabeleceram aqui posteriormente. Acompanha-se a trajetória de algumas famílias de origem açoriana que se estabeleceram definitivamente na Comarca do Rio das Mortes no final do Século XVIII. Ao se analisar os Matrimônios realizados pelos membros desses grupos, percebe-se que na sua grande maioria eles se realizaram dentro da própria família. Trata-se de uma abordagem ainda razoavelmente inédita sobre o tema. Existem várias pesquisas que relacionam apadrinhamento, relações comerciais a estratégias de poder das elites, porém pouco se foi falado de casamentos endógamos. Essa pesquisa contribuirá especialmente para enriquecer os trabalhos já realizados, porém com enfoque novo, centrado na história desse tipo de matrimônio.

### **Contribuições para uma História da Família em Minas Gerais (séculos XVIII e XIX)**

História da Família; família patriarcal; concubinato.

Isaac Casseiro Ribeiro  
UFSJ  
isaac.ribeiro7@gmail.com

A presente comunicação tem por objetivo fazer uma breve apresentação da historiografia que teve como tema a família em Minas Gerais durante os séculos XVIII e XIX. Tendo como referência as críticas ao conceito freyriano de família patriarcal brasileira, alguns autores, no decorrer década de 1980, analisaram a formação e organização das famílias em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX. Esses autores atribuíram à família mineira do século XVIII a peculiaridade de constituírem-se, majoritariamente, por famílias nucleares, “fragmentadas”. Deste modo, destarte a realidade encontrada nas demais capitâneas da Colônia Portuguesa, as famílias mineiras do século XVIII, mover-se-iam por valores de caráter mais individualista, contrários àqueles de cunho coletivo que fundamentavam a organização da família patriarcal brasileira. Atualmente, alguns autores vieram a contestar essas afirmações. É sobre a contribuição destes para com a “história da família em Minas” que versa essa comunicação.

### **No limiar da escravização: impressões sobre a família escrava piranguense a partir de uma ação de manutenção de liberdade da segunda metade do Oitocentos**

Escravidão; família escrava; Ações de Liberdade.

Guilherme Augusto do Nascimento e Silva  
UFSJ  
lnascimento@yahoo.com.br

Destacando alguns pontos importantes de nossa pesquisa de mestrado, analisaremos nesta comunicação os aspectos quantitativos da conformação de famílias entre escravos na região da Vila de Piranga na segunda metade do século XIX, como a incidência de famílias, a reprodução natural e a estabilidade familiar após a morte do senhor, tendo como base um banco de dados composto por 218 inventários *post-mortem*. A partir de uma Ação de Manutenção de Liberdade, iniciada no ano de 1870, que tinha como suplicantes uma família com oito escravos alforriados, iremos discorrer sobre a difusão de ações deste tipo no Brasil imperial, sobre a questão da precariedade da escravidão no Oitocentos, e principalmente sobre o papel da família escrava na busca por liberdade e no combate à escravização ilegal. Por fim, definimos a família presente no processo como um emblema da configuração de laços familiares no cativo piranguense.

## MESA 11

### **Brás de Pina e sua rede de negociações entre 1740 -1770**

História econômica; Brás de Pina.

Guilherme Lemos Villela  
UFF  
guilhermevillela@id.uff.br

O seguinte trabalho busca compreender a rede de negociações do Brás de Pina e como essa rede era composta. Tendo como principal fonte o banco de dados que foi construído a partir dos dados de Maurício Abreu (Banco de Dados da Estrutura Fundiária do Recôncavo da Guanabara Sécs. XVII e XVIII) com um recorte de tempo entre 1740 e 1770, época onde os homens de negócio se estruturam no Rio de Janeiro. No banco de dados, o que se percebe é um grande leque de negociações que envolvem Brás de Pina. Ele negocia com muitas pessoas com status sociais diferentes e com algumas particularidades, como muitas negociações envolvendo sua família. Consta nessas negociações grandes propriedades e um valor considerado alto, esses foram alguns dos motivos que nos levaram a olhar com mais atenção para as suas escrituras.

### **Negócios Eclesiásticos: uma análise dos negócios relacionados com a Igreja na cidade do Rio de Janeiro (1740-1770)**

Econômica; negócios da Igreja; Rio de Janeiro séc. XVIII.

Rafael Rodrigues Rento  
UFF  
rafael\_rento@hotmail.com

Neste trabalho pretendo analisar a participação econômica dos indivíduos que possuem alguma ligação com a igreja: padres, ordens, conventos e freiras durante o sec. XVIII na cidade do Rio de Janeiro. Para isso utilizarei o banco de dados produzido a partir dos registros do "Banco de dados da estrutura fundiária do recôncavo da Guanabara sec. XVII e XVIII". Nesse banco de dados estão dispostos 3.032 registros de negociações, presentes em todos os cartórios da cidade no período, além de outros arquivos. Analisarei o volume de negociações dos indivíduos e instituições relacionados com a Igreja buscando observar os mais participativos nas negociações, a proporção de seus negócios com relação ao todo e a outros agentes, os principais tipos de negócios, entre outras variáveis, no período que vai de 1740-1770. A hipótese que pretendo explorar consiste em que a maioria dos negócios feitos por indivíduos relacionados com a igreja era maior do que eram feitos pelas instituições eclesiásticas.

### **Guerra do Paraguai (1852-1864): uma nova leitura de um conflito anunciado 150 anos depois**

Política; História; Mato Grosso; fronteira; economia.

Ney Iared Reynaldo  
UFMT  
neyhis@yahoo.com.br

Esta comunicação aborda os fatores regionais que, em Mato Grosso, contribuíram para a deflagração da Guerra do Paraguai. A fronteira, conceito que subsidiou a análise, foi abordada no sentido territorial e concebida como expressão da dinâmica que a ocupação do território por distintas sociedades imprime. Com tal conceito, busca-se compreender a crescente supremacia da fronteira-linha em detrimento da fronteira-zona no espaço banhado pelo rio Paraguai. As fartas fontes, depositadas primordialmente nos arquivos mato-grossenses e de Assunção (Paraguai) constituíram a documentação. O foco constitui os anos de 1852 a 1864, período com a liberalização do rio da Prata (Paraná) à navegação internacional, fato que recuperou a navegação até o Atlântico Sul para as comunidades ribeirinhas brasileiras e paraguaias que viviam nas margens do rio Paraguai. Na Província de Mato Grosso (Brasil) e no Departamento de Concepción (Paraguai), foi vivenciada uma experiência de fronteira de conflitos e intercâmbios durante o período colonial (século XVIII). As disputas territoriais se agravaram após a independência do Paraguai (1811), quando ocorreu um crescente isolamento fronteiriço, decorrente de dificuldades promovidas pelos governantes do país vizinho. Em vista dessa situação, a Província de Mato Grosso reorganizou suas atividades econômicas, vinculando-as aos mercados regional e nacional. Com a reabertura da navegação pelo rio Paraná, em 1852, o rio Paraguai tornou-se alvo de disputas entre brasileiros e paraguaios pela livre navegação, pois os países envolvidos tinham posições distintas quanto ao tema. De 1854 a 1856, as dificuldades de navegar no trecho do rio que cruzava o Paraguai, impostas por esse país, ocasionaram prejuízos econômicos e a necessidade de militarizar a Província com o fortalecimento das guarnições militares na região em litígio. A partir de 1856, fruto de acordo diplomático assinado entre as duas nações, a navegação no rio foi facilitada. Porém, os desentendimentos permaneceram, com o Paraguai apontando uma série de iniciativas (tais como ocupação de terras, captura de escravos fugidos, invasões indígenas, etc.), oriundas de Mato Grosso, que o prejudicavam.

**Papo de Negócio: uma comparação entre os negócios imobiliários no Rio de Janeiro no séc. XVIII e XIX**  
História econômica; negócios imobiliários; história comparada.

Felipe Rocha Corvino  
UFF  
felipe.corvino@hotmail.com

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar um estudo comparado nos negócios imobiliários na cidade do Rio de Janeiro no que diz respeito às vendas, aluguéis, aforamentos e é referente ao recorte entre os anos de 1740-1770 e 1840-1860, com a finalidade de apurar como ocorriam os negócios e as variações a eles pertinentes, como quantidade de bens negociados e a variação de seus valores. Os métodos utilizados são a história comparada e métodos quantitativos, utilizando o banco de dados criado a partir de dados fornecidos por Maurício Abreu que equivale o banco de dados do Recôncavo da Guanabara entre os anos de 1740-1770 e o banco de dados fornecidos por Carlos Valência que diz respeito aos anos entre 1840-1860. Foram apurados 3032 registros no banco de dados do recôncavo da Guanabara e 2454 registros no banco de dados fornecidos por Carlos Valência. Minha hipótese salienta que a variação de negócios correspondentes às vendas tem uma sensível queda relativa (percentual) no recorte equivalente aos anos entre 1840-1860 em comparação aos anos de 1740-1770, pois há um incremento no valor das terras ocasionando uma valorização nos bens imobiliários, e indo de contramão a Lei de Terras, que à priori coíbe os negócios referentes a aforamentos e aluguéis, existe um crescimento justamente nesses tipos de negócios.

### **Morte e representação, usos e funções da Fotografia Mortuária**

Fotografia Mortuária; morte ; ritual.

Suzany Cristina Vilhena Rodrigues

UNIFAP

suzany.rodrigues@yahoo.com.br

O registro de pessoas falecidas no leito de morte foi uma das funções sociais da fotografia no século XX e instrumento de lembrança muito requisitado por famílias. A pesquisa foi realizada na Cidade de Macapá-AP com duas famílias que possuem em suas casas fotografias mortuárias de um familiar feitas no velório. Buscamos compreender os vínculos afetivos e os significados que estas famílias mantêm com o objeto. Nos grupos pesquisados encontram-se guardadas em lugares diferentes, em páginas de um livro e num álbum de fotografia, enquanto uma família guarda para esquecer a foto o outro grupo faz questão que a geração seguinte conheça o objeto. Com tratamentos distintos, há um ponto em comum entre os grupos, que é o ato de não se desfazer das fotos, pois se desfazer significa no plano simbólico romper laços com o ente ali representado. Mantê-las escondidas ou relembra-las são atos diferentes, mas somente por de tê-las guardadas nos indicou como os vínculos entre pessoas são mantidos mesmo após a morte.

### **Presença Negra em Arquivo Branco: um estudo sobre a representação de afro-brasileiros em coleções fotográficas**

Fotografia; raça; imagem; negros; arquivo.

Pérola Martins Lannes

UFF / FAPERJ

perola\_lannes@hotmail.com.br

Os fotógrafos estrangeiros no Brasil nos séculos XIX e XX compuseram uma experiência de ver, reconhecer e identificar uma população negra pelo olhar branco. O regime visual oitocentista teve como ordenação a lógica do pitoresco, as alteridades vistas pela chave de representação do exótico. Mas na negociação da pose, das formas de deixar-se fotografar, compreende-se a produção de uma memória negociada entre o mundo branco e afro-brasileiro. Ao longo do XX, a experiência fotográfica se tornou mais complexa, com agências voltadas para o reconhecimento do território e da população brasileira; além do processo de internacionalização da cultura. Esse material hoje está depositado em arquivos e museus espalhados pelo Brasil, mas com significativa concentração no Rio de Janeiro. Assim, esta pesquisa busca localizar, identificar, reconhecer e disponibilizar os dados sobre coleções fotográficas que contêm imagens de afro-brasileiros produzidas por fotógrafos estrangeiros e/ou governamentais.

### **Entre usos e funções: a prática do colecionismo de fotografias no século XIX e sua difusão no Brasil Imperial**

Colecionismo; coleção; fotografias; Família Imperial Brasileira; século XIX.

Rosane Carmanini Ferraz

UFJF / CAPES

rocarmanini@hotmail.com

A fotografia surge no século XIX com diferentes usos e funções. O presente trabalho pretende analisar estes usos e funções, notadamente as práticas do colecionismo de fotografias no Brasil Imperial. O colecionismo é uma prática social universalmente difundida, comum entre diferentes grupos sociais ao longo da história e, a coleção, uma representação do seu colecionador. O trabalho pretende discutir ainda o impacto da criação dos

processos fotográficos para o hábito de colecionar e abordar a relevância da Família Imperial Brasileira como colecionadora e agente de difusão da fotografia, bem como as características do colecionismo de fotografias pela elite oitocentista. A Família Imperial foi importante incentivadora da atividade fotográfica e a maior colecionadora de fotografias no século XIX, tornando-se referência para as famílias da elite. A fotografia se configurou como uma forma de auto-representação desta elite e veículo privilegiado de representação da sociedade. A prática do colecionismo de fotografias contribuiu para a consolidação das redes de sociabilidade construídas entre a Família Imperial e estas famílias da elite no Brasil monárquico.

### MESA 13

#### **Colecionismo no século XVII: as práticas colecionistas de Johan Maurits van Nassau-Siegen**

Brasil holandês; colecionismo moderno; Johan Maurits van Nassau-Siegen.

Carolina Vaz de Carvalho  
UFMG / FAPEMIG  
carolavaz@gmail.com

O conde Johan Maurits van Nassau-Siegen governou os domínios brasileiros da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais entre 1636 e 1644. No Brasil, o conde formou uma vultosa coleção de espécimes animais e vegetais, artefatos e obras artísticas e científicas relacionados ao Brasil e à África, grande parte da qual foi levada para a Europa em seu retorno. As práticas de coleção de Johan Maurits, inseridas no contexto do colecionismo do moderno, respondiam a uma diversidade de interesses que não se esgotam na noção sintética recorrente de gabinetes de curiosidades. Longe da imagem do agrupamento de objetos díspares confinados a um cômodo, a proposta do presente trabalho é explorar o colecionismo em um sentido mais amplo. Adota-se uma perspectiva que compreende além da coleta e disposição de itens variados, também a construção de edifícios e jardins, as visitas a coleções, e as doações e trocas de objetos, dando visibilidade a uma diversidade de sujeitos, ações, intenções e sentidos envolvidos na coleção de Nassau.

#### **O Museu da Inconfidência: preservação e perpetuação da memória de Tiradentes**

Memória; patrimônio; preservação; Inconfidência Mineira.

Alejandro de Campos Pinheiro  
UFMG  
alejandrocamos29@gmail.com

Maria Luísa Vieira da Silva  
UFMG  
eleonor\_1984@yahoo.com.br

Estudiosos, ao longo do tempo, discutem a figura de Tiradentes e as suas funções no movimento conhecido como Inconfidência Mineira, criando e recriando a memória de um mito nacional. Esta apropriação do herói nacional se configurou por diversos meios: arte, museus, livros didático e no ensino de História. Dessa forma, transmitiu-se para muitas gerações a ideia de que Tiradentes foi o grande mártir do movimento, exaltando conceitos de liberdade, patriotismo e soberania. Para consolidar a figura dos inconfidentes, na década 1930, construiu-se o Museu da Inconfidência em Ouro Preto, no qual se situa o Panteão dos Inconfidentes. O presente trabalho discute os conceitos de memória, patrimônio e preservação para esclarecer como o Museu da Inconfidência foi planejado para destacar e perpetuar, em âmbito nacional, a figura “desses heróis”, em especial a de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

**Museus de cidade e representações de gênero: diálogos possíveis**

Museus; cidade; território; representações; estudos de gênero.

Karyna dos Santos Figueiredo Dultra  
UFMG  
karynadultra@hotmail.com

A presente comunicação propõe a reflexão de museus como espaços de representações sociais, apresentando possíveis diálogos entre esses dois temas que estão envoltos pela dinâmica da vida humana. Considerando-se que diversas temáticas tanto para se trabalhar em exposições quanto em campo teórico da Museologia surgiram ao longo dos anos, sobretudo no contexto brasileiro, pretende-se explanar apenas sobre um desses temas, o gênero. Entendendo os estudos sobre a relação de museus de cidade e as temáticas de gênero como possibilidades a serem relacionadas, são temas aqui tratados de forma embrionária, mas que podemos reconhecer e afirmar o campo fértil para análise das problemáticas que se apresentam acerca do assunto.

**MESA 14****Patrimônio Cultural e Preservação da Memória: o Reinado no Acervo do Museu Histórico e Artístico de Cláudio**

Patrimônio; cultura; memória; Reinado.

Sara Helena Amaral de Sousa  
UFV / PROCULTURA  
hesaras@gmail.com

Esta comunicação é fruto da pesquisa de mesmo título, financiada pelo Programa Institucional de Bolsas de Cultura e Arte Universitária (PROCULTURA/UFV), a qual trata dos desafios relacionados à organização de acervos históricos, representativos de todos os tipos de órgãos públicos, que têm por atividade fim a organização e difusão da informação. A execução do projeto tem o objetivo de organizar um arquivo público da cidade de Cláudio, além disso, é ponto de acesso a uma pesquisa sobre a sociedade do município a partir do fim da escravidão na leitura da festa do "Reinado". O trabalho tem caráter interdisciplinar, já que envolve conhecimentos das áreas de arquivologia e da metodologia histórica. A partir da análise das ações desenvolvidas e dos resultados já obtidos com o projeto apresenta-se um debate importante acerca da necessidade de reconhecimento e ação no que tange a organização de acervos documentais, sejam públicos ou privados, sendo as questões apresentadas nesse trabalho atraentes a aqueles interessados por entender a importância e necessidade dos órgãos públicos em se envolverem e velarem pelo conhecimento e resguardo de seus acervos documentais.

**Muito além de bonecos: a história do Grupo Giramundo pela perspectiva do acervo reunido em seu arquivo privado**

Grupo Giramundo; teatro de bonecos; acervo; patrimônio; arte mineira.

Maria Emilianí Pena Ferreira  
Celulose Nipo-brasileira S/A CENIBRA  
emilianiferreira@gmail.com

Alessandro Ferreira Costa  
Professor Adjunto da Escola de Ciência da Informação UFMG  
prof.alessandrocosta@gmail.com

Síntese do trabalho de conclusão de curso realizado na graduação em Arquivologia (UFMG) no ano de 2013 que teve como objeto de análise o arquivo do Giramundo Teatro de Bonecos enquanto espaço dotado de documentos de alta relevância para a história recente da arte e da cultura mineiras. Desde a sua origem nos anos de 1970, o Giramundo se apresenta como importante patrimônio artístico de reconhecimento nacional e internacional, que influenciou - e influencia - gerações de bonequeiros em seu ofício. A partir dessa premissa, o trabalho objeto deste relato buscou estabelecer critérios que otimizassem a gestão do acervo documental guardado no arquivo do Grupo, por meio de um plano de classificação, que se tornou parte de um conjunto de intervenções coordenadas pela Pró-reitoria de Extensão da Universidade FUMEC, responsável tanto pela elaboração de diagnóstico e organização daquele acervo, como também pela reativação do Museu Giramundo, que possui a maior coleção privada de teatro de bonecos das Américas, incluindo documentos originais de Álvaro Apocalypse, um dos idealizadores do Grupo e artista de expressão mundial. Para a construção do plano de classificação modelo, nos restringimos aqui à análise de documentos referentes às etapas de concepção, desenvolvimento e detalhamento dos bonecos, cenários e figurinos produzidos para os espetáculos do Giramundo, possibilitando não só a criação de uma série documental de grande valor material e imaterial, de potencial educativo e social, mas também, uma leitura singular do percurso histórico do Grupo a partir do seu processo criativo.

#### **Edição paleográfica de um documento eclesiástico do século XIX**

Documento eclesiástico; carta de nomeação; edição Paleográfica.

Melânia Lima Santos  
UFS  
mel.ufs@gmail.com

A preservação de documentos tem sido uma prática difícil, considerando o tempo e o local em que se encontram esses suportes. A tarefa de conservar é de suma importância, pois os materiais são fontes de informações e constituem patrimônio cultural, preservando a memória coletiva de um povo e os relatos de fatos do passado. A edição de um texto tem a função de reconstituí-lo, facilitando a sua compreensão. O presente trabalho objetiva a constituição de uma carta de nomeação a partir da edição semidiplomática, em documentos antigos que registrem fatos referentes ao processo de um concurso, para a ocupação, pelo padre Manoel R. V. de Mello, do cargo de vigário colado da freguesia de Nossa Senhora do Rozário do Catete (SE). Trata-se de registro em que, à época, o Arcebispo da Bahia, dom Romualdo, dá ciência ao presidente da província de Sergipe d'El Rei, Joaquim M. de Brito, do resultado do concurso e da nomeação do único candidato. A partir da edição textual foi possível compreender os fatos ocorridos em determinada época e, ao mesmo tempo, desvendar os traços culturais de um povo. Para embasar as postulações, foram utilizados, dentre outros, Spina (1977), Aciolli (1994).

#### **O uso de manuscritos no cotidiano do historiador: alguns apontamentos**

Cultura escrita; manuscritos; leitura; fazer historiográfico.

Luíza Rabelo Parreira  
UFMG / FAPEMIG  
luizarabeloparreira@hotmail.com

Maria Clara Soares Ferreira Caldas  
UFMG  
clarinhacaldas@yahoo.com.br

Desde a chamada primeira fase dos *Annales*, o fazer historiográfico passou a contar com conceito alargado de fonte. No entanto, muito da produção atual da História ainda ocorre fundamentalmente a partir de documentação considerada tradicional, como é o caso dos manuscritos, que devem ser submetidos a análises criteriosas, assim como qualquer outra tipologia. No ofício do historiador, a leitura e a transcrição paleográfica são imprescindíveis, tendo em vista seu caráter propedêutico: o de possibilitar o acesso direto às fontes de pesquisa, sem depender da publicação de transcrições e/ou comentários. Mesmo assim, praticamente, inexistem, em termo de formação, investimento no ensino de técnicas de leitura de manuscritos; profissionais acabam por concluir graduação sem possuir tal conhecimento. Neste sentido, como a História é produzida, seja nas práticas de pesquisa, seja nas atividades de docência? O trabalho ora proposto pretende discussão metodológica e defesa da necessidade de ferramentas que contribuam para uso do manuscrito, original ou em mídias que facilitem o acesso.

**A construção de um banco de dados como instrumento de pesquisa no estudo da literatura publicada na imprensa carioca do séc. XIX**

Banco de dados; Brasil Império; imprensa; folhetim; metodologia.

Bráulio de Oliveira Fernandes Júnior  
UNB  
lioolv@hotmail.com

Joana Rios Ribeiro Maia Carbonesi  
UNB  
joanamaiacarbonesi@gmail.com

Marcos Vinícius Marinho Fernandes  
UNB  
marcosmarinho33@hotmail.com

Nayara de Sousa Rocha  
UNB  
nayarasar@yahoo.com.br

Este trabalho tem como objetivo apresentar o banco de dados desenvolvido sob a orientação do professor Marcelo Balaban, dentro do projeto “Artigos de recreio: textos de ficção na imprensa da Corte” e como parte das pesquisas desenvolvidas pelo Laboratório de História Social do Departamento de História da Universidade de Brasília (UnB). A finalidade do banco é reunir informações sobre as obras de ficção publicadas nos jornais do Rio de Janeiro durante o século XIX, dando ênfase ao conteúdo presente no espaço conhecido como “Folhetim”. Neste trabalho, iremos trazer os desafios, problemas e vantagens desse exercício. Para apresentar esta ferramenta, será feita uma exposição dos campos criados para o banco, ressaltando como foi possível definir cada um deles e de que modo poderão ser úteis ao desenvolvimento de diferentes pesquisas sobre ou baseadas na fonte privilegiada. Nesse sentido, exploraremos a forma como a alimentação do banco vem sendo feita e os problemas enfrentados na tentativa de dar um tratamento quantitativo a um conjunto tão vasto, diverso e complexo de informações.

**MESA 15**

***Os Simpsons: a animação como fonte para a compreensão histórica***

*Os Simpsons*; humor; animação; indústria cultural.

Jamison Rodrigues Nascimento  
UFMG  
tuty\_som@hotmail.com

A busca pela compreensão dos desenhos animados, principalmente por meio da análise da série *Os Simpsons*, cuja produção foi iniciada no final da década de 1980, como fonte para o trabalho do historiador, é objeto principal neste trabalho. Os produtores da série conflitam na obra, ao longo de mais de duas décadas, aspectos da sociedade contemporânea e suas transformações. Ao trabalhar temáticas relativas à família, ao trabalho, ao consumo, à educação e à religião, discute questões internas, como o estilo de vida norte-americano, mesmo que outros países/regiões também estejam em seu espectro de representações. A escolha da série deu-se em razão de sua longevidade e por sua capilaridade junto ao público adulto, sobretudo devido ao seu humor ácido e a referências a outros tantos produtos audiovisuais. Da mesma maneira, cumpre ao historiador continuar o processo de ampliação das fontes utilizadas em seu ofício, incluindo em seu rol as produções cômicas, pouco observadas ainda hoje.

#### **Dias Gomes e Janete Clair: a telenovela como forma de organização cultural da sociedade brasileira**

Televisão; cotidiano; telenovela; sociedade e cultura.

Luiz Fernando de Souza Miranda  
UFTM  
luiz27fernando@hotmail.com

Pensar a televisão como instrumento de passar informações de massa para a sociedade brasileira é uma tarefa difícil para os historiadores que pretendem entender a televisão e o seus programas como uma forma de entretenimento saudável para a sociedade brasileira. Essa forma de informação está embutida dentro do cotidiano da sociedade brasileira como forma de organização da sociedade. O objetivo deste trabalho é entender a televisão como uma ferramenta que está introduzida dentro da sociedade brasileira como uma forma de organização da cultura brasileira. A metodologia aplicada neste trabalho é utilizar textos de diversas áreas das ciências humanas para entender a televisão como uma forma de organização da sociedade brasileira através de uma forma de organização cultural brasileira. Para isso, vamos nos pautar nas obras dramáticas produzidas por Dias Gomes e Janete Clair. Esses dois autores têm uma vasta produção de novelas ao longo de suas vidas. Pensar como a obra desses teve uma grande influência para se pensar no horário nobre da televisão brasileira. De como o telespectador recebe essas informações que esses dois autores tentam passar através das suas novelas. Como essa novela determina no cotidiano da sociedade brasileira, nos costumes, na religião, nos aspectos culturais, sociais, econômicos, políticos e culturais de determinada classe social ou de toda a sociedade brasileira. O resultados esperados deste trabalho são os de compreender a televisão, na forma de produção do seus programas de entretenimento como forma de organização cultural da sociedade brasileira. Este trabalho busca compreender a televisão e as telenovelas como uma fonte de pesquisa para os historiadores.

#### **Atravez da imagem indígena: narrativas possíveis sobre a representação do índio brasileiro nos livros de leitura**

Indígena; Primeira República; livro de leitura; material didático.

Helena Azevedo Paulo de Almeida  
UFOP

A presente comunicação tem como objetivo apresentar a análise de um estudo inicial sobre a construção de narrativas sobre o indígena brasileiro na Primeira República a partir do livro de leitura *Atravez do Brasil*, de Olavo Bilac e Manoel Bomfim, publicado pela primeira vez em 1910. Esta obra, escrita de forma a narrar a aventura de dois irmãos a partir do Rio São Francisco, suscita informações históricas, geográficas e de ciências naturais, e foi amplamente utilizado durante a primeira metade do século XX. Assim, partindo dos pressupostos teóricos envolventes aos conceitos de didática histórica (*Geschichtsdidaktik*), conceito que não se restringe apenas ao âmbito escolar, mas também estuda a consciência histórica da sociedade, assim como a cultura histórica (*Geschichtskultur*), que aborda a forma de uma sociedade lidar com seu passado, tentaremos entender uma possível percepção do indígena brasileiro e as consequências sobre a construção de sua imagem nas décadas iniciais do século XX.

## MESA 16

### **O golpe na imprensa: opinião editorial do Estado de Minas no primeiro mês de regime militar**

Golpe; imprensa; Minas Gerais.

Guilherme Alonso Alves  
UFMG

guilhermealonso77@gmail.com

Tomando como aporte os atuais estudos que afirmam a importância do apoio da sociedade civil no golpe militar de 1964, a proposta dessa comunicação é analisar a opinião política do jornal *O Estado de Minas* durante o primeiro mês do Regime Militar. Para tanto, serão analisando os editoriais do mês de Abril, tendo em vista explicitar os tópicos argumentativos mobilizados, tais como: anticomunismo, anti-janguismo, defesa da república e o saneamento da vida pública. Sem amenizar o papel das forças armadas no momento e na posterioridade do golpe, esse estudo visa à pluralidade explicativa para os atores desse episódio político, frisando o apoio de parte da sociedade civil por meio da abordagem do principal veículo de imprensa de Minas Gerais na época.

### **'As Confissões' de Nelson Rodrigues e o jornal *O Globo*: o discurso anticomunista na grande imprensa durante a Ditadura Militar brasileira**

Ditadura; imprensa; representações; anticomunismo.

Camila Barbosa Monção  
UFMG

camilabmoncao@hotmail.com

O jornal *O Globo*, durante o período da Ditadura Militar brasileira, foi um grande expoente do discurso anticomunista na grande imprensa. A construção desse discurso se deu através de seus editoriais, reportagens, colunas de opinião e crônicas. As *Confissões* de Nelson Rodrigues, publicadas diariamente n'*O Globo* durante esse período, utilizam do humor para construir representações que reforçam não só o pensamento anticomunista, mas também o reacionário. O apoio de Rodrigues aos militares se justifica como a única opção viável para proteger o país da "ameaça comunista". Contudo, as contradições do seu posicionamento político aparecem quando ele se mostra um defensor da autonomia do indivíduo e contrário aos excessos de um Estado autoritário que, segundo ele, aparecem apenas na imposição de um pensamento hegemônico de esquerda. O trabalho busca, então, analisar as *Confissões* dentro de seu veículo de publicação, *O Globo*, em uma

tentativa de compreendê-los como figuras relevantes na construção de um discurso que contribuiu para emergência e a permanência dos militares no poder.

### **O Governo Médici e o Paradoxo de um Período Opressor com um Futuro Brilhante**

Ditadura militar; Médici; economia; história.

Igor dos Santos Barros  
UNASP  
igordosantos12@gmail.com

Jonatas Costa Freitas  
UNASP  
jonatas\_cf43@hotmail.com

O período da Ditadura Militar é considerado um dos mais marcantes da história do Brasil, sobretudo no que se refere ao contexto econômico. Vários autores que escreveram a respeito divergiram nos pontos de vista. A título de exemplo, podemos mencionar os anos de 1969-1974, quando o Brasil esteve sob o governo de Emílio Médici. Autores como Filho (2011) e Oliveira (1997) defenderam a ideia de que este período foi marcado por forte opressão social; ao passo que autores como Junior (2011) alegaram que nesse mesmo período o povo brasileiro enxergava um país em “ascensão”, rumo a se tornar uma nação de “primeiro mundo”. Diante disso o objetivo desse trabalho consiste em fazer uma análise comparativa entre as diferentes visões sobre o governo de Médici. Busca-se ressaltar aspectos políticos, econômicos e culturais e como são colocados de forma antagônica por diferentes autores. Vale ressaltar que se trata de uma pesquisa que se restringe a uma consulta bibliográfica.

### **MESA 17**

#### **A criação do Ministério da Aeronáutica e da Força Aérea Brasileira: definindo os heróis do ar e construindo identidades**

Santos Dumont; herói; Ministério da Aeronáutica; Força Aérea Brasileira.

André Barbosa Fraga  
UFF  
andrebfraga@yahoo.com.br

Esta pesquisa tem por temática a criação do Ministério da Aeronáutica e da Força Aérea Brasileira (FAB), em 1941, no contexto da 2ª Guerra Mundial e do Estado Novo. O que se almeja investigar é o processo de invenção da Força Aérea Brasileira como possuidora de uma identidade social própria. O Ministério da Aeronáutica, com o objetivo de legitimar a nova instituição militar criada em 1941, tornando-a única e, dessa forma, diferente do Exército e da Marinha, investe na elaboração de imagens, símbolos e rituais, que definiriam espaços do ser aviador. Dentro dessa construção identitária, a seleção de heróis tem um papel fundamental dada a utilidade deles na transmissão de valores que cada Força Armada pretende que sejam absorvidos por seus militares. Os processos de heroificação são momentos privilegiados para a compreensão dos valores escolhidos por cada instituição militar na representação de si mesma. Com base nisso, objetivamos analisar as representações sobre Santos Dumont no governo Vargas, quando, a partir da década de 1940, uma quantidade substancial de políticas culturais foi desenvolvida com o propósito de inserir definitivamente o inventor brasileiro no panteão dos heróis nacionais, principalmente por causa da importância que a aviação ganhou durante a 2ª Guerra Mundial.

## **Os Institutos Culturais Brasil-União Soviética e as Medidas Ativas: uma história de espionagem e contra-espionagem no Brasil**

Relações Brasil-União Soviética; contra-Espionagem.

Gabriel Teixeira Casela  
UFMG  
gabriel\_casela@yahoo.com.br

Trabalhando com conceitos como medidas ativas, propaganda ideológica e agentes de influência, é possível estudar a atuação de diferentes organizações de inteligência soviética (estatais e não-estatais) no Brasil, com destaque dado para os Institutos Culturais Brasil-URSS, associações dedicadas à difusão do idioma russo que contavam com alunos regulares e com a presença de intelectuais. Para as autoridades policiais e militares brasileiras, porém, havia uma forte suspeita de que a atuação desses institutos ia além da simples promoção cultural. Alguns documentos encontrados nos arquivos policiais e relatos de oficiais de inteligência apontam a atuação desses Institutos Culturais como centros de divulgação de propaganda do regime soviético e instrumentos de cooptação de estudantes brasileiros para atuarem como futuros agentes de influência. Ao analisar essas informações podemos ter uma perspectiva diferente sobre a espionagem e o interesse soviéticos no Brasil.

## **Compreender o totalitarismo: uma análise dos conceitos de culpa e liberdade nos panfletos do grupo Rosa Branca**

Rosa Branca; totalitarismo; culpa; responsabilidade.

Maria Visconti Sales  
UFMG  
mariavisconti92@gmail.com

A compreensão de fenômenos políticos e humanos nos é apresentada por Hannah Arendt como uma tarefa necessária, porém complexa e profunda, que não cessa e que se liga ao conhecimento. A compreensão é fundamental mediante situações extremas de horror, quando nossa capacidade de entendimento e julgamento é colocada à prova. A inteligibilidade que, fundamentalmente, o historiador dá a um fenômeno está relativamente ligada também a esta atividade de compreensão. Rosa Branca foi um grupo de resistência passiva que surgiu em Munique, na Alemanha hitlerista, entre os anos de 1942 e 1943. Seus membros eram estudantes da Universidade de Munique e usaram dos panfletos como forma de disseminar a resistência ao regime nazista, sem que seus integrantes fossem descobertos. O presente trabalho busca uma análise dos panfletos do Rosa Branca, dando maior enfoque aos conceitos de liberdade e culpa, usados em seus escritos. Enquanto o primeiro é uma ideia de liberdade política, de expressão e liberdade individual, o segundo é fundamental para a necessária diferenciação entre culpa e responsabilidade; já que, segundo Arendt, a culpa é pessoal, enquanto a responsabilidade é política.

## **Doutrina de segurança nacional: as influências na formação dos militares brasileiros no século XX**

Doutrina; política; segurança; exército; ideologia.

Kenia Fernanda Fernandes Pereira  
UNIMONTES  
keniafernanda9@yahoo.com.br

Desde a Proclamação da República em 1889, os militares passaram a ter um papel vívido na conjuntura política brasileira, e daí nasceu uma cultura nacionalista no seio militar, um sentimento messiânico onde

caberia ao soldado a função de salvar a pátria. Com surgimento destas ideias os soldados nos quartéis recebiam forte formação política que defendia o direito e o dever do soldado de intervir em meio às crises nacionais em nome da ordem social. Essa formação política era fomentada na Escola Superior de Guerra que surgiu no Brasil em 1949 com o objetivo de homogeneizar a instituição militar e que foi o principal agente de ascensão da burguesia militarizada, pois absorveu a Doutrina de Segurança Nacional norte-americana, fortemente pregada durante a Guerra Fria. Esta doutrina fundamentava-se na crença de uma guerra iminente e que devido a esta ameaça caberia aos aparelhos do Estado o controle da sociedade destruindo, portanto, a democracia e tornando a população uma massa de manobra.

## MESA 18

### **Paulo de Tarso à luz do Império Romano: uma breve análise**

Paulo de Tarso; Império Romano; mediterraneização.

Ana Paula Pinto de Carvalho  
UFOP / CNPQ  
anacarvalhohist@gmail.com

Este trabalho tem como intenção ser uma tentativa de analisar Paulo de Tarso como um personagem histórico pertencente ao seu tempo. Para isso, teceremos algumas considerações acerca de sua formação intelectual, religiosidade, atuação missionária e, sobretudo, da produção de suas epístolas, buscando inseri-las todas dentro do contexto de integração cultural mediterrânico de meados do século I d.C.

### ***Exemplum e moralidade na obra taciteana***

Tácito; Império Romano; *exemplum*; História; retórica.

João Victor Lanna de Freitas  
UFOP / CNPQ  
joao.victor.lanna26@gmail.com

A literatura, independentemente do gênero na qual era exposta, foi uma forma eficiente de regular a memória social na antiguidade. As obras literárias eram capazes de estabelecer padrões de comportamento social, que eram, por sua vez, responsáveis por direcionar as noções de honra e virtude, conceitos fluidos e mutáveis a partir dos contextos aos quais se inserem. No caso da História, padrões de comportamento podiam ser estabelecidos através da representação de diferentes *personae* literárias. Esse caráter da historiografia antiga dialoga diretamente com a tópica ciceroniana que qualifica a História como mestra da vida. Tendo isso em consideração, essa comunicação pretende discutir as noções de *exemplum* e moralidade na obra do político e historiador romano Cornélio Tácito.

### **A crise de memória e a representação nas moedas do Principado de Cláudio**

Imperador Cláudio; numismática; Império Romano.

Willian Mancini  
UFOP / CAPES  
willian\_his2005@hotmail.com

Com o assassinato de Caio Calígula, em janeiro de 41 d.C., abriu-se uma grave crise no Império Romano, em que até mesmo o fim do regime do Principado tomou lugar na discussão entre os senadores de Roma. Esta crise pode ser percebida através de múltiplas perspectivas. A nosso ver, os aspectos relativos à memória e à

representação, dado o fim inesperado do governo de Calígula, sem a indicação de um sucessor, têm um papel importante para a compreensão desta crise e seus desdobramentos. Historiadores afirmam que, ao ascender ao poder, Cláudio teve que lidar com estas duas facetas da crise sucessória para se consolidar no poder. Esta apresentação tem por objetivo mostrar como as moedas dos primeiros anos do Principado de Cláudio evidenciam elementos importantes envolvidos no esforço empreendido por Cláudio para por fim a esta crise que, em nossa hipótese de trabalho, foi em boa medida uma crise de memória e representação. Uma das estratégias utilizadas por Cláudio para resolver a crise foi se apresentar como continuador da casa Júlio-Cláudia e, sendo assim, alternativa para a retomada da estabilidade.

**'Coragem! que em teu bem conspira a fama.'** (Verg. A., I, 488): *'Narrati'o e 'exempla' na política de Tácito*  
*Narratio; exempla; política; Tácito.*

Mamede Queiroz Dias  
 UFOP / CAPES  
 mamede.queiroz@gmail.com

Esta comunicação tem por objetivo apresentar algumas relações entre a *narratio* historiográfica e as *exempla* senatoriais a partir de Cornélio Tácito (55/57-120 d.C.), destacando assim a composição de comportamentos políticos romanos em sua literatura. Desta forma, temos em vista entender melhor a importância atribuída por Tácito a alguns indivíduos da elite senatorial romana e o cenário político do Principado em que o historiador viveu.

***Post mortem vivere: monumentos funerários romanos entre os séculos I a.C e I d.C***  
*Satyricon; monumentos; funerário; ritos.*

Caroline Morato Martins  
 UFOP / PIBID-CNPQ  
 carol.mmorato@hotmail.com

Este trabalho tem por objetivo comparar a descrição do monumento funerário de Trimalchio – personagem da obra latina *Satyricon*, escrita por volta de 65 d.C - e um monumento real construído em Roma entre 50 e 20 do século I. a.C. A partir da análise do *Satyricon* e da fonte material conhecida como tumba de Eurysaces, o padeiro, reconhecemos algumas importantes aproximações e distanciamentos no âmbito dos ritos comemorativos e funerários.

## MESA 19

**'Das montanhas mexicanas ao ciberespaço': a guerrilha informacional do movimento indígena em Chiapas**  
*Zapatismo; neoliberalismo; novos movimentos sociais; internet; globalização.*

Júlia Melo Azevedo Cruz  
 UFMG / PRPQ  
 juliameloac@gmail.com

Esta comunicação tem o objetivo de apresentar o projeto de pesquisa "'Das montanhas mexicanas ao ciberespaço': a guerrilha informacional do movimento indígena em Chiapas", coordenado pela Profa. Dra. Adriane Vidal Costa. O projeto tem como objetivo analisar a estratégia de ação política do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) iniciada nos anos 1990 no México, que se opõe aos efeitos da globalização neoliberal. O projeto pretende estudar como e por que a internet é utilizada como um dos principais

instrumentos de ação do movimento, e como ela contribui para a criação de uma rede internacional de comunicação e de solidariedade relacionada à realidade das populações indígenas em Chiapas. O zapatismo é estudado dentro do contexto das lutas populares na América Latina e também dos novos movimentos sociais associados ao século XXI e às mudanças trazidas por este.

**Os gravados dos 'Josés': técnicas, produções artísticas e (re)apropriações das obras de José F. Borges e José G. Posada, uma análise comparativa**

Gravuras; Projeto nacional; México; Brasil.

Julio Cesar Pereira da Silva  
UFV  
julio.c.pereira@ufv.br

Objetivamos com a presente comunicação levantar e discutir questões a respeito da produção artística em dois gravadores que viveram em contextos e conjunturas distintos, sendo: de um lado, o nordeste brasileiro e, de outro, o mexicano porfirista. Ainda, pretendemos analisar como as obras desses artistas foram (re) apropriadas por intelectuais preocupados com a chamada cultura popular, num projeto de construção identitária nacional. Como representante brasileiro, exploraremos a vida e obra de José Francisco Borges, e, como representante mexicano, igualmente abordaremos a vida e obra de José Guadalupe Posada. Para a realização deste diagnóstico comparativo, lançaremos mão da análise de algumas gravuras de ambos os artistas e de leituras de Claudio Lomntiz, Stuart Hall, Renato Ortiz, Karen Ford, Rafael Barajas Durán, entre outros.

**MESA 20**

**História das Religiões como Antropologia Filosófica: hermenêutica dos símbolos sagrados em Mircea Eliade**

Mircea Eliade; hermenêutica; História das religiões; antropologia filosófica.

Tomaz Pedrosa de Tassis  
UFMG  
tomaztassis@live.com

O presente trabalho pretende abordar os aspectos hermenêuticos do pensamento do historiador das religiões Mircea Eliade em relação aos símbolos e mitos de diversas culturas arcaicas como compreensão de Si mesmo e do Outro. Demonstraremos como Eliade, ao erigir uma fenomenologia da religião cujo eixo é o conceito de Hierofania, foi uma figura fundamental para uma compreensão não etnocêntrica das diversas tradições religiosas não-cristãs e não-ocidentais, já que ao situar o fenômeno do Sagrado no centro da experiência do homem no cosmos e como característica estruturante da consciência humana, o insigne historiador romeno pretende demonstrar a unidade dos povos, raças, culturas e línguas. Como hermeneuta e historiador das religiões, Eliade tencionava fundar uma antropologia filosófica tendo por base o estudo da História das Religiões, de tal modo que o conhecimento dos símbolos e mitos das inúmeras culturas humanas pudesse servir como meio de autoconhecimento e conhecimento do Outro.

**Experiência e expectativa em ensaios da Primeira República brasileira: perspectivas do conhecimento histórico e a experiência de tempo (1901-1930)**

Primeira República; historiografia; historicidade.

Clayton José Ferreira

Este trabalho parte da perspectiva de que o gênero textual conhecido como ensaio nas três primeiras décadas do século XX converge uma gama de tensões não apenas do autor do texto, mas de uma significativa parte de uma comunidade letrada brasileira e sua historicidade. Nestes textos existem problemáticas compartilhadas que são evidenciadas através de categorias como “história”, “progresso”, “civilização” e seus diversos usos semânticos. Assim, algumas das suas questões possuem os mais diversificados significados, mas podem estar relacionados pelo uso comum de categorias e expressões similares. Dadas essas considerações, tentarei sistematizar parte desta prática historiográfica evidenciada em nossas fontes (*O Brasil na História* de Manoel Bomfim e *História do Brasil* de João Ribeiro, publicados respectivamente em 1930 e 1901) e a hipótese de que este conhecimento histórico é parte de uma compreensão de ação e orientação na experiência de tempo acelerada da Primeira República brasileira.

**Os tempos históricos: importância da compreensão do tempo para o processo de construção do saber histórico e da consciência social**

Tempo; História; consciência social.

Keila das Dores Alves  
UNIMONTES  
keila@rochamachado.com.br

Laura Aparecida Gomes Oliveira  
UNIMONTES  
lauraoliveira16@hotmail.com

Diante da pluralidade de significações culturais que formam a concepção de tempo e a influência de suas representações para o processo de construção da consciência social, o presente trabalho visa examinar as relações que se estabelecem entre Tempo e História, destacando os principais modelos de concepção e representação do Tempo, cujas origens se situam desde a Antiguidade até os séculos XVIII e XIX, quando emergem novas e diferentes formas de se representar historiograficamente o tempo histórico. Destaca-se, ainda, a relevância de tal estudo para a compreensão do tempo no processo de construção do saber histórico, assertiva que se fundamenta nas proposições de Prost, quando as mesmas informam que: “L’histoire est un travail sur le temps” (PROST, 1996, p. 102). Sendo, também, a História um trabalho a respeito do tempo, semelhante discussão igualmente permitirá conjeturarmos quão necessária é a apreensão das estruturas temporais para a Historiografia.

**A importância das narrativas históricas para uma experiência coletiva da, na e contra a modernidade: um reflexo a partir de Walter Benjamin**

Walter Benjamin; modernidade; narrativa; memória coletiva.

Henrique Rodrigues Caldeira  
UFMG  
henriquercaldeira@gmail.com

Este trabalho pretende refletir sobre a importância das narrativas históricas para uma coletivização da experiência na modernidade, tempo marcado pelo abismo entre indivíduos, gerações e passados. Tal reflexão lançará âncora nos pensamentos sobre o narrador e a história aberta de Walter Benjamin, banhando-se noutras

discussões como memória coletiva em Halbwachs; lugar de memória em Nora; tempo, narrativa e justa memória em Ricoeur; crítica da modernidade em Latour etc.

## MESA 21

### **Estudo histórico-matemático dos postulados geométricos de Thales de Mileto**

Thales de Mileto; História Antiga; História da Matemática; História da Ciência e da Técnica; Filosofia Grega.

Thales Moreira Maia Silva  
UFMG  
thalesmms@gmail.com

É impossível precisar até onde o conhecimento geométrico atribuído a Thales de Mileto se estendia. Postula-se que o mesmo não poderia ser mais avançado que o já possuído pelos egípcios, entretanto, estudos distintos observaram que, ao contrário desses, ele forneceu os primeiros exemplos da aplicação de um teorema geométrico, em prática, estabelecendo os fundamentos da mensuração de alturas e distâncias. Ao fundar a geometria das linhas retas, fundamentou, também, a Álgebra, e, com uma análise mental compreensiva, deu razão e forma às proposições intelectuais fundacionais da geometria que culminariam nos teoremas euclidianos. De qualquer forma, a “verdadeira conquista” de Thales foi a adoção de procedimentos intelectuais que formariam a base de todo e qualquer conhecimento teórico. Em uma sistemática busca por novas possibilidades, ele descobriu uma geometria representativa de uma verdade matemática mais fundamental e universal e, enquanto não é certo que ele sabia ou era capaz de provar suas deduções, foi, de qualquer maneira, o primeiro a, ao menos, conceber a necessidade de proposições geométricas ou a importância e a utilidade de provar suas constatações.

### **Literatura e mimesis: as interferências históricas e políticas no desenvolvimento do teatro ateniense no século V a. C.**

Literatura; produção cultural; mimesis; Grécia Antiga.

Luiz Henrique Bonifacio Cordeiro  
UERJ / CAPES  
luizhenrique\_bc@hotmail.com

O teatro, entre ascensão do gênero, consolidação e decadência, durou por menos de dois séculos em Atenas. Pode-se afirmar, conseqüentemente, que a vida útil do teatro na e para a Atenas clássica, objeto espaço-temporal de estudo em nosso trabalho, durou enquanto se sustentou o sistema político democrático ateniense, isto é, até o final do Vº século a. C.. O teatro é apenas mais uma das composições do vasto campo literário dos antigos gregos ao longo de séculos de produção cultural e tem marcado um início e um encerramento de seu desenvolvimento. Defendemos que a cultura e a política foram determinantes para a produção literária entre os gregos, que esteve marcada por drama e mimesis. Assim, visamos a observar a estrutura literária na Grécia Antiga como composta por gêneros continuados e em incessante transformação, em conformidade com as transformações históricas, políticas e sociais que permearam as sociedades ali presentes.

### **O Belo Mercado: como o pecado da Vaidade se elevou à categoria de virtude dentro do pensamento Liberal**

Vaidade; liberalismo; inversão de valores morais; pós-modernidade.

Albert Drummond  
PUC-Minas / PROSUP  
a\_drummond@hotmail.com

Durante toda a Idade Média e parte da Moderna o pecado da vaidade encabeçou a lista dos sete pecados capitais, sendo ela por excelência o pecado dos dominantes, clérigos ou aristocratas que, uma vez glorificados por sua posição, se tornam vítimas de um exacerbado desejo de elevação, infringindo por vezes a obediência e a submissão que devem manifestar perante a Igreja. No entanto em meados do século XX, com a retomada do pensamento liberal o pecado da vaidade outrora condenado passou a cultivar a individualidade: assim, mais do que individualista, o mercado promoveu a elevação dos egos e do egoísmo, recrutando cada vez mais conjuntos massificados de pessoas. A mídia pode ser considerada a maior responsável pelas exigências comportamentais, incluindo a estética corporal; passando pela era de ouro do cinema hollywoodiano, renovando o mundo “imaginário” e impondo um novo modelo de aparências, o das “estrelas”. O conceito de beleza do início do século XX é trazido para o pós-modernismo e, a partir daí, uma “ditadura do corpo” se instaura, incitando uma falsa liberdade individual, tornando o indivíduo “hipertrofiado”, validado, é claro, pela coletividade. A sociedade liberal (ou) neoliberal é a sociedade do “ser” e do “aparentar ser”. A moral, que tanto condenava a arrogância, agora cede aos seus encantos superficiais. Dentro da lógica do mercado, exigente de um comportamento cada vez mais espelhado em pré-definições de estética e beleza, sair dessa linearidade é não estar apto a conviver com uma sociedade cada vez mais globalizada e observada. Utilizando de periódicos, do cinema e da publicidade este ensaio visa compreender dentro do período de 1940 a 1980 como se deu a elevação da vaidade à categoria de virtude dentro do pensamento liberal.

### **A crítica da democracia moderna em Flaubert e Tocqueville**

Democracia moderna; Flaubert; Tocqueville.

Maria Elvira Malaquias de Carvalho  
UFMG / FAPEMIG  
elviralettras@yahoo.com.br

O historiador Carlo Ginzburg (*Relações de força: história, retórica, prova*. 2002) faz uma boa analogia entre o conservadorismo de Tocqueville e o de Flaubert. Ambos os autores observaram como o fenômeno democrático, em sua prática política, poderia acarretar tanto a liberdade quanto a opressão, tendo em vista que as sociedades modernas caminhariam para formas diferentes de democracia autoritária. Com a publicação de *Madame Bovary* em 1856, mesmo ano em que é lançado *L’Ancien Régime et la Révolution*, poder-se-ia considerar o romance flaubertiano como uma narrativa da lógica democrática do nivelamento e da inclusão. O trabalho visa a apresentar algumas formulações sobre o fenômeno democrático, compreendido em seus aspectos filosóficos e epistemológicos, a partir do cotejo dos ensaios de Tocqueville e da produção ficcional e da correspondência de Flaubert. Atualmente, os estudos flaubertianos têm abordado com maior ênfase a relação entre as teses de Tocqueville a respeito da complexidade da transição da sociedade francesa moderna rumo à igualdade social e econômica e questões presentes no projeto estético de Flaubert, como a proliferação dos clichês, ideias feitas e demais estereótipos de linguagem, que denunciam o crescimento da “multidão inumerável” e da “fisionomia comum”, decorrentes da perda dos valores hierárquicos e do aplainamento das diferenças individuais.

### **Música e indústria cultural: breve análise histórica sobre a mercantilização da arte no século XX**

Música; indústria cultural; História; Adorno; arte.

Leonardo da Silva Moralles  
UNASP / PIBID  
morallesleo@gmail.com

Rafael Beling Rocha

A sociedade ocidental do século XX foi profundamente marcada por diversos acontecimentos nos âmbitos político, econômico e cultural. No âmbito das artes podemos ressaltar um forte crescimento na mercantilização da música, que fez com que essa expressão artística consagrada cada vez mais se tornasse um produto a ser consumido pelo público; público este que dava seus primeiros passos ao que Theodor Adorno (1903-1969), anos mais tarde, viria a chamar de “Indústria Cultural”. Assim sendo, esse texto tem como principal objetivo investigar por meio de uma pesquisa histórica e bibliográfica as possíveis influências desse processo mercadológico na forma de enxergar a música como bem cultural. Abordaremos conceitos de pensadores como Adorno (2011), Horkheimer (2006) e Curtú (2013), apropriando-se de suas ideias, simplesmente com o intuito de um melhor esclarecimento dessa temática.

## MESA 22

### **Martins Pena: a cultura e a formação do Estado nacional brasileiro**

Teatro; Martins Pena; literatura; Gramsci.

Zora Zanuzo  
UFF

z.zanuzo@yahoo.com.br

A proposta do trabalho consiste em dialogar o teatro de Martins Pena com os aspectos sociais da sociedade brasileira no pós-Golpe da Maioridade. Entendendo que as artes dialogam com a política, esta comunicação discutirá a aplicação do conceito de intelectualidade orgânica, de Gramsci, no contexto do estabelecimento do Segundo Reinado, bem como estabelecerá relações com György Lukács e Walter Benjamin, sobretudo no que diz respeito à escola romântica. Utilizando as peças daquele que foi considerado o Molière brasileiro, a comunicação pretende mostrar as comédias deste autor como uma base educativa para a classe senhorial (MATTOS, 1987). Neste sentido, o riso provocado pelo comediógrafo era uma forma de demonstrar que aquela sociedade escravista tinha as suas contradições e, por isso, não poderia ser uma civilização nos moldes europeus, como pretendia.

### **A história da literatura brasileira, de Sílvio Romero, como lugar de memória**

História da Literatura Brasileira; Sílvio Romero; lugar de memória.

Gilvaneide de Sousa Santos  
UFMG / CAPES  
gilmpb@hotmail.com

A presente pesquisa vem propor que a *História da Literatura Brasileira* (1888), de Sílvio Romero, seja lida a partir de um lugar de memória, pois ela constitui um retrato indispensável para compreendermos como se deu a elaboração do conceito de literatura, no século XIX, e influencia a nossa memória cultural relativa ao processo de formação de “Estado-nação”, uma vez que o método utilizado por Sílvio Romero parte de uma abordagem etnológica de literatura. Escolhemos trabalhar com o conceito de lugar de memória porque ele lança novas perspectivas para a história e a memória, que, em decorrência da aceleração da vida humana, com a instalação dos tempos modernos, devem ser pensadas não mais a partir do historicismo, de uma ótica contínua, mas por meio da mutilação que a contemporaneidade exige para as humanidades. Assim, nesse novo ritmo da aceleração, nasce a necessidade de instaurar lugares de memória para refletir acerca das referências culturais que a história e a memória dão para a nossa memória coletiva. Desse modo, iremos usar o conceito de *lugar de*

*memória*, proposto por Pierre Nora (1981), para pensar como a *História da Literatura Brasileira*, de Sílvio Romero, influencia a memória histórica do passado da historiografia literária brasileira, para melhor perceber como os conceitos de nação e de literatura brasileira deixaram rastros em nossa memória coletiva para a formação do “Estado-nação”. Por fim, com o intuito de problematizar esses apontamentos, iremos propor uma análise dos lugares que a nossa primeira obra historiográfica ocupou no século XIX e em qual lugar ela se encontra dentro do regime de historicidade da contemporaneidade. Para tanto, teremos como aporte teórico, o conceito de memória de Harald Weinrich, a proposta de lugar de memória, pensado por Pierre Nora (1981), o conceito de “Estados-nação”, de Achugar (2006), o conceito de memória cultural, revisitado por Jan Assmann (2008), o conceito de presentismo, sistematizado por Hartog (2013) e o conceito de contemporâneo, encontrado em Agamben (2009). Tudo isso contribuirá para lançar uma leitura crítica acerca do passado historiográfico literário, ao demonstrar que a obra romeriana, aqui em análise, é um dos textos fundadores de nossa memória cultural relativa ao projeto nacionalista do século XIX, o de construir uma imagem para o “Estado-Nação” brasileiro.

### **O Belo no transitório: um ensaio acerca da boemia moderna em Gérard de Nerval**

Modernidade; boemia; marginalidade literária.

Mariana Albuquerque Gomes  
UERJ / CAPES

mariana.albuquerque.gomes@gmail.com

A Boêmia, pano de fundo desse ensaio, surge como fenômeno social definido e reconhecido, no início do século XIX. Tendo se expandido para onde os limites da existência burguesa eram obscuros e incertos, nos quais as fronteiras e margens sociais eram testadas, seus artistas compartilhavam a experiência de uma existência marginal. Os estigmas sociais aos quais boêmios e literatos eram expostos compreendiam desde o exótico ao louco – este último, “categoria” na qual tentaram enquadrar o poeta francês Gérard de Nerval. Percebe-se na obra de Nerval, que se fez um poeta em trânsito, uma comunhão estreita entre literatura e vida, onde uma se nutre da outra. Assim, uma vez que as experiências do próprio autor na boemia literária deixaram marcas indeléveis em sua obra, pensar a cena em que Gérard de Nerval se faz poeta apresenta-se como ponto fundamental nesse estudo, que privilegia a constituição de comunidades de leitura/interpretação e a construção de sentidos por seus espectadores/leitores.

### **Fatos históricos, esquemas literários: história e ficção em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha**

*Os Sertões*; História; Ficção.

Rodrigo Vieira Ávila de Agrela  
UFMG / CNPQ

rodrigooavilaa@gmail.com

Em 1902, a publicação de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, causou comoção no cenário brasileiro. Imerso em um período de transição política e literária, o livro retrata a história da guerra de Canudos, denunciando problemas sociais e políticos que afetavam o Brasil. Euclides compartilha um Brasil completamente desconhecido pelo seu povo e, principalmente, mostra o homem do sertão que se encontrava à margem da sociedade. Tomando de empréstimo a expressão de Paul Ricoeur (2010), consideramos que a obra é o resultado do “entrecruzamento entre a história e a ficção”. É nesse contexto que discutiremos como a história se vale da ficção e vice-versa, pois o livro apresenta uma série de problemas ontológicos, assim, não podemos afirmar categoricamente que seja um relato histórico ou ficcional. A partir dessa dicotomia, surge uma série de indagações sobre a história e a ficção. Nomes como Hayden White, Walter Benjamin, Ricardo Piglia, Borges e

outros teceram considerações interessantes sobre o tema. O esquema fixo da história como um relato daquilo que aconteceu é desfeito e ela ora se aproxima, ora se distancia da ficção.

## MESA 23

### **A voz de Minas: a Mineiridade em Perspectiva**

Mineiridade; conservadorismo; Alceu de Amoroso Lima.

João Marcos Ferreira de Paiva  
UFV  
joaopaivahis@gmail.com

Com o presente trabalho pretendemos discutir a utilização do conceito de *mineiridade* no livro *Voz de Minas* de Alceu de Amoroso Lima. Publicado em 1945, a obra aponta Minas Gerais como o ultimo rincão da tradição, e vai fazer uso da construção de um conceito de mineiridade ligada a defesa de padrões sociais que estavam em extinção no período, além de se fazer frente a uma ideia de progresso presente no Brasil. Muito mais que um elogio a Minas e a defesa de um modelo de vida “patriarcal”, a obra vai expressar a visão do grupo conservador, e elaborar uma forte crítica ao progresso intelectual e material que se inicia no Brasil na primeira metade do séc. XX.

### **História e temporalidade no debate político brasileiro (1830-1840)**

Representação do Povo; temporalidade; político; senado; Império do Brasil.

Larissa Breder Teixeira  
UFOP / FAPEMIG  
larissabrederteixeira@gmail.com

A década de 1830 na História do Brasil pode ser vista como um período de intensas discussões a respeito da representação política e sobre a reforma constitucional que estava sendo proposta. Levantavam-se questionamentos sobre a representação do povo, a modificação das instituições e o que seria a cidadania, bem como os cidadãos. O discurso político dos senadores do Brasil no século XIX nos evidencia o pensamento da época e como as questões fundamentais para a política estavam sendo tratadas. Conseguimos observar as mudanças que o advento da Modernidade trazia e como o Brasil respondia a tais questões. O objetivo desse trabalho é compreender os discursos sob a luz das teorias de Pierre Rosanvallon, como o político está sendo entendido e como ocorreu essa construção. Passa a ser necessário entender quem representa o povo e como ela ocorre, entender quem é o povo. Esse imperativo passa, assim, a distinguir a política moderna da antiga. A representação passa a surgir de um processo, sendo construída pelos atores de sua época. Entender o funcionamento das instituições, bem como a necessidade de alteração das mesmas nos faz entender como esse processo ocorreu.

### **Mulheres e movimento feminista: a importância da memória na construção de uma identidade**

Gênero; feminismo; memória; identidade.

Marcela Coelho Freitas Silva  
UFMG  
marcelacoelho2011@gmail.com

Átila Augusto Guerra de Freitas  
UFMG

Ao longo da História é notada uma evidente exclusão ou subestimação da participação das mulheres em diversos momentos históricos, sendo esta relegada e estereotipada a determinadas imagens e papéis de gênero. No Brasil - desde a primeira onda do movimento feminista, surgida no final do século XIX, e seu desdobramento durante todo o século XX em busca de direitos igualitários - é possível observar, em contrapartida ao feminismo, uma constante degradação das mulheres, principalmente das feministas, com deliberado objetivo de tirar a legitimidade e a identidade do movimento. A partir desse pressuposto, este estudo pretende mostrar como esse “movimento” de contraponto prejudica a formação de uma memória e historicidade própria do feminismo no Brasil e, além disso, influência na construção do gênero, imagem e afirmação da identidade da mulher brasileira.

### **Reflexão sobre construção de uma imagem: o caso do Caipira**

Caipira; Oliveira Viana; Populações Meridionais do Brasil.

Hugo Mateus Gonçalves Rocha

UFMG

hugogrocha@hotmail.com

O texto propõe uma reflexão acerca da conformação do “homem rural” ao longo do processo de formação da sociedade brasileira. Objetiva-se, desta forma, refletir sobre as raízes da caracterização deste homem que povoou o interior da região Sudeste do Brasil. Ao longo do século XX, popularizou-se a imagem do “caipira” ou “matuto”, por vezes associada ao atraso, à indolência e a miséria. Inicialmente apresentaremos uma breve reflexão sobre como o homem livre do campo foi retratado pelas ciências humanas no Brasil ao longo do século XX em interpretações clássicas de Gilberto Freyre, Antonio Cândido e Darcy Ribeiro. Em seguida, faremos uma análise da obra *Populações Meridionais do Brasil* (1918), de Francisco Oliveira Viana, onde é encontrada uma rica reflexão acerca da conformação da sociedade rural meridional brasileira. Por fim, apresentaremos algumas possibilidades a serem exploradas na pesquisa historiográfica sobre o tema, hipotetizando acerca de uma revisão sobre a imagem do camponês meridional brasileiro.

## **MESA 24**

### **O movimento miguelista nas páginas do *Aurora Fluminense* (1828-1834)**

Movimento miguelista; imprensa periódica; *Aurora Fluminense*.

Nívea Carolina Guimarães

UFOP / CAPES

niveacg@gmail.com

Esta pesquisa tem por finalidade investigar as referências ao movimento miguelista em um dos jornais de maior tiragem na capital do Império, o *Aurora Fluminense*. O período aqui compreendido se mostra como momento de efervescência política no qual se destaca o papel da imprensa periódica em sua íntima ligação com a construção de um espaço de discussão pública. Quanto a Portugal, os anos de 1828 a 1834, momento em que D. Miguel assume o trono, se mostram carregados de embates entre aqueles adeptos da antiga ordem e os que defendiam a Constituição. As ideias do grupo de apoio a D. Miguel, os miguelistas, repercutem no cenário internacional e no caso do Brasil são discutidos à luz do complexo processo de experimentação política. Esta pesquisa, que propõe estudar as discussões sobre as ações políticas de D. Miguel e de seus apoiadores através de um dos periódicos de maior circulação na Corte, constitui como oportunidade para compreender as formas de apreensão desse movimento no Brasil.

**Linguagens do republicanismo no jornalismo de Hipólito da Costa: o *Paralelo da Constituição Portuguesa com a Inglesa (1809-1810)***

Imprensa; republicanismo; Cortes portuguesas; constituição.

André Pedroso Becho  
UFMG  
andrebecho@yahoo.com.br

Nesse ensaio, pretende-se analisar a presença do pensamento republicano no jornalismo político do Correio Braziliense, de Hipólito José da Costa, um dos principais periódicos a circular no Brasil nas duas primeiras décadas do século XIX. A escolha pelo período Joanino como pano de fundo para análise não foi aleatória, pois procura, dentro da especificidade do contexto político da transposição da Corte portuguesa para a América, perceber as novas nuances que se colocavam frente a utilização de uma linguagem republicana na colônia, principalmente devido o importante papel que este ideário ocuparia nos debates anteriores ao nosso processo de independência. Para a realização desse ensaio, optamos por analisar uma série de artigos redigidos por Hipólito, cuja primeira parte saiu publicada no exemplar de agosto de 1809 e a sétima e última parte foi ao prelo na edição de maio de 1810, sob o seguinte título geral: *Paralelo da Constituição Portuguesa com a Inglesa*. Com a análise desses artigos procuramos aprofundar um pouco a compreensão das bases intelectuais que permearam o discurso político do redator do periódico em questão.

**MESA 25**

**Regime militar político, cinquenta anos depois: resquícios e reflexos no Brasil contemporâneo**

Regime militar; cinquentenário; resquícios; reflexos; Sociedade.

Fábio Júnio Mesquita  
FACISA-BH  
fa.bi0@hotmail.com

Geralda Martins da Costa  
FACISA-BH  
gmartinsdacosta@gmail.com

O presente trabalho tem como objetivo identificar e refletir sobre a presença eminente da Ditadura ainda nos dias de hoje, apresentando-se como resquícios e/ou reflexos em nossa cultura. Reorganizando os fatos, atos e imposições ocorridos durante o golpe militar, e percebendo aqueles que findaram e os que permanecem arraigados na sociedade contemporânea brasileira. Perceber também como a sociedade atual ainda convive esse regime paralelo e oculto. Conectando o conhecimento desde o ano de 1964 até os dias de hoje, refletindo sobre a ideia que alguns possuem sobre o Golpe militar, almejando entender se realmente o fim da ditadura militar aconteceu em 1985, ou se persiste até hoje.

**História do Automóvel: a crise do petróleo, as novas tecnologias e o surgimento de um novo conceito de carro popular**

Crise do petróleo; carro popular; história do automóvel.

Guilherme Henrique Silva Pinto  
UFMG  
guilhermehspinto@gmail.com

Os anos da crise internacional do petróleo podem ter colaborado com o surgimento do conceito de carro popular no Brasil. Este trabalho pretende levantar questões sobre as transformações observadas no Automóvel por influência de aspectos econômicos e sociais ao longo das décadas de 1980 e 1990. Tem-se em vista o automóvel anunciado por campanhas publicitárias como um bem de consumo que promove prestígio e status social. As categorias que passaram a dominar o mercado e encher as ruas desde então são, predominantemente, de carros populares. Propõe-se, portanto, a tentativa de definição de "carro popular": quais as características e inovações tecnológicas, o novo público alvo, as formas de aquisição etc.

### **Igrejas assembleianas no Norte do Tocantins: processo de implantação e construção de identidades**

Religião; identidade; pentecostalismo; igrejas assembleianas.

Maiza Pereira Lobo  
UFT / BIPIC-CNPQ  
maizalobo\_26@hotmail.com

Nosso propósito é apontar para a configuração da Igreja Assembleia de Deus no norte do Estado do Tocantins, sinalizando a diversidade de práticas e estratégias para sua consolidação, os discursos que embasam as práticas missionárias pentecostais assembleianas, as doutrinas e as bases bíblicas que legitimam as ações de fiéis. O estudo assume a abordagem histórica e cultural numa interface com a questão da identidade, trata-se de conhecer a organização de um grupo religioso que se constitui na diferenciação aos demais grupos religiosos e em seus conflitos internos. Visto que a implantação e consolidação sua identidade foi sendo constituída, ora no conflito com grupos religiosos de matrizes teológicas diferentes, ora nos próprios conflitos internos que a igreja enfrenta. Acreditamos que essa configuração passa pela compreensão do lugar social ocupado pelos pentecostais no campo protestante brasileiro. Passa também por conhecer os esforços que seus membros fizeram, ao longo de mais de cem anos, para que ela se tornasse, logo na primeira década do século XXI, a maior igreja do protestantismo brasileiro.

### **O litígio fronteirístico Mineiro/Capixaba: memórias e narrativas da disputa do contestado**

Minas Gerais; Espírito Santo; Contestado; território; fronteiras.

Flávio Luciano da Anunciação  
UNIVALE  
flaviok18@hotmail.com

Em meados do século XX, os estados de Minas Gerais e do Espírito Santo acirraram disputas pela definição dos seus limites territoriais e do controle estatal na região limítrofe entre os dois estados. A não definição jurisdicional e fronteirística acarretou uma série de conflitos políticos, sociais e econômicos para a região. O presente artigo tem como objetivo analisar o processo que levou a efetiva delimitação dos limites territoriais, envolvendo os Estados de Minas Gerais e do Espírito Santo no século XX. Na definição do controle jurisdicional e dos limites territoriais, os estados puseram fim à ausência do controle estatal, motivo do litígio, por conta dos transtornos administrativos que isso gerava para a população local. Definido o limite territorial, chegou ao fim o litígio em uma das últimas regiões que não tinham definido seu controle político estatal. Os anos de conflitos estão presentes no imaginário da população da região, carecendo, portanto, de um estudo historiográfico que não deixe que a história e as memórias sobre o evento se percam. As fontes utilizadas nesta pesquisa estão sob a guarda dos arquivos públicos em Minas Gerais e no Espírito Santo, além de relatos orais de indivíduos que vivenciaram os conflitos e fotografias da época.

### **O processo de centralização do PT e as possibilidades de uma perspectiva reformista**

Partido dos Trabalhadores (Brasil); partido antissistema; reformismo; imobilismo.

Angela Peralva Baumgratz  
UFES  
angelabaumgratz@gmail.com

O artigo analisa a trajetória do Partido dos Trabalhadores rumo ao centro do espectro político e as possibilidades e limitações de uma política reformista. Apresenta a análise de uma das variáveis que contribuiu para o êxito eleitoral do Partido dos Trabalhadores em 2002, destacando o isolamento interno das tendências de esquerda. Como aporte teórico recorreu-se à premissa Sartoriana de partido antissistema. A partir da centralização política que muito contribuiu para a vitória do PT nas eleições presidenciais, procurou-se analisar os avanços sociais conquistados a partir da via eleitoral e os dilemas presentes na política reformista assumida pelo partido, bem como as dificuldades de reformas institucionais profundas geradoras de um imobilismo político.

### **As relações entre Estado e sociedade durante o governo Fernando Henrique Cardoso nas charges do Angeli**

Charge; Angeli; Estado e Sociedade; governo Fernando Henrique Cardoso.

Marcelo Romero  
UJFJ / CAPES  
mromerobr@gmail.com

Este trabalho objetiva investigar a interpretação elaborada pelo desenhista Angeli (1956) sobre as relações entre o Estado e a sociedade no Brasil durante o governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2001). Por meio da análise das charges do artista, publicadas no jornal Folha de S. Paulo durante o referido período, é possível identificar a construção de um discurso político que enfatiza o distanciamento que o Estado brasileiro sob Cardoso operou junto às demandas provenientes da sociedade civil. Para investigar os enunciados que compõem o discurso político do chargista, a pesquisa recorreu à perspectiva teórico-metodológica utilizada por J. G. H. Pocock acerca da análise da linguagem política. A especificidade da linguagem da charge, por sua vez, será abordada por meio do quadro teórico empreendido por Ernest Gombrich, ao tratar da significativa importância que o desenho caricatural adquiriu no âmbito das práticas e disputas políticas.

### **‘Política e Poder’: a CPI Collor de Mello como instrumento de disputas políticas e partidárias**

Vanessa Durães Prudêncio  
UNIMONTES / FAPEMIG  
vanessa.prudencio@yahoo.com.br

Partindo da ideia foucaultiana de poder, onde o mesmo seria um conjunto de relações dinâmicas que coexistem e fazem parte dos mais diversos níveis das relações sociais, o presente trabalho pretende analisar em qual medida isso se aplica e como se manifesta por ocasião da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investigou as denúncias contra o presidente Fernando Collor de Mello durante seu curto mandato (1990-1992), e que culminou no primeiro processo vitorioso de *impeachment* de um presidente brasileiro. Nesse sentido, procuramos entender até que ponto esse tipo de investigação colabora positivamente para o jogo democrático ou serve de recurso para disputas partidárias e eleitorais gerando, conseqüentemente, resultados negativos. Utilizando como exemplo a CPI contra o presidente em 1992, visamos ainda entender como a exposição midiática dessas comissões colabora, ou não, para que as disputas sectárias se intensifiquem.

### **Resistência negra através da religiosidade nas Minas do setecentos: um estudo de caso**

Inquisição; religiosidade; Colônia; escravidão; resistência.

João Antônio Damasceno Moreira  
UFJS / CAPES DS  
fox.moreira@hotmail.com

Os escravos no Brasil colonial não aceitaram de forma submissa as condições que lhes eram impostas. Além das resistências mais conhecidas, as “artes mágicas” também foram utilizadas na busca por uma vida melhor. Porém, a ortodoxia católica forjou entre a população o sentimento de dever católico perante Deus, o que somado a presença da Inquisição criou uma horda de denunciadores contra os desvios de fé. Uma denúncia apresentada ao Santo Ofício, contra a escrava Florência de Souza Portella, é bom exemplo desse complicado jogo de relações sociais. Florência, com suas práticas mágicas, enfrentou a configuração social vigente e conseguiu vantagens, respeito e poder. A denúncia traz outros denunciados, como o senhor Domingos Rodrigues Dantas, que usava a magia dos negros a seu favor. O que permite perceber cumplicidade de interesses que muitas vezes associava as classes na busca por benefícios e vantagens. É sobre esses conflitos e seus desdobramentos que esta comunicação procura refletir.

### **Minas dos blasfemadores: dissidência e tolerância religiosa no século XVIII**

Inquisição; religiosidade; Colônia; blasfêmia; dissidência.

Rafael José de Sousa  
UFJS / CAPES DS  
rafaeljose-mg@hotmail.com

A presente comunicação pretende demonstrar a existência nas Minas do século XVIII de ideias paralelas ao que pregava a ortodoxia, questões que colocavam em cheque os principais dogmas do catolicismo e refletiam, muito além das influências “infectas” que por aqui também fizeram presença, as desconfianças, as incertezas, as contradições e as insatisfações das pessoas em seus cotidianos. As blasfêmias por assim dizer, contribuíram, mesmo que perseguidas como crimes de alçada do Santo Ofício, para a gestação, em certo grau, de atitudes de relativismo religioso e de “tolerância”, mesmo em um período em que a dissidência era perseguida como heresia. Como fio condutor desta pesquisa, traçamos as ideias e o cotidiano do Sargento Mor Romão Fagundes do Amaral, que, como outros, ousara proferir que o Sumo Pontífice era um homem como qualquer outro, que Nossa Senhora não ficara virgem após o parto, que a fornicção não era pecado e que o corpo de Cristo nunca estava presente na comunhão.

### **Mathias Carneiro: O feiticeiro ressuscitado de Mariana**

Inquisição; Colônia; feitiçaria.

Luís Antônio de Castro Morais  
UFJS / FAPEMIG  
luisantonio\_morais@yahoo.com.br

O Brasil Colônia se apresentou como um lugar úbere para o sincretismo religioso, recebendo pessoas provenientes de diversas e ecléticas culturas. Nessa mistura de credos alguns casos se destacam por suas singularidades e pela fusão de elementos que antes eram distintos. O presente trabalho, através do estudo de caso de Mathias Carneiro - cognominado não justo, mas sim santo; mais vulgarmente chamado de “O Ressuscitado”, por já se contemplar falecido na Vila do Sabará, acusado de Feitiçaria e denunciado ao Tribunal do Santo Ofício, nas Minas setecentistas – pretende analisar as práticas que o feiticeiro realizava em suas curas,

e o discurso que o mesmo utilizava para se valer de seus métodos, dizendo que morreu e Deus o mandara novamente à Terra para pagar uma promessa. Por meio desse documento é possível também analisar as relações tidas como heréticas, mas com ampla participação popular.

**Igreja São José e Congregação do Santíssimo Redentor: uma perspectiva de Fé na Modernidade da nova Capital de Minas (1895-1930)**

Redentoristas; modernidade; moral; sociabilidade.

João Teixeira de Araújo  
UNI-BH  
joao.araujo\_1@hotmail.com

A Igreja São José e a Congregação do Santíssimo Redentor iniciaram suas atividades no início do século XX em Belo Horizonte, através de uma missão Holandesa que viera em nome de estabelecer um novo tipo de Fé, diferente dos ritos e práticas do que se entendeu como Catolicismo Popular ou Pagão. Porém, estes Redentoristas tornaram-se parte de um esforço social e político para a formação de novos hábitos e costumes, de uma nova cidade que agregara indivíduos de diferentes partes e, certamente, com modos esparsos de perspectiva de vida. Os Redentoristas, com sua doutrina ascética e moralista, seguiu a apreciação conservadora do ultramontanismo e torna-se componente fundamental para a organização de uma vida moderna na urbe, uma das vontades primaz para a construção de uma nova Capital. Por isso, alguns aspectos que tangem a vida eclesial destes Redentoristas, como sua Regra Monástica, as Missões que realizavam, a intensa participação nas Escolas e Catequeses sintetizam o esforço para uma nova perspectiva de Fé de matriz conservadora e que viera corroborar com o que se pretendeu sociopoliticamente para a nova Capital.

**MESA 28**

**Inventário das modificações no design do vestuário nos séculos XIX e XX**

Design; vestuário; história; cultura.

Eliane Braga Martins Santos  
UFMG  
elyanebraga@gmail.com

A influência da história e da cultura na evolução do design do vestuário durante os séculos XIX e XX constituiu o foco desse trabalho. O objeto de pesquisa aqui investigado foi além da evolução da roupa simplesmente, levou-se em conta a relação com as modificações sociais. O objetivo de estudo foi buscar a compreensão das mudanças no design do vestuário e as razões pelas quais elas ocorreram. Analisaram-se os elementos que ajudam a configurar o vestuário como a modelagem, a forma, a cor e a textura, assim como os diversos estilos. Para o desenvolvimento da pesquisa se fez necessário entender como esses elementos foram empregados nas roupas do período estudado. A metodologia usada foram estudos imagéticos e da moda em si, os estudos também permearam a história, de modo a compreender o que se passava na sociedade no momento em que tais mudanças ocorreram, além de analisar possíveis causas e consequências destas mudanças. Para contemplar o resultado da pesquisa fez-se necessário a compilação do conteúdo investigado. A intenção dessa pesquisa é a de facilitar o entendimento do motivo de cada mudança em cada peça do vestuário, tão importantes no universo da moda.

**A Busca da Distinção: Dandismo e Alta Costura no Século XIX**

Dandismo; Alta Costura; Paris.

Leonardo Bruno Ramos Mileli  
UERJ  
leomileli@yahoo.com.br

Sob o reinado do Rei Luís XIV, a França – e, sobretudo Paris - se propõe tornar-se árbitra e artífice da elegância europeia – maneiras, literatura, gastronomia, moda, nada do que fosse relacionado à alta cultura deveria escapar do jugo francês. Este universo de elegância cuidadosamente criado e mantido por pouco mais de um século é gravemente abalado pela Revolução e, posteriormente, pela progressiva democratização da sociedade. Em meados do século XIX, podemos identificar duas manifestações que reagem a essa democratização e homogeneização dos costumes: o dandismo e a alta costura. No presente estudo, pretendemos, ao comparar dandismo e alta costura - que buscavam reestabelecer o caráter vertical do indivíduo diante da horizontalização crescente da sociedade parisiense do século XIX -, percebê-los como resultados de práticas elaboradas em dado momento histórico, assim como estabelecer suas diferenças e semelhanças e identificar características de ambos que ainda se fazem presentes.

## MESA 29

### **O conceito de musicalidade e suas muitas faces: uma análise histórica**

Musicalidade; História; educação musical.

Rafael Beling Rocha  
UNASP-EC / PIBID  
rafaelbeling@gmail.com

Kleberon Calanca  
UNASP-EC / PIBID  
klebermusic@yahoo.com.br

A música tem sido vista de forma diferente no decorrer da história. Nos dias de hoje, aparece como expressão artística de muito valor, tanto para o meio cultural como para o comercial que, por sinal, tem ocupado cada vez mais espaço em nossa sociedade permeada pelo espetáculo e consumo. Essa realidade, contudo, não atravessou todos os períodos da história. Na Europa do início do século XVIII, por exemplo, essa arte não passava de um simples serviço que deveria estar à disposição da nobreza e do clero. Não apenas a música tem sofrido alterações, mas também a forma de enxergar o “talento musical”. Diante disso, o objetivo desse trabalho é fazer uma análise de como o conceito de musicalidade tem aparecido com muitas faces no decorrer da história. Tendo como premissa a análise histórica e bibliográfica, busca-se ressaltar a importância de um olhar crítico ao tema, mostrando que sua melhor compreensão pode levar a uma nova forma de ver ou até mesmo lidar com a música.

### **Certas canções que ouço: a geografia do ‘progressio’**

Educação; História; Geografia; música popular.

Daive Cristiano Lopes de Freitas  
E. E . Luiz Paride Sinelli  
dcristianlopes@yahoo.com.br

O objetivo deste trabalho é construir um diálogo a partir de uma pesquisa quantitativa e qualitativa sobre músicas selecionadas de diferentes gêneros musicais brasileiros, para compreender pontos-de-vista das disparidades regionais do Brasil. A pesquisa faz um estudo crítico-descritivo, através das letras de

composições de alguns gêneros da música popular brasileira como o sertanejo de raiz, o samba paulista de Adoniran Barbosa, e gêneros nordestinos produzidos principalmente por Luiz Gonzaga, os discursos que se contextualizam com o processo de Revolução industrial tardia brasileira e consequente urbanização e modernização. Através da seleção de composições musicais dos três gêneros citados, ao longo das décadas de 1950 a 1980, podemos identificar leituras distintas do processo de modernização e quem o Brasil se inseriu no mundo capitalista a partir da segunda metade do século XX. A opção metodológica nesta proposta de trabalho ampara-se na utilização de diferentes perspectivas que Canen (2002), e Santos e Menezes (2010) chamam de pluralidade metodológica, epistemológica e paradigmática, bem como, na diversidade de fontes documentais.

### **O discurso e a estética 'tropicalista' sob o olhar de Torquato Neto**

Tropicália; Torquato Neto; contracultura.

Paulo Henrique Gonçalves Vasconcelos

UFTM

paulohgvasconcelos@hotmail.com

Existe para a historiografia uma espécie de “santíssima trindade tropicalista”, que é repetida e aceita como legítima fundadora do movimento. Essa trindade, composta por nomes e obras como Glauber Rocha e o filme *Terra em transe*, José Celso Martinez e a peça *O rei da vela* (1967) e Caetano Veloso com sua música Tropicália, é construída a partir de uma sobreposição de elementos estéticos comuns a tais trabalhos, uma visão crítica das contradições presentes no processo de modernização da sociedade brasileira. No intuito de deslocar tais questões, fontes e personagens que sempre estiveram no centro desse debate, vamos apontar outros caminhos, geralmente obliterados ou subaproveitados nos demais trabalhos. Estudar esse período a partir de fontes deixadas em segundo plano certamente enriquecerá o debate sobre o tema. Este trabalho tem, portanto, o objetivo de analisar a estética e o discurso tropicalista através da produção e do olhar de Torquato Neto sobre o movimento.

### **MESA 30**

#### **'Novo cinema brasileiro': a retomada do cinema brasileiro, Walter Salles e as críticas veiculadas na revista**

*Veja*

Cinema brasileiro; retomada do cinema brasileiro; Walter Salles; *Veja*.

Flávio Barbara Reis

UFOP / CNPQ

flaviobreis@yahoo.com.br

A Retomada do Cinema Brasileiro foi um período em que houve um significativo aumento na produção cinematográfica brasileira após a sua quase extinção no início da década de 1990. Entre os produtos resultados da Retomada encontram-se *Terra Estrangeira* (1996) e *Central do Brasil* (1998), filmes de Walter Salles. Os filmes, além de grande sucesso de público, foram sucessos de crítica, contrariando as opiniões geradas ao que fora produzido em larga escala no país em décadas anteriores, as pornochanchadas. Neste trabalho, procuro identificar como as críticas veiculadas pela revista *Veja* elevaram os filmes à um status de “novo cinema brasileiro”, gerando uma certa comparação aos filmes que foram sucesso de público das décadas anteriores.

#### **O cinema como arte da modernidade e sua proliferação em Belo Horizonte no início do século XX**

Cinema; modernidade; Belo Horizonte.

Priscila Angélica Aguiar Marra

UFMG  
priscila.marra@yahoo.com.br

Bruna Reis Afonso  
UFMG  
reisafonsob@yahoo.com

A modernidade é marcada por uma mudança profunda no modo como os homens experienciavam o tempo, caracterizada pela aceleração do ritmo da vida, industrialização da produção, rápido crescimento urbano, surgimento de novos meios de comunicação, e desenvolvimento da chamada cultura de massas. Na constituição desse mundo mais turbulento e caótico, as pessoas foram submetidas a novos estímulos, tendo seu ritmo de vida acelerado, se deparando com desconhecidas impressões e com choques frequentes. O cinema está intrinsecamente ligado à vida moderna ao se constituir como entretenimento para as massas e símbolo da velocidade, da mudança, da percepção intensa e fragmentada, da busca por formas de entretenimento mais próximas da realidade e do cotidiano. Partindo das reflexões sobre o cinema e a modernidade, este trabalho tem como objetivo compreender a chamada “febre do cinema” em Belo Horizonte, uma cidade que se pretendeu moderna desde seu planejamento, bem como o status dessa arte e desse lugar de sociabilidade nas primeiras décadas do século XX, buscando entender as contradições entre modernidade e tradição, moderno e provinciano inerentes à cidade.

#### **A representação da mulher na cidade moderna em *Lance Maior* de Sylvio Back**

Lance Maior; Sylvio Back; mulher; Curitiba.

Daiane Danyele Souza Thiele  
UFPR  
danithiele@gmail.com

*Lance Maior*, o primeiro longa-metragem de Sylvio Back, foi filmado em 1968 na Curitiba que passava pelo processo de modernização. O recorte histórico será o contexto curitibano, brasileiro e mundial no ano de 1968, levando em consideração a presença feminina em meio ao período. Ao contar a história de um triângulo amoroso, Back utiliza as personagens femininas para mostrar uma cidade com grandes contradições. O objetivo, nesta pesquisa, é compreender aspectos da representação da mulher no filme, de que modo as personagens trazem referências do período em que o filme foi produzido, e como se relacionam com diferentes facetas de uma mesma cidade. Desenvolve-se, assim, um estudo sobre as representações da mulher, considerando que o filme foi produzido por três homens (Back, Nelson Padrella e Milton Volpini), Confrontando o filme com reportagens publicadas em revistas e jornais na época, busca-se refletir sobre como os autores levaram as questões de seu tempo para dentro de *Lance Maior*. A partir desse exercício de análise de várias fontes, o objetivo foi compreender a representação da mulher em *Lance Maior*, numa pesquisa que se situa na relação entre história e cinema.

#### **Do amor à face do medo: violência doméstica em telenovelas**

Violência; mulher; telenovela; representação.

Dalene Maciel Gonçalves  
UNIMONTES  
dalene.maciell@hotmail.com

César Henrique de Queiroz Porto  
UNIMONTES

A violência doméstica contra mulher ganhou relevância na sociedade através das lutas feministas e da abordagem midiática, principalmente em telejornais e telenovelas que exibem casos de violência contra a mulher, transmitindo informações aos lares brasileiros. Este trabalho se propõe a discutir como a violência doméstica é representada nas telenovelas *Mulheres Apaixonada* (2010) e *Fina Estampa* (2012) exibidas pela Rede Globo, pois os meios midiáticos ocupam um lugar de centralidade na sociedade contemporânea e a comunicação está legitimando discursos, comportamentos e ações. A escolha de duas telenovelas da Rede Globo é devido à influência e aos altos níveis de audiência da emissora. A opção por essas telenovelas deve-se ao fato de abordarem a violência doméstica, bem como ter como personagens de destaque mulheres independentes, o que contribui para que as personagens que sofrem agressões denunciem seus agressores e incentivem as telespectadoras que estejam em situações semelhantes façam o mesmo.

### MESA 31

#### **Instituições de saúde pública em Minas Gerais: a Criação do Instituto Raul Soares (IRS) em Belo Horizonte (1922)**

Ciências da Saúde; História da Medicina Psiquiátrica; Brasil República.

Luã Augusto da Silva Lança  
PUC-Minas  
lua\_lanca@yahoo.com.br

A pesquisa busca compreender a criação do Instituto Raul Soares (IRS) em Belo Horizonte, na conjuntura histórica nacional de 1922. Realizando uma análise sobre as políticas sanitárias de higienização, e da ciência psiquiátrica; relacionando com os debates sobre Nação, Raça e Civilização neste período; via disseminação comportamental higiênica e de controle sobre a ordem social. Orientando-se dentro dos preceitos da metodologia histórica conjugada a reflexão teórica - debate historiográfico e a pesquisa documental -, o estudo abrange as fases do projeto que levaram a sua criação; identificando os argumentos do poder executivo e legislativo mineiro para a criação da instituição. Por fim, a pesquisa almeja responder questões como: quais os motivos que levaram a criação dessa Instituição na capital mineira; quais políticas de saúde moldaram sua construção; e a relação deste processo com a estrutura político científica nacional da época. A pesquisa apresenta alguns resultados parciais, tais como: o IRS correspondia tanto ao projeto político quanto ao científico da época; identificando-se elementos de permanência sobre as práticas científicas.

#### **Elementos para uma estrutura do saber médico moderno no mundo português**

Dietética Moderna; Tradição Hipocrático-galênica; alimentação; saúde.

Luca Palmesi  
UFMG / CNPQ  
luicapalmesi@gmail.com

A partir de fontes portuguesas, este trabalho pretende abordar a relação entre comida e saúde, estabelecida em sua forma erudita na tradição hipocrático-galênica da Antiguidade greco-romana e perpetuada, não sem alterações, sobretudo até o século XVIII, na medicina. A literatura médica do século XVIII demonstra que a preocupação humana com a vida (e sua conservação no melhor estado possível – a saúde) e a comida são inseparáveis. Com uma noção de autoria e um processo de escrita particular, estas obras possuíam um caráter prático e ligado à realidade cotidiana. A farmacopéia pertencia ao âmbito da cultura alimentar, baseada na manipulação de vegetais, animais e às vezes minerais, tomados como comida. Esta relação fundamentava-se

numa rica tradição filosófica que compreendia o corpo humano como microcosmo do universo, concebido a partir de quatro elementos e qualidades básicas. Pretendemos demonstrar como esta tradição se estabeleceu sobre uma estrutura quaternária de pensamento e organização do mundo, que colocava a comida, dentre outros elementos, no centro de suas preocupações e categorias.

**Economia e Assistência: um estudo sobre a expansão das Santas Casas mineiras no século XIX**

Santas Casas de Misericórdia; Casas de Caridade; História da Saúde; História da Ciência; Economia.

Nathália Tomagnini Carvalho  
UFMG / FAPEMIG  
nathalia.tomagnini@globocom

No século XIX, a assistência aos enfermos desvalidos e o cuidado com a saúde eram atribuições desenvolvidas, principalmente, no interior das Santas Casas de Misericórdia e Casas de Caridade. Durante o projeto FAPEMIG “Uma história dos hospitais e da assistência hospitalar em Minas Gerais (Século XIX)”, do qual este trabalho é fruto, realizamos um mapeamento dessas instituições nos oitocentos. Identificamos, entre outros aspectos, suas datas de fundação e localização geográfica. Com este trabalho, pretendemos explicar o movimento de expansão espacial e temporal desses estabelecimentos de cura, a partir de debates caros à História Econômica. Buscaremos relacionar fatores como as atividades econômicas predominantes na província, as relações comerciais existentes, os caminhos e rotas de circulação de pessoas e mercadorias e os índices de concentração urbana, com as formas de manutenção e sustento das Santas Casas. Propomos, assim, um diálogo entre dois campos da História: a Economia e a História da Ciência.

**Drogas: um problema real, a raiz de todo mal?**

Proibicionismo; psicoativos; política; controle.

Matheus do Espirito Santo Chaves  
UFMG  
matheus.chaves16@hotmail.com

O presente trabalho busca discutir as representações sociais e sanções legais e suas consequências a respeito do consumo e da prática do comércio de substâncias psicoativas, principalmente ilícitas, associadas ao conceito “drogas” a partir do final do século XIX. Além disso, busca também abordar os aspectos e consequências da proibição e busca pelo controle exercido de diversas maneiras sobre determinadas substâncias em detrimento de outras. O texto também busca aludir a discussão sobre os aspectos da política de guerra às drogas e seus famigerados reflexos a partir do final da década de 1960, buscando na produção acadêmica relevante os principais aspectos que demonstram as falhas de tal iniciativa política-ideológica, ainda que por outro viés possa ser considerada uma política de controle social. Desenvolvimento de uma abordagem afim de questionar o proibicionismo como política estatal, buscando questionar suas razões, confrontá-las com a legislação vigente e com os reflexos sociais, econômicos e culturais de tais ações.

**MESA 32**

**Internet como ‘espaço de recordação’: a relação com a memória na era digital**

Memória; história; internet; “espaços de recordação”.

Mayra de Souza Marques  
UFOP / PIBIC-CNPQ  
mayrasouzamarques@hotmail.com

Memória e história, duas formas de recordação distintas e ao mesmo tempo muito próximas, convivem desde que a preocupação em se relatar o passado começou a surgir. Diante da ausência de uma memória formativa da nação ou da comunidade da qual faz parte, o indivíduo sente a necessidade de falar cada vez mais sobre memória e produzir memoriais e lugares onde esta poderia ser conservada (NORA, 1993). No entanto, se antes era possível conservar a memória como um registro duradouro, agora, na era digital, ela é constantemente renovada e sobrescrita, o que caracteriza uma mudança de paradigma (ASSMANN, 2011). A escrita, que por muito tempo foi considerada a forma mais segura de se guardar as memórias, cedeu lugar a diversas outras mídias e se transformou, perdendo sua materialidade diante do armazenamento digital. Neste trabalho procurarei mostrar as transformações ocorridas, também, na nossa relação com a memória.

**Steve Jobs: como suas ideias influenciaram o consumo cibercultural e quais as possíveis consequências no âmbito histórico-social**

Steve Jobs; cibercultura; consumo.

Ivan Leandro de Rezende  
UNASP-EC  
ivan-le@hotmail.com

Este artigo propõe-se a analisar o grau de influência que as ideias de Steve Jobs postas em prática, através de inúmeras ferramentas de tecnologia pessoal, na lógica do consumo de Cibercultura. Pretende entender quais foram, e são, os reflexos dessas novas tecnologias no que tange a auto-expressão social, o *definir-se*. Afinal, estar conectado é sinônimo de inclusão ou o contrário? Além disso, este trabalho propõe-se ainda salientar o contexto histórico dos alicerces da comunicação digital (internet) durante o período pós II Guerra Mundial. A metodologia utilizada no desenvolvimento deste trabalho irá se embasar nas mais diversas argumentações sobre o tema, levando em consideração o prisma de importantes nomes da sociologia, comunicação, historiadores modernos e uma análise bibliográfica.

**A estética comunicacional nos Museus Virtuais: uma análise do site ERAVirtual - Museus**

Estética; Comunicação/Virtualismo; Arte/Museu; mediação; experiência estética.

Isa Maria Marques de Oliveira  
CEFET-MG  
poetaisa@yahoo.com.br

A mediação enquanto processo comunicacional no contexto moderno encontra-se predominada pelas novas mídias e tecnologias, e está imbuída pelo desafio de ser o meio que proporcione experiências estéticas na interação com o sujeito. Seu papel é interceder por ele através de um canal que seja capaz de aproximá-lo do objeto de arte e gerar mecanismos que proporcionem viver a experiência estética. Este trabalho visa analisar como a abordagem comunicacional do site *ERA Virtual Museus* oferece ao usuário virtual uma experiência estética das obras de arte e seu acervo que se encontram disponíveis no museu virtual *Artes e Ofícios*, através de uma ilustração dos seus aspectos compositores e mediático. O artigo, sob a ótica dos autores abordados, propõe-se a responder como o meio alcança a sua finalidade enquanto mediador das interações virtuais.

**MESA 33**

**Influência do Sindicato das Empresas de Ônibus no Sistema de Transporte de BH**

Transporte público; Belo Horizonte; 1950.

Leandro Alysson Faluba

Este trabalho tem a finalidade de demonstrar como foi implantado o sistema de transporte por ônibus em Belo Horizonte. Para isso iniciaremos na década de 1930, quando os primeiros veículos começaram a circular. O sistema de Bondes já não atendia todos os bairros, pois tinha itinerário fixo e o crescimento desordenado de BH fizera com que esta nova modalidade de transporte ganhasse adeptos. Afinal, o ônibus ia a qualquer rua/bairro, pois não precisava se mover sobre os trilhos. Na década de 1950, o Estado surge como sistema gerenciador do transporte coletivo com a criação de uma autarquia, o D.B.O. (Departamento de Bondes e Ônibus). Este órgão que passou a gerir e uniformizar o sistema, planejando e fiscalizando tarifas, horários, itinerários, condições de trabalho dos motoristas e cobradores, manutenção dos veículos, estado de conservação e limpeza dos mesmos. Os empresários passaram a ter uma concessão pública, ofertada pelo D.B.O para realizar o serviço de transporte público de passageiros. Para obterem vantagens os empresários se uniram em um sindicato, desta forma passaram a negociar coletivamente não só as tarifas, mas também o preço dos insumos como combustíveis, peças e até mesmo veículos. Durante o simpósio vamos demonstrar através de slides, com documentos retirados do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH), como eram calculadas as tarifas e como o sindicato patronal pressionava e conseguia melhores tarifas, fosse pela via de ameaça de lock out (greve patronal) ou pela via de forjar dados, como aumentar o tamanho em quilômetros da linha, ou diminuir a média de passageiros por viagem de forma a apresentar um custo maior para obter um valor mais alto na passagem. Além disto, o sindicato passou a colaborar com campanhas de políticos em troca de favores. Desta forma começou a se tornar permanente a opção de transporte por ônibus em BH. Isto pode explicar, por exemplo, a falta de outras opções de transporte público enfrentada até os dias presentes.

**Vivendo da arte do labor: a importância histórico-social  
dos arquivos judiciais da Justiça do Trabalho**

Trabalhadores; experiências vividas; processos trabalhistas; Justiça do Trabalho.

Jôse Augusta Barbosa dos Santos  
UNIMONTES / FAPEMIG  
josie.augusta@yahoo.com.br

O presente trabalho objetiva analisar os conflitos de natureza trabalhista entre patrões e empregados do setor fabril de diversos segmentos e categorias socioeconômicas, buscando compreender as relações sociais destes trabalhadores e as suas experiências cotidianas nos locais de trabalho relatadas nos processos da Junta de Conciliação e Julgamento de 1941-46. Propor-se-á a utilização dos arquivos do Judiciário como um manancial extremamente rico para as mais variadas abordagens de pesquisa histórica, pautando-se por uma investigação de práticas constituídas por estes sujeitos no enfrentamento das questões ligadas ao seu cotidiano, aos seus valores e ao conjunto das relações vividas, identificando a Justiça do Trabalho não como um mero espaço do exercício de dominação, mas sim como uma oportunidade de se refletir sobre a consolidação desta instituição como uma referência e possibilidade, colocando-se numa posição diversa daquela presente nas referências instituídas pela historiografia.